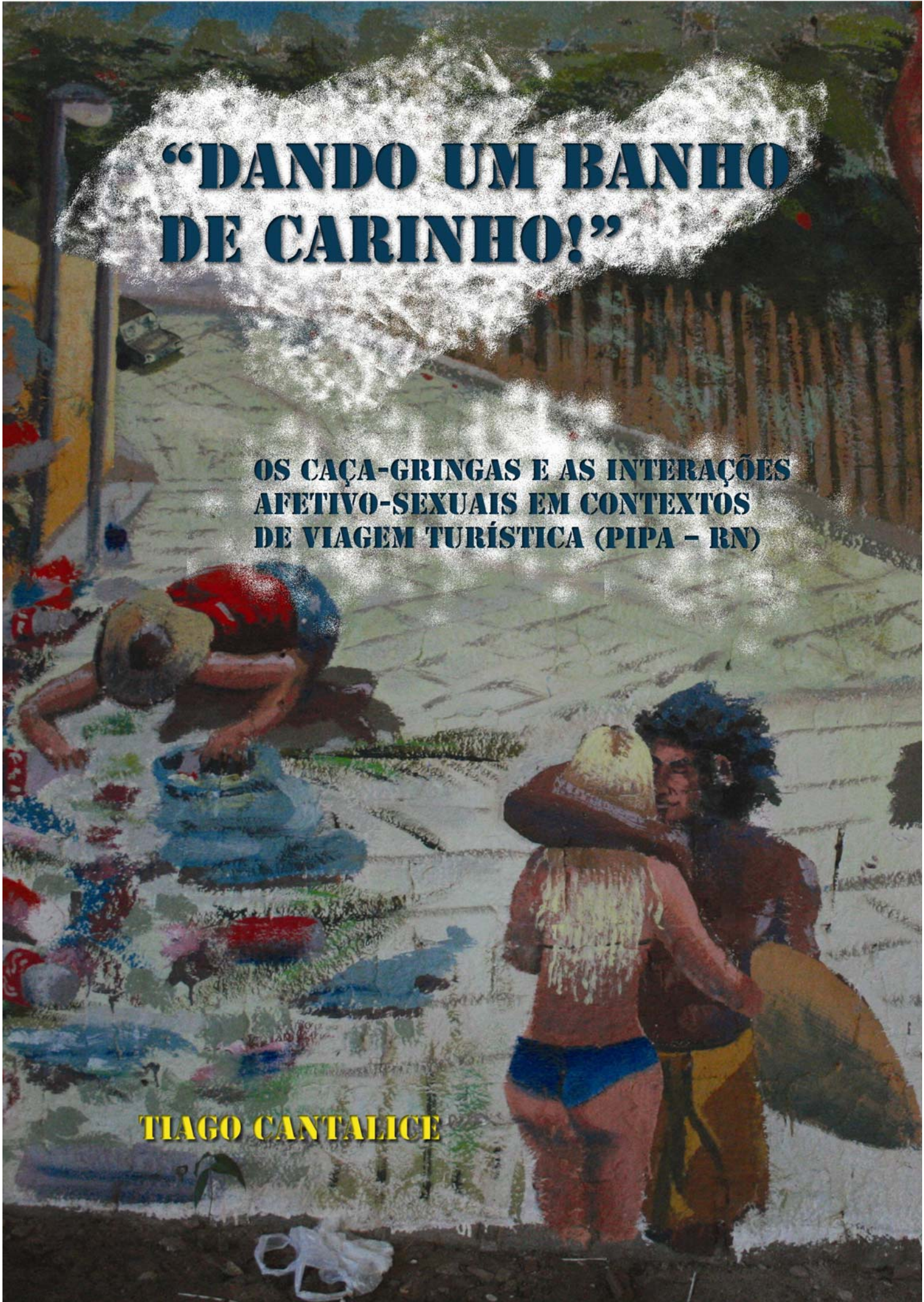


"DANDO UM BANHO DE CARINHO!"

OS CAÇA-GRINGAS E AS INTERAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS EM CONTEXTOS DE VIAGEM TURÍSTICA (PIPA – RN)

TIAGO CANTALICE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

TIAGO CANTALICE

"DANDO UM BANHO DE CARINHO!" – OS CAÇA-GRINGAS E AS INTERAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS EM CONTEXTOS DE VIAGEM TURÍSTICA (PIPA – RN)

Recife
2009

TIAGO CANTALICE DA SILVA TRINDADE

"DANDO UM BANHO DE CARINHO!" – OS CAÇA-GRINGAS E AS INTERAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS EM CONTEXTOS DE VIAGEM TURÍSTICA (PIPA – RN)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Luís Felipe Rios do Nascimento

Recife
2009

Trindade, Tiago Cantalice da Silva
"Dando um banho de carinho!" – os caça-gringas e as interações afetivo-sexuais em contextos de viagem turística (Pipa – RN) / Tiago Cantalice da Silva Trindade. - Recife : O Autor, 2009.
260 folhas.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Antropologia, 2009.

Inclui : bibliografia, apêndices e anexos.

1. Antropologia. 2. Turismo sexual. 3. Sexo – Mercado. 4. Masculinidade híbrida – Agencias de viagem. I. Título.

39 CDU (2. UFPE
390 ed.) BCFCH2009/106
CDD (22. ed.)

TIAGO CANTALICE DA SILVA TRINDADE

"Dando um Banho de Carinho!" – Os Caça-Gringas e as Interações Afetivo-Sexuais em Contextos de Viagem Turística (PIPA-RN).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Aprovada em: 03/06/ 2009.

BANCA EXAMINADORA

Luís Felipe Rios do Nascimento

Profº Drº Luis Felipe Rios do Nascimento (Orientador)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFPE

Russell Parry Scott

Profº Drº Russell Parry Scott (Examinador Titular Interno)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFPE

Profª Drª Adriana Gracia Piscitelli (Examinadora Titular Externa)
Núcleo de Estudos de Gênero - UNICAMP

Dedico este suado trabalho, em lembrança, a minha avó, Maria José Pontes, e a meu avô, José Amaro da Silva, saudosos e constantemente presentes em minha memória. E, em vida, aos meus queridos e amados pais, João Antônio Cantalice da Trindade e Lindalva da Silva Trindade, que com muito esforço, dedicação, compreensão e amor não hesitaram um só dia em me ajudar e incentivar nessa difícil caminhada.

AGRADECIMENTOS

Chegando ao fim de um processo tão doloroso e árduo, que exige uma dedicação tal que te leva de fato à exaustão, e, por isso, chega-se a se pensar em desistir ou acreditar que não será possível terminar, percebemos que só conseguimos fazê-lo, pois a dissertação, embora seja um trabalho solitário, nunca é feita a sós. Por saber que sem a contribuição e influência direta e indireta de alguns e o desejo de atender as expectativas de outros, que tanto investiram e acreditaram, até mais que eu, em minha capacidade e qualidade, motivando-me quando acreditava estar tudo perdido, é que dedico a essas pessoas os meus sinceros e honrados agradecimentos.

Não poderia começar sem agradecer aos meus queridos pais, que, ao longo desse espinhoso caminho, apesar da distância geográfica que nos separava, estiveram sempre ao meu lado, dispostos a fazer qualquer sacrifício para que meus estudos não fossem prejudicados. Agradeço a meu pai, Cantalice, que com sua história de vida mostra-me o quanto somos capazes de subverter o que parece estar predestinado para nós. Com muita luta e dignidade superou inúmeros obstáculos de sua vida, que, apesar de ter sido marcada por muita pobreza, sempre me ensinou o valor do respeito pelos outros e a importância da unidade da família. Devido a seus simples, mas sábios, ensinamentos, expressos mais em atitudes que em palavras, pude me tornar uma pessoa mais compreensiva e batalhadora, que sabe viver com mais gozar e menos penar. Pai participativo, que vibra e divulga com orgulho as conquistas dos filhos, e que não esconde sua insatisfação quando, devido a inúmeras circunstâncias e como um processo natural dessa roda viva, os filhos começam a tomar o mundo para si, distanciando-se do acolhedor lar, que montou com tanto esmero e afeto.

À minha mãe, Lindalva, que, com uma força de vontade descomunal e uma solicitude rara, conseguiu criar seus filhos sem abandonar seus próprios sonhos, marcando nossa educação pela crença inquebrantável num futuro melhor, que atualmente já se esboça. Uma mulher de fibra e obstinada, dedicada a ajudar aos outros sempre que necessário, desdobrando-se no trabalho e em casa para dar o melhor de si: amor. Através de sua eterna preocupação com minha saúde e bem-estar, demonstra o carinho e o cuidado incomensuráveis que tem. Não mede esforços quando o que está em jogo é a felicidade dos filhos e com muita ternura nos ensina cotidianamente a importância do perdão e da gentileza.

Foi tendo em mente essas duas pessoas e buscando nunca desapontá-las, que até hoje fiz o que fiz. E foi pensando nelas e em tudo o que investiram e contribuíram em minha

formação, que tentei dedicar-me ao máximo para que este trabalho seja motivo de orgulho e que, de uma forma ou de outra, possa ajudar a melhorar suas condições de vida.

Agradeço também ao meu irmão, Felipe Cantalice, com quem compartilhei momentos inesquecíveis e aprendi a ter mais confiança, a ser mais autêntico, a gostar de samba, a não se importar muito com o que os outros vão pensar e a perceber a graça nas coisas e situações mais simples. Mesmo em seu silêncio e em sua introspecção sempre apoiou minhas decisões e mesmo com muitas diferenças sempre respeitou minhas idéias.

Não podia deixar de falar também de minha tia Lúcia, que, com um constante sorriso no rosto, nos lembra que é com leveza que se deve viver. A ela agradeço pelo indefectível apoio e carinho. Do mesmo modo, sou imensamente obsequioso pela força que minha vó materna, Floriza, me transmite, uma mulher que não se rendeu às intempéries da vida e superou inúmeras dificuldades. Cativante em sua simpatia e linda em sua singeleza. Agradeço pelo amor incondicional que não fenece, independente de quão distante estamos um do outro.

Estendo meus agradecimentos a todos meus tios e tias, primos e primas, que vêm acompanhando minha trajetória com alegria e entusiasmo, e que contribuíram para minha formação pessoal através de vivências encantadoras e repletas afabilidade e respeito.

Seria impossível não falar em uma pessoa que se tornou minha energia vital, minha motivação para encarar o dia-a-dia deste "mundo cão", como ela mesma diz, e que é minha companheira inseparável e minha melhor amiga. Adrianna cativou-me em sua beleza, espontaneidade, autenticidade, força e inteligência. Além dessas virtudes, que por si já a tornam uma pessoa ímpar, ela, com toda sua intensidade, deu-me os momentos mais felizes de minha vida. Sua presença radiante, suas opiniões fortes, seu posicionamento no mundo, suas contradições demasiadamente humanas, enfim, tudo isso misturado tomou-me de tal jeito que quando me dei conta não havia condições nem vontade sequer de ficar longe dessa pessoa apaixonante. A Adrianna, além de todo o amor, meiguice e calidez que vem me ofertando, tenho a agradecer por todo incentivo, ajuda, conselhos, sugestões de leitura, revisão, fotos e crítica que certamente a fizeram ser minha informal co-orientadora. Por toda paciência, atenção e companhia, é indispensável que eu diga: Obrigado!

Agradeço ainda à família Figueiredo Soares da Silva que me acolheu com muito calor e afeto, e que também contribui bastante ao facilitar de inúmeras formas a feitura dessa dissertação, além de me receber, sempre de braços aberto, quando precisei estar em sua casa.

Aproveito esse espaço ainda para agradecer aos meus interlocutores que se dispuseram gentilmente a conversar e conceder informações tão caras a minha pesquisa. Meu trabalho etnográfico seria ainda inviável se não tivesse recebido o apoio logístico da família de meu

amigo Tácito César, que cedeu sua casa para me hospedar durante alguns dias em que estive em Pipa. Do mesmo modo agradeço a João Maria e Suely, que me alugaram a casa que se tornou meu refúgio durante o trabalho de campo.

Há ainda que se agradecer aos velhos e novos amigos (as), que com seu companheirismo, cumplicidade e carinho permitem que a vida se torne mais suportável e saborosa. Em especial, agradeço a Guto Felipe, responsável pela arte da capa do trabalho e da capa dos capítulos, Marino Torre, pela revisão do Abstract, e Carol Parreiras, que intermediou todo o processo de minha transferência para a Unicamp, no primeiro semestre de 2008.

Por fim, agradeço a ajuda fundamental de alguns professores, que acompanharam mais de perto meu amadurecimento acadêmico e viram minha dissertação tomar corpo: ao meu orientador Luís Felipe Rios, que com interesse, dedicação, delicadeza e cuidado me guiou pelas veredas das discussões antropológicas, a Parry Scott e Lady Selma, que tantas vezes tiveram que ler, reler e sugerir melhoras às inúmeras versões de meu trabalho, a Adriana Piscitelli, que aceitou-me como aluno especial em disciplina que ministrara no PPGAS-Unicamp, cujos textos constituíram boa parte de meu aporte teórico, a Bartolomeu Figueiroa, que supervisionou meu estágio docência, a Silvana Pirillo, a primeira professora que me incentivou a fazer uma pós-graduação, a Durval Muniz de Albuquerque Júnior, que cedeu uma cópia de seu livro, o qual se encontrava esgotado, a Alípio de Souza Filho, Elizete Shwade e Benedito Medrado que ouviram e estimularam meus primeiros *insights*, e tantos outros que colaboraram através de aulas, leituras, debates e conversas informais. E a Regina, secretária do PPGA-UFPE, que ajudou de várias formas, sempre com doçura.

A todas essas pessoas dedico meus sinceros agradecimentos!

Esse corpo moreno cheiroso e gostoso que você tem
É um corpo delgado da cor do pecado
Que faz tão bem
Esse beijo molhado, escandalizado que você deu
Tem sabor diferente que a boca da gente
Jamais esqueceu

Bororó – A Cor do Pecado

-Eu dei casa e comida
O nego ficou besta
Tá querendo explorar
Quer me judiar
Me desacartar!

Tom Zé – Hein?

"Sempre é bom recordar que não se devem tomar os outros por idiotas". Nesta confiança posta na inteligência e na inventividade do mais fraco, na atenção extrema à sua mobilidade tática, no respeito dado ao fraco, sem eira nem beira, móvel por ser assim desarmado em face das estratégias do forte, dono do teatro de operações, se esboça uma concepção política do agir e das relações não igualitárias entre um poder qualquer e seus súditos. (Luce Giard, apresentação de *A Invenção do Cotidiano – Artes de Fazer*).

RESUMO

Partindo da análise das interações afetivo-sexuais em contexto de viagens turísticas e tendo como palco a Praia de Pipa – RN, a presente dissertação visa desvelar o processo de generificação de duas esferas de navegação social: o mercado de sexo e o turismo sexual, já que, nesse caso, os sujeitos ocupam posições "invertidas", isto é, são as mulheres (principalmente aquelas originárias da Europa Ocidental e dos países escandinavos) que empreendem viagens turísticas e se relacionam afetivo-sexualmente com homens *nativos/locais* (emicamente conhecidos como *caça-gringas*), os quais, por sua vez, participam dessas interações binacionais visando benefícios materiais e simbólicos. Por terem sido tradicionalmente atreladas, respectivamente, ao feminino e ao masculino, buscou-se entender como os membros desses arranjos performatizam e significam suas ações, assim como a de seus parceiros, sabendo que eles subvertem as formulações que – a exemplo de certas teorias feministas – fixaram, de maneira doxa, a mulher como servidora sexual – explorada – vítima e o homem como consumidor (turista sexual) – explorador – algoz. A tensão entre estrutura e agência volta a emergir como suporte principal da discussão, quando nos debruçamos sobre os discursos acadêmicos relativos à "indústria" do turismo, os quais se caracterizam, em sua grande parte, por uma ênfase nas conseqüências negativas do advento dessa atividade (ganhando reforço quando se tratam de pequenas localidades) e por uma subestimação das ações de apropriação e resignificação das populações autóctones - estando diametralmente em oposição aos poderes atribuídos aos viajantes, devido ao acúmulo de capital financeiro e cultural. Assim, através da observação participante e do registro e análise das trajetórias de vida dos atores em interação (imersos em sistemas de desigualdade), o referido estudo propõe-se a crítica dessas posições, haja vista que se averiguou a capacidade de ação ativa e criativa dessas comunidades. Noutras palavras, percebeu-se que, ao mesmo tempo em que o turismo pode transformar as redes de sociabilidade locais, as comunidades receptoras criam mecanismos de reformulações simbólicas, que lhes permitem, através da encenação de sua autenticidade, atender às demandas daqueles (as) que viajam desejando confrontar-se com o exótico, com os "genuínos" modos de vida dos trópicos, e tirar vantagens dessas séries de contatos efêmeros com os (as) turistas. Dessa forma, dando voz aos parceiros desses intercâmbios binacionais, pôde-se constatar como os *caça-gringas* incorporam, taticamente, os estereótipos da brasilidade, concedendo às turistas estrangeiras "fantasias de poder", e utilizam-se de essencializações estratégicas, mesclando virilidade e calidez, para facilitar suas conquistas. A partir do imbricamento entre princípios de agência do masculino e do feminino, lança-se a noção de que os *caça-gringas* manufaturam uma masculinidade híbrida, revelando o quanto as identidades de gênero são maleáveis e processuais, e o quanto os agentes performatizam suas representações de gênero com base nas posições de sujeito culturalmente disponíveis. Toda essa análise tem como objetivo implícito pôr em cheque os discursos vitimários que apontam as profissionais do sexo como sujeitos desprovidos de agência, e demonstrar que essas mulheres, tal como os *caça-gringas* de Pipa, são agentes portadores de projetos de vida específicos e que o mercado de sexo – o qual pode prescindir da intermediação monetária - é também um espaço para a subversão do regime de gênero, estando ainda aberto a manifestações de romance.

Palavras-chave: Turismo Sexual, Mercado de Sexo (Transacional), Relações Afetivo-Sexuais em Contexto de Viagem, *Caça-Gringa*, Masculinidade Híbrida e Agência.

ABSTRACT

From the analysis of the affective-sexual interactions in context of tourism travels and having as stage Pipa's Beach - RN, the current work has as main objective to reveal the process of genrification present in two spheres of social movement: the sex market and the sexual tourism, since, in this case, the subjects occupy "inverted" positions, in other words, female tourists (mainly those from Western Europe and Scandinavian countries) have affective-sexual relationships with *native/local* men (emicly known as *caça-gringas*), who, for their side, participate in these bi-national interactions in search for financial and symbolic gratification. Having been traditionally connected, respectively, to female and male role, we tried understand how the members of these combinations perform and signify their actions as well as the others' actions, recognizing that they subvert formulations which – as some feminist theories - contributed to root, in an doxy way, the woman as sexual service – explored – victim and man as consumer (sexual tourist) – exploiter – villain. The tension between structure and agency returns to emerge as principal support of our discussion, when we evaluate the academic discourses about the tourism "industry", that are characterized, in their great part, by an emphasis on its negative consequences (especially when involving small communities), and by an underestimation of the appropriation and re-signification on part of the autochthon population - which is diametrically opposed to the powers attributed to the travelers, on account of their accumulation of financial and cultural capital. Thus, through participant observation and the register and analysis of actors' life trajectories (immersed in systems of inequalities), the referred study proposes to critic these positions, because was checked the capacity of active and creative action of these communities. In other words, we understand that simultaneously to the changes to the local sociability nets brought on by tourism, the receptor communities create symbolic reformulation mechanisms, which allow them, through the role-playing of their authenticity, to attend to the demands of the travelers willing to face the exotic, which includes the "genuine" tropical ways of life, and takes advantage of these successive fleeting contacts with tourists. Therefore, giving voice to the partners involved in these bi-national interchange, we could notice how the *caça-gringas* incorporate, tactically, the brazilianity stereotypes, offering to foreign female tourists "fantasy of power", and make use of strategic essentializations, blending virility and warming, to facilitate their conquests. From this amalgamation of male and female agency principles, we propose that the *caça-gringas* manufacture a hybrid masculinity, revealing how genre identities are malleable and processual, and to which extent the agents perform their genre representations, based on culturally available subject positions. This entire analysis has as an implicit objective to question the victimizing discourses that identify the female sex workers as subjects without agency, and to demonstrate that these women, like the *caça-gringas*, are porters subjects of specific life projects and that sex market – which doesn't depend on currency intermediation – can foster subversion of genre regime, being, still, opened to the romance manifestations.

Key-Words: Sexual Tourism, (Transactional) Sex Market, Affective-Sexual Relations in Context of Tourism Travel, *Caça-Gringa,* Hybrid Masculinity and Agency.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....12

Diálogos Pertinentes: Por uma Antropologia do Turismo.....18

Pensando o Turismo.....22

Uma Hermenêutica Antropológica do Turismo Sexual.....29

Procedimentos Metodológicos.....34

I – DA PROSTITUIÇÃO CULTUAL AO SEXO MERCANTIL.....43

1.1 Prostituição: Parceiros e Parcerias (uma História ainda Mal-Contada).....44

1.2 Como Pensar a Mulher, se a Sociedade é Pensada no Masculino?.....51

1.3 Feminismo e Mercado de Sexo.....59

1.4 Viagem e Relacionamentos Afetivo-Sexuais: A Busca do Outro no Outro.....72

1.5 Turismo Sexual e Mercado de Sexo, Atividades com Gênero ou Congêneres?.....80

II – A ROTINA ANTES DO PARAÍSO.....87

2.1 Praia de Pipa: Uma História Feita de Histórias.....88

2.2 O Paraíso são os Outros! – Da Construção Turística de um Destino.....102

2.3 Destino Pipa.....111

III – O MELHOR DO BRASIL É O BRASILEIRO.....123

3.1 *Made In* Brasil?.....124

3.2 O Corpo da *Caça* e "do C*aça*".....134

3.3 Da Territorialização das Praias à Territorialidade dos Corpos.....144

3.4 Corpos de Apolo a Serviço das Pulsões de Dioniso.....148

IV – A COERÊNCIA DAS AMBIGUIDADES.....160

4.1 Os *Caça-Gringas* e sua Masculinidade Híbrida.....162

4.2 A Escolha do Prazer e o Prazer da Escolha.....174

4.3 Dádiva ou Moeda de Sexo?.....185

4.4 Não Existe Pecado ao Sul do Equador.....193

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....212

REFERÊNCIAS.....223

APÊNDICES.....234

ANEXOS.....252

INTRODUÇÃO

O turismo é compreendido como viagens através das quais as pessoas deslocam-se em direção a localidades fora do seu ambiente usual de convívio, durante não mais que um ano consecutivo, por lazer, negócios e outros motivos. Essa é a definição oficial da Organização Mundial do Turismo (OMT), entidade vinculada à Organização das Nações Unidas (ONU), que aponta o turismo como uma das maiores atividades econômicas do mundo em termos de criação de receitas e cargos de trabalho. Tal acepção não será adotada como um paradigma que orienta o trabalho, servindo mais como contraponto para a análise subseqüente, ao mostrar como ela está pautada por questões objetivas, não abarcando a complexidade e a multiplicidade de configurações que o fenômeno do turismo assume. Entretanto, vale apresentar como orgulhosamente aquela instituição (a OMT) nos informa que as

> [...] receitas internacionais desse setor cresceram mais rápido do que o comércio mundial como um todo (serviços comerciais e exportação de mercadorias) nos anos [de 19]80 [...] As viagens e o turismo também são os maiores geradores de emprego em grande parte dos países, proporcionando trabalho para mais de 100 milhões de pessoas no planeta e contribuindo com cerca de U$ 166 bilhões em impostos em nível mundial (OMT, 2003: 146).

Essas estatísticas incentivam governos de vários países, principalmente daqueles pertencentes ao chamado "Terceiro Mundo", a apostar maciçamente nessa atividade como meio de reduzir seus índices de pobreza e desigualdade social. Dentre eles encontra-se o do Brasil, que vem adotando o Turismo como aliado na sua trilha rumo ao desenvolvimento desde meados da década de 1960, tomando por marco histórico a criação da Embratur (atual Instituto Brasileiro de Turismo). Ainda hoje os discursos políticos destacam a importância do incentivo ao turismo - pois "*o Brasil possui uma predisposição inata à atividade*", como afirmou o presidente Luís Inácio Lula da Silva -, visando à geração de emprego, renda e bem-estar social[1].

[1] Para maiores informações que comprovem este posicionamento da política brasileira em relação ao turismo, ver o Plano Nacional do Turismo: www.institucional.turismo.gov.br.

Consequentemente, esse discurso é reproduzido tanto a nível estadual quanto municipal[2], e o turismo é alçado como prioridade dentre as políticas públicas e tratado como tábua de salvação das economias das áreas mais pobres do país. Para João dos Santos Filho, trata-se de uma estratégia do capital, o *"capitalismo exige que o turismo incorpore a idéia de campo salvador da economia, e essa necessidade movimenta o aparelho de Estado que dirige sua estrutura para esse objetivo"* (2005: 38).

Ana Rosa Lehmann-Carpzov (1994) acredita que a priorização do investimento no turismo em detrimento de outras atividades econômicas, por parte dos países periféricos, é uma fórmula equivocada de desenvolvimento, tendo em vista a grande oscilação da receita gerada por ele.

> Se os recursos públicos são escassos, estes devem ser direcionados para atividades que possibilitem um retorno seguro, que ofereçam uma estabilidade confiável e promovam uma distribuição mais justa da riqueza. Aumentar simplesmente o número de empregos não basta. É necessário analisar se o número de empregos criados responde de forma favorável ao volume de investimentos feitos. Gerar renda também não basta. É preciso averiguar quem realmente se apropria da renda gerada (LEHMANN-CARPZOV, 1994: 65).

Emerson Sena da Silveira (2007) afirma, por sua vez, que essa visão ufanista do turismo, que ignora a instabilidade e insegurança desta atividade, tornou-se hegemônica a partir da década de 1970, influenciada por uma espécie de "messianismo do dinheiro", que toma conta das análises economicistas do fenômeno do turismo. Aliás, essas análises são predominantes no estudo do turismo, limitando-o a questões relativas à prospecção de demanda, incremento da oferta, pontos fortes e fracos dos produtos turísticos, políticas de maximização dos lucros, diminuição dos impactos da baixa estação, diversificação dos atrativos turísticos. Tais questões são sempre acompanhadas de uma série de tabelas e

---

[2] Ver o Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste (Prodetur-NE) e o Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT), criado pelo governo Fernando Henrique Cardoso (1994-2002) e transformado no Programa de Regionalização do Turismo, pelo governo Lula (2003-).

gráficos estatísticos. A maior relevância sobre os dados quantitativos que qualitativos do turismo é preocupante, pois cria uma série de pontos "cegos" no processo de turistificação de inúmeros municípios e do cotidiano de seus habitantes (SILVEIRA, 2007). É nesta lacuna que as ciências sociais podem contribuir para a complexificação e desmonopolização da análise do turismo, encarando-o para além dos números, considerando os sujeitos envolvidos nesse processo e estimulando uma visão crítica da realidade na qual ele se insere. É necessário, como afirma Deis Siqueira (2005), ultrapassar a ênfase na competência técnica e operacional, bem como o paradigma estratégico.

A superestimação da dimensão econômica do turismo é responsável pela reprodução do discurso salvacionista em muitos municípios do estado do Rio Grande do Norte, como Tibau do Sul, onde fica localizada a Praia da Pipa – nosso campo de estudo.

Em pouco mais de quinze anos, o turismo tornou-se a principal atividade econômica da Pipa, praia do litoral potiguar, localizada a cerca de 90 km ao sul de Natal e um dos mais freqüentados destinos turísticos do estado. Esse fato é notório pela quantidade de equipamentos de hospedagem, de alimentação e de entretenimento que se encontram nessa praia.

O turismo introduziu-se no cotidiano local inesperadamente e, depois de um longo período atuando livremente, foi adotado pelos órgãos públicos como essencial para o desenvolvimento da comunidade. A partir disso, seus moradores tiveram que se adaptar às mudanças estruturais trazidas por ele e refazer as bases de sua sociabilidade, mas também sem deixarem de tomar as rédeas desse processo, impondo ativamente suas condições[3] e inserindo

[3] Por volta do final da década de 1990, por exemplo, a prefeitura de Tibau do Sul autorizou a construção de um empreendimento hoteleiro sobre uma área de falésia (o que é proibido de acordo com os Art. 63 e 64 da Lei Nº 9.605, de 12 de Fevereiro de 1998, Seção IV, que trata Dos Crimes contra o Ordenamento Urbano e o Patrimônio Cultural), conhecida localmente como Chapadão, contudo a população posicionou-se ferrenhamente contra essa empreitada, pois considerava a área como bem de todos, devendo, assim, ser mantida. Dessa forma, quando as obras foram iniciadas, alguns moradores se deslocaram para o Chapadão, armados com marretas, martelos e pedaços de pau, e prontamente derrubaram todos os vestígios de alicerces e paredes, demonstrando que o avanço imobiliário tinha seus limites. Para maiores informações sobre a referida legislação, acessar: http://www.mma.gov.br/port/conama/legiano1.cfm?codlegitipo=1&ano=todos.

alguns traços peculiares de sua identidade nessa dialógica, que atuam como elementos distintivos nos contornos que o turismo assumiu localmente, o que também pode ser verificado nas relações de gênero, que guiarão nossas discussões.

No ano de 2006, após freqüentar Pipa há quase 10 anos, resolvi abrir um restaurante nessa praia, em parceria com um amigo de infância, e lá morei por alguns meses. Durante esse período, um fenômeno, até então por mim desconhecido, me saltou aos olhos: as constantes interações afetivo-sexuais entre homens *nativos/locais* e mulheres estrangeiras, que visitavam o lugarejo. A configuração dessas parcerias chamou-me logo atenção por sua atmosfera de novidade e ineditismo, que tão clara e despreocupadamente se apresentavam a mim. E inquietou-me por não provocar na comunidade, pelo menos à primeira vista, o mesmo incômodo que as uniões, provisórias ou estáveis, entre brasileiras e estrangeiros, as quais são bem mais visadas, divulgadas e freqüentemente rotuladas como relacionamentos movidos pelo puro e simples interesse financeiro, de uma parte, e pela exploração da miséria alheia, da outra.

Os estereótipos da *puta* e do turista sexual são, a todo o momento, trazidos para ilustrar e taxar esses relacionamentos binacionais, e, devido à sua ampla disseminação, estes arranjos tornaram-se alvo de discriminação e seus parceiros passaram a sofrer com o repúdio quase unânime da sociedade, que é incentivado e se embasa em campanhas de tom xenófobo que são desenvolvidas pelas autoridades locais e nacionais, as quais ilegalmente tentam condenar esses estrangeiros por um crime que não existe na legislação brasileira: consumir "serviços" sexuais em contexto de viagem com mulheres que tenham mais de 18 anos[4].

Eu, naquele momento, um estudante recém-graduado no curso de turismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sempre ouvira e debatera o problema (no seu sentido mais coloquial, como se costuma encarar tal fenômeno na academia e no *trade*

[4] Ver os artigos 227, 228, 229, 230 e 231 do Código Penal Brasileiro, que tratam do lenocínio e do tráfico de pessoas: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/Decreto-Lei/Del2848.htm+c%C3%B3digo+penal+brasileiro.

turístico potiguar) do turismo sexual, estando balizado pela idéia de que os envolvidos nesses roteiros *clandestinos* eram sempre homens estrangeiros, o que explicava meu estranhamento com a versão pipense, em que as posições me pareciam estar invertidas, onde os sujeitos aparentavam estar fora dos seus lugares.

O encontro com tal fenômeno suscitou um borbulhar de questionamentos sobre minhas opiniões, revelando-me como os juízos de valor que lançamos sobre os fatos e acontecimentos, e mais fervorosamente em relação às experiências e práticas afetivas e sexuais, variam de acordo com os sujeitos neles implicados. Bem como, o quanto somos adestrados a interpretá-los de acordo com o que é divulgado pela grande mídia. Isso se torna evidente quando nos deparamos com a configuração de alguns relacionamentos binacionais que ocorrem em Pipa, os quais são chamativos por exatamente subverter nossas certezas e mostrar o quão dinâmica é a realidade e o quanto a tentativa de enquadramento dela e dos seus atores em categorias e papéis sociais fixos, oposicionais e isolados não passa de uma tentativa que visa perpetuar hierarquias e criar/reproduzir estereótipos.

Dessa maneira, fui cativado pelas reflexões que este primeiro contato provocou e estava decidido que aquele fenômeno merecia ser analisado mais demoradamente devido à riqueza de informações que ele trazia e por poder, quem sabe, contribuir para desfazer algumas concepções bastante arraigadas e difundidas no senso comum sobre o mercado de sexo e o turismo sexual. Nesse ponto reside, então, a proposta central deste trabalho, que é analisar as interações afetivo-sexuais em contextos de viagens turísticas, inserindo-as no debate mais amplo sobre mercado de sexo, a partir do estudo de caso da Pipa, em que certos homens *nativos/locais* posicionam-se como "prestadores de serviços sexuais" e algumas turistas estrangeiras, como "consumidoras" destes mesmos "serviços". Ao longo do trabalho procurarei evidenciar o quanto o turismo pode transformar as redes de sociabilidade locais, ao mesmo tempo em que a comunidade receptora cria mecanismos de reformulações simbólicas,

que permitem-lhe, através da encenação de sua autenticidade, atender às demandas daqueles (as) que viajam desejando confrontar-se com o exótico, com os "genuínos" modos de vida dos trópicos, estando aí também inseridas as representações de gênero, e tirar vantagens dessas séries de contatos efêmeros com os (as) turistas.

Diálogos Pertinentes: Por uma Antropologia do Turismo

O fértil diálogo que tem sido travado entre antropologia e turismo é menos recente do que se pensa. A partir de meados da década de 1970, o interesse por compreender o fenômeno do turismo começou a impulsionar uma série de estudos com uma orientação antropológica. Durante esse mesmo período surge o *Annals of Tourism Research* e tal temática passa a ter freqüente presença em conferências como as da *American Anthropological Association* e do *International Congress of Anthropological and Ethnological Science*. Mas, além dessa produção ser dominada pelos circuitos europeus e estadunidenses, e, portanto, ter a amplitude do debate bastante limitada, muitos acadêmicos das ciências sociais (antropólogos e sociólogos, principalmente) não viam com bons olhos a dedicação a um tema tão "frívolo" como o turismo (cf. NASH, 1996).

Essa aversão e resistência em aceitar uma abordagem científica da dimensão sócio-antropológica do turismo, segundo Dennison Nash (1996), justificavam-se pelo contraste da experiência da viagem para o antropólogo e para o turista. O primeiro se deslocava, muitas vezes, para um distante e inóspito território com vistas à análise e interpretação de um povo em particular, pondo, em certas ocasiões, a própria vida em risco em troca da oportunidade de decifrar seu modo de vida através da íntima e intensa interação com tal povo. Essa perspectiva própria do trabalho de campo, que particulariza a metodologia antropológica, chocava-se com a imagem que se fazia do turista, um indivíduo em busca de lugares exóticos,

"*who usually are thought to be bent on enjoying themselves, who rarely gain more than a superficial acquaintance with their hosts and who are not very much interested in really understanding them.*" (NASH, 1996: 2).

Ademais os turistas eram vistos como exploradores e representantes das forças internacionais de dominação das populações receptoras. Portanto, debruçar-se sobre tal temática significava, para muitos acadêmicos, tornar-se conivente e cúmplice dessa opressão. Enfim, pode-se dizer que o trabalho antropológico não queria ver-se confundido com coisas como a busca do prazer, uma observação e interação superficial e a exploração de outros povos (NASH, 1996).

Aqueles que criticavam os poucos antropólogos que se dedicavam ao estudo do turismo esqueciam-se que, assim como este, a antropologia foi por muito tempo utilizada como dispositivo de dominação e exploração de inúmeros grupos sociais[5]. O surgimento da etnologia ajusta-se, talvez não por mera coincidência, com a emergência da empresa imperialista de fins de século XIX e início do século XX. A teoria evolucionista, então em voga, caía como uma luva para as pretensões colonizadoras, que ganharam ares de uma "missão civilizatória" para salvar os povos "primitivos" de sua situação de barbárie[6].

Estes primeiros trabalhos eram fortemente marcados pela exotização dos povos pesquisados, similarmente ao olhar do turista, em busca do "paraíso", frente ao "nativo". Isso explica, de certa forma, a ênfase sobre o estudo de grupos sociais distantes dos centros econômico-culturais ocidentais e com estilos de vida completamente distintos daqueles

[5] Essa estratégia estendeu-se para além da hegemonia da teoria evolucionista. O governo dos Estados Unidos, por exemplo, buscando familiarizarem-se com a cultura dos japoneses, seus adversários durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), solicitou os serviços da pesquisa antropológica para facilitar a conquista de seu opositor. O que inicialmente seria um relatório, resultou no livro *O Crisântemo e a Espada*, de Ruth Benedict (1988), que traça o *ethos* da cultura nipônica, com destaque para os fatores psicológicos (personalidade, emoções, caráter) marcantes da escola culturalista, de Franz Boas.

[6] Para maiores informações ver Cristina Costa (2005) e Thomas Hylland Eriksen & Finn Sivert Nielsen (2007). O turismo, por sua vez, era utilizado como termômetro do grau de civilidade que determinado povo havia atingido, caso fosse seguro para mulheres viajarem desacompanhadas a determinada destinação, poder-se-ia dizer que ela havia se inserido entre aqueles povos considerados civilizados (KAPLAN, 1996).

familiares ao pesquisador. Pode-se dizer, assim, que tanto a atividade turística como a pesquisa antropológica apropriaram-se, cada uma ao seu modo, dos povos não-ocidentais e/ou do "Terceiro Mundo".

Da mesma maneira, os críticos da análise antropológica do turismo olvidam que, a cientificidade da antropologia foi por muito tempo questionada, sendo posto em dúvida seu rigor metodológico e sua maturidade epistemológica, devido à grande quantidade de referências clássicas, à instabilidade de suas categorias, à subjetividade de sua pesquisa e à multiplicidade de influências[7].

Pelo que podemos ver, a antropologia e a "turismologia" possuem mais semelhanças do que uma avaliação precipitada pode imaginar. A atividade turística é constituída por elementos extremamente caros à antropologia contemporânea, como a questão da transnacionalização, das relações inter-regionais e internacionais, situações de mudança e contato entre sujeitos sociais marcados por diferentes *ethos* de classe, gênero, sexualidade, religião, nacionalidade, entre outros eixos de poder. De acordo com Nash (1996), as três principais linhas de análise do turismo que importam diretamente ao debate antropológico são as que o enxergam como um mecanismo de aculturação ou desenvolvimento; como uma transição pessoal, nos moldes de um rito de passagem (TURNER, 1974); e como uma espécie de superestrutura, permitindo vislumbrar como o turismo e o turista são formados culturalmente e a partir de que bases sócio-econômicas.

Não obstante, com o intuito de ampliar o escopo das pesquisas em turismo, adotando uma metodologia que permita a emergência das múltiplas vozes que compõem esse campo e uma análise mais complexa desse fenômeno, bem como independentemente das críticas de acadêmicos mais fundamentalistas, é imprescindível que a antropologia não se furte ao estudo da atividade turística, haja vista que seu objeto envolve tudo o que está relacionado a

[7] Mariza Peirano, em *À favor da Etnografia* (1992), realiza uma importante análise e defesa do pensamento e olhar antropológicos, positivando em vários momentos o que era apontado por sociólogos e cientistas políticos como os pontos fracos da antropologia, razão do questionamento de sua cientificidade.

comportamentos sociais e culturais de grupos humanos. Assim como qualquer outro fato social, o turismo não ocorre no vácuo. Ele se relaciona (influenciando e sendo influenciado) com outros sistemas e âmbitos da vida social. Portanto, a antropologia pode facilitar a compreensão do fenômeno turístico em sua complexidade, que atravessa quase todos os eixos de poder que norteiam e instigam o pensamento antropológico.

> [...] the anthropological purview is very broad and long; indeed, it extends to all of humankind. Anything having to do with human beings and their lives is grist for the anthropological mill. That anthropology involves the study of all human beings, not just those in our immediate vicinity or in the contemporary world, is assumed in this anthropological study of tourism (NASH, 1996: 6).

No entanto, apesar de ambos trabalharem com a alteridade, por muito tempo relegou-se aos estudos do turismo um papel técnico e mais relacionado com a estrutura dos equipamentos turísticos, dinamicidade de sua economia e o *metiér* do trabalho em hotéis, restaurantes, agências de viagem e guia de turismo[8]. Por outro lado, também eram realizados estudos e discussões dos impactos e transformações ocorridos nas comunidades receptoras, avançando para além das questões econômicas e aprofundando o debate em termos sociais e culturais. Entretanto, tal indiferença deve ser deixada para trás, pois os estudos da "turismologia", carentes desse diálogo com as ciências sociais, caracterizam-se, em sua grande parte, por uma ênfase nas conseqüências negativas da emergência dessa atividade, principalmente quando os destinos se tratam de pequenas localidades (os famosos "paraísos", que se multiplicam a cada ano), e por uma subestimação das ações de apropriação e resignificação da população autóctone em referência a essa atividade e seus corolários, estando diametralmente em oposição aos poderes atribuídos aos viajantes, devido ao acúmulo

[8] O termo guia de turismo refere-se ao profissional responsável pela recepção, acompanhamento e apresentação dos pontos turísticos a serem visitados nos roteiros de viagem. Diferente do guia turístico, que diz respeito ao material panfletário distribuído em hotéis, pousadas, restaurantes, agências de viagem, que informa os turistas sobre os principais atrativos turísticos do destino (sua história, como chegar a determinado lugar e valor da visita), as opções de hospedagem, de entretenimento, entre outros.

de capital financeiro e cultural. Dessa forma, tais estudos parecem subsumir a ação ativa e criativa das comunidades, delegando-lhes certa atmosfera de inocência, pureza e passividade rompidas pelo advento do turismo. Mas o que se deve observar, para além dessa visão saudosista, são os mecanismos de reformulações simbólicas de teor combinatório encontrados por essas comunidades, em que são agenciadas e articuladas novas formas de relações sociais. Tal compreensão pode ser atingida mais facilmente através de uma perspectiva antropológica.

Pensando o Turismo

Partindo, então, de um viés antropológico, podemos perceber que, tal qual outras inúmeras atividades, o turismo não é resultado de uma predisposição natural dos seres humanos, nem da veia empreendedora de um único indivíduo, mas sim produto de uma configuração sócio-cultural específica, que se desenvolve no século XIX, na Europa Ocidental, mais precisamente na Inglaterra.

Para falarmos em turismo faz-se necessário, contudo, nos remetermos à viagem, que, apesar dos avanços tecnológicos que permitem às pessoas conhecerem diversos lugares ao redor do mundo sem sair da frente do computador, continua a ser seu principal elemento constituinte.

Embora sempre tenha acompanhado a história da civilização ocidental, a viagem possuía fins completamente distintos dos atuais deslocamentos com intuitos turísticos. Ela era empreendida para a conquista territorial e de povos[9], a exemplo das políticas expansionistas do Império Romano e das Grandes Navegações dos primórdios da Idade Moderna; por questões político-religiosas, como as Cruzadas (séculos XI ao XIII) e as peregrinações; e para

[9] *"As referências aos deslocamentos, viagens de exploração, migrações decorrentes da busca de melhores áreas geográficas para garantir a subsistência e a própria necessidade de ampliação do território serão uma constante na dinâmica do desenvolvimento histórico da humanidade."* (SANTOS FILHO, 2005: 35).

a realização de trocas comerciais, como as estabelecidas entre os reinos da península Ibérica e o Oriente (cf. GRABURN, 1989).

A viagem, até o século XV, tida como um empreendimento arriscado, possuindo, principalmente, fins político-econômicos, passa, a partir do século seguinte, a ser adotada pela aristocracia e pela nascente burguesia como símbolo de status. Segundo John Urry, o *"Grand Tour*[10] *[como ficou conhecida essa prática] já estava firmemente estruturado no final do século XVII e atendia os filhos da aristocracia e da pequena fidalguia e, no final do século XVIII, os filhos da classe média profissional"* (2001: 19). A viagem era entendida como necessária ao complemento da formação educacional dos filhos da elite e à preparação para o comando político das "proto-nações". Dessa maneira, visando à formação de um corpo de diplomatas, políticos, militares e advogados, esses jovens das classes dominantes dirigiam-se principalmente para a Itália, a fim de entrar em contato com as reminiscências da cultura das civilizações grega e romana (SANTOS FILHO, 2005). A viagem ganhava contornos de um instrumento pedagógico, que estimulava a reflexão (GRABURN, 1989).

Todavia, no final da primeira metade do século XIX, a viagem ganha um novo significado. Como conseqüência da crescente racionalização da sociedade, fruto do pensamento positivista e da lógica capitalista, a viagem passa a incumbir a função de re-estabelecedora da força de trabalho do proletariado. Dentro do cenário europeu, o país mais avançado, em termos de maquinização da produção, aliado ao de desenvolvimento dos meios de transporte ferroviário e marítimo, que facilitavam os deslocamentos, e de certa regulação das condições de trabalho, era a Inglaterra. Berço da Revolução Industrial, a Inglaterra acumulava as condições necessárias para a emergência do que viria a ser conhecido como

[10] John Urry argumenta que entre os séculos XVII e XIX, essa excursão mudou de caráter passando do que ele chama de "*Grand Tour* clássico", envolvido em observações e registros frios de *"galerias, museus e artefatos altamente culturais, [...] para o 'Grand Tour romântico', que presenciou a emergência do 'turismo voltado para a paisagem' e de uma experiência muito mais apaixonada da beleza e do sublime [...]"*. Todavia, ele afirma que ambos os tipos contribuíram para que a viagem se firmasse como tendo papel fundamental na educação *"cognitiva e perceptiva da classe alta inglesa"* (2001: 19-20).

Turismo. Nessa instituição social, a viagem desponta, dessa vez, como uma atividade de lazer, hedonista, por isso, comprometida com a busca do prazer (GUTIERREZ, 2001).

Portanto, a viagem turística tem como motivador remoto a Revolução Industrial e foi imediatamente influenciada pelas exigências dos movimentos de trabalhadores pelo aumento do tempo livre[11], que lhes permitisse recuperar sua força de trabalho e realizar atividades de lazer que satisfizessem necessidades pessoais ligadas ao divertimento, descanso e desenvolvimento humano (DUMAZEDIER, 1976). O lazer, segundo as reivindicações do proletariado, deveria deixar de ser privilégio das elites e tornar-se um direito de todos[12].

No entanto, este tempo livre que guarda em seu seio um impulso subversivo, posto que é um tempo sem amarras, desobrigado (frente às exigências profissionais, familiares, religiosas e partidárias) e, portanto, imprevisível, perigoso e ameaçador[13], aos olhos do Estado e da burguesia, a qual serve, deveria ser orientado e controlado, transformando o *dolce farniente* em atividades de lazer que não comprometessem a produtividade do trabalhador quando do seu retorno (SIQUEIRA, 2005).

Nessa dialógica entre as exigências por um maior tempo livre pelo proletariado[14] e o reconhecimento, por parte da burguesia, desse tempo como necessário para a manutenção da produtividade de sua mão-de-obra, o lazer foi tornando-se mais acessível, contudo,

---

[11] Paul Lafargue, escritor e militante político do século XIX, lutou pela ampliação das conquistas trabalhistas, defendendo a jornada de trabalho de quatro horas diárias e contra a ideologia de exaltação do trabalho. Em sua obra *O Direito à Preguiça* (1999), Lafargue acusa o trabalho de ser a fonte de todas as misérias do mundo.

[12] No contexto brasileiro o lazer só passou a ser reconhecido como um direito inalienável a partir da Constituição de 1988, quando, juntamente com a educação, saúde, segurança, trabalho, previdência social, proteção à maternidade e à infância, e assistência aos desamparados, ele passou a ser classificado como um direito e garantia fundamental. Percebe-se que nossa Constituição prima pela retórica. Para maiores informações sobre os direitos sociais do cidadão brasileiro, acessar: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.

[13] Ver as reflexões de Roberto DaMatta (1997) sobre as transgressões, às vezes violentas, que o ocorrem durante o carnaval.

[14] A Greve Geral de 1917, ocorrida na cidade de São Paulo - SP, tinha como um dos seus principais motes a redução da jornada de trabalho para oito horas diárias.

simultaneamente, foi moldado e disciplinado, organizado de modo que toda a sua verve transgressora mantivesse-se inofensiva. O sociólogo John Urry comenta que, na Inglaterra,

> A partir da década de 1860 a idéia de civilizar a 'grosseira' classe trabalhadora por meio de uma recreação organizada tornou-se muito mais divulgada entre os patrões, os reformadores de classe média e o Estado [...] As formas típicas de recreação que se favoreciam eram a instrução educacional, o exercício físico, o artesanato, a formação musical e **as excursões** (URRY, 2001: 37). (Grifo meu).

A viagem apresentava-se, assim, como uma forma de lazer condizente com os ideais capitalistas, pois respondia aos anseios de renovação pessoal, concretizava o desejo de fuga do cotidiano, de distanciamento da rotina extenuante do trabalho para um lugar e tempo extraordinários, ao passo que também se constituía num bem de consumo, uma mercadoria que contribuía para o fluxo de capital. Mas a viagem de meados do século XIX distingue-se das demais espécies, pois ela ocorre dentro de uma nova instituição social: o Turismo.

Essa contextualização é indispensável para percebermos a viagem de turismo, como um fenômeno social, isto é, um reflexo da estrutura econômica, política e cultural tanto da sociedade que envia quanto daquela que recebe os viajantes-turistas.

> The social generation of leisure derives from a society's system of production in which people labor to produce the resources necessary to sustain themselves in their work and other activities. Whatever leisure time is generated by a society is allocated in ways that are consistent with its production system. The people of a society make use of the leisure time available to them in socially structured ways. One such way involves traveling. Whether people travel in their leisure time, and so become tourists, would seem reflect (variably, of course) the general propensity for traveling in a society, which, itself, may be related to other socio-cultural factors (NASH, 1996: 64).

Portanto, estando de acordo com Nash, constatamos que o lazer e o turismo são produções sociais intimamente dependentes, entre outros fatores, dos arranjos laborais de cada sociedade, variando cultural e historicamente quanto ao tipo de turismo que será praticado e

oferecido, quanto ao tipo de turista que determinada sociedade irá emitir e receber, e às atividades e interações que ele irá desenvolver[15].

A viagem, dessa forma, torna-se uma mercadoria apenas no século XIX, quando se criam condições adequadas para a emergência do mecanismo de agenciamento[16], permitindo o florescer da atividade turística moderna. Todavia, a viagem, em si, vem perdendo, desde então, seu caráter indicativo de status social, pois tem se tornado, paulatinamente, acessível a classes sociais mais populares[17]. Desse modo, as *"distinções de status passaram a ser traçadas entre diferentes classes de viajantes"*, de acordo com o destino da viagem[18] (URRY, 2001: 33).

Desde a segunda metade do século passado, a viagem vem se massificando crescentemente e o turismo apresenta-se, para muitas pessoas na sociedade ocidental, como uma imposição. É preciso viajar a qualquer custo! Para Jost Krippendorf (1989), o atual imperativo do viajar é marcado pelo cotidiano dos centros industriais, mais do que pelo desejo de se fazer descobertas e aprender coisas novas. Busca-se dar um sentido à vida, onde se possa fazer o que gosta e o que se quer, inclusive nada. Por isso que, ao não se sentirem confortáveis e à vontade nos lugares em que trabalham e moram, as pessoas vão atrás do que

[15] Não obstante, devido, em parte, à baixa incidência de diálogo com as ciências sociais e à insipiente análise crítica do fenômeno turístico, o que se encontra comumente na literatura que pretende tratar o turismo de maneira científica são referências anacrônicas ao surgimento desta atividade como se fosse fruto do mero empreendedorismo do pastor inglês Thomas Cook. João Santos Filho (2005) ressalta que as explicações para o surgimento do turismo são soltas de suas bases históricas, dando ênfase a personagens individualizados, sem observar o contexto em que os fatos se deram. Tal anacronismo resulta na freqüente equivalência reducionista entre as noções de viagem e turismo e de hospitalidade e hotelaria. O nó da questão é que o esforço de compreensão científica se deu, aqui, a partir de conceitos específicos da sociedade capitalista (turismo e hotelaria) e não de conceitos genéricos já existentes (viagem e hospitalidade) (SIQUEIRA, 2005).

[16] Thomas Cook foi a primeira pessoa a agenciar uma viagem. Em 1841, ele fretou um trem para transportar cerca de 570 pessoas que iam de Leicester para um encontro contra o alcoolismo em Loughborough, Inglaterra. Dessa forma ele conseguiu comprar as passagens por uma tarifa reduzida e durante a viagem ofereceu serviço de bordo. Por isso é considerado o "pai da atividade turística moderna".

[17] O trem foi o primeiro veículo responsável por essa massificação.

[18] Essas distinções são responsáveis, inclusive, por diferenciações taxonômicas como a categoria excursionista, que se refere às viagens de um dia, realizadas, majoritariamente, pelas classes menos abastadas. Para uma discussão mais aprofundada sobre esses mecanismos de segregação entre viajantes, ver Adyr Balastreri Rodrigues (1999).

lhes falta, em outras paragens. Krippendorf (1989) afirma que a viagem de turismo torna o cotidiano suportável e ajuda os indivíduos a sobreviver.

Entretanto, os empreendedores do turismo, ao longo de mais de um século e meio de sua institucionalização, desenvolveram uma instrumentalização do que merece e do que não merece ser visitado. O olhar do turista[19], nos termos de Urry (2001), foi adestrado e sistematizado. Apesar de variar segundo o grupo social e o período histórico, o alvo desse olhar sempre possui um equivalente mercadológico. O marketing turístico cuidou para produzir imagens atraentes e vendáveis dos destinos, visando fazer com que, a um só tempo, o turista vivencie algo extraordinário, mas que também o faça "sentir-se em casa".

Os turistas contemporâneos[20], desse modo, viajam a procura de "pseudo-acontecimentos", da autenticidade imagética, pois são instigados por imagens propagandísticas, novelescas e prosaicas dos destinos turísticos, repletas de caricaturas, clichês e estereótipos que criam neles um "sistema de ilusões" (Urry, 2001). Tal demanda pressiona os *media* e as comunidades receptoras a "produzir exibições" estandardizadas e, se tratando de Brasil, tropicalizadas, que retroalimentam a insaciedade dos olhares perdidos do turista em busca do exótico. Essa conformação dá luz a um *habitus*[21], nos termos de Pierre Bourdieu (1994), que chamamos de *habitus* turístico.

---

[19] Urry (2001) diz que os turistas são seres semióticos, pois os signos que seu olhar captura são interpretados como representações do todo. Silveira, aproximando-se dessa idéia, classifica o turista como um *voyeur*, posto que observar "*se torna um modo de ser e de consumir"* (2007: 116).

[20] Refiro-me aqui ao turista institucionalizado, isto é, que utiliza-se de todo o aparato mercadológico (agências de viagem, rede hoteleira, guia de turismo etc.) durante suas viagens.

[21] Bourdieu define *habitus* como sendo um *"sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e as representações que podem ser objetivamente 'regulamentadas' e 'reguladas' sem que por isso sejam o produto de obediência de regras, objetivamente adaptadas a um fim, sem que se tenha necessidade da projeção consciente deste fim ou do domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação organizadora de um maestro."* (1994: 15)

A interação, presente na maioria das viagens turísticas[22], entre turistas e população local é mais um dos produtos oferecidos pela "indústria" do turismo. Em muitas ocasiões, a comunidade receptora integra a paisagem vendida pelo marketing turístico e, assim, durante a sua estada, o viajante deseja comprovar a existência daquelas personagens. Dessa forma, a "indústria" do turismo lança mão, como afirma Silveira, de um processo de "vitrinização", transformando *"os nativos, seus modos de ser, de construir, habitar e morar em 'vitrines' para uma observação parecida com um zoológico social e cultural"* (2007: 25)[23].

Como esse panorama implica uma invasão do cotidiano dos autóctones, esses tratam de construir bastidores, que permanecem anônimos frente a essa "autenticidade encenada" [24] (MACCANNELL, 1973). Há, portanto, uma incorporação consciente e astuciosa do exotismo pela comunidade receptora, que, identificando os alvos do olhar do turista, manufatura o autêntico, tirando o maior proveito possível dessas situações de contato.

> O desenvolvimento de uma atração turística construída resulta do modo como reagem aqueles que estão sujeitos ao olhar do turista, não só para se protegerem de invasões em sua vida nos bastidores, como para tirarem vantagem das oportunidades que isso apresenta para um investimento lucrativo (URRY, 2001: 25).

Logicamente, as relações entre hospedeiros e hóspedes variam de acordo com o fluxo de turistas no destino, o grau de organização da "indústria" do turismo local, o efeito deste setor econômico sobre as atividades tradicionais, as diferenças econômicas entre visitantes e visitados, as intervenções do Estado, entre outros. Mas, o certo é que essas situações de contato são marcadas pela flutuação do poder, ou seja, não só o (a) turista exerce poderes

[22] Digo isso, pois, em alguns casos, os turistas isolam-se da comunidade local, cerrando-se nos *resorts*, verdadeiras bolhas, que dispõem de todas as facilidades imagináveis, de restaurantes a butiques, de complexos de lazer a academias de ginástica. Ver: Carla Borba (2006).

[23] Jost Krippendorf (1989) qualifica esse fenômeno como a "síndrome do zôo".

[24] Um interessante exemplo disso é dado por Pierre Clastres, em um texto chamado "O Atrativo do Cruzeiro" (2004).

sobre a comunidade receptora, seus membros também dispõem de artifícios, usados a seu favor, influenciando a movimentação e as decisões dos forasteiros, como veremos no caso das interações afetivo-sexuais entre homens *nativos/locais* e turistas estrangeiras, que se dão na Praia da Pipa - RN.

Uma Hermenêutica Antropológica do Turismo Sexual

A viagem, desde seus primórdios, foi construída como uma atividade generificada, no caso, como uma atividade tipicamente masculina, já que era ao homem que pertencia o ambiente extra-doméstico. Portanto, do mesmo modo que a ele cabia decidir sobre os rumos da política, realizar as atividades economicamente produtivas, venerar abertamente seus deuses, decretar leis, ou seja, administrar tudo o que era referente ao espaço público, coube a ele também desbravar novas terras, interagir (comercializar, conquistar, guerrear) com outros povos, conhecer distintas culturas, fornicar com outras mulheres... Enfim, o certo é que desde Heródoto, na Era Clássica, passando por Marco Pólo, pelas Cruzadas e peregrinações, na Idade Média, pelas Grandes Navegações, pelo *Grand Tour* da nobreza européia, pelos primórdios da etnografia, no século XIX, pelo exílio artístico, e até pouco menos de um século atrás, a viagem, se não como um todo, mas certamente em sua vasta maioria, era um privilégio masculino.

> In many societies being feminine has been defined as sticking close to home. Masculinity, by contrast, has been the passport for travel. Feminist geographers and ethnographers have been amassing evidence revealing that a principal difference between women and men in countless societies has been the licence [sic] to travel away from a place thought of as 'home' (ENLOE, 2000: 21).

A mulher que, sem companhia, se aventurasse numa viagem teria sua respeitabilidade posta em cheque e seria rechaçada ao limbo da desonra. De acordo, mais uma vez, com Cynthia Enloe:

> [...] women who travel are not merely creatures of privilege; nor today are they only from the Western societies. They – or their mothers – have often had to fight against confining presumptions of feminine respectability to travel away from home on their own (2000: 20).

A feminilidade estaria, então, atrelada à fixidez da casa, enquanto a masculinidade, à fluidez da viagem. E, assim, contrariamente às mulheres, os homens eram emasculados enquanto não desempenhassem atividades que os desvinculassem de seu lar.

As primeiras mulheres que se dispuseram a viajar sozinhas tiveram que fazê-lo disfarçadas de homens, para, dessa maneira, poderem realizar estes deslocamentos sem se preocupar com juízos de valor de outrem. Outra saída era o alistamento militar. As primeiras viajantes que se deslocaram ao redor do mundo sem disfarces são atualmente conhecidas como *Victorian lady travellers* (ENLOE, 2000). Essas mulheres eram, em sua maioria, brancas e de classe média, oriundas dos Estados Unidos e da Europa Ocidental. Elas estremeceram as bases da ordem social entre o fim do século XIX e início do século XX, pois além de serem mulheres que viajavam sós ou sob "insuficiente proteção masculina", elas aventuravam-se pelos lugares mais "inóspitos", considerados pela sociedade euro-estadunidense como não-civilizados (ENLOE, 2000).

Compreendemos a atmosfera de intenso exotismo quando reparamos que se tratava de mulheres ricas e brancas em terras negras e pobres. Elas de certa forma contribuíram também para a consolidação da nascente empresa imperialista, que dominava a África e a Ásia, bem como para o florescer do desejo de viajar de outras mulheres.

Ao longo do século XX, graças aos esforços e denúncias do movimento feminista, as mulheres, com destaque para as brancas de classe-média dos países centrais, começaram a se apropriar dos territórios masculinizados, com grande notoriedade para as viagens, a partir da

institucionalização do turismo. Não sem antes sofrerem estigmatizações e oposições de um discurso machista disfarçado por um tom paternalista. Foi apenas com a organização, por Thomas Cook, de pacotes turísticos "seguros para mulheres", que grande parte delas pôde saciar sua ânsia de conhecer novos climas, culturas, paisagens e pessoas, ou seja, de passar a enxergar para além dos muros do lar (cf. ENLOE, 2000).

No entanto, o turismo continuou a ser experienciado, em regra, pelos homens dos países centrais e, durante boa parte do século passado, as mulheres dos destinos turísticos dos países periféricos foram (e continuam a ser) representadas como o suprassumo do exótico, que, de forma similar aos "paraísos" recém-descobertos, deveriam ser exploradas.

O estranhamento decorrente do encontro com a alteridade serviu de alicerce para o trabalho de *marketing* realizado pelas agências de viagens que, nos destinos dos países periféricos, costumam exotizar a paisagem e a cultura, e erotizar seus habitantes. Corriqueiramente encontram-se propagandas de destinos turísticos, como o Brasil, que unem paisagens exuberantes com imagens de mulheres em trajes sumários[25], o que contribui para a formação do imaginário dos turistas sobre esses lugares como sendo também "paraísos" sexuais.

> Sexual services in the tourism industry are today a part of a range of informal services that are solidly integrated in the tourism industry. Sex tourism is thus part of the informal package that is indirectly offered to the visitor, and sustains not only many women's households and lifestyles, but also those of men (KEMPADOO, 2004: 118).

[25] Ver artigo de João dos Santos Filho, intitulado *Por que a ação da Embratur se torna preocupante para a formulação de políticas internas em turismo?*, no qual classifica a ênfase dada ao turismo internacional como reveladora de uma *"dependência de um tipo de forma colonialista"* e afirma que: "*A idéia de vender uma imagem de fetiche sobre o Brasil para os estrangeiros faz a Embratur desenvolver e priorizar uma publicidade focada para a mulher brasileira e sua beleza estética, como podemos perceber nos estampados dos posters da Embratur, de 1966 até 1986 [...]"* (2005: 4). Ver Anexo I: O uso do corpo feminino como atrativo pelo marketing turístico brasileiro.

O turismo emergiu, então, como a moderna via de escape para a realização dos "fetiches" sexuais dos homens das nações centrais. Crentes de sua superioridade racial, cultural e de gênero, os turistas deslumbravam-se com "fantasias" de poder e de identidade (MOORE, 2000) experienciadas nesses contextos de férias e, devido à distância, deliciavam-se com a possibilidade de não serem importunados pelo puritanismo ocidental nem pela ideologia feminista, que tanto inibem e ameaçam a masculinidade hegemônica.

Sentindo-se acuados, com sua masculinidade questionada pela ocupação feminina dos espaços públicos, conquista da independência econômica das mulheres e pela maior negociação no interior dos relacionamentos afetivo-sexuais com suas compatriotas, os homens ocidentais encararam os países periféricos como enclaves, elos perdidos portadores da "essência" feminina negada por suas conterrâneas e passaram a enxergar o turismo sexual como o novo veículo de acesso a uma superioridade de gênero que parecia estar se perdendo.

Um outro elemento que atrai muitos homens dos países ricos a engajarem-se em relacionamentos com mulheres dos países pobres é que, neles, o sexo mercantil possui um caráter informal, diferentemente das profissionais do sexo euro-estadunidense. A fronteira entre ofício e intimidade é borrada e as condições do contrato não são estabelecidas claramente, o que finda por aparentemente eliminar sua dimensão econômica.

> This explains how men who are not and would not dream of becoming prostitute users back home can happily practice sex tourism (the 'girls' are not really like prostitutes and so themselves are not really like clients, the prostitution contract is not like the Western prostitution contract and so does not really counts prostitution) (DAVIDSON & TAYLOR, 1999: 43).

Interditos comuns ao sexo mercantil como o beijo na boca, nos seios, o andar de mãos dadas e o descarte do uso de preservativos, algumas vezes não são encontrados nesses relacionamentos sexual-afetivos binacionais, o que revela-nos a manipulação sagaz dos traços de trivialidade pelas mulheres autóctones. Isso contribui, todavia, para a essencialização de

algumas representações do feminino "terceiro-mundista". Kamalla Kempadoo nos informa quanto à construção desse imaginário estereotipado sobre as caribenhas:

> The highly sexualized image of Caribbean women held by sex tourists rests on an assumption 'that local girls are really hot for it', and the women's 'highest ambition is to be the object of a Western man's desire', that after all, the women 'are doing what just comes naturally' to them (KEMPADOO, 2004: 123).

A percepção do turista, refletido nesse relato, rearticula o exotismo, e as diferenças raciais e culturais emergem como fatores de atratividade, que, de forma contrária, em seus países de origem parecem ser motivos de repulsa. São essas diferenças que embasam a comparação entre as mulheres dos seus países de origem e as mulheres dos destinos turísticos do "Terceiro Mundo". As primeiras, majoritariamente de peles claras, são consideradas frias, exigentes, impessoais, recatadas e independentes. Enquanto que as outras, em sua grande parte, de peles escuras, são tidas como cálidas, sensuais, dependentes, submissas e hipersexualizadas.

> Although sex tourists are a heterogeneous group in terms of their background characteristics and specific sexual interests, they share a common willingness to embrace this hierarchical model and a common pleasure in the fact that their Third World tourism allows them either to affirm their dominant position within a hierarchy of gendered, racialized, and economic power or to adjust their own position upward in that hierarchy (DAVIDSON & TAYLOR, 1999: 52).

Para Caren Kaplan (1996), o Ocidente sofre com uma propensão a encarar outras localidades como marcadores da realidade e do autêntico, como uma face que remete às origens da atual configuração das sociedades euro-estadunidense modernas. Como vimos acima, essa inclinação atualiza e reforça preconceitos em relação ao Outro étnico e racializado, não apenas quanto a um Outro *engendered*, bem como resgata oposições

hierárquicas do tipo natureza-cultura, primitivo-civilizado, ocidentais-não-ocidentais, peles claras-peles escuras.

É importante lembrarmos, de todo modo, que o chamado turismo sexual assume inúmeras formas, é motivado por uma rede complexa de fatores e permite uma ampla gama de arranjos na relação turista-autóctone.

Por conseguinte, assim como a atividade turística, em geral, deixou de ser um monopólio masculino, as mulheres, em sua grande parte dos países centrais (onde as conquistas feministas foram mais expressivas), atualmente também estabelecem interações afetivo-sexuais com homens naturais/adventícios dos destinos turísticos que freqüentam. Os termos em que essa versão se dá são semelhantes à sua forma mais visível: no Caribe, por exemplo, os países emissores e receptores são praticamente os mesmos (DAVIDSON & TAYLOR, 1999), ademais, as representações de masculinidade e feminilidade reproduzem estereótipos similares. Mas o que desejamos saber, a partir do contexto pipense, descrito no início desta introdução, é: quais as efetivas mudanças ocorridas no resultado dessa equação quando a ordem dos fatores é alterada? Como esse novo fenômeno (o *turismo sexual feminino*), que desestabiliza representações de gênero cristalizadas de maneira doxa (BOURDIEU, 1983), é vivenciado e significado por seus parceiros? Quais as táticas utilizadas pelos membros da comunidade receptora, que se envolvem nessas redes de sociabilidade, para tirar proveito dessas interações binacionais? O que essas turistas buscam? Como se dão esses relacionamentos? O que a comunidade receptora pensa sobre esse fenômeno?

Procedimentos Metodológicos

A presente pesquisa foi realizada através de uma imersão profunda no contexto do estudo, a Praia da Pipa - RN. A vivência junto aos sujeitos da pesquisa foi fundamental para o acesso às informações centrais e ao *"ponto de vista nativo"* de que tanto fala Bronislaw

Malinowski (1978). Por tratar-se de um estudo de caso, de caráter descritivo-exploratório, fez-se necessário recorrer a fontes primárias, sendo a observação participante e as entrevistas semi-estruturadas, as técnicas principais de coleta de dados. As experiências e informações cedidas durante a etnografia foram devidamente relatadas no diário de campo. As anotações feitas nessa ferramenta etnográfica referiram-se a descrições de tudo aquilo que o observador-pesquisador considerou relevante para o desenrolar da pesquisa. Malinowski (1978), em *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, afirmava que é necessário o registro de tudo o que o campo lhe apresenta, pois as coisas que aparentam ser descartáveis mostram-se, deveras, de importância essencial ao trabalho.

Vale salientar, porém que, e aqui fazendo coro com o que Clifford Geertz (1989: 4) já lembrava, não se buscam leis ou verdades universais e incontestáveis, pois a antropologia não se trata de uma ciência experimental, mas sim de *"uma ciência interpretativa, à procura do significado."* Foi necessário cuidado na interpretação das ações dos sujeitos da pesquisa, estando atento para os seus detalhes, que poderiam vir a modificar as rotas do estudo, realizando, consequentemente, uma "descrição densa", nos termos de Geertz (1989), em contraposição ao que seria uma descrição superficial, que se contenta com as evidências. É preciso distinguir, por exemplo, o ato de fumar um cigarro pela simples necessidade que causa o vício, e o ato de fumar para fazer charme e atrair a atenção de uma mulher. A descrição densa, portanto, orienta-se por uma *"hierarquia estratificada de estruturas significantes"* (GEERTZ, 1989: 5).

Tem-se consciência das limitações do trabalho, que se assemelha a uma fotografia em "3D", a um registro localizado, espacial e temporalmente, que não consegue dar conta de todas as contingências do campo, mas que, por outro lado, não restringiu-se ao que estava em primeiro plano. Criou-se, assim, em alguns momentos, um modelo ideal, baseado num envolvimento intersubjetivo com os interlocutores e no registro das múltiplas vozes. Contudo,

sabe-se das dificuldades dessa transição do vivido e experienciado para a escrita. Afinal de contas, trata-se de uma verdade orquestrada em meio a tantas outras interpretações também verossímeis (CLIFFORD, 2002).

Refletindo sobre um novo modo de compreensão e prática da etnografia, James Clifford (2002: 33) diz: *"Entendida de modo literal a observação participante é uma fórmula paradoxal e enganosa, mas pode ser considerada seriamente se reformulada em termos hermenêuticos, como uma dialética entre experiência e interpretação."*

Para se efetuar a leitura de uma cultura, isto é, visando atingir as *"expressões permanentemente fixadas"* dela, é necessário a participação pessoal. Construir um modo comum de significados, a partir de estilos intuitivos de sentimento, percepção e inferências. Mas a experiência sugere um conhecimento cumulativo e está intimamente ligada à interpretação. Para Clifford (1998) é necessário conceber a etnografia como uma negociação construtiva entre dois ou mais sujeitos conscientes e politicamente significativos.

Foi precisamente via observação participante que se tentou capturar as performances de gênero que tanto os atores sociais locais quanto as mulheres estrangeiras articulam nesses roteiros de interação afetivo-sexuais. Buscou-se circular pelas principais áreas do distrito da Pipa em que o flerte e as táticas de sedução eram utilizadas, isto é, de dia na praia mais badalada entre os (as) estrangeiros (as), a da Ponta do Madeiro, onde também trabalham alguns desses *nativos/locais* (a maioria dos que foram entrevistados nessa praia ofereciam aulas práticas e teóricas de surf), e, à noite, na rua principal, onde as coisas acontecem. Queremos dizer: é nessa via que encontram-se a maior parte dos estabelecimentos de restauração[26] e entretenimento, e onde as pessoas se concentram para conversar, beber, ver e ser visto. As conversas informais foram, em sua maioria, estabelecidas também nesses dois

[26] Trata-se de um termo técnico da área do turismo, referindo-se aos equipamentos de alimentos e bebidas.

ambientes. Todavia, não me restringi apenas a eles, freqüentando espaços que eram mais usuais apenas para a "nativada", como eles próprios costumam dizer.

Durante o período, de certa forma limitado, compreendido em três meses não-consecutivos - 15 dias em julho de 2007, do fim de dezembro de 2007 ao começo de março de 2008 e mais uma quinzena em julho do mesmo ano - realizou-se o trabalho etnográfico da referida pesquisa. Fez-se necessário o uso de abstrações teóricas, via categorias antropológicas, para atingir o cerne daquilo que se questionava. A abstração científica é uma ferramenta que direciona a pesquisa e articula dados complexos.

Trabalhar com a temática do mercado de sexo e das parcerias afetivo-sexuais em contextos de viagem - no caso, sendo os homens da Praia da Pipa a disponibilizarem-se afetivo-sexualmente às mulheres estrangeiras - evidencia o quanto o campo possui suas próprias implicações reflexivas que, na maioria das vezes, chocam-se com a teoria e o senso comum que o pesquisador leva consigo. Esses novos elementos que a pesquisa de campo traz alimentam e renovam o aporte teórico. Assim, pensar o mercado de sexo como uma atividade feminina e o consumo de seus serviços como uma atividade unicamente masculina e masculinizadora não correspondem mais à realidade, já que em Pipa, os atores ocupam posições contrárias ao que é comumente divulgado. Mariza Peirano (1992) afirma que o potencial de riqueza antropológica está na sensibilidade do etnógrafo para o confronto e o diálogo entre as teorias acadêmicas e nativas. Essa tensão é positiva, porque a reanálise na antropologia é uma qualidade, e se dá no antropólogo, a partir de seus interlocutores interiorizados.

Apesar do destaque ao uso da técnica da observação participante, não foi preciso tornar-se um *caça-gringa* (categoria êmica), seguindo o exemplo de Loïc Wacquant (2000), que para estudar a mercantilização e exploração dos lutadores profissionais de boxe de Chicago, tornou-se um *boxer*. Mas buscou-se o convívio intenso entre esses sujeitos,

procurando perceber em que e como minha presença influenciava na conjuntura do campo e no cotidiano dos sujeitos da pesquisa, e de que modo isto poderia ser utilizado positivamente no momento de minha análise.

Além da observação participante, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com 10 (dez) atores sociais diretamente envolvidos nas relações afetivo-sexuais com estrangeiras, compreendendo autóctones e adventícios (oriundos dos estados da Paraíba e de Pernambuco), visando fazer um levantamento de seu perfil sócio-econômico, de suas trajetórias de vida, identificando os momentos-chave e as situações de passagem que implicaram mobilizações forçadas dos atores - as reviravoltas da história particular, as bifurcações da trajetória de vida, as mudanças de orientação - (GOTMAN, 1992), com destaque para seus relacionamentos afetivo-sexuais com conterrâneas e estrangeiras. Através desses diálogos foi possível apreender como eles representam e significam estes relacionamentos e como ele é valorizado frente às demais combinações (a saber, com as suas conterrâneas e com outras mulheres brasileiras). As narrativas orais desses interlocutores serviram ainda como via de acesso às trajetórias daqueles sujeitos que atualmente encontram-se morando no exterior como conseqüências desses encontros e que, por razões geográficas, não puderam se colocar diretamente.

Esses homens são, em sua grande maioria, de pele escura (negra ou bronzeada), vindos das camadas médias baixas da estratificação social local, com baixa formação educacional, instabilidade empregatícia e baixo capital cultural. A faixa etária deles variou entre 22 e 31 anos. A escolha dos entrevistados foi feita nos moldes de uma "amostra" por conveniência.

Quanto às turistas estrangeiras envolvidas nesses relacionamentos, foram realizadas apenas 03 (três) entrevistas (com uma espanhola, uma argentina e uma portuguesa), que serviram de contraponto às informações cedidas pelos *nativos/locais*. Buscou-se, do mesmo modo, levantar seu perfil sócio-econômico e cultural através também de entrevistas semi-

estruturadas, mas desta vez não tendo o foco na coleta dos dados sobre suas trajetórias de vida, e sim sobre seus históricos de viagens, as motivações para a realização desses deslocamentos e compreender como esses relacionamentos com *nativos/locais* pipenses são por elas significados. Elas possuem peles claras e outras marcas corporais que as distinguem da conformação local, possuem um maior acúmulo de capital financeiro e cultural, e têm 31, 32 e 42 anos, respectivamente[27]. A escolha dessas mulheres foi motivada pelo fato do pesquisador ter conhecimento prévio de que elas haviam se relacionado com os homens que conformam o grupo acima citado, e, em dois dos casos, acompanhado de perto a construção desses relacionamentos.

Foram ainda realizadas 03 (três) entrevistas com membros da população antiga da praia, para captar como era a vida em Pipa antes do advento do turismo e como esses moradores interpretam as mudanças trazidas por essa atividade, sobretudo quanto às relações de gênero. Do mesmo modo, outras 02 (duas) entrevistas foram feitas com dois jovens moradores que não participam desses itinerários de sociabilidade e como eles viam a multiplicação desses relacionamentos binacionais locais.

Alguns nomes dos entrevistados e das pessoas que participaram das conversas informais foram mantidos no anonimato em respeito a pedidos feitos, mas também para evitar que algumas de suas declarações venham a lhes prejudicar. Outros, no entanto, mediante autorização[28], foram mantidos.

Todas as entrevistas foram gravadas e os dados foram analisados qualitativamente, oferecendo destaque às análises dos discursos, que foram contrapostas às hipóteses formuladas previamente. As trajetórias de vida desses homens e das turistas estrangeiras passaram por duas análises: a análise por entrevista, que se justifica pelo estudo de processos,

[27] Ver Apêndice I: Quadro Sócio-Econômico, que traz informações gerais sobre os homens e as mulheres que empreendem essas interações binacionais.

[28] Ver Apêndice VI.

modos de organização individuais, na medida em que são reveladores de uma teoria de processo biográfico; bem como, a análise temática, que recorta todas as falas a partir de temas recorrentes. Esse processo foi orientado por uma matriz de análise (instrumento explicativo) que hierarquizará os temas (GOTMAN, 1992).

A observação participante e os diálogos informais com homens e mulheres, autóctones e turistas, envolvidos ou não nesses circuitos de sociabilidade, permitiram vislumbrar as táticas de conquista, a construção corporal, a fluidez dos significados atribuídos a essas parcerias de acordo com o contexto, os objetivos implícitos nesses encontros, as práticas sexuais valorizadas, entre outros. Assim como, as representações que uns fazem em relação aos outros, com base nos principais eixos de poder (nacionalidade, gênero, classe, sexualidade, cor, etc.).

Ao longo de todo o processo de construção dessa pesquisa, um de seus principais focos foi a feitura de um levantamento bibliográfico de autores (as) que vêm trabalhando com a questão do mercado de sexo e do turismo sexual, da construção da corporalidade e sexualidade brasileiras contrapondo-o às representações da brasilidade performatizadas pelos *nativos/locais* e valorizadas e divulgadas pelas estrangeiras, bem como às interpretações elaboradas pelos demais agentes envolvidos.

O trabalho que se segue assenta-se, então, numa base teórica ainda em vias de consolidação, e é guiado pela abordagem dos novos elementos que surgem a partir da inversão e imbricamento das representações sociais, tradicionalmente postas, do masculino e feminino, tratando também de outros temas complexos como sexualidade, interseccionalidade entre distintos eixos de poder, agência e estrutura.

O primeiro capítulo, intitulado **DA PROSTITUIÇÃO CULTUAL AO SEXO MERCANTIL**, faz um resgate histórico de como o mercado de sexo foi sendo significado ao longo do processo civilizatório ocidental, dos mais longínquos registros desta prática,

passando pela exegese feminista e desembocando na atual multivocalidade e pluralidade de suas configurações. Esse retrospecto tenta compreender como se deu a construção do duplo padrão moral (GIDDENS, 1993), que rege a sociedade ocidental e através de que mecanismos as mulheres passaram a subverter a ordem de gênero vigente, assumindo os espaços públicos e certos princípios de agências, tidos tradicionalmente como masculinos. Veremos que uma das conseqüências dessa atitude foi a sua inserção em itinerários afetivo-sexuais desligados da idéia de amor e romance.

No segundo capítulo, **A ROTINA ANTES DO PARAÍSO**, descrevemos e analisamos, através das falas dos antigos moradores, como se deu o processo de turistificação da Praia da Pipa – RN, como ele transformou o cotidiano de seus habitantes e por quais meios a comunidade receptora se apropriou dos elementos da atual estrutura da conjuntura (SAHLINS, 2003). Num segundo momento, debruçamo-nos sobre as mudanças ocorridas nas relações de gênero, destacando seu teor performativo e enfatizando como a população antiga interpreta essas alterações.

O terceiro capítulo (**O MELHOR DO BRASIL É O BRASILEIRO**), trabalha com questões sobre como a noção de uma brasilidade sensualizada e sexualizada foi sendo construída ao longo de nossa história. As marcas corporais e a interseccionalidade entre alguns eixos de poder (como cor, nacionalidade, gênero, sexualidade, etc.) emergem como artifícios fundamentais para se pensar até que ponto as diferenças podem estimular a atração ou a repulsa e quando elas se tornam produtoras de desigualdades. Um outro elemento analisado nesse capítulo diz respeito às representações nacionalizadas de gênero, às práticas corporais e sexuais que fazem com que os homens pipenses sejam valorizados em relação aos tipos de masculinidade estrangeira e, por sua vez, com que a feminilidade de determinados países seja valorizada frente à local.

O quarto, e último, capítulo, **A COERÊNCIA DAS AMBIGUIDADES**, prende-se à análise interpretativa das parcerias entre homens *nativos-locais* e turistas estrangeiras e traz à tona suas falas, almejando apresentar como eles e elas os significam frente às demais combinações afetivo-sexuais, bem como para saber de que maneira interpretam-nos, isto é, como vêem a si mesmo e aos (às) seus (suas) parceiros (as).

Este capítulo avança a discussão sobre o mercado de sexo e o turismo sexual, pois, além de se debruçar sobre uma conformação em que os atores sociais estão posicionados inversamente, leva em conta a presença do romance e da prescindibilidade da mediação monetária nesses encontros (PISCITELLI, 2001). Ao mesmo tempo em que o insere num contexto de relações de trocas-dádivas (MAUSS, 2003; SAHLINS, 1983; LEACH, 1982), ressaltando as motivações materiais e simbólicas destes intercâmbios.

As idéias de táticas de movimentação cotidiana, de Michel De Certeau (2007), e de representação cínica, de Erving Goffman (1985), são aqui alçadas para demonstrar como a subversão subreptícia da ordem e o poder de agência são mecanismos que estão ao alcance dos “fracos”.

Uma autora que estrutura transversalmente nosso debate é Henrietta Moore (2000), que com suas noções de processualidade das identidades de gênero, mostra como os sujeitos obedecem, resistem, mesclam, assumem e investem em discursos de gênero, dominantes e/ou alternativos, visando alcançar vantagens pessoais, de acordo com as posições de sujeitos disponibilizadas e limitadas pelos contextos sociais.

CAPÍTULO I

DA PROSTITUIÇÃO CULTUAL AO SEXO MERCANTIL

Para dar início à esmiuçada análise de uma emergente faceta dos complexos trânsitos orgiásticos (MAFFESOLI, 2001) da contemporaneidade (proposta norteadora deste trabalho), que mescla de maneira inovadora duas instituições tão polêmicas quanto o mercado de sexo e as interações afetivo-sexuais em contextos de viagem turística, torna-se imperativo realizarmos uma contextualização histórica, a partir de análises sócio-antropológicas, de cada uma delas. Em outras palavras, é imprescindível revelar como a sociedade ocidental lidou de forma cambiante com a objetificação e posterior mercadificação das práticas sexuais, designando a mulher (o gênero sem desejo) como o ser desejável, cobiçado, tentador, perigoso, alienado e explorado "por natureza". Do mesmo modo, orientando-nos por uma perspectiva relacional, não podemos nos esquivar da investigação do processo pelo qual o homem recebeu o privilégio de ocupar o espaço público e com isso a possibilidade de construir uma vida dupla, em que as experiências, inclusive afetivo-sexuais, vivenciadas nessa dimensão, não afetariam a sua reputação enquanto "chefe de família" nem sua honra individual. Dessa maneira, a ele foi concedido também o direito de se deslocar mundo a fora e de "consumir serviços sexuais" em contextos de viagem, prática popularmente conhecida como turismo sexual. Frente a esse contexto, presenciamos a emergência de um fenômeno que coloca em questão algumas crenças, impregnadas no senso comum, de maneira doxa (BOURDIEU, 1983), sobre os papéis sociais do masculino e do feminino, denunciando a vulgaridade das representações de gênero, entendidas como naturais, e que exige a revisão de algumas formulações teóricas referentes àquelas duas instituições supracitadas.

1.1 Prostituição: Parceiros e Parcerias (uma História ainda "Mal-Contada")

Michel Foucault (2007) deixa claro que apenas durante o período moderno, mais precisamente a partir da Era Vitoriana, a sexualidade foi alvo de "jogos de verdade" e vista

como reveladora da essência do ser de todos os sujeitos. Não obstante, a sexualidade e, com freqüência, o sexo trocado por dinheiro ou outras benesses foram temáticas sobre as quais inúmeras culturas se debruçaram e dissertaram. Como em outros domínios referentes à sexualidade, vastos significados foram atribuídos àqueles referidos câmbios.

Quanto ao utilitarismo das práticas sexuais, Emma Goldman (1977) afirma que o historiador Heródoto (485 e 420 a.C.) proclamava que toda mulher deveria pelo menos uma vez na vida oferecer-se a um desconhecido em troca de dinheiro, sendo esta uma atitude de reverência à deusa Vênus. Outras informações sobre estes primeiros registros remetem-nos à antiga Mesopotâmia. Segundo a historiadora Gerda Lerner (1986 *apud* SEP[29], 2004), nessa região havia cultos que envolviam serviços sexuais, assim como na Babilônia, onde rituais de fertilidade eram constituídos por ofertas de serviços sexuais aos deuses e deusas. Nesse tempo, o sexo transacional era uma prática sagrada, mas logo uma versão secular passou a ser desenvolvida no entorno dos templos. Georg Simmel, em Filosofia do Amor, obra escrita no início do século XX, ratifica as informações dessa historiadora:

> Entre os lídios da Antiguidade, segundo Heródoto, as moças se ofereciam por dinheiro, para formar um dote; em muitas partes da África, o mesmo costume prevalece ainda hoje e não debilita o respeito devido às moças – entre as quais encontram-se, não raro, as princesas reais -, como tampouco impede-as de se casarem e se tornarem mulheres absolutamente honradas. [...] E essa conduta se eleva tão alto na ordem moral, que até se vê aparecer uma **prostituição cultual** – uma entrega de si cuja renda será, de fato, destinada ao tesouro do templo, como Estrabão relata acerca das moças da Babilônia (SIMMEL, 2001: 4). (Grifo meu).

Tendo como referência a sociedade ocidental, pode-se dizer que a transformação das práticas sexuais em objetos imbuídos de um valor de troca é simultânea a seu processo civilizatório. Recorrendo a Havelock Ellis (1910) e tentando exatamente alertar-nos que a relação entre a transação sexual e o sagrado não havia ficado restringida às civilizações da

[29] Sigla para *Standford Encyclopedia of Philosophy*.

antiguidade e/ou às não-ocidentais, Goldman (1977) diz que essa atividade chegou a ser uma instituição organizada pelos sacerdotes católicos do medievo, tendo como objetivo a incrementação da renda pública, o que ressalta a idéia de um aspecto utilitário[30]. O Cristianismo, percebendo a rentabilidade, bem como visando o controle dos chamados comportamentos desviantes, gerados pela demanda por sexo além da esfera matrimonial, explorou a sua objetificação, assumindo, assim, por certo tempo o papel de "sagrado" e "legítimo" cafetão: o Papa Clemente II (século XI) tolerava esse mercado com a condição de que as mulheres "públicas" doassem parte dos seus ganhos à Igreja, enquanto que o Papa Sixto IV (século XV) taxava diretamente os bordéis (GOLDMAN, 1977).

Todavia, ao contrário do que ocorria naquelas antigas sociedades, a mulher ao prestar tais "serviços sexuais" perdia todo o seu valor no mercado matrimonial, mas, por outro lado, servia para manter e realçar o valor da castidade daquelas que a essa prescrição se subjugava. De fato, mulheres "públicas/comuns", segundo Jaques Rossiaud (1991), possuíam uma dupla função social: elas saciavam os impulsos sexuais dos homens e evitavam que, devido a esses mesmo "naturais" e incontroláveis impulsos, outras mulheres fossem desonradas, maculadas. Rossiaud ressalta que além dessa responsabilidade social, elas resguardavam também um encargo moral, haja vista que a elas era delegada a manutenção de parte da ordem coletiva.[31] As mulheres comuns contribuíam para defender a honra das mulheres de posição, do mesmo modo que tinham como função, assumida sob juramento, denunciar os homens adúlteros, canalizar a energia dos jovens e estrangeiros, evitando que desembocassem em atitudes

[30] Jaques Rossiaud (1991) faz um estudo mais detalhado sobre como a Igreja Católica e a Administração Pública dos reinos medievais mantiveram íntimas relações com a crescente mercantilização do sexo. Centrando sua análise sobre a sociedade francesa do século XV, ele desvenda como essas duas instituições foram, a um só tempo, usuárias, defensoras e beneficiárias diretas desse negócio. Tais revelações servem para mostrar o quão recente é esse clima de pânico moral que se instaurou no Ocidente diante do mercado de sexo.

[31] Arriscamo-nos a dizer que ainda hoje são essas algumas das razões que fazem o sexo mercantil ser tolerado e, em outros locais, incentivado.

agressivas ou crimes de maior gravidade, além de tornar público comportamentos indecorosos de mulheres casadas e esposas depravadas (ROSSIAUD, 1991).

Percebe-se que entre os séculos XIII e XV, a *prostituição*[32] e a alcovitagem não provocavam uma desaprovação social, ao contrário disto, elas eram instituições que serviam para manter a estabilidade financeira e social das unidades administrativas medievais.

A Igreja, nesse mesmo período, distinguia duas categorias de fornicação: a fornicação simples, consumada com mulheres "públicas", o que não representava uma consequência grave em matéria espiritual, e a fornicação qualificada - que envolvia casos de incesto, sodomia, adultério, bestialidade, rapto etc. -, a qual deveria receber severa reprovação e punição. Para as mulheres, em oposição, não havia essa distinção, sendo que qualquer conúbio realizado fora da instituição matrimonial era digna de todo tipo de reprovação, fosse ela religiosa ou social (ROSSIAUD, 1991), o que mostrava desde já a conformação de um duplo padrão moral (GIDDENS, 1993).

Às mulheres cabiam apenas duas imagens maniqueístas: a de pura e a de *puta*. A primeira remetia ao simbolismo da Virgem Maria - casta, mãe dedicada e companheira fiel, que não é acometida pelos mesmos mandos da natureza que tanto alvejam os homens e justificam sua sexualidade disparatada. A outra representação estava atrelada à Maria Madalena e, assim como esta, era passível de arrependimento e remissão dos pecados, testemunhos de fé e salvação. Essa divisão se perpetuará ao longo dos séculos, contudo a salvação apresentar-se-á cada vez mais distante para as mulheres "públicas", à medida que o discurso católico sofre um forte recrudescimento em resposta à Reforma Protestante.

O comércio sexual, que era uma dimensão fundamental da sociedade medieval, passa então a figurar como decadência escandalosa dos valores morais a partir da emergência do

[32] Colocamos aqui o vocábulo em destaque, pois o conceito de prostituição só irá surgir no século XIX, segundo a socióloga Laura M.ª Agustín (2005). Contudo, em certos momentos não foi possível encontrar um termo que o substituísse sem perder a lógica do raciocínio. Portanto, sempre que tal termo surgir nessas circunstâncias e na tentativa de atenuar essa berrante anacronia, o colocaremos em itálico, como estando "sob rasura" (HALL, 2007).

absolutismo monárquico, da Reforma Protestante de Martinho Lutero, no século XVI, e do apogeu do Renascimento. Essa atividade começa, daí em diante, a ser encarada como uma das responsáveis pela degradação da condição feminina, que lentamente vinha tomando parte do espaço cívico. A Reforma revalorizou o casal monogâmico e forçou a Igreja Católica a rever algumas de suas atitudes e prescrições, o que culminou no movimento de Contra-Reforma, fazendo com que os reformistas do catolicismo apostólico romano regressem transcendentalmente a sexualidade dos seus fiéis, mais uma vez, com maior ênfase sobre as mulheres[33]. Além disso, a Contra-Reforma passou a denunciar e punir os casos de padres que viviam em concubinato e a condenar a *prostituição* e o proxenetismo.

A irrupção da sífilis, o aumento da delinquência e a disseminação da miséria por esses centros urbanos deram o contorno final a esse contexto e serviram de pretexto para as autoridades públicas, em consonância com esse novo ideário cristão, passarem a considerar o comércio sexual um flagelo social, fonte de problemas e punições divinas. Só neste momento, a noção de sexo transacional imbrica-se às de pobreza e marginalidade. Agora, a mulher "comum" é rotulada como um ser impuro, poluidor, para usar os termos de Mary Douglas (2006), que ameaça contaminar todo o tecido social, e é amplamente, com raras exceções no mundo ocidental, empurrada sem cessar para os espaços de exclusão.

Nesta trajetória o catolicismo recorreu então a uma verticalização do seu discurso[34], num movimento que visando a eliminação das contradições internas, lançou mão de uma radicalidade, buscando a coerência do dogma, na qual a sexualidade foi, a partir de então, para

[33] Esse destaque dado à importância do cerceamento da sexualidade feminina deve-se ao fato do senso comum, influenciado pelo discurso religioso, crê que elas eram luxuriosas e insaciáveis por natureza, ao mesmo tempo, que eram as responsáveis pela reprodução e incorporação dos ensinamentos marianos. O moralismo imputado sobre a sexualidade das mulheres era tal que São Tomás de Aquino afirmava serem elas culpadas pelos pecados da carne, mesmo quando eram vítimas de estupro, e as aconselhava a se casarem com seus "sedutores", caso contrário, o matrimônio tornar-se-ia para elas uma impossibilidade e elas estariam relegadas à lascívia (ROSSIAUD, 1991).

[34] Essa decisão foi tomada durante o Concílio de Trento, no século XVI, quando, em reação ao movimento reformista do Protestantismo, foi implantada uma série de decretos disciplinadores, onde ratificou-se a unidade da fé e a disciplina eclesiástica, bem como instaurou a confissão como um dos sacramentos católicos.

a Igreja, alvo de inúmeros interditos, devendo ser convertido num elemento de padronização de práticas sexuais das populações e isento do prazer erótico como elemento constitutivo dessas mesmas práticas, o que se deu através da construção de uma filosofia dogmática, baseada numa estrutura confessional, que revela estes mecanismos como um dos veículos encontrados, para secularização de desejos e ações que não se enquandravam neste caráter funcional da sexualidade, constituída pelo, mais do que nunca valorizado, casal hetoressexual, monogâmico e fecundo (FOUCAULT, 2007).

Havia ainda um último fator que contribuiu para a consolidação dessa nova conjuntura: a emergência da burguesia. Este novo estrato social, formado inicialmente por artesãos e comerciantes, e que posteriormente abrigaria também industriários, intelectuais, liberais e as grandes corporações da economia de mercado, foi aos poucos ampliando seu poder e sua área de influência, derrubando leis e privilégios do sistema feudal absolutista, e os ideais da nobreza aristocrática.

Longe de se limitar à dimensão econômica, a burguesia disseminou sua ideologia e invadiu os campos político e social. Um bom exemplo das transformações nos processos de sociabilidade trazidos, à tira-colo, pela ascensão da burguesia, apresentado por Pedro Paulo de Oliveira (2004), é o deslocamento da expressão dos sentimentos do público para o âmbito do privado. A esfera doméstica passa a ser a arena legítima, o *lócus par excellence* para o florescer das sentimentalidades. O espaço público torna-se, em oposição, o local privilegiado para atitudes que demonstrem contenção, firmeza e auto-controle.

Dessa forma, a casa, usando a metáfora de Roberto DaMatta (2007), é a dimensão em que pode-se e deve-se externalizar as manifestações de amor e os eflúvios do desejo carnal. O amor romântico é o ideal das relações afetivas entre homens e mulheres das sociedades modernas, burguesas, estando embasado na família nuclear monogâmica, instituição que apresenta-se como um dos seus pilares centrais.

Sem a nobreza do sangue aristocrático, que prescindia de outros elementos para ser mantida, a burguesia precisava construir a sua distinção social, assim, instaurou uma nova moralidade, orientada pelos interesses dos ideários capitalista e reformista, que restringia os desejos e as práticas sexuais a uma única expressão: a heterossexual, instalada no seio do matrimônio e com fins reprodutivos.

A sexualidade, além de possuir limitações aconselhadas – que eram recriminadas e punidas, se não cumpridas - pelo discurso religioso quanto às suas práticas, está agora cerrada dentro dos muros do lar, mais precisamente nas confidentes paredes do quarto dos pais. (FOUCAULT, 2007).

É exatamente durante esse período (meados do século XVII) que os ideais de masculinidade e feminilidade são posicionados em pólos diametralmente opostos, não admitindo a transgressão de suas barreiras pelos sujeitos e repudiando qualquer espécie de confluência entre suas representações, assim, foram definidos e cristalizados os papéis e comportamentos que consubstanciariam essas performances de gênero. Portanto, para as sociedades modernas, o sinônimo de um grupo social sadio seria o daquele assentado sobre essa hiperbólica assimetria de gênero, ou seja, seria o da sociedade constituída por homens (hiper) masculinos e mulheres (hiper) femininas (OLIVEIRA, 2004).

Pode-se dizer, no entanto, que até os primeiros passos da era moderna, a Europa se via num período liminar, no qual os antigos valores já não condiziam com a ânsia burguesa por ditar seu próprio destino, e ainda não se haviam disseminado totalmente outros, que embasassem e fossem coerentes com o projeto de uma nova estandardização do comportamento social. Como afirma Michel Foucault (2007),

> [...] no início do século XVII ainda vigorava uma certa franqueza. As práticas não procuravam o segredo; e as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade. Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, da decência, se comparados com os do século XIX. Gestos

> diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo, entre os risos dos adultos: os corpos 'pavoneavam' (FOUCAULT, 2007: 9).

Como podemos ver, ao longo de todo o período pré-moderno, a sexualidade possuía um maior espaço para sua desenvoltura, afinal os indivíduos ainda não problematizavam seus desejos sob a ótica de uma moral economicista, vivenciava-se uma *ars erotica* mais que uma *sciencia sexuallis*, como diria Foucault (2007); o sexo era um fim em si mesmo, seu objetivo era a satisfação de uma pulsão erótica, e se não bradava-se aos quatro cantos os ensinamentos que dele se podia tirar, era exatamente por entendê-lo como uma ferramenta pedagógica, a qual, para não ser banalizada, exigia uma análise prévia da aptidão do pretendente e uma iniciação orientada de perto[35].

1.2 Como Pensar a Mulher, se a Sociedade é Pensada no Masculino?

A análise da construção da sexulidade a partir do viés do sexo transacional e dos modos como a sociedade com ele se relacionou ao longo de distintos períodos históricos só se torna completa quando exercemos uma reflexão semelhante sobre a construção social do feminino, pois tradicionalmente era a mulher quem deveria ocupar o posto de "servidora sexual". Logicamente, essa análise guiar-se-á pelo teor relacional que marca o processo de constituição das identidades sexuais e de gênero.

No que toca à construção de um discurso científico, a era medieval muitas vezes se mostrava como um retrocesso ao legado do período clássico, consequência direta do

[35] Percebemos a vivência desta *ars erotica* recorrendo às expressões literárias que, neste período, faziam do erotismo uma de suas principais temáticas. A exemplo do libertino escritor Marquês de Sade e do seu romance, do final do século XVIII, *A Filosofia na Alcova*, em que a jovem Eugénie de Mistival é introduzida na arte do sexo, tendo como mestres Madame de Saint-Ange e Dolmancé, dois "pervertidos", que mesclam às práticas sexuais mais transgressoras, discussões filosóficas sobre religião, política e direito (SADE, 1999). Para Sade, que tinha origem aristocrática, o sexo era um instrumento de pedagogia e libertação, que atuava contra o moralismo que contaminava toda a Europa setecentista.

cerceamento e influência exercidos pelo catolicismo, que monopolizava o conhecimento tal qual um latifúndio improdutivo. Entretanto, no que tange à fisiologia da concepção, ambos desconsideravam e/ou ignoravam a contribuição da mulher.

Se na Antiguidade Clássica, a mulher era vista apenas como um recipiente onde se depositaria a essência da vida esguichada pelo pênis[36], durante o medievo, e até o século XVIII, ela era vista como um homem invertido (onde a vagina era retratada como um pênis interno[37]) e portanto inferior e imperfeito, o que não significa dizer que não existiam papéis sociais destinados exclusivamente a homens e mulheres – o interessante e o que chama a atenção é como Thomas Laqueur (2001) nos mostra que, devido a esse modelo baseado num isomorfismo do sexo, o gênero foi, na verdade, a categoria precurssora; foi ele a categoria inicialmente naturalizada como tradução e justificativa das distinções feitas entre homens e mulheres, e das funções que cada um deveria desempenhar. Essa crença na descartabilidade da função da mulher, devido à sua incompletude, na procriação dava força à afirmação de Giles de Roma, acadêmico do século XVII: *"o chamado sêmen feminino era essencialmente irrelevante para a concepção, assim como o orgasmo feminino"* (LAQUEUR, 2001: 92).

Essa teoria já havia sido formulada séculos atrás, mas, nesse momento, ela caía como uma luva para as pretensões do catolicismo de controle dos corpos e prazeres. Pois, como para a Igreja, o sexo era visto de forma funcional, ou seja, devia ter como objetivo a reprodução e não o prazer, e a ciência médica medieval já descartava qualquer contribuição da mulher no

---

[36] Aristóteles *"comparou os homens a carpinteiros e as mulheres à madeira; um filho era gerado pelo carpinteiro na madeira."* (FRIEDMAN, 2002: 24).

[37] *"Durante milhares de anos acreditou-se que as mulheres tinham a mesma genitália que os homens, só que – como dizia Nemesius, bispo de Emesa, do século IV – 'a delas fica dentro do corpo e não fora.'. Galeno, que no século II d.C. desenvolveu o mais poderoso e exuberante modelo da identidade estrutural, mas não espacial, dos órgãos reprodutivos do homem e da mulher, demonstrava com detalhes que as mulheres eram essencialmente homens, nos quais uma falta de calor vital – de perfeição – resultara na retenção interna das estruturas que no homem são visíveis na parte externa."* (LAQUEUR, 2001: 16). Esse modelo, a que Thomas Laqueur chama de mulher-como-homem, ampliava a analogia para os outros órgãos do sistema reprodutor, assim, os lábios vaginais eram vistos como uma versão imperfeita do prepúcio, *"o útero como o escroto e os ovários como os testículos."* (LAQUEUR, 2001: 16). Inúmeros outros cientistas da época comungaram desse modelo. Não se deve olvidar que, nesse período, as dissecações eram proibidas, já que o corpo era visto como um templo sagrado. Contudo, esse modelo permaneceu, por algum tempo, mesmo após aquelas terem sido liberadas.

momento da concepção, sobre ela foi cravado o rótulo da passividade. Desse modo, o orgasmo feminino caso ocorresse durante a copulação deveria ser encarado como apenas um bônus contingente ao ato da reprodução (cf. LAQUEUR, 2001).

Ao homem, portanto, foi concedido e reconhecido o direito ao prazer de gozar, já que para a reprodução o seu gozo, materializado na ejaculação, era fundamental. Entretanto, apesar da instituição matrimonial não ser um local privilegiado para a satisfação dos prazeres nem de um nem de outro, o dever de proteger a honra da família foi destinado à mulher. Assim, enraizou-se a idéia Iluminista da mulher como um ser passivo e frígido, que era uma exata inversão das noções pré-Iluministas.

Percebemos, então, que os discursos de gênero necessitavam de algum norte que embasasse uma diferenciação entre aqueles que possuíam um "pênis para fora" e os que o tinha para "dentro", já que, num modelo de sexo único, a diferença entre homens e mulheres era de grau e não de espécie. Contudo, mesmo nesse modelo isomórfico era o homem que servia de padrão, eram sempre a sexualidade e o corpo femininos que apresentavam instabilidade e eram vistos de maneira problemática, pois neste imaginário corporéo a mulher parecia não ter atingindo o grau de evolução necessária para expor seu "membro", lhe faltava "calor vital". Como bem coloca Laqueur (2001), só a mulher parece ter gênero.

Tais referenciais servem para fundamentar o discurso social sobre a prostituição, que nos remete imediatamente a estes simbolismos e atitudes performáticas de gênero, nos quais o pênis externalizado era um símbolo de status legal e social, um certificado de maior evolução, que concedia previlégios ao seu possuidor, entre eles a permissão de penetrar na vida pública, uma dimensão completamente oposta à doméstica e que, quando vivenciada pelo homem - à excessão das questões relativas aos fatores econômicos, posto que a ele cabia o sustento da família -, pouco afetava esta última, dessa forma ele estaria livre para experienciar relacionamentos afetivo-sexuais extra-conjugais sem comprometer a honra da família.

A mulher, este ser "incompleto", ao contrário, tinha por obrigação zelar pela reputação do marido como sua, e caso empreendesse relacionamentos afetivo-sexuais num espaço que não fosse o do lar e com um sujeito que não fosse seu parceiro legítimo, estaria arriscando manchar o seio familiar com uma semente bastarda e a vida pública do seu cônjuge[38]. Com isso, a sexualidade do "homem invertido" deveria ser resguardada e limitada ao encontro íntimo e utilitário com o pênis purificado pelo matrimônio e no espaço da casa, mais precisamente do quarto (FOUCAULT, 2007). Dessa forma, as pulsões eróticas das mulheres foram intensamente sufocadas pelos papéis sociais condizentes com sua "imperfeição" e pela força da imagem pura e casta de Maria, maior expoente ocidental de um ideal de feminilidade, ao qual todas, não importando o quão inatingível ele fosse, a pulso e sem exceção, deveriam fazer jus.

Georg Simmel (2001), buscando explicações para compreender como o consumo da prostituição tornou-se uma atividade formadora do *ethos* masculino, argumenta que, diferente da mulher, existe um desencontro no homem entre sua maturidade sexual e sua maturidade intelectual, econômica e psicológica. Essas três últimas sendo essenciais para sua constituição como um sujeito apto ao casamento, um nubente, e reconhecidamente capaz de manter um lar. Portanto,

> [...] o momento em que um homem pode legitimamente possuir uma mulher é retardado cada vez mais e, como a constituição física ainda não se adaptou a esse estado de coisas, despertando aliás o instinto sexual com uma precocidade bem pouco mudada, é fatal que um aumento de cultura acarrete uma necessidade maior de prostituição (SIMMEL, 2001: 7).

[38] Isso, de certa forma, pode nos esclarecer o fato de que apenas o homem é alvo de traição, haja vista que isso se configura socialmente numa falha, numa falta de competência em manter a nobreza de sua masculinidade. Essas desaprovações sociais ocorrem, na maioria das vezes, por meio da pilhéria, da chacota – mecanismos, que segundo Émile Durkheim (2007), são próprios do fato social -, que se traduzem, no caso da cultura brasileira, no rótulo de *corno*.

Dessa maneira, a prostituição seria um "mal" necessário, já que a sociedade cobra dos homens, antes deles se encontrarem maduros o suficiente para arcarem com as expensas de um matrimônio, provas de sua masculinidade ativa e penetrante. Restando, então, às prostitutas a pecha de desviantes, repousando consensualmente sobre elas o ônus de sustentar o vício alheio, apesar deste papel ser socialmente indispensável (SIMMEL, 2001).

As prostitutas são imprescindíveis bodes expiatórios, aos quais se punem pelos "pecados" dos respeitáveis homens da "boa sociedade". Portanto, visando resguardar a honra das moças de família, "sacrifica-se" algumas milhares para saciar pulsões masculinas.

Simmel (2001) explica que frente os impulsos poligâmicos masculinos, a exigência da monogamia pela instituição matrimonial só poderá ser atendida adequadamente por *"um tipo de homem que tenha tido a oportunidade de se examinar e se conhecer, não um adolescente em flor, ainda que, por certo, nele se agitem em plena força as pulsões carnais."* (SIMMEL, 2001: 11). Assim, esta atividade não encara nenhum risco de extinção, pois para adquirir experiência sexual o jovem homem recorre a esse sistema pedagógico sexual informal e, caso tenha precocemente firmado laços conjugais, a ele também demanda seus serviços, em busca de prazeres impróprios à "sagrada" instituição.

Partidário de explicações evolucionistas para os fenômenos sociais, bem ao gosto dos teóricos do modelo de sexo único, ávidos pela formulação de uma hierárquica e transcendental perfeição, Simmel (2001) posiciona as mulheres num patamar abaixo daquele ao qual ele destina aos homens, pois, assim como os animais inferiores atingem mais rapidamente o ápice da sua formação em relação a outros que ocupam na escala geral uma posição mais elevada, as mulheres atingem, antes que os homens, sua maturidade nupcial, por serem isentas das exigências sócio-econômicas feitas a eles, em harmonia com sua maturidade sexual. Daí que, diante da configuração atual de nossas sociedades, conclui ele, a mulher responderia mais facilmente à exigência monogâmica do casamento.

Apesar de ainda no início do século XVIII existir apenas um sexo biológico, foram estabelecidos ideais performáticos, tendo como bússola a arquitetura dos corpos, que desembocaram na emergência de dois sexos sociais (o que hoje chamamos de gêneros), sendo um privilegiado em detrimento do outro. Esses privilégios tinham sustentação na idéia de que um era mais bem acabado que o outro, pois as mulheres ("homens invertidos") não tinham se desenvolvido de maneira satisfatória, a ponto de expor seu "membro".

O conceito de sexo, tal como o conhecemos atualmente, foi inventado somente na segunda metade do século XVIII. Laqueur (2001) revela-nos que essa mudança não foi estimulada puramente devido ao avanço da ciência, que percebeu que a organização desses corpos representava modelos distintos, nem somente por causa de uma virada epistemológica, que se valendo de uma explicação ceticista, construía seu discurso de verdade embasado pelo fato físico – nesse período as autópsias já haviam se firmado como um instrumento científico. Havia também, e sobretudo, um motivador político.

Durante o século XVIII, e com ainda maior pujança no XIX, deram-se intermináveis disputas pelo poder e posição na esfera pública entre homens e mulheres, que já iniciavam o protótipo daquilo que viria a ser a Primeira Onda[39] do movimento feminista. As explicações transcendentais e a-históricas já não eram justificativas plausíveis para a rígida e desigual divisão dos papéis sociais.

[39] A história do movimento feminista (movimento sócio-político que luta pela equidade de gênero) a partir de sua constituição e reconhecimento quanto movimento é dividida em dois momentos, chamados de Primeira e Segunda Ondas. Apesar de não terem marcadores temporais bem definidos, pode-se dizer que a Primeira Onda se desenrolou do final do século XIX até as décadas de 1930 e 1940, tendo como suas principais bandeiras, apesar da existência de correntes mais radicais, o sufrágio universal, o acesso ao sistema educacional e aos direitos civis. A Segunda Onda, por sua vez, iniciou-se no período subseqüente ao término da II Guerra Mundial, e trouxe novas questões reivindicatórias, como: os direitos sexuais e reprodutivos, a luta contra o patriarcado, ampliação do acesso ao mercado de trabalho e a busca pelas origens das desigualdades. Não existe um período preciso de início da Segunda Onda, mas dois textos marcam a mudança e ampliação dos processos reivindicatórios do movimento: *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir (lançado originalmente em 1949), que trazia a noção de que o *privado é político*, e *O Tráfico de Mulheres...*, de Gayle Rubin (lançado à primeira vez em 1975), que articulando idéias de Engels com o estruturalismo de Lévi-Strauss e a psicanálise de Freud e Lacan, tenta recuperar pistas sobre as origens da desigualdade de gênero, bem como demonstrar a existência de um sistema de sexo/gênero, que perpassaria as sociedades. Para mais informações sobre como o movimento feminista surge, se consolida e se encontra atualmente na sociedade ocidental, orientando-se por seu conceito-chave (mulher), ver: *Recriando a Categoria Mulher* (PISCITELLI, 2002).

É exatamente nesse momento, que *"o campo de batalha do gênero mudou para a natureza, para o sexo biológico."* (LAQUEUR, 2001: 192). O corpo, com destaque para a anatomia sexual dimórfica, tornou-se o referente decisório para apoiar ou invalidar qualquer reivindicação, fosse ela de origem social, econômica, política ou erótica.

As diferenças do modelo de sexo único, que eram expressas através do gênero, no novo modelo passaram a ser fundamentadas no sexo, estavam presas à biologia. Assim postula Laqueur: *"O sexo, em outras palavras, substituiu o que nós poderíamos chamar de gênero como uma categoria basicamente fundamental. Na verdade, uma estrutura onde o natural e o social podiam ser claramente distinguidos entrou em ação."* (2001: 193). Ao destacar as mudanças epistemológicas e políticas que constituíram o alvorecer do modelo dimórfico, o autor nos mostra que tanto este quanto o anteriormente em vigor são resultados de processos culturais. A partir de agora, o corpo passou a ser sinal do gênero e não sua causa, todavia, manteve-se o corpo masculino como o corpo padrão.

No século XIX, os discursos sobre a diferença sexual multiplicaram-se e dentre eles foi atualizada a idéia de que as mulheres eram seres não-afeiçoados aos torpores sexuais. Porém, com o início da formação de uma política higienista, essa suposição foi positivada e a mulher ganhava um status superior ao homem, que comumente se entregava aos prazeres improdutivos como a masturbação e o consumo da prostituição[40].

O raciocínio subliminar a todas as formulações ideológicas e proto-científicas do século XIX, que tentam persuadir os sujeitos de que diferenças corporais exigem diferenças sociais, morais e legais, buscava naturalizar a subordinação das mulheres aos homens, esforçando-se por criar a hipócrita idéia de que a mulher é o ser supremo por saber sublimar

[40] Elocubrou-se ainda sobre o fato de que a castidade era um comportamento valorizado apenas em sociedades "civilizadas", pois possuíam o costume de racionalizar sobre suas práticas sexuais. Isso permitiu à médica Elizabeth Blackwell concluir que os desejos femininos passavam por um semelhante filtro racionalista. *"Aqui, mais uma vez, há uma reversão da fórmula usual. Não ter útero define o homem, e não ter pênis define a mulher; a mulher está associada à mente e o homem à natureza, e não o oposto."* – diz Laqueur (2001: 252).

suas pulsões carnais, e desejando, com isso, apagar de sua memória coletiva que a origem desse ideal de feminilidade casta é, na verdade, insensível e indiferente às suas mais íntimas ou expressas vontades. Essas tentativas de camuflar as configurações reais que posicionaram as mulheres como o segundo sexo e como o gênero sem desejo vieram a ser questionadas somente a partir da constituição de um movimento com o intuito de lutar pelo reconhecimento das suas necessidades e expectativas particulares. Foi apenas a partir da emergência de uma exegese feministas sobre a situação das mulheres, que elas conseguiram firmar-se como contra-discurso, por meio da desqualificação da interpretação teleológica masculina dos corpos e da defesa de uma biologia da incomensurabilidade sexual (LAQUEUR, 2001).

De acordo com o movimento feminista de Primeira Onda, a diferença de tratamento, educação e papéis que se atribuía a um homem e a uma mulher não era uma resposta indispensável e única a uma demanda imperiosa da natureza, mas, sim, construtos sociais, que visavam beneficiar aqueles que definiam os parâmetros dessa distinção: os homens, representantes e controladores das instituições que ordenavam a sociedade – da religiosa à política, da médica à jurídica. Excluídas, inclusive, de processos que se diziam libertários, como a Revolução Francesa, as feministas concluíram que os homens desejavam não a universalização de direitos, mas a manutenção de privilégios, e perceberam que para atingir seus objetivos era preciso representar a si mesmas, fincando as diferenças entre os gêneros como intransponíveis.

Consequentemente, o feminismo passa a condenar todas as instituições opressoras das mulheres, chegando a propor que tal hierarquia só atingiria um final quando seus empreendedores fossem literalmente eliminados. No entanto, alguns alvos e argumentos foram equivocadamente selecionados, resultando num processo autofágico que se desenvolveu no cerne do discurso feminista. Sem desconsiderar a contribuição do movimento para o debate relacionado às formas como a sociedade ocidental postulou a diferença como

um genuíno gerador de desigualdades, ele, devido ao seu tom radical e à incorporação subjetiva da *doxa* (BOURDIEU, 1983) dessa sociedade não-equânime, teve seus escopos embaçados pela reprodução do *habitus* (BOURDIEU, 1983) que objetivava implodir. A título de exemplo desses atropelos e como um dos focos analíticos do presente trabalho, temos a questão do sexo mercantil e como o feminismo lidou com ele.

1.3 Feminismo e Mercado de Sexo

O feminismo desde seus primórdios dispensou grande atenção à questão da prostituição[41]. Em busca das origens da opressão das mulheres e tentando definir categorias universais, tal temática parecia oferecer argumentos empíricos bastante convincentes para se confirmar a suposição de que a relação homem-mulher era uma versão não-econômica das relações de trabalho sugeridas por Karl Marx e ilustradas pelo binarismo sujeito-objeto.

Desde a Primeira Onda, a prostituição era denunciada como um exemplo da "indubitável" submissão das mulheres e como a confirmação da existência de um duplo padrão moral (GIDDENS, 1993), que liberava os homens para a múltipla experienciação sexual, o que lhes conferia um status de respeitabilidade e ratificava a nobreza de sua masculinidade, enquanto que estava interdito para as mulheres, posto que era sinal de desonra e desvalorização no mercado matrimonial. Logicamente, esses pressupostos eram verificáveis apenas nas sociedades ocidentais, mas acreditando piamente na universalização da experiência do "tornar-se mulher", as feministas equivocadamente faziam desse recorte sinônimo de um panorama geral.

[41] A partir desse momento, o vocábulo não aparecerá mais em destaque, pois ele já havia surgido como conceito na sociedade ocidental, mas, concordando com Agustín (2005), mantemo-lo "sob rasura" (HALL, 2007), pois ainda não se tem consenso sobre seu significado e pelo fato de tender a causar ruídos na análise, já que não revela a complexidade real do mercado de sexo.

Uma das primeiras teóricas feministas a realizar uma análise da moral das sociedades capitalista-burguesas do início do século XX, quanto à sexualidade de homens e mulheres, foi Emma Goldman (1977). Seguindo as orientações do discurso promulgado pelo feminismo da Primeira Onda, a autora afirmava que a mulher é tratada de acordo com seu sexo, nunca a partir de sua capacidade e méritos. Apesar disso, era o homem que, nesse contexto, tinha sua disponibilidade sexual naturalizada.

> Es innegable que se educa y se entrena a la mujer para que ante todo sea una mercancía sexual; y, desde luego, se la mantiene en la más absoluta ignorancia con respecto al significado y a la importancia del sexo. Se elimina todo lo referente al tema y si por ventura alguien quiere arrojar algo de luz sobre esta tremenda oscuridad, su premio es la persecución y la cárcel (GOLDMAN, 1977: 35).

Para Goldman, o sistema capitalista de produção não deixava outra alternativa para as mulheres, não importando a classe, que não fosse a prostituição. Isso, pois ela defendia que o casamento possui as mesmas características da prostituição, sendo que, enquanto, no primeiro, a mulher se prostitui a um só homem e via um contrato permanente, na outra, a mulher se vende a vários, através de curtos contratos informais. De acordo com a autora, a prostituição era condenada apenas porque a venda do corpo feminino ocorria fora dos parâmetros institucionais e simbólicos do "sagrado matrimônio". Porém, notavelmente a frente do seu tempo, Goldman (1977) alerta que apenas uma análise parcial e superficial apontaria o fator econômico como o único motivador da prostituição, haja vista que a objetificação da sexualidade da mulher é verdadeiramente, para ela, o ponto central da questão.

Essa idéia fora implicitamente lançada por Claude Lévi-Strauss, em *Estruturas Elementares do Parentesco* (1982), quando ele afirma que os sistemas de parentesco nas sociedades "primitivas" têm sua pedra fundamental na circulação de mulheres. Essa suposição é guiada e balizada por duas teorias: a da reciprocidade (MAUSS, 2003) e a do tabu do incesto.

De fato, a troca de mulheres só seria eficaz e eficiente nas sociedades em que o dar, receber e retribuir, de uma forma mais ampla, funcionasse como organizador das relações sociais. A troca de presentes representava a criação de um laço social entre os parceiros da troca, baseada na confiança e na amizade. Para Lévi-Strauss (1982), o casamento simboliza também um câmbio de presentes, sendo a mulher o mais precioso deles. O tabu do incesto, por sua vez, garante que essas trocas ocorram entre diferentes famílias e/ou grupos (clãs), colocando, assim, os objetivos sociais da exogamia e da aliança acima dos fatos biológicos do sexo e da reprodução.

Lévi-Strauss (1982), assim, ratifica sua suposição de que o parentesco é uma forma de organização social, que assegura coesão aos grupos, pois obriga a oferta da mãe, irmã ou filha a outros, com a certeza de que, em retorno, receberão a oferta da mãe, irmã ou filha de outrem. Foi, no entanto, Gayle Rubin, quase 30 anos após a primeira edição de *As Estruturas Elementares*..., quem questionou pela primeira vez: se o parentesco é um mecanismo para organização social e toda organização cria poder, quem o organiza e quem é organizado? (RUBIN, 1993).

> Se os objetos das trocas são mulheres, então são os homens que estão estabelecendo laços por intermédio delas, e estas não são parceiras, apenas um instrumento nesse intercâmbio. A troca de mulheres [...] implica uma distinção entre o presente e aquele que o dá. Se as mulheres são os presentes, então os homens é que são os parceiros nessa troca. E é aos parceiros, não aos presentes, que essas trocas conferem o poder quase místico do laço social. As relações desse sistema são tais que as mulheres não têm condições de perceber claramente os benefícios trazidos pelas trocas de que são objeto. Na medida em que as relações estabelecem que os homens trocam as mulheres, os homens é que são beneficiados do produto de tais trocas – a organização social (RUBIN, 1993: 22).

O objetivo de Rubin, ao se reportar aos estudos de parentesco em sociedades "primitivas" feito por Lévi-Strauss, era, implicitamente, transportar essas considerações sobre a troca de mulheres para as sociedades "modernas". É possível verificar a validade dessa

transposição, pois desde o início do século XX, teóricas feministas da Primeira Onda, como Emma Goldman, por sentirem-se, ainda, mais como objetos do que como parceiras de uma troca, colocavam o matrimônio no mesmo patamar da prostituição. Em ambos a mulher encarnava as vezes de mercadoria. Essa simples diferença de grau entre a prostituição e o casamento foi também destacada por outras feministas como Simone de Beauvoir (1974) e pelas radicais anti-sexo da Segunda Onda.

Logicamente, essa interpretação não era unânime. Shulamith Firestone (1976), por sua vez, considerava a prostituição uma conseqüência direta do casamento patriarcal, existindo entre eles uma relação de interdependência, uma espécie de simbiose semelhante àquelas que estudamos nas aulas de biologia. Tal opinião era compartilhada por Georg Simmel, que dizia: *"Num ponto, não há ilusão alguma a se ter: enquanto o casamento [monogâmico] existir, a prostituição também existirá."* (2001: 10).

Para Simmel, contudo, o casamento e a prostituição possuíam marcantes diferenças e definiam a posição social de cada um de seus participantes. Analisando o que chama de "a boa sociedade", ele mostra os valores desproporcionais atribuídos a cada uma dessas instituições. O próprio Simmel, ao longo de sua obra *Filosofia do Amor*, mostra-se também influenciado pelo discurso moralista dessa "boa sociedade". Sobre a prostituição ele afirma: *"O dinheiro é a coisa mais impessoal que existe na vida prática; como tal, é de todo inadequado a servir de meio de troca contra um valor tão pessoal quanto a entrega de uma mulher."* (SIMMEL, 2001: 5). Dessa forma, defende ele, o acesso ao bem mais sagrado de todos, a sexualidade feminina, *"só deveria poder ser obtido na medida em que quem o procurasse cedesse, por sua vez, sua pessoa e seus valores mais íntimos – como sucede no verdadeiro casamento."* (SIMMEL, 2001: 6).

A troca de sexo por dinheiro e toda "deformação" de valores que a segue, aprofunda, de acordo com este autor, o abismo entre o possuidor/comprador e a pessoa obrigada a se

vender. Portanto, ele considera provável que se mantenham algumas distinções, que valorizam, social e pessoalmente, a mulher que vive de maneira monogâmica sob o "sagrado matrimônio", em relação àquela que se entrega clandestinamente a vários homens.

Vale ainda ressaltar que para Simmel existe também uma distinção no tratamento social dado à prostituição de acordo com sua classe, real ou aparente. Assim afirma que a sociedade

> [...] se mostra curiosamente muito mais indulgente com essa prostituição [de luxo] do que com a prostituição de baixo nível, a qual, no entanto – supondo-se que haja pecado nisso -, é muito mais sancionada pela miséria de sua existência do que a primeira. A atriz, que nada tem de mais moral do que a mulher de rua e, talvez, até se revele mais calculista e vampiresca, é recebida nos salões de que a prostituta de calçada seria expulsa por cães (SIMMEL, 2001: 2).

Essa distinção é siamesa a feita por Simone de Beuavoir (1974), entre a prostituta "comum" e a *hetaira*, que, desempenhando papéis semelhantes aos das cortesãs, mesclam prostituição e dotes artísticos, transformando não só seu corpo, mas sua personalidade como um todo, em capital. Em oposição à prostituta comum, a *hetaira* adquire o status de sujeito, e não mero objeto, garantindo assim um tratamento diferenciado e maiores possibilidades de agência, camufladas em sua performance, como as gueixas, por exemplo. Para Beauvoir, a atual encarnação das *hetairas* são as estrelas de cinema[42].

Em suma, essas duas instituições (no caso, o casamento e a prostituição), ambas sendo espaços destinados à mulher, produziram dois estereótipos femininos bem definidos, que Anthony Giddens (1993) chamou de "garota decente/garota vadia" ou, na sua versão mais prosaica, mulher pra casar/mulher pra "trepar". A mulher para casar é uma figura da ordem e mantém a coerência entre seu papel social e o lugar que lhe é destinado, o espaço do doméstico, do privado. A mulher pra "trepar", pelo contrário, é uma desviante, pois situa-se num espaço que não lhe pertence (o público), bem como possui um histórico sexual vasto, o

[42] Apesar de não ser contemporânea da primeira edição do livro de Beauvoir, que é de 1949, uma figura que se enquadraria na categoria *hetaira*, a nosso ver, seria Marilyn Monroe.

que corresponde a uma característica masculina. Para Beauvoir, a diferença entre a esposa e a prostituta se referia ao reconhecimento do seu status de humanidade, já que em ambos o sexo é um serviço:

> The great difference between them is that the legal wife, oppressed as a married woman, is respected as human being; this respect is beginning definitely to check the oppression. So long as the prostitute is denied the rights of a person, she sums up all of feminine slavery at once (BEUAVOIR, 1974: 619).

A vida pública do homem, por seu turno, concede tanto prestígio, poder e recompensas como acesso a recursos, símbolos e pessoas. Assim, o homem pode tanto empreender relacionamentos amorosos fora da instituição matrimonial quanto vivenciar inúmeras experiências sexuais sem que isso denigra a sua masculinidade. Antes disso, esse comportamento é tido como meio de se firmar e ratificar sua identidade de gênero e de contribuir para o desenvolvimento ideal de sua personalidade. Por outro lado, as mulheres, como vimos, que desejassem atender aos "chamados da natureza" arriscavam-se a perder a sua honra e seu valor no mercado matrimonial. Esse fenômeno foi chamado por Anthony Giddens (1993) de *duplo padrão moral*.

Partindo do pressuposto de que a mulher era subjugada pela dominação masculina, cuja conseqüência era um processo de objetificação, o próprio movimento feminista imputava um outro duplo padrão, aqui referente ao poder de agência, que parecia se apresentar como inerente à masculinidade e ausente na constituição da feminilidade, e que se aprofundava na relação cliente-prostituta. Daí o surgimento de um discurso extremamente vitimizante, que alocava essas mulheres à condição de "coisa" e cujo comportamento influenciava e refletia o modo como os homens viam as mulheres como um todo.

A Primeira Onda do movimento feminista caracterizou-se, assim, por assentar-se na pressuposição de que as mulheres possuíam uma essência que as ligava trans-histórica e trans-

culturalmente, isto é, todas elas de certa maneira vivenciavam alguma espécie de subordinação a outro fator também universal: a dominação masculina (BOURDIEU, 2003).

Contudo, fica claro que, desde seus primórdios, o movimento feminista não foi homogêneo[43], tal como as experiências das mulheres ao redor do mundo, o que não foi empecilho para que cada uma de suas correntes tentasse identificar as origens das configurações atuais da ordem de gênero, que relegava às mulheres, segundo as teóricas feministas, um pequeno espaço de atuação (o doméstico) e tolhia suas possibilidades de agência. Assim, o movimento feminista procurou apontar os responsáveis por essa "desigualdade sem fronteiras" e dentre os mais citados estavam o sistema de parentesco, a divisão sexual do trabalho, o patriarcado-capitalista, a vulnerabilidade da mulher à sua biologia e o gênero masculino como um todo, que por meio da força física e da violência psicológica submetia as mulheres às suas vontades.

Após esse período em que ocorrera um debate esclarecido, crítico e relacional, onde a análise dessa pujante instituição social (a prostituição) era feita em parceria a outras, pode-se considerar que a teoria feminista sofreu certo estreitamento crítico no que se refere ao seu diálogo com o mercado de sexo, durante as décadas de 1960 e 1970.

Naquela época, o feminismo se debatia com a retomada do processo de exclusão das mulheres do espaço público, após conquistas alcançadas durante o período da II Guerra Mundial, que, ao final, mostraram-se meramente conjunturais. Dessa maneira, métodos antropológicos questionáveis como a busca por origens e a definição de universais foram mais uma vez resgatados por algumas teóricas feministas. A persistência nessas temáticas gerou críticas das próprias feministas. Michelle Rosaldo foi uma delas:

[43] As principais correntes, feminismo liberal, feminismo radical, feminismo marxista e feminismo socialista, e suas particularidades são abordadas por Norma Chinchilla (1982), no texto intitulado 'Ideologías del Feminismo...'.

> Tendo constatado a assimetria sexual em todos os grupos humanos, estabelecem teorias sobre papéis sexuais para dar conta dela. No entanto, tal abordagem, insistindo sempre em dicotomias, tende a reforçar uma visão em que diferenças são explicadas pelos fatos aparentemente primordiais e imutáveis da fisiologia sexual. [...] pelo contrário, [deve-se] considerar os papéis das mulheres e dos homens como o produto da ação humana em sociedades históricas e concretas (ROSALDO, 1995: 11).

Antes de uma universalidade do ser homem e do ser mulher, para Joanna Overing (1986), o que existe é uma tentativa de transpor as projeções valorativas euro-estadunidenses para outros grupos sociais, desembocando numa perigosa armadilha metodológica, pois desconsidera o contexto e as especificidades culturais.

> [...] the principle of difference or antithesis entails asymmetry and hierarchy: that women's activities are universally judged as inferior to those of men; that gender symbolism is universally about male superiority. [… However] What is never recognized is that a principle of 'difference' can be just as much a mechanism for creating equality and complementary as for creating hierarchy (OVERING, 1986: 141).

Para Overing, as teóricas ocidentais estavam mais afeiçoadas a analisar estruturas de desigualdade que de igualdade e, ao invés de empreender análises minuciosas de suas próprias culturas, buscavam explicações gerais exotizando culturas distantes, empreendendo um movediço caminho trans-histórico na busca da defesa da oposição central entre dominados e dominantes, que girariam apenas em torno das questões de gênero.

Foi assim que se deu com a questão do mercado de sexo. Contrastando com a atmosfera de liberação sexual do período referido – nesse momento estava em voga a ideologia do amor livre -, uma ala radical do movimento feminista apontava para a erotização da mulher, via pornografia e prostituição, como o grande responsável por sua objetificação. Influenciadas pelos primeiros escritos marxistas, elas encaravam a relação homem-mulher como reprodução de outros pares hierárquicos: sujeito-objeto, cultura-natureza, por exemplo. Essas divisões aprofundavam-se ainda mais na relação *sex users - sex workers*.

Uma autora que detalha a configuração dessas correntes feministas é Wendy Chapkis (1997)[44]. As Feministas Radicais dividiam-se entre aquelas que acreditavam num limitado número de práticas sexuais positivas (*Pro-positive Sex Feminism*), baseadas no romance, e as *Anti-sex* (hostis ao sexo), que consideravam toda prática sexual uma expressão da dominação fálica masculina. Enquanto isso, as Feministas Radicais do Sexo[45] defendiam que a atividade sexual era inerentemente benigna, terreno de contestação e uma prática cultural aberta à subversão.

As *Pro-positive* alegavam que a prostituição pode contaminar outros contextos de relacionamentos homem-mulher, dentre eles o próprio casamento[46]. E aconselhavam ser preciso evitar a contaminação do erótico pelo pornográfico. Enquanto isso, o lado mais fundamentalista das Feministas Radicais, composto por inúmeras teóricas, dentre elas Catharine Mackinnon, Karen Davis, Andrea Dworkin e Kathleen Barry, empunhava a bandeira de que o intercurso sexual era fundamentalmente constituído pela dominação masculina e que a prostituição e a pornografia só revelam mais claramente tal fato.

A organização *Women Against Sex* (WAS), cânone da resistência sexual, acreditava que as mulheres, influenciadas pelas práticas e símbolos da cultura sexual masculinizada, têm construído seu desejo a partir de uma auto-imagem opressiva, que facilita o trabalho de subordinação ao patriarcado. Para Chapkis, o radicalismo das abolicionistas era tal que elas

---

[44] Uma outra autora que se centrou na análise das correntes feministas que se constituíram em torno da temática do mercado de sexo foi Melanie Simmons (1999). No artigo *Theorizing Prostitucion: the question of agency*, a autora constrói uma categorização desses grupos semelhante à elaborada por Wendy Chapkis (1997). No seu caso, a divisão se dá entre as *Feminists Against Systems of Prostitution* (FASP) e as defensoras dos *Prostitutes Rights* (PR).

[45] Conhecidas também como Pró-Sexo, essas feministas reconheciam a possibilidade da prostituição ser uma atividade exercida por livre escolha, possibilitando, inclusive, o ganho e a utilização de poderes dentro desses relacionamentos por parte das profissionais do sexo.

[46] Lembremos que esse era um dos argumentos da Reforma Protestante para combater essa atividade, que vinha se consolidando como uma instituição constituinte das sociedades medievais. Para Gayle Rubin (2003), essa relação é inversa. Ao contrário dessa ala do movimento feminista, que afirma que o sexismo surge como conseqüência da "indústria do sexo" e, a posteriori, contamina outros âmbitos da relação homem-mulher, Rubin argumenta que o sexismo explícito na pornografia é o reflexo do comportamento e dos valores da sociedade englobante. Sobre como o Ocidente, com enfoque na sociedade espanhola, trata a "indústria do sexo" ver Agustín (2005).

findavam por reafirmar o poder masculino que tanto intencionavam denunciar e subverter, ou seja, reforçavam exatamente o que se procurava desestabilizar.

> By constantly reiterating that women are whores, and that whores are no more than objects, such feminists blind themselves to the fact that prostitutes, no less than any other worker, and no less than any other woman, engage in acts of negotiation, resistance, and subversion that belie their designation as passive objects (CHAPKIS, 1997: 20).

Num terreno ideológico diametralmente oposto encontramos as *Radicais do Sexo* (CHAPKIS, 1997). Para essas feministas, não fazia sentido estabelecer uma divisão entre o sexo positivo e o sexo pervertido. Elas eram partidárias de uma participação ativa na ordem sexual em vez de uma abolição do sexo, acreditavam nos múltiplos significados da atividade sexual e viam no consentimento um reflexo das possibilidades de poder e privilégio que norteiam tais relações. Segundo Chapkis (1997), fazendo eco à Camila Paglia, quando o homem adquire uma mulher por dinheiro, ele revela toda sua fraqueza e não seu poder, o dinheiro é a única maneira dele conseguir a atenção de uma mulher. Contudo, é preciso relativizar, pois o significado da prática sexual depende do contexto cultural e político em que foi consumada.

Em suma, as *Radicais do Sexo* acreditam que a atividade sexual pode desestabilizar ou reforçar o poder masculino, dessa forma a prostituição pode ser um local de agência sexual, onde as trabalhadoras do sexo fazem uso ativo da ordem sexual vigente.

Apesar de toda essa dedicação de parte do movimento e das teóricas feministas em tentar eliminar as assimetrias de poder que se formam no contexto das relações sexuais comerciais e embora o debate em torno da questão da prostituição tenha gerado interessantes e controversas hipóteses, as Feministas Radicais, avessas ao sexo mercantil, não tinham dado, em nenhum momento, poder de voz às próprias prostitutas. De certa forma, isso era conseqüência de seu discurso extremamente vitimizante, que impedia que as *sex workers*

fossem reconhecidas como porta-vozes fidedignas de sua realidade e agentes auto-determinantes[47]. O discurso dessas feministas para falar de prostituição vinha sempre acompanhado de termos como violência, coação e degradação da condição humana (JULIANO, 2005).

Não obstante, para McClintock, não é o contrato sexual que tira o poder das profissionais do sexo, mas o estigma e o cerceamento por parte do Estado; o que as subjuga é o contexto em que a troca se dá. E, apesar de Catharine Mackinnon (1984) afirmar que se posicionar contra a prostituição, mesmo quando ela é realizada por meio de um consenso, não se trata de uma questão moral, mas de um ato político, tal posição nada mais é que uma atitude orientada por um discurso moralista[48], pois não se demonstrava a mesma determinação em execrar outras funções como o trabalho doméstico e o cuidar de crianças, idosos e doentes, atividades igualmente produtoras de invisibilidade, degradantes e sexistas. Além do mais, e aqui concordando novamente com McClintock (1993), o estigma imputado às prostitutas visa disciplinar todas as mulheres, desse modo, empoderando-se as trabalhadoras do sexo, empoderar-se-iam às mulheres, em geral.

A partir disso, começa-se a considerar que existem fortes pressões políticas e socioculturais que condenam as mulheres que não querem assumir posições de sujeito "positivamente" prescritas, como boas filhas, esposas fiéis, mães dedicadas e donas de casa, e

[47] Kathleen Barry certa vez, em um encontro que discutia o mercado de sexo, recusou-se a aparecer publicamente com as profissionais e a deixá-las falar por si mesmas, alegando que *"they are too poor, too victimized, and too prone to false consciousness to be able to represent themselves objectively."* (MCCLINTOCK, 1993: 7).

[48] Laura Agustín mostra-nos como esse discurso ainda é atual: "*Los enfoques que se dan en España son todavía de fuerte carácter moralizador. Parten de suposiciones sobre el lugar 'correcto' del sexo (la casa de una pareja), sobre las "buenas" formas del sexo (con "amor", en pareja y sin dinero) y sobre los conceptos occidentales acerca de la clase media, poco fáciles de imponer a personas de otras culturas (por ejemplo, la identidad personal o el yo, la autoestima, la dignidad del trabajo). Estos enfoques sólo se pueden seguir manteniendo mientras nadie preste atención a los discursos de los sujetos implicados."* (2005, 123).

que são consideradas ideais. Dentre as desviantes desse sufocante leque de opções encontram-se as trabalhadoras sexuais (JULIANO, 2005).

Embora, na maioria das sociedades ocidentais, a prostituição seja um papel social tradicionalmente atribuído ao feminino, estigmatizam-se, especialmente, as profissionais do sexo, que através da exigência do reconhecimento dessa atividade como legítima e digna, invertem a lógica estigmatizante e iniciam campanhas de ações afirmativas e lutas por seus direitos civis, demonstrando o quanto discordam e não aceitam os rótulos e a invisibilidade a elas impostos pelos (as) porta-vozes da moral, que visam inibir o ingresso de outras agentes nessas atividades laborais, que estão à margem dos modelos idealizados de feminilidade.

Então, fala-se sobre elas sem escutá-las, veiculam-se imagens que reforçam o preconceito e o moralismo, disfarçados por um linguajar protecionista, e promulga-se a desvalorização de seu trabalho sob um tom paternalista. Mas não fossem as condições de marginalidade e o desprezo social, a prostituição seria mais uma entre tantas outras profissões. Porém, a recorrente vitimização dessas profissionais as coisifica, retira-lhes o direito à escolha, retro-alimentando seu caráter marginal e o estigma social, que outrora serviram de justificativa para o discurso vitimário.

Dolores Juliano (2005) diz que é necessário encarar o trabalho sexual também como voluntário, não confundir prostituição adulta com a infanto-juvenil, perceber que as migrações por razões sexuais não são sinônimas de tráfico de pessoas para prostituição forçada e que essas mulheres são agentes ativos de suas opções e portadoras de projetos de vida específicos.

É preciso, portanto, transformar o mercado em benefício delas, criar leis que as protejam, em vez de puni-las, e reconhecer a prostituição como uma atividade profissional,

pois vitimizá-las e considerá-las indivíduos sem-agência[49] significa contribuir para sua objetificação, o que encoraja e incentiva agressões sobre elas.

> Removing sex workers' fundamental right to chose – whether to work, how to work, when to work, and where to work – is a flagrant infringement of their basic working rights, their integrity, and their humanity, not a universal and inherent feature of the sexual exchange (MCCLINTOCK, 1993: 6).

Frente a esse proposital desvirtuamento do debate, desde a década de 1970, organizações de trabalhadoras do sexo - saturadas por esse discurso vitimário, que, além de não possibilitar benefícios às profissionais, tirava-lhes o direito de fazer uso de seus corpos como meio para auferir ganhos materiais e simbólicos - se mobilizam para denunciar as insuportáveis condições de trabalho, indignidades legais e o estigma social pelos quais a maioria delas passam[50], informa Anne McClintock (1993).

Percebe-se, então, como afirma Fernando Bessa Ribeiro, que

> Esta discussão mostra como a prostituição, entendida como o campo social de prestação mercantil de serviços sexuais, é complexa e heterodoxa. Ela interroga a nossa sexualidade, os nossos valores de género, as nossas convicções e compromissos políticos e ideológicos mais profundos. Ora, a sua compreensão exige um deslocamento do olhar, assim como a solicitude atenta a todas as posições, incluindo as daqueles que dela vivem. Essa abordagem facilita não só a crítica radical aos discursos hegemónicos sobre a prostituição, como a reflexão sobre a construção de uma política inclusiva para o trabalho sexual. É necessário não obnubilar que o debate sobre a prostituição a nível global está dominado por aqueles que a consideram

[49] Contudo, um fato interessante de se ressaltar é que o discurso das abolicionistas, contraditoramente, ao mesmo tempo em que denuncia que as prostitutas sofrem de uma inerente perda de agência, acusam-nas de um excesso de agência, quando, irresponsavelmente, alimentam e reproduzem fantasias masculinas.

[50] Recentemente, em 2005, foi organizada a Conferência Européia sobre Trabalho Sexual, Direitos Humanos, Labor e Migração, em Bruxelas – Bélgica, encontro que reuniu cerca de 120 profissionais do sexo, de 26 países, cujos objetivos foram denunciar as injustiças e desigualdades presentes na indústria do sexo, questionar suas origens, exigir seus direitos e o seu reconhecimento e valor quanto profissionais. O resultado dessa conferência foi a elaboração do Manifesto das Trabalhadoras do Sexo (*Sex Workers Manifesto*). As signatárias consideram que o trabalho sexual *"is by definition consensual. Non consensual sex is not sex work; it is sexual violency or slavery."* (2005:1). Da mesma forma, exigem o reconhecimento do direito de voz em assuntos que lhes interessam e sobre os quais podem argumentar com propriedade ímpar, repudiando, assim, qualquer atitude semelhante à tomada pelas feministas abolicionistas. Para maiores informações, acessar: www.salli.org/info/lib/brussels2005manifesto.pdf.

> como um mal a combater, a minimizar e, se possível, a extirpar da sociedade por entenderem que se trata de uma prática social incompatível com a dignidade humana. Apesar de hegemónica, tal posição tem sido questionada. Presentemente são numerosos os colectivos, nomeadamente de profissionais do sexo, os intelectuais, os académicos e os políticos que a colocam sob escrutínio, propondo uma outra abordagem, centrada numa visão completamente diferente do sexo mercantil e da sua inscrição na cidadania e nos direitos e liberdades individuais (2008: 19).

Existem, como podemos notar, várias nuances no mercado de sexo e apenas uma visão reducionista encará-lo-ia como um local de perpetuação da máxima que engessa a mulher como escrava e o homem como seu mestre e senhor[51]. Mas é importante frisar que neste trabalho nos posicionaremos juntos aos que, como elencou Fernando Bessa, buscam desestabilizar as opiniões hegemônicas sobre a prostituição, analisando-a sob um ângulo oposto, ouvindo e dando voz àqueles (as) que praticam essa atividade e aos (às) que consomem seus serviços.

1.4 Viagem e Relacionamentos Afetivo-Sexuais: A Busca do Outro no Outro

A acadêmica feminista Sherry B. Ortner (2006), em um artigo intitulado *Entonces, es la mujer al hombre lo que la naturaleza a la cultura?*, desestabiliza os pilares que sustentam as clássicas teorias feministas ao indagar se realmente a dominação masculina é um fato universal, produto intencional de um desejo de poder que provém da "natural" agressividade masculina, ou se trata-se de um efeito secundário de aspectos funcionais, conseqüência "*no intencionada de ciertas construcciones sociales diseñadas para otros propósitos?*" (ORTNER, 2006: 15). Segundo a autora, apesar de posicionar-se claramente contra essencializações do feminino e do masculino, certas correntes do movimento feminista apresentam um tom contraditório ao pregar uma ontologia da agressividade masculina e uma

[51] *"[...] los que ven en esta relación solamente la explotación por parte de un hombre rico a una mujer pobre no captan todo el cuadro."* (AGUSTÍN, 2005: 112).

universalidade a estas representações, parecendo cair nos mesmos esquemas essencializantes que tiveram como verve questionar.

Apesar do movimento feminista por em cheque a "generificação" de muitas atividades, a prostituição permaneceu por muito tempo sendo considerada uma atividade exercida exclusivamente pelas mulheres, sendo, assim, um marco definidor da submissão feminina. Essas suposições ganharam novo fôlego com a emergência do turismo sexual como temática de análise social, perpetuadora da ditadura do falo e entendida como a mais recente bandeira da dominação masculina (BOURDIEU, 2003). Em outras palavras, a procura por sexo, novos parceiros e aventuras extraconjugais vinham sendo concebidos como atividades masculinas e masculinizadoras, cuja versão mais presente na contemporaneidade é a do chamado turismo sexual.

Essa prática, ou seja, os intercursos sexuais entre viajantes e população receptora, parece existir a tempos. Contudo, ela vem sendo, atualmente, alvo de inúmeras especulações em nosso país. Acredita-se que devido ao amplo e divulgado mercado de sexo nacional, haja essa grande demanda de estrangeiros no Brasil por "sexo fácil". Tais intercâmbios, no caso brasileiro, ocorrem majoritariamente no litoral, região de maiores investimentos e fluxos turísticos, e esse tipo de turista vem sendo acusado de contribuir também com a exploração sexual infanto-juvenil. Além disso, podemos ainda ser remetidos ao imaginário que cerca o fenômeno do chamado tráfico de seres humanos[52], já que a sua suposta relação com o turismo sexual é constantemente forjada e forçada pelos veículos midiáticos (cf. AGUSTÍN).

[52] Não há um consenso para a definição de tráfico de seres humanos. Alguns deles, como o Protocolo de Palermo, da Organização das Nações Unidas, incluem homens, mulheres e crianças, destacando a natureza coercitiva e violadora de direitos humanos desses deslocamentos. Outros, como o Art. 231 da Constituição Brasileira, com destaque para a prostituição, desconsideram a vontade e a agência das supostas vítimas e coloca sob a mesma rubrica as migrações voluntárias por questões sexuais, a escravização de pessoas e o rapto de crianças. Os dados quantitativos são bastante imprecisos, haja vista que sub-organizações da ONU apontam números que variam de 500.000 a 4.000.000 de pessoas vítimas do tráfico. Todavia, sequer citando que a própria ONU reconhece a necessidade de problematização desses dados, as cifras que são comumente veiculadas são as maiores. Para mais informações sobre as múltiplas definições de trafico de seres humanos ver: GRUPO DAVIDA (2005).

Em vista de todos esses desdobramentos, as ciências sociais têm demonstrado forte interesse em decifrar esse quebra-cabeça empírico, tentando desconstruir algumas crenças e formulações do senso comum, que culminam numa vinculação determinista entre prostituição – turismo sexual – tráfico internacional de pessoas - exploração sexual infanto-juvenil.[53]

Uma das autoras que vem realizando constantes trabalhos sobre a problematização do turismo sexual, fugindo de análises reducionistas e moralistas, é Adriana Piscitelli (2002), que, em texto recente, junta alguns relatos ficcionais/experienciais para tentar delinear as imagens que conduzem às relações entre viajantes e população local.

Nesse trabalho, a autora destaca que os relacionamentos em países do "Primeiro Mundo" têm sido marcados fortemente pela "*negociação de poder*" (PISCITELLI, 2002: 212). Com isso, ela intenta ressaltar a crise frente à simetria de poderes, que tem caracterizado os relacionamentos conjugais nos países centrais, cujas mulheres são tão independentes, ativas e produtivas quanto os homens. Isso concede uma série de poderes a elas, até antes da Segunda Onda do movimento feminista desconhecidos. Dessa maneira, encontram-se frequentemente falas como as de alguns informantes de Piscitelli (2002): Douglas, turista estadunidense, classifica suas compatriotas como "frias e exigentes", e Steve, turista britânico, define as inglesas como "arrogantes".

Uma das conseqüências dessa constante negociação é o desgaste e a falta de prazer nessas relações. Assim, um dos motivos indicados pelos turistas, nessa pesquisa, realizada em Fortaleza - CE, para o conúbio em contextos de viagem é a busca pelo *autêntico*, pelo *real* - o que contradiz a idéia comunesca de que esses relacionamentos não são sérios, apenas

[53] Como observado na pesquisa realizada por Flávio M. Calazans e Fernando Feijó (2004), os turistas representam uma ínfima parcela nas estatísticas de abuso sexual contra crianças e adolescentes, em qualquer município do Brasil. Percebe-se uma tentativa de se criminalizar o turista como incentivador e responsável pelo mercado sexual de crianças e adolescentes, mesmo com a recorrência de pesquisas como essas que apontam sua contribuição mínima para essa exploração. O destaque nas campanhas continua sendo em relação ao turismo sexual e é a figura do turista, facilmente reconhecida pelo estereótipo do estrangeiro loiro e branco, que geralmente vem à tona.

erotizados; relacionamentos "café-com-leite"[54] -, e isso se aplica primordialmente às pessoas com as quais fazem contato durante o *tour*, sendo as "nativas"[55] *"a via privilegiada de acesso à alteridade"* (PISCITELLI, 2002).

> [...] o temperamento carinhoso, a calidez, simplicidade e docilidade das nativas, se integram numa idéia de feminilidade que, revestida de traços de autenticidade, remete a algo já desaparecido na Europa. Essa feminilidade está marcada por uma sensualidade singular que se expressa corporalmente (PISCITELLI, 2000: 12).

Esses relacionamentos entre homens estrangeiros e mulheres autóctones, por sua vez, são constituídos por relações de poder assimétricas, ou seja, ausência de correspondência na comparação de posições relativas. A mulher "autêntica", então, seria aquela que une simplicidade, sensualidade e submissão – os três S's do turismo sexual praticado por homens[56]. Porém, percebendo tal demanda, essas mulheres subordinam-se conscientemente, assumindo essa posição de sujeito por vislumbrarem vantagens em sua incorporação e concedendo uma fantasia de poder ao outro (MOORE, 2000).

Engana-se, todavia, quem conclui ou crê que esses relacionamentos demasiadamente negociados desagradam apenas aos homens. Muitas, e cada vez mais, mulheres estão insatisfeitas com essas disputas de poder no interior das relações afetivo-sexuais, o que é um fenômeno inquietante, já que a eqüidade de poderes nas interações entre homens e mulheres sempre foi um exigência inflexível do movimento feminista. Em adição, um processo que

---

[54] Aqui brincando com um termo que se popularizou após a "Política Café-com-Leite" da *Republica Velha* brasileira, em que os presidentes, através de um acordo informal, eram sempre paulistas ou mineiros, tomando assim o significado de algo ilegítimo, sem seriedade, sem compromisso. O deslocamento desse termo para o contexto do presente trabalho pode ainda ser relacionado com a idéia lançada por Laura Moutinho de "relacionamentos heterocromáticos", tendo em vista que esses relacionamentos se dão, geralmente, entre pessoas de peles claras e escuras. Ver: MOUTINHO, 2004.

[55] Essa categoria – *nativo(a)* – vem sendo utilizada nos estudos sócio-antropológicos sobre o turismo por ser, assim como a categoria *gringo(a),* de origem êmica, presente no cotidiano daqueles que vivem nas áreas às quais se costumou chamar de destinos turísticos.

[56] Klaus de Albuquerque (1999) afirma que o turismo sexual, de uma maneira geral, é formado por outros 4 S's, representados no complexo *"sun, sea, sand and sex."*

seguiu *pari passu* às conquistas desse movimento foi a multiplicidade e a polimorfia que o mercado de sexo assumiu, incorporando uma pluralidade de sujeitos: intermediários, clientes e servidores, o que transformou o caráter da atividade.

Atualmente, o mercado de sexo não se limita ao feminino e nem apenas aos bordéis. Existem inúmeras configurações como a prostituição de rua, casas de massagem, tele-sexo, michetagem, a prostituição de travestis, acompanhantes, o turismo sexual, entre outras[57].

A prostituição, já há algum tempo, não é exercida somente por mulheres, como diz Rogério Araújo (2006). Na verdade, já faz mais duas décadas que Nestor Perlongher (1987) publicou *O negócio do michê: a prostituição viril,* livro em que coloca em evidência todas as nuances do *trottoir* masculino pelo centro de São Paulo, trazendo à tona as figuras da travesti e do michê como outros profissionais do sexo.

Perlongher (1987) vislumbrava um *continuum* na prostituição viril, em que se tem como pólos opostos a travesti e o michê[58], em que a primeira vende a representação dita artificial da feminilidade e o segundo, uma representação essencializada da masculinidade. São essas construções que levaram Peter Fry e Edward MacRae (1983) a afirmar que o michê seria, então, o travesti do homem, do mesmo modo que a travesti o é da mulher.

Entretanto, esses outros sujeitos que se prostituem também o fazem em busca de uma clientela basicamente masculina. Mesmo a prostituição viril descrita por Perlongher (1987) é uma prostituição consumida por homens. Sua etnografia foi realizada no centro de São Paulo, caracterizada como uma região de grande circulação de homossexuais que desejam relacionar-se sexualmente, seja num *banheiro de pegação* de um cinema pornô ou através dos serviços disponibilizados por travestis e michês.

---

[57] Ver Agustín (2005).

[58] O termo michê possui duas acepções, uma delas se refere ao próprio ato da prostituição, o "*fazer michê*", e a outra é usada "*para denominar uma espécie sui generis de cultores da prostituição: varões geralmente jovens que se prostituem sem abdicar dos protótipos gestuais e discursivos da masculinidade em sua apresentação diante do cliente.*" (PERLONGHER, 1987: 17).

Diferentemente das travestis[59], os michês não realizam intervenções corporais visando a aproximação de um ideal feminino, apenas condicionam o corpo a um treinamento para que os traços de virilidade sejam essencializados através da performance, não havendo ruptura com a aparência masculina dita "normal". Neste sentido, considera-se, de maneira um tanto prosaica, que qualquer homem jovem pode praticar a michetagem sem sofrer com o estigma dessa condição, imputando-o aos seus clientes, pois não é preciso desfazer-se da "*cadeia discursiva e gestual da normalidade.*"[60] (PERLONGHER,1987: 21).

Apesar de desvincular a venda de serviços sexuais da feminilidade, o trabalho de Perlongher (1987) não discute o consumo desses serviços por mulheres – ele se justifica afirmando que havia uma baixa freqüência delas, mas é bom ressaltar que sua etnografia foi realizada num *gueto gay* -, apenas comenta, citando Bruckner e Finkielkraut, que caso esse costume houvesse se desenvolvido entre as mulheres, "*as clientes é que continuariam a ser chamadas de putas, pois é evidente que o que consideramos prostituído não é tanto o corpo vendido, mas o corpo penetrado.*" (1979: 217 *apud* PERLONGHER, 1987: 21).

Em outros momentos, o foco na mulher enquanto profissional do sexo pode ser compreendido como conseqüência da escassez de dados empíricos que evidenciassem sua atuação também como consumidora ou pelo fato dos (as) pesquisadores (as) não perceberem sua presença no outro lado dessa relação sexual mercadificada, devido ao fato de seus olhares já estarem condicionados pela idéia ordinária de que a mulher, no mercado de sexo, ocuparia sempre o posto de *sex worker*. Contudo, é problemático afirmar que o mercado de sexo permanece estático, sem alterações, acreditando que os parceiros possuem papéis bem definidos e que outros atores não foram agregados a seu elenco, aumentando sua

[59] Para alguns estudos etnográficos mais aprofundados sobre a performatização do feminino, ver: PATRÍCIO, Maria Cecília (2002), SILVA, Hélio (2003) e FIGUEIREDO, Adrianna (2008).

[60] Sempre que comentava com algum amigo, de fora ou mesmo de dentro da academia, sobre a pesquisa que desenvolvo, ouviam-se comentários como: "*Que pesquisa boa, hein?*", "*Se tu tiver precisando de ajuda...*", "*Pra fazer parte desse negócio, o 'cara' tem que ser muito bonito?*", o que reforça essa idéia lançada por Perlongher de que, para o homem, fazer parte de um envolvimento afetivo-sexual permeado por outros interesses, pelo menos de vez em quando, não causa maiores constrangimentos.

complexidade e exigindo ainda mais zelo e prudência àqueles (as) que se debruçam e se dedicam a compreender sua dialógica.

> Mientras la mayoría de los trabajadores sexuales es femenina, cada vez los que estamos en los ambientes conocemos más hombres, transexuales y transgenéricos. Sus servicios pueden tener un carácter homosexual, heterosexual o alguna posición intermedia. Los servicios sexuales son demandados también por las mujeres y personas trans, y no sólo por los hombres; también son demandados por los trabajadores sexuales. En una industria que se caracteriza por sus ambigüedades, es conveniente no perpetuar el supuesto clásico de mujer-sexo servidora/hombre-cliente (AGUSTÍN, 2005: 03).

Desse modo e ao contrário do que pensa o senso comum, a presença, cada dia mais notória, da mulher como consumidora e não apenas como mera prestadora de serviços sexuais é uma pista de que os juízos de valor, os quais sempre serviram para coagir e intervir nas movimentações das mulheres dentro dos circuitos de desejo, não têm surtido o mesmo efeito de outrora. Essas novas configurações do mercado de sexo, em oposição à visão feminista abolicionista que postulava ser este um dos grandes responsáveis pela ruína social das mulheres e pela corrupção do projeto de reconhecê-las como sujeitos auto-determinados e de direito, nos revelam o quanto ele foi constituindo-se como um espaço de subversão, resistência, auto-afirmação e não-conformação aos papéis sociais hegemônicos de gênero, mesmo quando elas eram somente "produtos a serem apreciados".

Quanto ao caráter instável, imprevisível e quase ilimitado dos possíveis arranjos deste mercado, dos sujeitos desejantes e dos "corpos apetecíveis" (PISCITELLI, 2005) que o compõem, cremos ser mais coerente afirmar que seja mais uma comprovação da apropriação do espaço público pela mulher e do seu desvencilhamento das amarras morais que tanto inibiam sua movimentação.

O próprio termo prostituição, entretanto, traz ainda em sua semântica a idéia de que se trata de uma atividade praticada apenas por mulheres ou figuras femininas, pois quando ela é realizada por homens, sua descrição vem sempre acompanhada do adjetivo "masculina". Por

isso, preferimos utilizar o termo mercado de sexo, pois nos dá uma melhor noção da amplitude e diversidade das atividades nele presentes e dos sujeitos que dele tomam parte. Dessa forma, assumimos a necessidade de desconstrução do conceito de prostituição, assim como proposto por Laura Mª Agustín (2005).

O mercado de sexo é, contudo, assim como a prostituição, ainda visto como um ambiente estigmatizado e uma terminologia estigmatizante. Mas, a irrevogável evidência do crescente consumo de sexo mercantil por mulheres pode ser a base empírica para a fomentação de um contra-discurso, que repudie qualquer rotulação e que desqualifique toda interpretação determinista, como aquela que serviu de pilar central da crítica do feminismo anti-sexo, valendo-se do argumento de que a prostituição seria *"an expression of the control of women by men, where female sexuality is organized in public and private spheres to satisfy male needs, interests, and desires"* (KEMPADOO, 2004: 63), o qual hoje vemos gradualmente ruir e peder propriedade.

Os relacionamentos binacionais, de caráter afetivo-sexuais, ocasionados em contextos de viagens turísticas, por exemplo, não se resumem apenas à sua forma mais divulgada, em que o europeu branco e rico se relaciona com a mulata sensual brasileira.[61] A partir da década de 1990, surge uma série de estudos sobre o que ficou conhecido como *turismo sexual feminino*[62] e é nesse momento que o discurso feminista, sobre o qual nos prendemos até agora, necessita ser reavaliado, já que são as mulheres quem assumem o papel de "exploradoras" e consumidoras de serviços sexuais dos homens das nações pobres. Assim,

[61] Sobre a representação da "morenidade" e da feminilidade brasileira ver: FREYRE, 2006.

[62] É fácil de perceber quando uma determinada atividade foi forjada para ser desempenhada por um gênero específico, a partir do momento em que acrescentamos um adjetivo para nos referirmos à sua apropriação inesperada ou mesmo "indevida" pelo outro gênero, como acontece no caso do turismo sexual. Quando esta atividade era realizada apenas por homens, ela não precisava ser adjetivada, pois estava inserida no repertório "normal" do *ethos* masculino. Contudo, quando os sujeitos que empreendem esses relacionamentos afetivo-sexuais em contextos de viagem passam a ser mulheres, necessitamos especificar que trata-se de um fato "incomum", daí a adição do adjetivo ao final: *turismo sexual* ***feminino***. O mesmo ocorre quando falamos de *prostituição masculina*, ou, para facilitar a compreensão de todos para o que queremos dizer, quando nos referimos ao *futebol feminino*. Ou seja, o próprio discurso revela a origem generificada da atividade.

algumas questões são levantadas ou foram resgatadas: a pessoa que atua no mercado de sexo pode fazê-lo por livre escolha? O acúmulo de capital financeiro e cultural finda por masculinizar essas mulheres? Quem se prostitui é o corpo vendido ou o corpo penetrado? As mulheres não praticam turismo sexual, mas sim turismo de romance? Afinal, o que define o turismo sexual? Os homens podem ser objetificados? Para entendermos a pertinência dessas questões e a complexidade desse novo fenômeno é necessário lembrarmos que semelhantemente ao mercado de sexo, a viagem e o turismo foram constituídos como espaços generificados, só que, nesses casos, como atividades masculinas e masculinizadoras.

Miguel Vale de Almeida (1996), frente a questões semelhantes, argumenta que tanto o corpo sexuado como o indivíduo *engendered* são resultados de processos de construção histórico-cultural, e acrescentamos para o presente trabalho os agenciamentos do sujeito. Em seguida, afirma que: *"Masculinidade e feminilidade não são sobreponíveis, respectivamente a homens e mulheres: são metáforas de poder e de capacidade de acção, como tal acessíveis a homens e mulheres."* (ALMEIDA, 1996: 162). Concordando com essa ressalva, torna-se mais fácil perceber como as atividades são socialmente construídas com base nos discursos de gênero (e vice-versa), intentando distinguir o que é e o que não é "natural" para o masculino e para o feminino, embora, ao final, revelem a verdade de sua mentira, tornando-se acessíveis e legitimadas, mesmo que sub-repticiamente, tanto para homens quanto para mulheres, como ocorre com o mercado de sexo e o turismo sexual.

1.5 Turismo Sexual e Mercado de Sexo, Atividades com Gênero ou Congêneres?

Uma das situações de contato passíveis de ocorrer em contextos de viagens de turismo é a interação afetivo-sexual entre visitante e visitado. Esses encontros, até pouco tempo, eram descritos homogeneamente como sendo empreendidos por homens viajantes e por mulheres

locais, profissionais do sexo. Outros elementos eram resgatados para envolver essas parcerias com uma atmosfera de exploração. Dessa forma, destacavam-se o fato das mulheres serem geralmente provenientes de classes menos abastadas, negras, naturais de países periféricos e com baixa formação educacional. Em contraposição, os homens são caracterizados por sua branquitude, por serem originários dos países centrais e pela aparente estabilidade financeira. Frequentemente, conclui-se que esses turistas viajam tendo a perspectiva da concretização de fáceis intercursos sexuais como principal motivador de seus deslocamentos, valendo-se da força de suas moedas e das precárias condições sociais dos países que visitam.

O fenômeno tornou-se conhecido globalmente como turismo sexual e é representado, com o auxílio dos veículos midiáticos, como sendo emocionalmente neutro e fria e diretamente mediado pelo dinheiro, mobilizando um grande aparato jurídico, pois o associam ao tráfico internacional de mulheres e à exploração sexual infanto-juvenil.

Estudos sobre a questão do turismo sexual, por exemplo, costumeiramente abordam o tema caracterizando-o como uma exploração de pessoas - geralmente mulheres, que não possuíam muitas perspectivas econômico-profissionais - por parte do turista (geralmente homens), assim, vitimizando uma das partes e criminalizando a outra[63].

O Estado brasileiro, entretanto, durante mais de duas décadas explorou e divulgou o corpo da mulher brasileira, ressaltando sempre a mulata[64], como uma das principais belezas naturais do país e, semelhante a outros atrativos turísticos, passível de ser apreciado e consumido. Com a emergência e popularização do debate sobre o turismo sexual, houve uma mudança radical no contexto da política brasileira em relação ao turismo. Guiados pela idéia

---

[63] *"Uma moral democrática deveria julgar os atos sexuais pela forma como os parceiros tratam um ao outro, pelo grau de respeito mútuo, pela presença ou ausência de coerção e pela quantidade e qualidade dos prazeres que eles propiciam. O fato de o ato sexual ser gay ou não, aos pares ou em grupo, sem roupa ou com roupas íntimas, comercial ou não, com ou sem vídeo, não deveria ser objeto de preocupações éticas."* (RUBIN, 2003: 31).

[64] Um trabalho que faz uma análise profunda e muito interessante das campanhas publicitárias da Embratur e seu forte apelo sexual é o de Louise Prado Alfonso (2006).

de vulnerabilidade das mulheres (posto em debate pelo movimento feminista) e por um imaginário que conserva o estigma brasileiro de colonizado, órgãos públicos ligados à atividade turística, prefeituras, governos estaduais e presidência da República passaram a caracterizar o turismo sexual como invasivo, desrespeitoso aos valores da nação e não-lucrativo, e o turista sexual, personificado na figura do estrangeiro, como *persona non-grata*.

A ex-ministra do Turismo, Marta Suplicy afirmou em uma entrevista: *"Combaterei com todas as minhas forças o turismo sexual e todas as formas de exploração. Esse tipo de turista não queremos aqui, e de preferência, queremos preso atrás das grades."*[65]. Entretanto, apesar da já assumida *mea-culpa,* pelo governo atual e o *marketing* turístico feito no exterior - que sempre recebeu maior atenção do que o doméstico - ter mudado de configuração, até o início da década de 1990, a Embratur (Instituto Brasileiro de Turismo) vinculava, como chamariz do turismo internacional, imagens de paisagens naturais acompanhadas por mulheres seminuas, transmitindo uma idéia de carnavalidade e erotismo, que seriam inerentes ao *brazilian way of life*. Todavia, esse tipo de marketing, apesar de abandonado pelas campanhas publicitárias federais e por boa parte dos governos estaduais e municipais, continua a ser praticado por algumas agências de viagens, tanto no que tange às agências de receptivo (localizada no destino da viagem) quanto de emissivo (ou seja, que se encontram no local de residência do turista), e constatamos que essas imagens continuam a circular pela *web*.

Destarte, já há alguns anos, vem ocorrendo uma série de campanhas de combate ao turismo sexual em nível nacional e local, que trazem slogans explícitos quanto à criminalização (ilegal, pois não consta na legislação brasileira) do turista que se acredita viajar por motivações sexuais, à vigilância constante da população (cabendo a ela denunciar

[65] A reportagem completa foi publicada no site do Repórter Brasil no dia 11/04/2007.

os casos) e a vitimização das trabalhadoras do sexo, tidas como exploradas, nunca como profissionais[66].

Todavia, apesar da persistência dessas campanhas, há cerca de duas décadas esses discursos vitimários e criminalizantes começaram a ser confrontados por uma série de estudos que trazem à tona o relato dos que se encontravam inseridos nesses roteiros de sociabilidade e como eles, através de suas narrativas de vida, significavam as suas parcerias afetivo-sexuais[67]. É nesse novo contexto que o presente trabalho se enquadra.

A antropóloga Dolores Juliano (2005) contribui para essa nova tomada de consciência ressaltando que não se pode confundir prostituição adulta com a infanto-juvenil, nem correlacioná-la sempre a uma idéia de exploração. Para o Grupo Davida (2005), essa é uma característica de quem não consegue discernir pesquisa científica de militância política, tomando como referência algumas alas radicais do movimento feminista. Fernando Bessa Ribeiro (2008), por seu turno, fazendo eco às considerações de McClintock (1993), argumenta que é preciso tratar a questão como inserida no debate sobre o acesso à cidadania e à universalização dos direitos e liberdades individuais.

A complexidade que os novos estudos apontam põe abaixo todas as tentativas de essencialização das representações relativas ao gênero e à sexualidade, baseadas na construção normativa de sujeitos internamente coerentes e dispostos em uma lógica binária, a um só tempo, excludente e complementar.

---

[66] Para exemplificar o que se está aqui problematizando, podemos observar esse discurso em uma das campanhas federais, que diz: *"Turismo sexual: o Brasil está de olho!"*. E uma outra realizada pela Prefeitura do Natal alerta, em inglês: *"Stop sex tourism!"*. O jornal Diário de Natal, em matéria publicada no dia 03 de novembro de 2006, diz que essa campanha *"aposta fortemente no constrangimento do visitante que vem com a intenção de praticar o turismo sexual [...] os textos estão sendo veiculados em cartazes, panfletos, adesivos, outdoors e filme publicitário."* Este último exibido na área de desembarque de vôos internacionais do aeroporto Augusto Severo. Tal iniciativa vem sendo considerada exemplar e modelo a ser disseminado em outras capitais que "sofrem" com o mesmo "problema". Ver Anexo II, pois traz alguns panfletos dessas campanhas de combate ao turismo sexual.

[67] Esse reconhecimento era uma exigência dos movimentos sociais formados pelas trabalhadoras sexuais como o Grupo Davida (2005) e expresso internacionalmente pelo *Sex Workers Manifesto* (2005), que apontam as condições de marginalidade e o desprezo social como os principais problemas que envolvem o sexo mercantil, entendido por suas protagonistas como sendo uma interação necessariamente consensual.

A estruturação dicotômica da sociedade, em que um dos objetivos é o controle e a produtividade, vai rapidamente cedendo lugar a uma multiplicidade de formas, que se entrelaçam numa dinâmica que torna infrutíferos e irrelevantes quaisquer projetos de compartimentalização e categorização da realidade. Pensar o mercado de sexo como tendo parceiros bem definidos (mulheres como profissionais do sexo e homens como clientes) e contornos bem delineados demonstra somente a incapacidade de abarcar sua pluralidade de combinações e a fluidez de seus enquadramentos (AGUSTÍN, 2005).

No entanto, a maleabilidade e processualidade dessas posições de sujeito nos discursos de gênero (MOORE, 2000) são verificadas com maior nitidez nos trabalhos que mesclam o mercado de sexo ao turismo sexual. Existem vários estudos sobre homens que disponibilizam serviços sexuais para mulheres que estão em viagem. Autores como Kamalla Kempadoo (2004), Klaus de Albuquerque (1999), Julia Davidson & Jaqueline Taylor (1999) e Laura Agustín (2007) realizam estudos sobre essa variante do mercado de sexo e destacam países como Jamaica, Cuba, República Dominicana e Barbados. No Brasil, quem fomenta essa interface é Adriana Piscitelli (2000).

Essas constatações ainda causam surpresa, pois atividades como o sexo mercantil e a viagem em busca de sexo foram-nos por muito tempo apresentadas como generificadas. O primeiro cabia à mulher, o outro era marcantemente masculino, ou melhor, fazia parte do repertório da dominação masculina (BOURDIEU, 2003).

Esses fatos tornam-se ainda mais complexos quando nos recordamos que homens, homossexuais e/ou heterossexuais mesmo prostituindo-se, não despertam um interesse público sobre questões como exploração infanto-juvenil, tráfico de pessoas e condições socioeconômicas que os impelem a tal atividade[68]. Talvez isso ocorra pelo simples fato de

[68] No caso dos homossexuais, particularmente, pode-se supor que este desinteresse público pela situação em que eles se inserem no mercado de sexo traz, em seu bojo, razões ligadas a algum grau de homofobia, posto que a carga moral da sociedade brasileira tende a vê-los como desviantes, evitando, assim, o debate aberto e não-valorativo sobre eles.

serem homens, naturalizando, dessa forma, seu poder de decisão e seu ingresso voluntário no mercado de sexo, o que parece ser impensável quando se trata de mulheres. Do mesmo modo, as turistas sexuais não são alvejadas por campanhas de tom xenófobo, pois as mulheres não são vistas nem como exploradoras, posto que estão subordinadas ao poder do falo, nem como consumidoras de serviços sexuais, pois existe uma crença difundida em nossa sociedade de que elas só se "entregam" a um homem quando envolvidas pelo romance.

As "cruzadas morais" são forjadas para criar inquietações na sociedade referentes a determinados temas, na tentativa de implementar regras para enquadrá-los. As campanhas nacionais e locais de combate ao turismo sexual procuram introduzir um clima de ojeriza no seio da população contra o falo estrangeiro[69]. Esse "pânico sexual" ganha força, tomando proporções apocalípticas, pois a viseira da moralidade e do controle dos corpos e dos desejos impede uma análise crítica da questão (GRUPO DAVIDA, 2005).

Os capítulos a seguir pretendem contribuir para esse profícuo campo de análise, pois se prendem a um estudo aprofundado dessas novas configurações do mercado de sexo e do turismo sexual em um destino turístico do nordeste brasileiro: a Praia da Pipa, no Rio Grande do Norte.

Além de dar voz aos parceiros diretamente envolvidos nessas interações, busca-se dialogar também com as pessoas que participam indiretamente destas parcerias binacionais, para saber, no caso em estudo, como os demais representantes da comunidade pipense interpreta-os e significa-os, em outras palavras, levando em conta o olhar daqueles que se encontram fora desses circuitos de sociabilidade. A análise da versão pipense dos intercursos afetivo-sexuais em contexto de viagem enfatiza, ainda, não só a percepção do turista sobre o hospedeiro, mas também, e sobretudo, as representações que os visitados fazem dos visitantes.

[69] É, de fato, uma expressão de "xenofobia genital", como bem captou Nelson Motta (2005). Pois o pênis estrangeiro, implicitamente, representa uma ameaça, que põe em perigo a pureza das vaginas nacionalizadas. Para melhor compreensão das noções de pureza e perigo ver: Douglas (2006).

Em suma, a análise dos dados etnográficos dedica-se a uma complexificação e desconstrução das interpretações doxas sobre o mercado de sexo e o turismo sexual, indicando possíveis saídas para os nós teórico-metodológicos que as configurações em estudo impõem. Para além duma revisão dos conceitos e categorias talvez seja necessário exatamente o abandono destas, haja vista, por exemplo, a fluidez da noção de *turista sexual*, bem como a constante defasagem que o (a) turista apresenta entre suas motivações e seus reais comportamentos no destino de viagem, o que parece deixar poucos elementos que os (as) diferenciem de outros tipos de turista.

CAPÍTULO II

A ROTINA ANTES DO PARAÍSO

A partir desse momento do trabalho, entrar-se-á mais diretamente nos registros e análises frutos do estudo etnográfico. Contudo, antes ainda de apresentar o foco central da pesquisa, faz-se mister explorar como era o cotidiano, as relações interpessoais e a organização social, na comunidade da Praia da Pipa, precedentes ao advento do turismo para, logo em seguida, apresentar sua atual conjuntura, destacando as mudanças vindas juntamente com as levas de forasteiros que se espraiam por toda parte do distrito e como a comunidade local foi adaptando-se e também tomando parte nessas transformações. Assim, tornando-se mais fácil visualizar, a posteriori, as manipulações e reformulações simbólicas realizadas pela comunidade receptora do destino turístico de Pipa, que objetivam tirar proveitos da chegada dessa atividade, com destaque aqui para a manufatura das representações locais de gênero empreendida por alguns homens autóctones e adventícios. Vale frisar que serão exatamente as relações e representações de gênero que desempenharão a função de eixo norteador e termômetro dos câmbios sociais também neste capítulo.

2.1 Praia de Pipa: Uma História Feita de Histórias

A praia de Pipa é um dos distritos do município de Tibau do Sul e fica localizada a cerca de 90 km ao sul de Natal, capital do Rio Grande Norte. Desde a segunda metade da década de 1990, Pipa vem se tornando um grande centro de atração turística do estado, tão divulgada e visitada quanto a capital potiguar.

Não há dados disponíveis e precisos no site da Secretaria Estadual de Turismo (SETUR-RN) sobre Pipa, apenas a informação de que o distrito está entre os cinco destinos potiguares mais freqüentados, sendo que o fluxo total de turistas para o estado, entre brasileiros e estrangeiros, em 2006 (dados mais recentes), foi de 2.186.880 visitantes. Desse total, pouco mais de 30% foram de estrangeiros, vindos majoritariamente de Portugal

(6,17%), Espanha (5,83%), Itália (4,83%), Holanda (2,81%), Inglaterra (1,47%), Noruega (1,47%), Argentina (1,39%) e França (1,22%)[70]. Tratando-se de turismo doméstico, os principais estados a emitir turistas para o Rio Grande do Norte são Pernambuco (13,72%), São Paulo (13,08%), Paraíba (9,03%), Ceará (8,03%), Rio de Janeiro (7,89%), Distrito Federal (3,00%), Bahia (2,67%), Minas Gerais (2,25) e Rio Grande do Sul (1,22%)[71].

De maneira geral, estes são também os estados e países de origem da maioria dos turistas que visitam a praia de Pipa, só que ao contrário do que ocorre com o resto do estado, pelo que se pôde observar, a maioria deles parece ser formada por estrangeiros[72]. Mas duas questões se impõem: como essa praia tornou-se um grande pólo turístico internacional? Como era a vida em Pipa antes da chegada do turismo?

Dados da contagem do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), feita em 2007[73], nos informam que a população do município de Tibau do Sul é de 10.959 habitantes[74]. Esse nome, de origem indígena, significa "entre duas águas", já que o povoado fica entre a Lagoa Guaraíras e o Oceano Atlântico. A área já foi habitada por indígenas, invadida por piratas franceses ávidos pela extração de Pau-Brasil e, posteriormente, ocupada pelos holandeses[75]. Baseada na atividade agrícola, o local primeiro se chamava Aldeia de São João

---

[70] A maior parte desses vôos internacionais são fretados, os chamados vôos *charters*.

[71] Maiores informação podem ser encontradas no site da Secretaria Estadual de Turismo do RN: http://www.brasil-natal.com.br/setur_estatisticas.

[72] Além dos países acima citados, Pipa também é visitada por turistas vindos da Suécia, de Israel e alguns países que compunham a antiga Iugoslávia.

[73] Acessar: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007 .

[74] O site http://www.tibaudosul.com.br/conteudo/informativo/conheca.html informa que a população de Tibau do Sul é de 7.757 habitantes, já a enciclopédia livre Wikipedia informa que são 11.347.

[75] A ocupação holandesa no Rio Grande do Norte se deu entre 1634 e 1654, iniciando-se com a ocupação da fortaleza dos Reis Magos. Mas o fato que tem a finalidade de ser aqui ressaltado e que marca esse período é o massacre de Cunhaú. Aliados aos índios Tapuias, movidos por uma intolerância religiosa (processo distinto ao ocorrido em Pernambuco), os holandeses calvinistas invadiram a capela de Nossa Senhora das Candeias, localizada no Engenho Cunhaú, no município de Canguaretama (vizinho a Tibau do Sul, distante aproximadamente 22 Km), e massacraram, em 16 de junho de 1645, cerca de 70 fiéis no momento da celebração da missa. Esse fato, que havia caído no esquecimento, foi resgatado pela Arquidiocese de Natal e em 5 de março de 2000, os padres André de Soveral, Ambrósio Francisco Ferro e o beato Mateus Moreira foram beatificados

Batista de Guaraíras. Em 1911, adquiriu a condição de distrito de Goianinha, já sob a nomenclatura de Tibau. Em 1953, foi elevada à condição de Vila, 10 anos depois foi desmembrada do município de Goianinha e durante sua emancipação acrescentou-se a locução adverbial "do Sul" ao seu nome original para se diferenciar de outra localidade homônima, localizada no litoral norte do estado.

Nessa época, por volta da década de 1950, Pipa não passava de uma vila de pescadores, desprovida de quaisquer intervenções e benefícios governamentais. Não havia água encanada, tratamento de esgoto, rede pública de energia, atendimento público de saúde, rede de ensino, muito menos estradas de acesso. O meio de transporte mais usado eram os carros de boi e os cavalos.

Para podermos vislumbrar melhor a dinâmica social desta praia, quando ela ainda não havia sido descoberta pelos turistas, recorremos à memória de alguns de seus antigos moradores para tentar delinear a história do povoado da Pipa, não apenas pela ausência quase total de registros bibliográficos sobre seus primórdios, mas, sobretudo, como método etnográfico, uma legítima tentativa de captar de que maneira esses discursos vão sendo revelados. Busca-se explicitar quais os marcos significados na pragmática dessa população como históricos, o que é digno de ser rememorado, como os mitos de origem vão sendo construídos nessas narrativas de vida, na história oral contada por aqueles que viveram todo o processo de transformação do vilarejo da Pipa em destino turístico e que é transmitida de geração a geração.

A primeira pessoa com quem conversamos, durante o trabalho de campo, com esse intuito, foi D. Domitila, professora aposentada que vive em Pipa desde que nasceu, há 83 anos. Apesar da idade, é uma senhora extremamente lúcida e com uma memória invejável. É uma das poucas moradoras da sua rua que não se rendeu à tentadora especulação imobiliária e

---

pelo Papa João Paulo II. A partir de 2006, o dia 03 de outubro tornou-se feriado como o Dia Estadual à Memória dos Protomártires de Uruaçu e Cunhaú. Para maiores informações sobre o episódio, ver o livro *Protomártires do Brasil*, do Monsenhor Francisco de Assis Pereira (2000).

continua vivendo na casa em que criou suas filhas. Trata-se de uma casa grande com um amplo terreno por trás, no entanto bastante acidentado, e que conserva ainda uma cacimba, antigamente sua única fonte de água.

A origem do povoamento da praia é contada a partir das memórias familiares, dessa forma, D. Domitila remete-se às histórias que eram a ela contadas por seus pais e avós. Antes da chegada dos seus familiares, na região, existiam apenas posseiros. Ela informa que sua família sempre morou em Pipa e que na verdade foi uma das primeiras a se instalar pela localidade. D. Domitila revela que antes de chamar-se Pipa, a área era conhecida como Praia do Cabo Verde, devido a uma duna vegetada que avança sobre o mar, formando uma ponta destacada, do lado direito da praia principal e que, por fim, a praia recebeu o nome de Pipa devido a uma pedra, tomada como ponto de referência pelos pescadores, que achavam-na semelhante a um barril de pipa, daqueles em que armazenam-se vinho[76].

> Toda vida, [minha família] sempre foi daqui. Quer dizer, o meu avô, meu bisavô, meu avô não, era meu bisavô, ele era da Itália, ele veio da Itália, disse que pra lá... E não veio só ele não, na expedição que ele veio, veio muita gente pra cá, porque disse que lá tinha uma lei, que eles não... o... não sei se essa época era governo ou se era rei, não sei o que era... Eu sei que disse que não aceitaram lá o que ele queria, né? Aí fugiu um povo, como hoje em dia o povo num foge né? Aí, fugiram nessas barcaças, que disse que era umas barcaça, que antigamente tinha umas vela assim que cruzava, disseram que o povo saiu tudo naquelas barcaças ['É Nau!', completa Dani, sua neta.] e chegaram aqui. Quando chegaram aqui no Brasil, aí muita gente se assituou por aqui, de Goianinha pra cá, muita gente se assituou onde esse meu bisavô se assituou aqui. Aí, diz que ele se agradou daqui e o que eles faziam quando chegaram aqui no Brasil era mascatear, era comprar o tecido, comprava uns baú grande e comprava um animal e andavam vendendo aqueles tecidos. Chamavam mascate, né? Andando, mascateando. Então era isso o que eles faziam. Então meu avô andando por aqui, meu bisavô andando disse que admirou-se muito disso aqui e então comprou um terreno bom aqui, dois terrenos grandes e que pretendia morar aqui, viver aqui, casar, como de fato fez tudo isso (D.Domitila, 83, professora aposentada).

[76] Francisco Fernandes Marinho (2007), historiador nascido em Pipa, afirma que o local ainda se chamou Itacoatiara, mas nenhum dos interlocutores confirmou essa versão.

Essa versão sobre a história do início do povoado é reproduzida por sua filha, D. Palmira, 47 anos, também nascida e criada em Pipa. Ao mito de origem narrado por sua mãe, ela acrescenta que esses primeiros moradores, que vinham da Itália, traziam consigo vários baús repletos de ouro, que foram enterrados por medo de que fossem roubados.

> Olhe, um dos primeiros moradores diz que foi os meus bisavós. Meus avós, bisavós, né? Contava minha vó, isso aí já uma coisa que eu lembro que ela me contava, que eles vieram embarcados. Era como se fosse uma história de que tinham fugido, que eles eram italianos, né? E vinham fugidos, né? Que é contrabando, né? Então, eles se ancoraram aqui e fizeram... Aí minha mãe sempre conta assim, que diz que minha vó, minha vó não, minha bisavó, diz que esses morro aqui, que isso aqui era tudo terra. [...] Aí, ela disse que foram os primeiros. Era o povo de minha vó que era dos Castelo, nera? Que eles chamavam de Siliveira, era Silveira, mas chamavam Siliveira, tá entendendo? Aí era o velho Castelo, Castelo Siliveira e diz que trazia, minha vó contava, meu bisavô trazia, quando ele vinha de contrabando, trazia... antigamente baú, era cuia de quarto, que era de madeira, cuia de quarto, essas coisas... disse que ele trazia assim, o barco cheio, só de ouro e media. Aí pra ninguém num pegar, ele enterrava. [Quem fazia isso?] Meu bisavô. Enterrou muita... Eu digo até hoje que aquele nojento devia ter deixado pra gente... [risos] (D. Palmira, 47 anos, proprietária e administradora de um *camping*).

A chegada de italianos fugidos por meio de naus que aportaram em Pipa, trazendo consigo várias botijas de ouro, configura-se em um mito de origem, que nega sua ascendência portuguesa e inaugura um outro descobrimento, uma colonização distinta do resto da região, afinal esses indivíduos haviam se deslocado a fim de encontrar um lugar para se estabelecer e povoar, não meramente explorar, como evidencia a fala de D. Domitila. Está aí presente também a representação da ousadia e da bravura de um povo que desafiou autoridades, desbravou mares e se instalou numa terra inóspita, ademais sua astúcia e sagacidade em esconder seus tesouros para não serem fáceis alvos de saqueadores.

O relato de D. Palmira sobre a prática desses primeiros moradores enterrarem urnas com ouro toma como base as histórias contadas em família. Segundo elas, as almas penavam enquanto o tesouro não fosse encontrado, então elas apareciam em sonho para os familiares

que saíam à sua procura, buscando o lugar indicado pelos espíritos. Assim aconteceu com sua avó, cuja mãe apareceu em sonho para ensinar o local onde tinha feito a mina.

> Mas disse que porque ele morre e a véia morreu também, aí não disse a ninguém, aí não diz que fica aparecendo [em sonho]? E mamãe disse que ainda foi umas duas vezes tirar essa mina e nada de acontecer, de tirar. Porque quando um dava o outro não dava. Diz que a mulher dele dava e o marido não dava. Porque disse que tinha trabalhado, disse que tinha num sei o quê e não dava. Mas minha mãe ainda foi tirar e disse que não conseguiu não. [Ainda foi procurar?] Foi, porque disse que eles vieram em sonho dar, aí foram lá. Era no pé de Trapiá, que era uma árvore que tinha atrás da casa de minha vó, ali no morro. Eu ainda alcancei esse Trapiá e tudo, lá. Era. Mamãe disse que era os cachorro, quando tavam lá, todo mundo rezando e os cachorro latia, latia, latia e diz que não conseguia tirar (D. Palmira).

Essa história é confirmada por D. Domitila, sua mãe. Ela diz que seu avô, deveras tinha enterrado uma mina num pé de Trapiá e afirmou que sua mãe procurou, após um sonho em que a alma dele apareceu indicando o local, mas não a encontrou. No local só havia pedras. Não obstante, ela confirma que até hoje se lembra de uma botija de louça avermelhada por fora e esbranquiçada por dentro, quebrada em cima de uma mesa. Era uma mina que haviam achado, cheia de ouro e prata. Segundo ela, uma mulher chamada Leopoldina ficou com o dinheiro e logo depois comprou um grande terreno, próximo aos morros.

Bem. Verdade ou não, o fato é que essas histórias ainda povoam o imaginário dos moradores de Pipa e foram também brevemente relatadas por Francisco Fernandes Marinho em seu livro "Literatura da Praia da Pipa", onde ele diz ser a mina do pé de Trapiá *"a mais famosa e temível de todas as minas, por ser mal assombrada."* (MARINHO 2007: 19). Vale ressaltar também que esses mitos[77] inspiraram o nome de uma das praias do litoral pipense, a Praia das Minas.

Pipa manteve-se praticamente isolada do restante do estado até o início da década de 1970. Antes disso, o local se limitava a duas ruas e algumas poucas famílias. As pessoas viviam da pesca e da agricultura, à base principalmente de mandioca para produção de farinha. Eram esses os dois produtos comercializados pelos moradores de Pipa com outros

[77] A noção de mito a que me refiro está atrelada a uma idéia de um dispositivo do arsenal discursivo das sociedades utilizado como ordenador social, que, incorporado à consciência coletiva, nos informa os significados que ela atribui ao mundo social, à natureza e ao universo. *"[...] é o produto de uma fé viva que serve para codificar e reforçar normas grupais, salvaguardar as regras e a moralidade e promover a coesão social*." (DICIONÁRIO DO PENSAMENTO SOCIAL DO SÉCULO XX, 1996: 470). A narrativa mítica não está inserida num tempo nem num espaço comuns, e exatamente por estar fora deles, os eventos passados ou futuros que ela implica não estão diacronicamente ligados ao presente. Marinho (2007) destaca em seu livro três mitos: O Cavalo de Ouro, o Morro dos Amores e a Pedra do Moleque.

povoados da região do entorno. Mas, de acordo com os interlocutores, a pobreza era predominante, afetava a todos, faltava de tudo e nem sempre havia compradores.

> Eu alcancei aqui com muito pouca gente. Era... a Pipa era muito pequena pra hoje em dia, era pequena demais. Tinha poucas famílias, alcancei muita gente que já morreu, que era... Essa rua, que a gente mora, essa rua de baixo, que chama Rua de Baixo, né? Era fácil de contar as casas que tinha e a Rua de Cima era também do mesmo jeito. Era só essas duas ruas, pra canto nenhum mais a gente saía. Só tinha essas duas ruas. [E o pessoal vivia mais de quê?] De pesca, o homem que dava pra pescar era de pescaria, num sabe? E quem dava para a agricultura, era agricultor. Às vezes, quem era agricultor também era pescador, fazia as duas coisas. E aqui o povo vivia disso, não tinha... O pessoal aqui não tinha nem do que viver, era uma coisa... Sempre havia muito peixe, havia muito peixe. Farinha, quando eu era menina ainda, aí tinha farinhada aqui, que o povo botava muito roçado, muita farinhada nas casas de farinha. [Tinha muita casa de farinha?] Tinha umas cinco casa de farinha, tudo trabalhava. E todo mundo trabalhava de agricultura, quando era no tempo da, da... De outubro em diante aí começava as farinhada e terminava assim de fevereiro, março. E pescaria era durante o verão todinho, aí o povo pescava, havia muito peixe. Agora, o preço do peixe era quase nada, num sabe? Era bem baratinho. [Vendia pra outras cidades?] Vendia, às vezes aparecia gente assim que vinha do sertão, desse meio de mundo, comprar peixe aqui e às vezes não vinha. O meu avô possuía curral de peixe[78], disse que quando era no tempo de safra de peixe, que dava no curral, dava muito peixe, ele ficava com o peixe todo aí sem ter quem comprasse, porque o povo num vinha comprar, era muito longe e também não havia transporte, só era a cavalo que o povo vinha aqui. A pé e a cavalo. [A estrada ia até onde? Ia até Goianinha?] A estrada ia até Goianinha, mas não prestava, era só de areia, num sabe? Areia, os matos, não dava pra passar um carro (D. Domitila).

Essas falas, aqui trazidas, são relevantes, pois nos ajudam a compreender a amplitude das transformações pelas quais a Praia da Pipa passou após o advento da atividade turística. Dessa forma, conversei ainda com Seu Madola, um ex-agricultor, que mora nesse pedaço de mundo desde que nasceu, há 70 anos, e que também presenciou todas essas mudanças. Chego à sua casa, que fica em frente à pousada Sonho Meu, no começo da noite. Envergonhadamente, aproximei-me do portão. Havia duas mulheres e uma criança na calçada. Perguntei se ele estava, ao que fui afirmativamente respondido. Chamaram-no. Ele, desconfiado, se aproximou. Camisa social aberta, com apenas dois botões enfiados nas

[78] Curral é uma técnica tradicional de pesca, em que é criado um cercado, por onde os peixes entram na maré alta, mas ficam presos na maré baixa.

respectivas casas, bermuda de um velho tecido, desgastado pelo tempo, boné de algum político ou material de construção e chinelo. Seu Madola tinha uma tosse cheia. "É gripe", disse ele. O rosto enrugado marcado pelo tempo, a pele queimada pelo sol e as pernas completamente arqueadas, conseqüência de anos trabalhando como tirador de coco. Esse senhor de cabelos brancos bem finos, dentes falsos, mas de sorriso verdadeiro, anda com a ajuda de uma bengala. Quando entramos em sua casa, à convite de uma de suas filhas, após ter me apresentado, sentamos num banco de madeira comprido, de tom cru. Lá, ele me contou as lembranças de um tempo em que Pipa era esquecida e quase ninguém sabia localizá-la no mapa:

> Rapaz, a Pipa antigamente era um... uma sombrinha. E as casa era tudo de taipa, coberta de palha de coqueiro, num é? Só quem possuía uma casa, a casa coberta de telha era aquele melhorzinho, aquele melhor que nem Manuel do Hemetério, o véio Chico Castelo, que era o pai de D. Domitila, Antônio Pequeno e algumas pessoas, mas outras era tudo casasinha comum, casasinha de, de... [Mas esses outros que tinham uma melhor condição trabalhava com a mesma coisa?] É, só na roça e pescaria. [Todo mundo aqui trabalhava em pescaria e roça.] Pescaria, a maior parte aqui foi uma praia que transportava peixe pra fora, farinha pra fora, aqui se achava cinco casa de farinha. Cinco casa de farinha. [E essas coisas vendia pra onde? Pra Natal?] O peixe, o matuto vinha, toda semana vinha apanhar, vinha comprar pra levar pra Santo Antônio, Nova Cruz, por aquelas quebrada de acolá tudinho, né? Era que nem farinha. [Era pouca gente que morava por aqui?] Pequeno. Só tinha mesmo moradia na rua de baixo, ali hoje onde é a praia, aquilo ali era uma rua, onde é aquelas barracas. A igreja era em frente àquela barraca que tem de, do menino lá, a derradeira que tem. Ali era uma igreja, a igreja. [Então essa aqui é nova?] É nova. Essa aqui tá com cinqüenta e tantos anos de construída. A igreja lá, aonde tem aquelas barraca, aquilo ali era uma terra preta, tinha um pé de fruta-pão, um pé de fruta-pão bem na porta. Os bois de rede, você conhece Boi de Rede? [A dança? Boi de Reis?] Boi de Rede, que tem Boi Calema e tem... esse é Boi de Rede. Essa era a diversão que tinha antigamente. [Mas era do pessoal adulto ou das crianças?] De toda nação, toda a comunidade. Era Boi de Rede, era cantor de viola, era pastoril e era aquele Zambê[79], aquele que bate aqui ó [entre as pernas] [Que ainda toca em Tibau?] Cabeceira [Distrito de Tibau do Sul]. Aquele que bate aqui. E pastoril, Drama. [Como é que é o Drama?] O Drama é, é... cai que nem

[79] O Coco de Zambê é uma variação da dança do Coco disseminada por grande parte do Nordeste brasileiro, como o Coco de Roda e o Coco de Ganzá. Na região de Tibau do Sul, ele é o maior representante da musicalidade e das danças populares locais. Em 2007, foi lançado um livro chamado "Fotografias do Coco de Zambê", de autoria de Candinha Bezerra, e um CD, "Zambê Pernambuquinho", ambos pelo selo Nação Potiguar. De acordo com Bezerra, o grupo de Pernambuquinho, distrito de Tibau do Sul, liderado pelo Mestre Geraldo, é o mais antigo do Rio Grande do Norte. Ver: http://www.nominuto.com/vida/cultura/nação-potiguar-lanca-relato-sobre-coco-de-zambe/8854/ .

> uma... como é que apresenta... [Um teatro?] Um teatro. É que nem um teatro (Seu Madola, 70 anos, ex-agricultor e tirador de coco).

Em suma, pelo que podemos ver nesses relatos, Pipa se resumia a muita terra e pouca gente. As áreas mais próximas da praia tinham cada uma seu dono, mas as áreas de cultivo, que ficavam na região mais alta e afastada, eram terras comuns, como diz Seu Madola, era terreno solto, mas quando alguém começava a tratar da área para cultivar alguma coisa, ninguém mexia. Depois de tirada a safra, a terra era abandonada, formando as capoeiras.

> As roças, os plantios de roça era aqui pra dentro, na mata. Aquilo ali que brocava o mato, começava no mês de Santana [Julho], cortar mato né? Santana, agosto, setembro, quando era em outubro se ia plantar. Quando o inverno era mais favorável, nascia toda, mas quando não era perdia uma parte, outra, mas outra se livrava. É outubro, novembro, dezembro, janeiro, até fevereiro se plantava roça aqui. [Mas essas roça tinha dono ou era terra de ninguém?] Todos nós era produtor, cada uma família botava uma parte. [Mas o terreno não tinha dono não? Era cercado?] Não, era bem mesmo da comunidade (Seu Madola).

O ritmo de vida em Pipa era radicalmente diferente. Sem energia elétrica, o sol é que ditava a hora de dormir e acordar. Com os seus primeiros raios ou com a cantoria dos galos ainda de madrugada, as pessoas se levantavam para mais um dia de labuta. O candeeiro, ao contrário, trabalhava poucas horas, pois bastava o sol descer no horizonte e se deitar lá para as bandas da Lagoa Guaraíras, que as pessoas se aprontavam para dormir.

Pipa também contava com uma divisão do trabalho pouco complexa, baseada no gênero, na idade e nas relações de parentesco. Todos sabiam qual era o trabalho do homem e a função da mulher. Ao homem cabia realizar a pesca, construir e consertar os barcos, preparar os terrenos para receber as sementes, arrancar as mandiocas, moê-las e cozinhar a farinha, assim como deslocar-se até Goianinha para vender peixe e farinha na feira. As mulheres, além do trabalho doméstico, estavam incumbidas das tarefas de retirar água das cacimbas – esses poços artesianos só existiam em alguns pontos da Rua de Baixo -, elas também contribuíam

na agricultura e ajudavam na fabricação da farinha, raspando a mandioca, cevando a moenda e limpando a goma. O processo da produção da farinha é detalhado por D. Domitila:

> Os homens era pra arrancar a mandioca, botar pra casa de farinha e vinha em animal e as mulheres raspar, né, a mandioca, cevar, aí era uma roda, dois homens, um de um lado, outro de outro, moendo. E a mulher cevando, aí caía aquela massa, aí daquela massa que caía, tinha uma prensa, aí botava uns negoço como umas tábuas, assim, assim, assim [uma do lado da outra], aí botava aquilo ali com uns panos de carnaúba, tirava as folhas de carnaúba e botava aquilo naquela massa em cima, aí quando acabava tinha uma prancha desse tamanho assim, botava em cima, tinha um fuso assim e tinha um pau que botava naquele fuso que era furado e aí rodava, aquilo rodava, rodava e ia imprensando, ia imprensando e aquela aguinha ia saindo da massa, até ela enxugar, ficava bem enxutinha. Aí tirava daquela prensa, botava no poço, as mulher penerava, aí ia pro forno, né? Secar aquela massa, aí era a farinha.

Pelo que esses relatos deixam-nos entrever, em Pipa, as atividades produtivas não se limitavam à pesca. Apesar de sua origem ser atrelada à idéia de uma comunidade de pescadores, havia também a produção agrícola e a fabricação de farinha, que, juntamente com o peixe, era um item comercializado nas redondezas. Para Ellen Woortmann (2007), que pesquisou algumas comunidades litorâneas da costa potiguar, o realce dado à atividade de pesca deve-se ao fato de que a maioria dos estudos sobre tais comunidades privilegia o ponto de vista do homem, ou seja, do pescador. Assim, segundo ela, a agricultura, pensada como uma atividade feminina, termina por ser subsumida por esse ponto de vista. Woortmann ainda propõe a idéia de que ao espaço natural desses locais sobrepõem-se espaços sociais, definidos com base no gênero. Dessa forma, o mar é percebido como domínio do homem e a terra, como da mulher, com alguns pontos de trabalho conjunto, a exemplo da praia.

Entretanto, pelo que se pôde ver, em Pipa, este esquema dicotômico não tem contornos tão bem definidos. Apesar de o mar ser realmente um espaço masculino, como afirma D. Palmira, a terra não era um domínio totalmente feminino. As atividades ligadas à agricultura eram desempenhadas conjuntamente, tanto por mulheres quanto por homens, o que se

estendia também à produção de farinha. Essa bipolarização espacial, portanto, não é condizente, nesses moldes, à realidade aqui estudada[80]. O domínio da mulher talvez estivesse mais atrelado ao espaço da casa em si.

As crianças, por sua vez, brincavam com a imaginação e a criatividade. Numa terra com poucos habitantes, carente de uma série de recursos, os brinquedos tinham que ser inventados ou, então, os objetos ganhar novos significados. Assim, faziam-se cata-ventos de palhas de coqueiro, as latas viravam carros, as mangas tornavam-se vacas e bezerros, as espigas de milho se transformavam em bonecas. Logicamente brincava-se na praia, brincava-se de roda, cabra-cega, mancha, entre outras brincadeiras.

Os adultos divertiam-se através dos folguedos, do Boi de Rede, do Coco de Zambê, das cantorias de viola, do Pastoril e do Drama[81], além das festas religiosas, com destaque para as comemorações do padroeiro, São Sebastião. Aliás, a religiosidade estava sempre muito presente na vida das pessoas. O catolicismo era sua única expressão e as festas de santo movimentavam todo o vilarejo. D. Domitila, mostrando o quanto a dedicação à religião era expressiva, recorda que para construir a igreja atual, todas as pessoas ajudaram, carregando pedras para erguer seu alicerce e suas paredes.

As orientações religiosas eram responsáveis também pela vigília que os pais faziam sobre os namoros. O controle sobre esses relacionamentos era extremamente rígido. As famílias temiam que suas filhas fossem desonradas e, assim, comprometessem suas chances de selar uma aliança duradoura e abençoada pelo matrimônio. Esse controle, além dos olhares vigilantes, incluía ameaças verbais e físicas. Os relatos colhidos comprovam essas informações e acrescentam que a maioria dos casamentos dava-se entre pessoas da própria

[80] Talvez seja conseqüência de aqui não privilegiarmos o ponto de vista de homens ou mulheres, mas sim de estarmos comprometidos com a busca do *ponto de vista nativo*, como ensinou Malinowski (1978) e de destacarmos o teor relacional de todos os âmbitos da vida social.

[81] O Drama era uma espécie de encenação, poesias cantadas em forma de teatro. Esse teatro cantado só é encenado por mulheres e, de acordo com a tradição portuguesa, só virgens poderiam atuar.

comunidade, apesar de algumas vezes serem estabelecidos matrimônios com pessoas de outros lugarejos. Não obstante, apesar do tradicionalismo que envolvia os relacionamentos amorosos, não havia, segundo os interlocutores, o costume de ocorrerem casamentos prescritos, comuns em outras regiões, em que as filhas, às vezes logo após o nascimento, eram prometidas a serem casadas com determinados rapazes, visando estabelecer e/ou estreitar relações entre duas famílias distintas. Todavia, os interditos eram numerosos.

> Ah, meu filho. Os namoros de antigamente, meu filho, misericórdia, não pegava nem na mão um do outro. Eu me casei em [19]48... Foi! Quarenta e oito eu me casei, em junho de 48, aí, nessa época, em 48, já era muita coisa avançada, mas eu não tinha o direito, que lá em casa tinha uma casa de farinha, assim perto da casa, já parede e meia com a casa. A casa de farinha assim pelo sul, a casa assim [na frente]. Eu não tinha o direito de ir com meu namorado nem pra casa de farinha, que, às vezes, a gente queria ir ajeitar qualquer coisa pra comprar, porque aqui as pessoas não esperava por ninguém, né? As minhas coisas era eu quem fazia. Aí lá, ele [- seu pai -] dizia que se eu tivesse o atrevimento de ir falar com ele [- seu namorado -], me dava uns bofete e era assim. Ninguém tinha o direito de nem beijar, de nem de andar pra canto nenhum, era proibido tudo. Sabe como é tudo? O negoço de casar, chegava o dia: 'A senhora quer me dar sua filha em casamento?' 'Dô!', se tava tudo certo, 'Dô!', aí ia ela pra esperar pelo casamento pra poder você ter direito... [risadas] [Mas num tinha aquela história de ficar prometendo a filha, mesmo antes de nascer, pra um outro?] Não, não, tinha não. Quando eu nasci, não alcancei... desde que nasci não. Mas o negoço dos namoro era difícil, ninguém tinha liberdade não (D. Domitila).

> Os namoro, antigamente, pra o rapaz dar um beijo numa moça era preciso ser roubado, quando a véia, quando o pai mais a mãe cochilava, o camarada tava em riba dela dando beijo. Hoje não, hoje até os padre diz: 'Vai beijar não?' [risos] [Aqui tinha a tradição de prometer a filha ao filho de um amigo? Do casamento ser arranjado?] Não, não. O rapaz quando dava de namorar com uma moça, aí tinha uns que passava dois, três anos, quatro, aí quando, e às vezes, porque você sabia, a lenha perto do fogo, não tem como... Aí quando dava fé o cabra mexia com uma, aí quando aparecia a história, aí o pai mandava chamar seu Fulano, aí casava, né? Quando num queria, vai pra justiça e a justiça obrigava. Mas hoje não, hoje ele casa se quiser. [... Eu sei que o senhor é daqui, mas sua mulher é daqui também?] É. [Era geralmente assim, duas pessoas nascidas aqui?] É, mas tinha gente que chegava, namorava com os de fora. Tanto as daqui casava com os de fora, como as de fora casava com os daqui também (Seu Madola).

Os relatos acima mostram como os relacionamentos amorosos eram marcados por uma série de prescrições, que pretendiam minimizar os perigos previsíveis que a *"lenha perto do*

fogo" podia trazer à honra da família, haja vista que tais relações, aos olhos dos pais, pareciam predeterminar as ações (SAHLINS, 2003) e algumas delas geralmente levavam ao descrédito social e moral dos sujeitos transgressores. Dessa forma, qualquer espécie de contato mais íntimo, como um beijo, deveria ser efetuado com bastante atenção e cautela, caso contrário, os mecanismos sociais (formais e informais) de controle dos corpos e dos desejos seriam prontamente acionados.

Outro ponto a se destacar é que as interações com pessoas de fora não se limitavam ao comércio. Esses sujeitos tomavam parte também no mercado matrimonial pipense, como mostra a fala de Seu Madola. "Os (as) de fora" não eram pipenses, mas seguramente também não provinham de áreas muito distantes do atual distrito. Eram pessoas, conforme diz D. Palmira, oriundas dos municípios da redondeza, como seu falecido pai, que era de Barra de Cunhaú, praia vizinha.

Ao trazer esses dados, não se quer negar a possibilidade de agência desses indivíduos, deseja-se apenas frisar que numa sociedade um tanto quanto isolada, em contato com outros grupos sociais orientados por valores e instituições semelhantes, tendo apenas a religião católica, em sua vertente mais popular, o parentesco e a divisão sexual do trabalho como organizadores sociais, o campo de ação dos indivíduos tornava-se bastante limitado, cerrados entre atos prescritivos e interditos. Isso fica evidente nas falas, explicitadas acima, sobre a conformação dos relacionamentos amorosos, que exigia o respeito aos ideais de masculinidade e feminilidade estabelecidos coletivamente.

Contudo, as diferenças entre a Pipa de hoje e a de sessenta ou cinqüenta anos atrás não se limitam ao modo de vida, a geografia do local também era muito distinta. Além das grandes faixas de terra sem nenhuma habitação, da vegetação densa e abundante, o mar era bem mais recuado. Onde atualmente existe uma fileira de barracas (quiosques), rentes ao quebra-mar, na praia principal, existia uma rua de areia preta, algumas casas e, antes do mar,

havia ainda uma fileira de coqueiros. Seu Madola diz que, para se ter uma noção do quanto o mar era afastado, havia um pátio de vaquejada na frente da Rua de Baixo.

A roça e as capoeiras ficavam em oposição às praias e junto com elas compunham os principais referenciais da região. Sua orla, de acordo com D. Palmira e Seu Madola, seguia a seguinte divisão, a partir do seu limite com a sede do município de Tibau do Sul: Praia de Cacimbinhas (o nome refere-se às grandes e inúmeras depressões que se formam no solo marinho), Praia do Madeirinho, Praia do Madeiro, Praia do Curral (em referência a um curral de pesca que ainda se encontra no local, porém abandonado) ou Praia do Canto, Ponta do Morcego, Praia do Porto, Praia da Pipa (Praia da Frente ou Praia Principal), Praia dos Afogados (um alerta para o mar revolto), Praia do Moleque, Praia da Cancela, Praia das Minas (em referência às histórias das botijas enterradas com ouro) e Praia de Pedra D'água, no limite com o distrito de Sibaúma[82]. Algumas dessas denominações foram alteradas com a chegada do turismo, como conta Seu Madola:

> Olhe, a Praia dos Golfinho foi montado depois que o pessoal [os turistas] chegou. A praia ali do Amor foi depois também que o pessoal chegaro. Agora, os veranista de Goianinha, quando vinham veranear foi que botaram o nome daí, do alto, do Morro dos Amores, era onde eles paqueravam né? [Mas é mais pra cá, né?] É aí, esse morro aí, era esse morro né? Eles subiam e paqueravam ali em cima, fazer amor por lá por cima, por isso que botaram o nome do Morro do Amor. Agora, depois foi que passaram pra... depois que pôs a chegar esse povo, a Praia do Amor. [Agora, a Praia do Amor sempre teve esse nome ou era outro nome ali?] Não. Foi agora desses tempos pra cá. Era os Afogados. [E os Golfinhos, tinha outro nome?] Os golfinhos chamava a Praia do Madeira, Madeirinha e o Canto. O Canto é esse aqui, logo esse aqui [a primeira ponta], o Madeira é aquele que tem o hotel em cima e Madeirinha é aquela outra ponta que tem pra pegar Cacimbinhas.

A notória mudança nos modos de vida, nos referenciais da praia e na estrutura da cultural local, que se deu com maior intensidade nos últimos 15 anos, foi induzida por um

[82] Ver Anexo III: Mapas e Fotos de Pipa – RN.

elemento externo, o turismo, mas, como veremos, e parafraseando Marshall Sahlins (2003), foi conduzida e orquestrada de modo nativo.

2.2 O Paraíso são os Outros! – Da Construção Turística de um Destino

Na década de 1960, antes mesmo da abertura da estrada atual, quando o distrito não possuía energia elétrica nem água encanada, os primeiros visitantes começaram a aparecer, vindos principalmente do município de Goianinha, a 27 km. A pequena distância tornava-se grande quando levamos em consideração as condições da via de acesso e os meios de transporte utilizados.

> A estrada ia até Goianinha, mas não prestava, era só de areia, num sabe? Areia, os matos, não dava pra passar um carro. Aí quando o pessoal de Goianinha começaram a... que deram com essa praia aqui, que começaram a veronear, que chamavam veronista, os que vinha de Goianinha, Natal, né? Aí chamavam de veronista, não era turista naquela época, era veronista. Aí eles vinha, passava o verão aqui, o mês de janeiro, fevereiro, aí vinha em carro de boi. Carro de boi, não sei se você conhece carro de boi, né? Aí vinha no carro de boi e quem podia, os mais velhos, vinha naquilo, os mais novo vinha a cavalo. Era assim, não tinha estrada, não tinha nada (D. Domitila).

O fluxo desses visitantes era baixo e se restringia ao período do verão, que coincide com o das férias escolares. Dessa forma, uma vez ao ano já era esperado que alguns veranistas chegassem à praia. Contudo, a partir da segunda metade da década de 1970, surfistas começaram a aparecer na região, seduzidos pelas ondas, que até hoje atraem boa parte dos visitantes. Os interlocutores os consideram responsáveis pela disseminação do nome da praia pelo estado e pelo país, atribuindo-lhes o posto de descobridores da Pipa.

> Começou vir, olhe, as primeiras pessoas que chegaram aqui foram... quem descobriu mais isso aqui foram os surfista, que vinham pra cá e aí saíam espalhando, né, que a praia era muito boa, tudo mais. Aí haja vir gente fotografar, levava pra lá, saía revista, saía atrás e aí foi continuando. [E eles

> ficavam onde?] Ficava aqui... quando era esses surfista, ficava na casa de Deda, do finado Deda, que era um pequenininho que tinha aqui, que fazia comida pra eles, ficava na casa de Marina, ficava na casa de Eunice e pra eles dormirem, pra você vê, pra eles dormirem, eles amarrava as rede nos coqueiro, de um coqueiro pra outro. Cê acha que eles no verão, eles procurava o carro? Não, dormia assim, ao relento mermo, dormia dentro dos carro. Aqui podia dormir com o carro aberto, num tinha quem bulisse em nada, neste tempo não tinha quem bulisse [...] (D. Domitila).

> [E depois, dos veranistas de Goianinha, quem foram os primeiros pra vir pra cá visitar?] Os surfistas. Na década de setenta, de setenta e sete pra setenta e oito apareceu os primeiros surfistas por aqui. Abacate foi um dos primeiros surfistas, era Abacate, acho que era Zé Ramalho, o nome. Edivaldo veio mas eu num conhecia Edivaldo não... Mas sei que foi esse Abacate, que até hoje eu sei que o Abacateiro ainda tá lá, né? Que foi em homenagem a ele. Mas Edivaldo foi... [Aí plantaram um abacateiro em homenagem a ele?] Não, o Abacateiro é o nome do ponto [de surf.] [...] Aí Abacate começou a namorar com a filha de Manoel do algodão, com Marleide. Aí ela começou a namorar com esse surfista, aí disseram que engravidou, não sei [...] Aí Deda, que era aleijadinho assim, era quem acolhia os surfista, que era quem cozinhava pra eles, que fazia tudo pra eles. Aí eles ficavam na casa de Deda. [Acampados?] Acampados, não. Ficavam na casa dele mesmo. [...] Aí ele é quem cozinhava pra esses surfistas, todo mundo que vinha procurava logo Deda... [Então era mais homens que vinha pra cá.] Era só homem, só homem... E era assim, mais em Jipe, nesses carros assim (D. Palmira).

Pouco tempo depois da chegada desses precursores ádvenas, levas de outros surfistas e *hippies*, vindos de Natal, Fortaleza, João Pessoa e Recife, começaram a aportar em Pipa, encantados com as suas belezas naturais e rusticidade de seu povoado.

Depois de algumas melhorias na infra-estrutura de base, como a instalação de uma rede de abastecimento de água, no início dos anos de 1980, a distribuição pública de energia e a construção de uma via asfaltada, no início da década seguinte, um número cada vez maior de pessoas deslocaram-se para lá, vindas de cada vez mais longe, muitas delas da região Sudeste do país. Foi após a construção da estrada entre Goianinha e Pipa que também apareceram os primeiros turistas estrangeiros. Daí em diante, surgiram as primeiras pousadas e hotéis, que, em pouco tempo, começaram a dominar a paisagem.

> Os gringos? Acho que na década de [19]80... Acho que depois da estrada, visse? Em 89 mais ou menos, entre 88 e 89, que começou a vir os gringos... Aí começaram a comprar aqui em dólar, né? As coisas. [E era por agência que eles vinham?] Que eu saiba não, visse? Eles vinham sozinhos... E aí

> quando vinha, ficava embelezado com a natureza e eles queriam ficar, aí, inventavam de comprar... Aí compravam e como o dólar na época era muito mais alto... Aí eles compravam aqui barato, barato demais ficava um terreno aqui... compraram aqui um bocado de coisa com dólar (D. Palmira).
>
> Os gringo? Rapaz, os gringo chegaro aí de quinze anos pra atrás. Um pouco mais ou menos, né? Quer dizer que algum que vinha, só vinha só e voltava logo. Mas esses que tão assituado aí, que vieram, assim, de botar comércio, pra melhorar mais a situação, foi de quinze anos atrás pra cá, num foi? [Eles viajavam geralmente sozinhos ou já vinham em grupo?] Não, eles sempre que viajavam... naquele tempo era mais calmo do que hoje. Vinham sozinhos. [Nesse tempo já existia pousada?] Já, tinha pousada, a primeira pousada, o primeiro hotel que foi construído aqui na praia da Pipa foi aquele dali que chamam, como é? Da Madeirinha. [O Village?] O Village e aí aquele da ladeira, que desce pra ladeira do Amor. [O Sombra e Água Fresca?] Que foi de Elôncio. [É o Sombra e Água Fresca?] Não, aquele que tem ali embaixo. O Hotel da Pipa. Foi o primeiro que funcionou aqui (Seu Madola).

Nesse período, chegar em Pipa ainda era muito atribulado, por isso quem quisesse conhecer a praia tinha que fazê-lo por conta própria, e era assim que esses viajantes realizavam suas excursões, de forma independente, sem a mediação de agências de viagens. Muitos desses brasileiros e *gringos*[83] ficaram estonteados com Pipa e adotaram-na como local de residência. Os estrangeiros tinham mais facilidade de comprar terrenos e imóveis devido à força de suas moedas. As terras que antes ficavam ao relento e que pouco ou nada valiam como moeda, do dia para a noite, começaram a adquirir mais e mais importância frente aos anseios dos ávidos empreendedores do turismo. A terra, antes subestimada, por existir em abundância, conquistou um valor de troca nunca imaginado pelos antigos moradores.

Finalmente os tesouros da Pipa foram encontrados, foram desenterrados do anonimato e vendidos aos quatro cantos do mundo. Ao contrário do que pensavam seus antigos moradores, eles não se encontravam em botijas, escondidos em minas, mas sim à vista de todos. Entretanto, foi aos olhos dos forasteiros que eles se revelaram.

[83] Categoria êmica, que já vem sendo adotada por vários autores que se dedicam ao estudo do turismo internacional e suas dinâmicas junto às comunidades receptoras, dentre eles Adriana Piscitelli e Kamalla Kempadoo. Esse termo, utilizado pela população pipense para identificar, com maior freqüência, estrangeiros vindos da Europa e da América do Norte, bem como a expressão *nativo(a)*, usada como uma auto-referência entre aqueles que nasceram na Praia, serão tomados neste trabalho, a exemplo das autoras acima, como categorias analíticas. Todavia, para recordar sua origem empírica, essas palavras surgirão destacadas em itálico.

> Aqui ninguém sabe... nascemos e nos criemos aqui, mas ninguém sabia a boniteza daqui, porque aqui tudo era cheio de coqueiro, de mangueira, de tudo. Nós achava feio, já eles hoje sente porque tá tudo descoberto. [Construído?] É (Seu Madola).

E, a exemplo de outras localidades, os "saqueadores", representados pelos hoteleiros, munidos de um arsenal discursivo de teor desenvolvimentista, não tardaram em aparecer, cobiçando a pilhagem dessas preciosidades. Mas os seus legítimos proprietários, por sua vez, demonstrando a mesma ousadia e astúcia de outrora, não titubearam em tomar parte na divisão dessa fortuna. A metáfora é válida, pois o turismo chegou de surpresa e sem pedir licença, e impulsionou, sem pestanejar, a transformação da feição do distrito. A maior parte das pessoas do local, em busca de uma melhor qualidade de vida, não hesitava em ceder à especulação imobiliária e em se desfazer de suas propriedades.

> Só os terrenos que era aqui perto da... aqui na Pipa mermo, pertinho, que a gente mora hoje em dia por aqui, eram esses terreno mesmo que tinham dono, num sabe? Esses terrenos mais pra lá adiante, onde esse povo tão circulando hoje em dia, esses terreno o povo plantava, mas não era de ninguém, plantava, fazia um roçado... Eles faziam uma queimada esse ano aqui nesse canto, quando era no ano que entra já não plantava mais ali, já soltava aquele mato, já ia plantar noutro mato. Todo mundo trabalhava aí, agora quando chegou, começou a chegar turista e começou a comprar terreno, aí o povo se apossou tudinho, né? Cada um que quisesse o seu pedaço (D. Domitila).

Com a metamorfose do vilarejo em paraíso turístico, deu-se um processo de ocupação desordenada, pois após vender suas propriedades, os moradores de Pipa apossavam-se de outros espaços, cada vez mais em direção à área antes destinada às roças. Estes mesmos moradores, que viviam da pesca e da agricultura, em sua maioria, abandonaram suas atividades tradicionais e tornaram-se, a partir da invasão turística, camareiras, garçons, porteiros, recepcionistas, auxiliares de serviços gerais, motoristas, seguranças e caseiros dos

empreendimentos dessa atividade globalizada. A dimensão mercadológica passou a governar as relações sociais (WOORTMANN, 2007).

> El turismo es parte de un gran movimiento de capital. *Veraneantes y turistas*, forman parte del proceso global de integración a un nuevo orden económico. […] los turistas cambiaron a las personas del lugar. Buscando reencontrar el paraíso perdido en sus ciudades, corren el riesgo de construir el infierno para los 'auténticos' del lugar, repitiendo lo que ya ocurrió en otras localidades 'paradisíacas'. Por más 'alternativos' que se piensen, son parte del proceso que alteró el movimiento y la organización del espacio/ambiente (WOORTMANN, 2007: 481).

A atividade do turismo mudou, assim, não só a paisagem local, mas também as relações de trabalho. Antes cada indivíduo era proprietário de sua terra e dono de seus instrumentos de produção, organizados como trabalhadores autônomos com vistas à subsistência, mas que agora, inseridos numa lógica capitalista, passaram a vender sua força de trabalho, cada vez mais especializada, conformando uma complexa divisão social do trabalho, aos proprietários dos equipamentos turísticos.

Em oposição, porém, à consideração feita por Woortmann (2007), a chegada do turismo, a apropriação das terras cultiváveis por hotéis e outros meios de hospedagem, além da ampliação da oferta de trabalho, através da disponibilização de (sub-)empregos por esses mesmos equipamentos, não alteraram apenas a condição social da mulher, o que para a autora desembocara em uma maior subordinação ao homem. Apesar do mar (domínio masculino) realmente não ter sido loteado tal qual grande parte das terras ("domínio" feminino) do distrito, a "indústria" do turismo tornou a atividade tradicional da pesca não mais atraente à maioria dos homens do local, principalmente os mais jovens. Poucos se dispõem a tirar seu sustento de uma atividade tão arriscada[84], preferindo trabalhar como recepcionistas ou garçons em terra firme. Portanto, o turismo separou mulheres e homens de seus meios de

[84] Durante a pesquisa etnográfica, o barco de um grupo de pescadores perdeu o leme e passou mais de dois dias à deriva, até a correnteza o levar para perto da costa, numa praia da região metropolitana do Natal.

produção e inseriu-os na lógica do mercado, reconfigurando a ambos. Alguns autóctones, no entanto, conseguiram desenvolver um negócio próprio, mas poucos prosperaram.

Essa conjuntura fez, então, emergir em Pipa uma visível divisão de classes. Não que antes não existissem relações de mercado, mas certamente elas ocupavam um lugar de menor destaque na sociedade. Assim, é somente a partir da chegada do turismo que o trabalho, a terra e os corpos assumem características de mercadoria.

A administração pública do município de Tibau do Sul, a qual Pipa está atrelada, deixou, por muito tempo, que a reordenação física e social provocada pelo turismo atuasse de forma livre e descontrolada, acreditando talvez na auto-gestão dessa atividade, seguindo as orientações neoliberais do livre-comércio[85]. Como resultado, grande parte de suas matas foram devastadas, dando lugar a pousadas, restaurantes, hotéis, lojas e *resorts*. Algumas espécies da Mata Atlântica local entraram em processo de extinção, como a Guabiraba[86]. Ademais, inúmeros desses hotéis encontram-se sobre falésias, que sem a proteção da cobertura vegetal, não resistem à força das ondas e findam por ceder mais rapidamente[87].

> Si el espacio es un ambiente, un ecosistema, él no es apenas un ambiente natural, dado, más un ambiente cognitivamente aprendido y culturalmente construído. Como ambiente construído, es un espacio 'significado', cuyo uso

[85] Arim do Bem diz que o turismo, nos destinos periféricos, *"passou a ser desenvolvido de modo intuitivo, sem o respaldo de pesquisas científicas e sem a presença marcante dos profissionais qualificados, capazes de compreender a amplitude e a complexidade da atividade [...]"* (BEM, 2005: 27).

[86] Sua madeira foi intensamente utilizada na fabricação de mesas e cadeiras, ao mesmo tempo em que serviu de elemento decorativo de diversas construções, já que devido à sua estrutura peculiar dava a elas um charmoso ar de rusticidade.

[87] Por muito tempo, a única iniciativa visando a preservação e o desenvolvimento de um trabalho de educação e consciência ambiental foi de origem privada. Um inglês, radicado em Pipa, criou uma espécie de Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) chamada de Santuário Ecológico de Pipa, refúgio para uma série de exemplares da fauna, que têm seu habitat cada vez mais reduzido e fragmentado. Apenas recentemente, o Instituto de Desenvolvimento Econômico e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte - IDEMA, órgão estadual que trata das questões ambientais, não podendo mais manter-se imparcial a tamanha degradação, delimitou a região, onde se situa a praia da Pipa, como uma Área de Proteção Ambiental, APA Bonfim-Guaraíras (Decreto n° 14.369, de 22 de março de 1999), e deu início ao processo de criação da Unidade de Conservação de Uso Integral "Parque Estadual da Mata da Pipa" (Decreto 19.341, de 12 de setembro de 2006), que contará com uma área de 290,88 hectares, onde serão desenvolvidas atividades de pesquisa, de educação e de interpretação ambiental, oferecidas atividades de recreação ecologicamente orientada e incentivado o turismo ecológico. Para maiores informações acessar: http://www.gabinetecivil.rn.gov.br/acess/pdf/dec19.341.pdf .

> social le atribuye un sentido. La noción de ambiente incluye, entonces, las relaciones sociales y la cultura que hacen de la "población" de ese ecosistema una sociedad. Si la historia es dada por la desarticulación del ambiente construído, ella es también el proceso de atribución de nuevos significados al espacio, de nuevos usos sociales, y del desplazamiento social de los agentes tradicionales. El cambio ambiental significa la alteración de las relaciones con el espacio, de los hombres entre sí, y de las mujeres con los hombres en función de ese espacio (WOORTMANN, 2007: 481).

A mudança cultural acelerada, por isso mais visível, pela chegada do turismo em Pipa e a interpretação de Woortmann sobre o espaço, ordenado culturalmente, como significante e (re)significado ressoam a idéia de Sahlins (2003) quanto à simultânea volatilidade e reprodutibilidade da estrutura, que se manifesta nas ações dos agentes envolvidos. A atividade turística – elemento histórico, por isso contingente e arbitrário - transformou a conformação espacial da praia, a relação dos moradores com o espaço e entre si mesmos. A um só tempo, os turistas foram envolvidos pelas categoriais culturais locais (o forasteiro foi responsável pelo povoamento e surgimento do local, segundo as narrativas coletadas) e inseridos no seu ecossistema social, dessa forma, a comunidade local investe crescentemente nessa atividade visando produzir "safras" cada vez maiores e mais rentáveis de visitantes, demonstrando que, mesmo tendo cambiado os significados do lugar e do cotidiano, esses "intrusos" são bem-vindos, pois são necessários para a atual estrutura da conjuntura (SAHLINS, 2003).

O ciclo do turismo sufocou quase totalmente os demais setores produtivos locais, impondo seu ritmo e suas demandas. Este processo foi intensificado com a chegada dos grupos de turistas organizados pelas agências de viagem, a partir da segunda metade da década de 1990, que colocaram a Praia da Pipa dentro do circuito mundial do turismo. Dessa forma, a população local foi levada a se adaptar aos efeitos dessa atividade e reelaborar as bases de sua sociabilidade.

Apesar de alguns problemas terem surgido junto com o turismo, como o aumento do consumo de álcool e do tráfico de drogas "pesadas", como o *crack*, crescimento dos índices

de violência (principalmente relacionados a assalto[88]), desconfiguração da paisagem local, desmatamento e degradação ambiental, segregação social, poluição sonora e visual, transformação contínua da arquitetura, desvalorização das atividades de produção e das manifestações culturais tradicionais, os antigos moradores entrevistados encaram a chegada da atividade turística como positiva, uma cara aliada da Praia da Pipa, tendo em vista as benesses que a acompanharam, as quais se sobressaem em suas falas frente aos pontos negativos.

> Ômi, pela umas coisas, pel'umas partes foi bom viu. [Pelo quê?] Pela parte de que hoje o pessoal vive melhor, num sabe? Com mais dinheiro. O pessoal, hoje da Pipa, ninguém sabe mais quem é pobre, tá certo de que todo mundo é pobre, ninguém é rico, mas à vista do que viviam, que o pessoal era uma casinha de taipa, às vezes tinha uns que num botava nem um barro no piso da casa, outros tinha uma casa arrochada de palha. E desse tempo pra cá tudo melhorou. Por isso que eu digo, melhorou nessa situação, agora sobre o negoço do povo ficare desobediente, filho não querendo mais obedecer a pai, essas coisa, esse negoço de corrupção, isso aí piorou, num sabe? Essas coisa piorou, mas no bem-estar do povo, eu acho que melhorou muito, melhorou muito (D. Domitila).
>
> Na parte de ganhar dinheiro foi a melhor coisa que existiu, né? Trouxe desenvolvimento demais até, né? É trabalho pra todo mundo, né? [E a parte ruim?] E na parte ruim, de tranqüilidade, né? Pra quem é nativo ficou ruim... Mas pra ganhar dinheiro foi uma das melhores coisas... Porque antigamente aqui se morria de fome, saúde era precária, tinha nada, rapaz, nem em Goianinha, viu? (D. Palmira).
>
> Aqui, o [problema] que é maior é a tranqüilidade, tranqüilidade foi o que... [piorou]. Mas em outras coisas, graças a Deus, [o turismo] trouxe e tá trazendo muitas coisas. [Então, o senhor acha que o turismo foi bom para Pipa?] Foi bom, foi bom. As terras da Pipa, que tem vendida, se for construir é uma grande cidade (Seu Madola).

A aceitação da atividade turística como algo positivo deu-se, entre outras coisas, em conseqüência do incremento da renda (o enriquecimento está muito atrelado à idéia liberal de "vencer na vida" e fazer-se a si mesmo) e da diversificação das atividades laborais, que permitiram saciar os desejos por individualização e por distinções identitárias (remontando à e

[88] Ver reportagem da Tribuna do Norte *Online*: "Turista sueco é assassinado após assalto a pousada em Pipa", publicada no dia 01/03/2009 por Ciro Marques em: http://tribunadonorte.com.br/noticias/102325.html.

procedendo da singularidade de seu mito de origem[89]), que foram, por muito tempo, acordadamente, refreados em prol da estabilidade e coesão da comunidade, mas que também transpassam e marcam a maioria das sociedades da contemporaneidade.

A imediatez desses benefícios ofusca, porém, grande parte das desordens e problemas, principalmente, sociais e ambientais, advindas com o turismo, frutos do rompimento que essa interação com elementos externos provocou na tessitura social, o que fez com que problemas sociais fossem vistos como falências individuais, passando a vigorar a máxima do *"cada um por si e Deus por todos"*. No entanto, o relato desses moradores mostra que eles negam-se a construir um passado idealizado positivamente, ao contrário do que parece acontecer com os integrantes das comunidades investigadas por Woortmann (2007). Para os antigos moradores da Pipa, a lembrança das dificuldades e limitações do passado faz com eles recusem-se a crer que o antes era melhor que o agora.

A unidade de outrora, baseada na similitude de crenças, sentimentos e valores morais, foi se rarefazendo. O individualismo e a divisão social do trabalho deslocaram a configuração societal para uma mais nítida diferenciação entre seus membros. Os agentes, cada vez mais atomizados, ao interagir com os turistas deram início a um processo de hibridização de antigos valores morais, baseados nos dogmas religiosos, com representações sociais de todas as partes do país e do mundo.

O contato intenso e constante da comunidade com os turistas transformou rapidamente uma série de fatores, que extrapolam as questões relativas à economia, tirando a tranqüilidade que marcava a antiga vila. Costumes, modos, valores e comportamentos – *"sobre o negoço do povo ficare desobediente, filho não querendo mais obedecer a pai, essas coisa, esse negoço de corrupção, isso aí piorou, num sabe?"* -, juntamente com os espaços de socialização, foram alterados. A mudança atingiu todas as esferas da sociedade pipense, destacando-se,

[89] A relativa facilidade que a população pipense tem em lidar com pessoas de outras regiões e nacionalidades talvez se explique por ocasião de sua origem também ser marcada pelo convívio entre brasileiros (posseiros) e estrangeiros (italianos), tomando por base os relatos acima.

para os fins do presente trabalho, os itinerários dos relacionamentos afetivo-sexuais, onde as parcerias entre autóctones e forasteiros (as), a exemplo da relatada por D. Palmira entre Abacate e Marleide, tornaram-se, com o tempo, comuns.

2.3 Destino Pipa

> Hoje vou à Pipa. Só de pensar já me sinto bem. A viagem é rápida. Menos de duas horas. Saindo da região metropolitana do Natal, começam a se formar extensos canaviais, que tentam esconder o quanto desmataram a área ocupada com uma ínfima franja de Mata Atlântica margeando a estrada. A estrada está horrível de se trafegar. As obras federais de duplicação da BR-101 exigem desvios, paradas e provocam um pequeno engarrafamento. Mudo de idéia e começo a achar que dessa vez a viagem não será tão rápida. Mas já saímos de Natal, passamos por Parnamirim e... "Que cidade é essa? É São José do Mipibu?" "É!", diz meu pai. "São José do Mipibu." – repete meu tio, lendo o nome da cidade que está estampado no jardim do ponto rodoviário local. É quase uma obrigação pararmos aqui, seja de ônibus ou de carro. "Aqui tem um São João bom da bexiga, visse?!" – completa meu tio. Ao falar isso me veio à cabeça a imagem de um professor meu de português, da época do secundário, natural deste município, que sempre com a proximidade das festas juninas, fazia propaganda de São José como sendo o melhor São João do mundo.
>
> Bem, comemos umas besteiras de rodoviária, que deixou meu estômago tão bagunçado quanto o interior dos quiosques onde eram vendidas. Seguimos. Os canaviais vão tomando conta da paisagem. É um verde bonito, meio prata, meio água. As folhas das canas bailam com o vento e a Usina Estivas se ergue no meio da plantação, cinza, cuspindo fumaça, fruto das caldeiras que preparam o melaço. Pouco a frente já avistamos Goianinha. Esse é o município que dá acesso à praia de Pipa. Daqui, além dos ônibus vindos de Natal, partem também muitas vans com destino final nessa praia. Goianinha vive quase só do comércio e da agricultura canavieira. O seu centro é pequeno, rapidamente o cortamos e entramos na pista. São muitos distritos que temos que passar até chegarmos ao nosso destino. Não sei pra quê existem tantos já que são todos muito parecidos e muito próximos. O único que consigo distinguir é Piau, porque fica próximo a uma curva e bem perto da sede de Tibau do Sul. Aliás, quando vamos nos aproximando de Tibau, à nossa

esquerda começamos a vislumbrar a Lagoa Guaraíras, é uma coisa incrível, ela se une ao mar bem na sede do município, o pôr-do-sol é esplendoroso, um espetáculo. Pena é que cada vez mais os mangues daqui estão dando lugar a fazendas de carcinicultura. Na entrada de Tibau amontoam-se uma série de *resorts* e hotéis de luxo, todos afirmando ter a melhor paisagem do paraíso. Engraçado que apesar de tanto luxo e de tantos empreendimentos, a população daqui continua pobre. Gente humilde, com casas pequenas, na maioria, antigos pescadores e rendeiras que servem apenas para trabalhar nas funções mais serviçais desses imensos meios de hospedagem.

A placa anuncia Pipa a menos de sete quilômetros. Quando deixamos o centro de Tibau do Sul, adentramos na parte final da viagem e sobre a pista que invadiu a duna, vemos os contornos da cidade lá em baixo. Para quem vai a primeira vez, Pipa é um choque. As falésias do lado esquerdo formam mirantes naturais, ao lado direito as dunas semi-vegetadas. Vemos a praia da Ponta do Madeiro, o verde que desce por suas barreiras e as águas calmas que alisam a areia. Mais a diante tem uma reserva florestal, o Santuário Ecológico. Chego a Pipa, bastante animado, mas é óbvio, estamos às vésperas do reveillon e, finalmente, vou rever minha companheira, depois de estendidos 15 dias. Vim dirigindo o carro do meu tio até aqui e ao chegar na rua principal do distrito, vejo que não fui o único a fazer a escolha por Pipa para virar o ano. Na verdade, Pipa é um dos mais badalados reveillons do Rio Grande do Norte, a prefeitura espera 30 mil pessoas, apesar de nesse momento, pelo fluxo de carros e de pessoas na rua, parecer bem mais. Logo na entrada estava formado um engarrafamento, motivado pela já grande quantidade de visitantes e também devido às suas ruas estreitas. Sempre que venho aqui me deparo com novas construções advindas da especulação imobiliária resultado da atividade turística, então, Pipa sempre está de cara nova, "repaginada". Aqui parece uma Torre de Babel devido à diversidade de origem das pessoas. Línguas, sotaques e regionalismos lingüísticos se embaralham lembrando uma espécie de Esperanto. A cidade cheira a protetor solar.

(Notas de Diário de Campo – 29/12/2007)

A Praia da Pipa hoje em dia é uma área cosmopolita. Muitos de seus atuais moradores são oriundos de diversas partes do Brasil e dos mais diferentes lugares do mundo. Esse cosmopolitismo torna-se mais evidente nos meses de verão, que comporta a chamada alta-

estação do turismo, quando mochileiros[90] e turistas institucionalizados[91] vindos de São Paulo, Recife, João Pessoa, Brasília, Itália, França, Portugal, Espanha, Canadá, Israel, Japão, Argentina, Uruguai, Estados Unidos, Holanda, Inglaterra, Suécia, Noruega se misturam à população local formando um grosso "caldo cultural".

Numa pequena localidade com um intenso fluxo turístico é esperado que, desse encontro, ocorra uma série de relações entre população fixada e população flutuante. Essas interações se dão em situações em que o morador é transformado em prestador de serviços e em outras em que ele é apenas o *nativo* daquele destino turístico. De tais trocas resulta um *continuum* de sentimentos, onde de um lado encontramos a repulsa e do outro o fascínio, e um elemento que constitui essa fascinação é o desejo, a atração sexual. Através da mútua exotização e erotização do Outro, inúmeras possibilidades de relações afetivo-sexuais são empreendidas.

Durante a pesquisa etnográfica conseguimos observar e coletar informações sobre a dinâmica de um exemplar desses encontros afetivo-sexuais que se dão em contextos de viagem. Ao contrário do que pensa o senso comum e do que corriqueiramente foi, e ainda é, divulgado na grande mídia e em algumas áreas da academia, eles não obedecem a uma receita invariável, sempre composta pelos mesmos ingredientes. Mostram-se, cada vez com mais clareza, como uma imbricada rede de socialização extremamente heterogênea, pouco habituada a determinismos, e põe "sob rasura", apropriando-se da noção de Stuart Hall (2007), o conceito que disserta sobre a mescla entre sexo e atividade turística, conhecida amplamente como "turismo sexual".

---

[90] São aqueles viajantes que organizam e realizam suas viagens independentemente, estabelecendo, por conta própria, seus roteiros e o período de sua estada. Geralmente, interagem mais facilmente com as comunidades receptoras e utilizam de equipamentos de hospedagem mais alternativos, como os *campings* e os albergues da juventude, mais acessíveis que os preços dos hotéis.

[91] São os turistas que viajam a partir da mediação das agências de viagens, através de seus pacotes turísticos, tornando-se prisioneiros de seus roteiros, que definem previamente o que deve e o que não interessa ser visto. Na maioria das vezes, fazem uso dos equipamentos de hospedagem e de restauração (alimentos e bebidas) mais pomposos.

Em Pipa, alguns homens, a maioria *nativos* e *locais*[92], empreendem uma série de relacionamentos afetivo-sexuais com mulheres estrangeiras que, geralmente, encontram-se em contexto de viagem. Elas, em sua grande parte, são oriundas da Argentina, Europa Ocidental e dos países Escandinavos. Por sua configuração ser inversa a que geralmente vem sendo analisada, pois aqui é a mulher que se desloca e usufrui dos "serviços" sexuais de homens autóctones, o caso de Pipa nos dá base para questionar a generificação das atividades do "turismo sexual" e do mercado de sexo.

Ao contrário do que possa parecer, esse tipo de interação traz elementos que o destaca do prosaico e inviabilizam interpretações reducionistas, que o enxergaria precipitadamente como um lugar comum, um comportamento típico de pessoas jovens. Para entendê-lo é preciso saber como esses relacionamentos se dão, o que leva esses parceiros a os empreenderem, o que os positiva e os torna preferíveis frente às demais possibilidades de relacionamentos.

É necessário, antes, deixar claro dois fatos que atuaram no processo de turistificação da Praia da Pipa e que nos são bastante caros para a compreensão do fenômeno que aqui se pretende analisar. Primeiramente, temos que lembrar que o turismo em Pipa consolidou-se como um dinamizador e potencializador da economia local, "melhorando" as condições de vida da população – *"pra ganhar dinheiro foi uma das melhores coisas... Porque antigamente aqui se morria de fome, saúde era precária, tinha nada, rapaz, nem em Goianinha, viu?"*. Do mesmo modo, quando adotada oficialmente pelos órgãos governamentais, esta atividade foi, de certa maneira, sacralizada e apontada como condição essencial para possibilitar o desenvolvimento local[93], firmando-se como via prioritária na agenda de investimentos

[92] Ambas são categorias êmicas. Segundo os próprios interlocutores, *locais* são os adventícios que vivem em Pipa há pelo menos cinco anos.

[93] O pesquisador Arim do Bem afirma que da perspectiva dos países receptores, em particular, no caso de vários destinos turísticos do Nordeste brasileiro, *"o desenvolvimento do turismo está ligado à necessidade de dar início ou continuidade ao processo de modernização, considerando-se o turismo, portanto, um instrumento*

públicos. Entretanto, a canalização de investimentos públicos e privados para o turismo, tornou a comunidade demasiado dependente, em termos econômicos e simbólicos, do vai-e-vem de visitantes.

É difícil não constatar nem perceber o quanto o turismo está presente no cotidiano da Pipa. Evidencia-se nas pousadas e hotéis, nos bares e restaurantes, nas lojas de souvenires, nas casas de câmbio, porém, devido à dinâmica da própria atividade, cujo núcleo produtivo não se mantém fechado, mas sim se espraia por outros setores da economia, a priori não relacionados com ela, mostra-se também em padarias, *lan houses*, farmácias, quitandas, mercados, principalmente através dos preços elevados.

O turismo trouxe consigo uma espécie de verdade, semelhante àquela representada pelo capitão Cook e seus marujos aos polinésios-havaianos, a *"verdade do estrangeiro"*, como diria Sahlins (2003), que foi tomada pela maior parte da população da Praia da Pipa também como sua, estimulada pelas decisões das autoridades políticas locais (em analogia aos sacerdotes havaianos) que a endeusaram a ponto das atividades econômicas que faziam parte dos costumes pipenses, como a pesca, serem, por muitos, abandonadas[94], como afirma um morador:

> A maioria [trabalha] com turismo. Hotel. Eu acho que a Pipa toda é turismo, né? [Tem pouca gente trabalhando com pesca, né?] Só os mais velhos, pouquíssima pessoa. É tanto que a pesca na Pipa já tá acabando. [Daqui a próxima geração...] Não vai ter mais pescador (Nilson[95], 27, bugueiro e barman).

---

privilegiado para dinamizar a atividade econômica, às vezes, até superestimado como alternativa econômica" (BEM, 2005: 22).

[94] Para maiores informações sobre contatos interculturais diaspóricos e teoria da mudança, ver: Bhabha (1998) e Appadurai (1998). Para uma análise sobre as conseqüências dessas situações de contato voltada às comunidades identificadas como "de pescadores" ver: Woortmann (2007).

[95] A partir desse instante, alguns nomes que surgirão ao longo do texto são, na verdade, pseudônimos, utilizados para resguardar a privacidade dos interlocutores, apesar de que outros foram mantidos, perante permissão prévia (ver documento no Apêndice VI) dos sujeitos da pesquisa.

A figura do turista e suas práticas foram também "endeusadas", iniciando um processo que Mário Carlos Beni (1998) chama de "efeito demonstração". Em pouco tempo, a população local começou a desejar roupas, costumes e estilo de vida do turista[96], assim como a ele mesmo. Tal comportamento corresponde ao que Marcel Mauss (2003) chamou de "imitação prestigiosa", a reprodução de algo social e/ou culturalmente valorizado, a cópia de um *ethos*, que confere status àquele que o incorpora.

O valor atribuído não só ao que é próprio do outro, mas ao outro em si, denuncia as ações de apropriação e resignificação simbólica elaboradas pela comunidade receptora, que radicaliza o discurso propagandeado pelos representantes públicos e porta-vozes da iniciativa privada em louvor ao turismo e à salvação financeira que ele proporcionaria, através do *slogan*: *"O turismo gera emprego e renda!"*

Não só a imitação possibilita a aquisição de prestígio. A inserção nesses grupos de forasteiros/adventícios torna-se também positivada, pois demonstra intimidade e familiaridade com seus códigos e estabelece uma ruptura dentro do próprio seio do grupo social local, que se divide entre os que estão e aqueles que não se encontram dentro desses novos circuitos de sociabilidade, bem como entre os que se relacionam com os turistas apenas via prestação de serviços e aqueles que o fazem a partir de outros esquemas interacionais. Dessa forma, um dos mecanismos alçados por alguns membros da referida comunidade receptora, para terem acesso a tais representações simbolicamente valorizadas, é o envolvimento afetivo-sexual com esses (as) turistas.

Ademais, faz-se mister observar, e esse é o segundo ponto a destacar, que a Praia de Pipa surgiu no cenário do turismo como um destino alternativo, propício àqueles que buscavam fugir da agitação do turismo de massa. Dessa forma, freqüentada no início por surfistas, *hippies* e mochileiros, a praia ganhava ares de contracultura e boêmia, a partir disso

[96] Sahlins informa que os chefes havaianos *"se apropriaram de personagens da grandeza européia ao mesmo tempo que imitavam o estilo adequado de vida luxuosa da Europa. [...] No início do século XIX, esse 'vestir-se' como identidades preeminentes estrangeiras tinha virado alta moda no Havaí."* (2003: 176).

a vila de pescadores assumia um tom e uma aura de permissividade e liberalidade tanto sexual quanto no que diz respeito ao uso de psico-ativos, principalmente da maconha.

Atualmente, pode-se dizer que Pipa classifica-se como um destino massificado, dado ao fluxo de viajantes que recebe e à infra-estrutura turística que possui, composta por um amplo leque de opções de meios de hospedagem, entretenimento e por um complexo gastronômico[97] influenciado pelas e especializado nas mais diversas e renomadas cozinhas internacionais. Embora isso não signifique dizer que a praia tenha perdido seu "charme rústico" – que, na verdade, não passa de um simulacro criado e recriado pela arquitetura paisagística presente na maioria dos prédios comerciais, na busca incessante de apresentarem-se como representantes de um estilo arquitetônico tradicional, em harmonia com a paisagem natural[98] – e sua mística permissiva, que ainda prestam-se como chamarizes, conservando antigos e atraindo novos freqüentadores.

Diga-se de passagem, por se tratar de um destino de turismo de lazer (ou turismo sol e mar), a grande parte dos visitantes que ali aportam buscam, acima de tudo, diversão. Sabendo que as sociedades de onde provém parte dos turistas de Pipa (Europa Ocidental e Sudeste brasileiro, como São Paulo) são regidas por uma lógica prometeica, marcada pela produção, ocupação, controle e resultados, nas quais as atividades hedonísticas não possuem muito espaço, os destinos turísticos funcionam como redutos que possibilitam a emergência de sua face dionisíaca[99] (MAFFESOLI, 2001). Pipa presta-se a esse serviço.

---

[97] Um evento que reflete a variedade da culinária dos restaurantes da praia é o Festival Gastronômico de Pipa, que ocorre desde 2004, sempre no mês de outubro, e movimenta um grande fluxo de visitantes.

[98] Não obstante, várias espécies da flora local entraram em processo de extinção devido ao uso de sua madeira como elemento decorativo desses empreendimentos que se vendem como ambientalmente responsáveis.

[99] Ana Rosa Lehmann-Carpzov (1994) traz uma interpretação da viagem como uma experiência sagrada e costura uma analogia com os cultos dionisíacos.

A representação de Pipa como paraíso de sexo e psico-ativos[100], apesar de não ser oficial, parece ter se disseminado informalmente por vários lugares e também se fixado no imaginário local, conforme a fala de um informante nos revela:

> Meu irmão, é aquela coisa doido. Tipo... já fosse pro Recife Antigo? Então, tu vai ali pro Recife Antigo é todo mundo parado, pá, é a mesma coisa. Agora você vai aí de noite mermão. Você vê a cara da galera: é sexo, tá ligado? A galera só quer sexo, véio. [risos] Você fica doido, pô. É gringa que só a porra, tudo... Você se chega ela já dá ouvido pra tu, tá ligado? Tem outras que dependendo do seu papo ou da sua cara, mermão, aí elas te aceitam, tá ligado? Mas é isso, a galera quer se drogar, quer fazer sexo, coisa boa num quer fazer. Ficam tudo... Aí é atacar mermão! [risos] [E como é que tu define a noite da Pipa?] Noite da orgia. Curto e grosso (Gabriel, 24, escultor e professor de capoeira).

Esse relato faz ressoar a noção de *sacred journey*, de Nelson Graburn (1989), em que a viagem turística está inserida. Tomando como referência os países centrais, pode-se visualizar a vida como uma contínua alternância entre dois modos de existência, regidos por distintos padrões morais: o tempo ordinário/profano e compulsório do trabalho e outras obrigações, cerrados no espaço do lar, e o tempo não-ordinário/sagrado, voluntário e prazeroso, cujo representante-mor é a viagem (GRABURN, 1989).

Como esses períodos de sacralização da vida social são bastante curtos em comparação ao cotidiano profano, as pessoas tendem a vivenciá-los de forma intensa, em busca de "estados alterados". Daí justifica-se, de certa forma, o aumento no consumo de álcool e outras drogas, bem como a despreocupada emergência das pulsões sexuais. As férias em terra estranha possibilitam o vivenciar da errância sexual (MAFFESOLI, 2001), livre do peso das prestações sociais da *community home*. Tais comportamentos, ao contrário, possuem o respaldo moral dessas comunidades, posto que os valores do turismo moderno, além do status social, estão vinculados à diversão e às "experiências exóticas". O inusitado, o mágico,

[100] Nos dias atuais, o consumo e a venda não se restringem à maconha. Junto com a inserção de Pipa no circuito internacional do turismo, o local foi anexado à rota de outros psico-ativos como o crack, a cocaína (conhecida popularmente como pó ou *bright*), o ecstase (também chamado de bala) e o LSD (ácido lisérgico chamado vulgarmente de doce).

o efêmero, a fugacidade que marcam esse momento extraordinário/sagrado faz com que aqueles que o vivenciam, o percebam e o interpretem como mais real que a "vida real", pois sua única obrigação é com a satisfação pessoal (GRABURN, 1989).

Para a comunidade receptora, desvinculada das atividades tradicionais, o que interessa é como ela pode se beneficiar desse comportamento "desregrado" dos turistas. Se eles estão dispostos a gastar, é preciso saber aproveitar e disponibilizar serviços que atendam suas expectativas, que sejam condizentes com a fama da hospitalidade brasileira e que lhes convençam de que estão realmente no "paraíso". Se desejarem vivenciar, comprovar e experimentar as diferenças, atualizando as estruturas hierárquicas de poder mundialmente disseminadas (cf. SCOTT, 2007), a população tratará de reforçá-las conscientemente para também tirar proveito desses eixos produtores de desigualdade.

Frente a essa nova conjuntura, seduzir, galantear e se envolver afetivo-sexualmente com mulheres estrangeiras é para alguns homens *nativos/locais* uma forma de tomar parte nos louros e nos lucros gerados pelo turismo, pois estes relacionamentos surgem como vias de acesso facilitado a bens e símbolos socialmente valorizados.

Entretanto, essas novas formas de relacionamentos afetivos, particularmente as parcerias binacionais, causam opiniões diversas e divergentes entre os moradores antigos. D. Palmira e Seu Madola assumem um discurso um tanto moralista frente à permissividade e à fugacidade desses relacionamentos:

> Ah, hoje em dia é só um tal de ficar. [gargalhada] [As pessoas costumam namorar com turistas?] Hoje em dia o que vale é o turismo, é o turista, é o *gringo*, que o povo explora. [E o que é que a senhora acha?] Eu pelo menos, tem umas *gringa* que me aparece aqui que eu vou te dizer, viu. [risos] 'Uns malacas [malandros] daqueles', como dizia Joca. Vive aqui com a gente. [Mas tem aumentado esse tipo de relacionamento? O pessoal tem casado com turista, com estrangeiro?] Olhe, Tiago, tem pessoas que já casaram, já foram, aí, tão morando fora, isso aconteceu muito. [Mas isso tudo a família aprova? As famílias daqui como é que vêem isso?] É, porque elas ajudam muito, acham que porque casou com *gringo* é tudo, né? Então, vão embora e... [O que você acha das turistas pagarem coisas para os homens daqui?]

> Ah, isso aí eu acho o fim da picada, como diz a história, porque eu acho que cada um tem que ter... como se diz? Independência, porque no momento que um vai procurar uma *gringa* só porque tem dinheiro, é porque não tem coragem de trabalhar, né isso? [...] Aí eu acho assim, que as pessoas se quer, tudo bem. Quer conhecer, quer ir embora, se gostou, vá. Mas vá com a sua independência, porque se for depender dos outros, aí em lugar nenhum não dá certo, né? Em lugar nenhum isso não existe. [Essa foi uma mudança trazida pelo turismo?] Eu acho que foi, porque vê essa história, porque... e principalmente aqui em Pipa, né? Porque antes os homens daqui viviam o quê? Trabalhando pra sustentarem as mulheres, né? E hoje em dia não. Eles fazem o contrário, né? Principalmente o povo mais jovem, já vê o contrário, as mulheres que, principalmente *gringa*, tem que sustentar eles, né? Aí, isso não existe, de maneira alguma (D. Palmira).

> Os namoro? Mudaram. O negoço hoje tá solto no meio do mundo. É, de primeiro, o camarada namorar com uma moça é preciso fazer, ela tava lá acolá e de cá o cabra já tava batendo as pestana pra ela. Hoje não, só é chegar na casa dos pais mesmo, pegar ela na mão e sair pelo meio do mundo. Hoje a liberdade é maior. [E hoje em dia tem um pessoal que namora com turista?] Tem um bocado deles, tanto os de fora também. Esses turista quando vêm, parece que vêm assim mesmo de paquerar. [Com as pessoas daqui?] Com as daqui e de fora que vem por aqui e de todo canto. Eles chegam aqui, cada homão que é dessa altura, com umas coisinha desse tamanho, anda debaixo do sovaco deles, morenazinha, essas coisa. E aqui já tem, já foi donas que... Uns leva elas só pra fazer elas sofrer lá, mas tem outros que... Tem uns que casou e vive bem. [... O que você acha?] Com turista? Rapaz, esses namoro dos turista com brasileiro, eles parecem que quando vêm, já vêm na certa, é. Eles só tão esperando...elas acham que todo turista é rico, todo turista é rico. [... Os homens daqui também? As turistas sustentam eles?] É, eu acho, sabe porque é... Hoje muitos anda a procura dessa *garapa* [leia-se: de uma vida fácil], que elas vão, eles sabe que ela tem alguma coisa, ela pode ser feia, pode ser o que for, mas vai em cima pra modo do dinheiro. [O que o senhor acha do homem ser bancado por mulher?] Eu acho que tudo no mundo, essas coisas assim, a mulher pode até um dia que sentir mal dele, pode até chagar e dizer: 'Tu sois assim, porque eu tenho, eu fico te sustentando, assim, assim, né?' E quando o homem toma conta de sua responsabilidade, por família, por mulher, por tudo, ele tá sabendo que tem toda garantia, porque a responsabilidade é dele. Ele num pode levar uma piada duma mulher nenhuma, porque a responsabilidade é dele. Mas esse povo que pegar uma mulher aqui, à procura do dinheirinho que ela tem, tá sujeito a uma piada dela, essas coisas, né? [...] Hoje aí, a maior parte é na boa, viu. Muitos aí, tem uns que a mulher é empregada e eles nem ligam. Num quer trabalhar. Outros, como se diz, a mulher quando diz qualquer coisa pra eles, dizer que eles quere ficar vivendo às custas dela, aí quer se revoltar, né? (Seu Madola).

Como podemos visualizar, ambos os relatos apontam para uma desaprovação desses câmbios afetivo-sexuais binacionais. Tanto D. Palmira quanto Seu Madola começam falando da falta de compromisso dos relacionamentos atuais. Logo em seguida, quando questionados sobre os relacionamentos entre brasileiros (as) e estrangeiros (as), eles expressam certa crítica

a essas uniões, amparando-se em discursos que se prendem à idéia de que elas sempre são motivadas, por parte de um dos parceiros, por expectativas de exploração, de benefício próprio – *"Hoje em dia o que vale é o turismo, é o turista, é o gringo, que o povo explora."*. Por outro lado, Seu Madola acha que os turistas já vêm para Pipa com a intenção de namorar – *"[...] parece que vêm assim mesmo de paquerar."*. Porém, esses dois interlocutores concordam que muitas pessoas, em Pipa, se relacionam com os (as) visitantes, pois criou-se localmente uma representação do (a) turista estrangeiro (a) como sendo um indivíduo de posses, bem sucedido, rico. Isso, de acordo com eles, é o que faz as famílias apoiarem esses relacionamentos.

O tom da conversa muda quando começamos a enfatizar as parcerias entre homens *nativos/locais* e turistas estrangeiras. Montando uma comparação com as apreciações que eles fizeram, a priori, os juízos de valor e os discursos moralizantes, a partir dessas novas questões, surgem com bem mais veemência. As condenações são explícitas quando trazemos pontos relativos à avocação por parte das turistas do papel de provedoras no âmbito da relação – *"Ah, isso aí eu acho o fim da picada, como diz a história [...]"; "[...] hoje muitos anda a procura dessa garapa, que elas vão, eles sabe que ela tem alguma coisa, ela pode ser feia, pode ser o que for, mas vai em cima pra modo do dinheiro."* Do mesmo modo, recorrem aos papéis de gênero tradicionalmente postos para embasar sua desaprovação, noutras palavras, na visão de ambos, cabe apenas ao homem assumir as funções de provedor.

Em oposição a essas falas, D. Domitila, a mais velha desses antigos moradores, apresenta uma interpretação menos moralista, sendo que, para ela, é normal que quem tenha mais recursos termine por pagar pelo acesso a bens e serviços, além de se tratar de uma necessária distribuição de renda - *"Tem que partir o pão, né?"*:

> [Agora também tem homem que namora com *gringas*?] É. Tem. Tanto elas casam como eles casam também. Tanto é aqui como em Tibau, Cabeceira,

> Goianinha, tudo tem esse povo que casa. [Mas essas *gringas*, que se casam com *nativos*, elas dão dinheiro pra eles e pras famílias deles também ou não?] Sim, o contrário. Ajuda, porque já tem diversas *gringas* com rapaz da Pipa, diversos. [... O que você acha de mulheres pagarem coisas para os homens daqui?] Eu num acho problema não. Isso é bom mesmo. Pois é. Tem que partir o pão, né?

Dessa forma, percebemos que os relacionamentos afetivo-sexuais, que ocorrem em Pipa, envolvendo autóctones e turistas não se resumem aos estabelecidos entre homens *nativos/locais* e turistas estrangeiras. Conforme as falas e durante a permanência no campo , foram observadas outras várias conformações, que, assim como aquelas, estavam inseridas ou não em alguma variação do sexo mercantil: como entre esses mesmos homens e brasileiras de outros estados; mulheres *nativas/locais* e estrangeiros/brasileiros de outras regiões. Do mesmo modo, mas em menor número, verificou-se a presença de casais formados por gays e lésbicas (diferentemente de outros anos, a presença de indivíduos e casais homossexuais, autóctones e/ou estrangeiros, circulando nas ruas de Pipa, no verão de 2008, era bem maior. Ou talvez seja apenas reflexo do olhar mais atento do pesquisador.). Havia ainda a formação de parelhas entre os próprios turistas e, logicamente, entre os *nativos/locais*. Portanto, o destaque dado àquelas primeiras parcerias trata-se de uma mera questão de recorte analítico, que será abordado mais detalhadamente nos capítulos que se seguem, a partir de nossas observações e das percepções dos próprios agentes envolvidos nesses relacionamentos.

CAPÍTULO III

O MELHOR DO BRASIL É O BRASILEIRO

O adágio que serve de título para esse capítulo é um empréstimo de "segunda mão", pois foi há alguns anos utilizada numa campanha da Associação Brasileira de Anunciantes, a partir de um jargão cunhado pelo potiguar Luís da Câmara Cascudo, que originalmente era: *"O melhor produto do Brasil ainda é o brasileiro!"*[101] Aqui, no entanto, essa expressão ganha outro sentido. Ela serve como mote para pensarmos a maneira pela qual a brasilidade foi historicamente construída, tendo como bases as noções de sensualidade e hiper-sexualidade, que foram de tal modo exploradas e propagandeadas ao ponto de parte do fluxo de turistas (incluindo aí homens e mulheres) que aportam em nossas terras, vir em busca do lascivo tempero e do temperamento tropical de brasileiras e brasileiros.

3.1 *Made In* Brasil?

Desde os primeiros relatos descritivos de nossa nação e de nossa gente, frisaram-se duas coisas: a sua exuberância natural, destacando-se a fertilidade da terra, que em *"tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem!"*, conforme registrou Pero Vaz de Caminha; e a inocência, a beleza e a rusticidade do povo, o qual vivia de maneira livre, natural e que sem vergonha de suas vergonhas, nem as cobria. Essas peculiaridades da população nativa brasileira também não passaram despercebidas pelo escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral. A famosa Carta, de Caminha[102], traz os seguintes apontamentos, respectivamente, referentes aos homens e às mulheres da Ilha de Vera Cruz:

[101] Como afirma sua neta, Dhaliana Cascusdo, em entrevista ao Portal de Turismo da Prefeitura Municipal do Natal. Acessar: http://turismo.natal.rn.gov.br/atracoes/ctd-18.html.

[102] As citações da Carta, de Caminha, foram encontradas e retiradas do site http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/carta.html.

> A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixar de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. [... Na nau] estiraram-se de costas na alcatifa, a dormir sem procurarem maneiras de encobrir suas vergonhas, as quais **não eram fanadas**; e as cabeleiras delas estavam bem rapadas e feitas (Grifo meu).
>
> Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; **e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam.** [...] E uma daquelas moças era toda tingida de baixo a cima, daquela tintura e certo era tão bem feita e tão redonda, e **sua vergonha tão graciosa que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições envergonhara, por não terem as suas como ela** (Grifos meus).

Percebe-se, nesses trechos, que Caminha atentara bastante para as marcas e práticas corporais dos (as) nativos (as) brasileiros (as). Admiravam-lhe a beleza daqueles corpos sadios, redondos, robustos, ornados por pinturas e penas, garbosos e desavergonhadamente expostos. Nos homens, ele ressalta que suas vergonhas não eram "fanadas", quanto às mulheres, ele descreve, depois de demorada observação, que suas genitálias são altas, cerradas e "limpas das cabeleiras", e que são mais graciosas que as das mulheres do reino. Obviamente, esses relatos estão carregados de juízos de valor e envolvidos pela idéia do bom selvagem, o que fica explícito por sua descrição como seres ingênuos, puros, sem maldade. Ademais, como afirma Darcy Ribeiro, os portugueses ao verem tudo aquilo, estavam perplexos, pois aquele povo *"era o que parecia ser uma humanidade edênica, anterior à que havia sido expulsa do Paraíso*" (2006: 40).

Todavia, a avidez portuguesa em espalhar e fomentar, através da disseminação da religião católica, a salvação daquela gente "boa e de bela simplicidade" subsumiu a idéia de um Éden terreal; os *brasilíndios* transformaram-se rapidamente em maus selvagens, pessoas sem moral nem crença.

Ao mesmo tempo, contudo, os homens Del Rei foram se engraçando mais e mais das índias e os enlaces inter-étnicos, consensuais ou não, tiveram início no Brasil, contrariando a moral sexual católica. Gilberto Freyre, autor criticado por sua análise elitista da conformação social brasileira e por sua tentativa de minimizar os meios escrupulosos pelos quais se deu a miscigenação no Brasil, no entanto, afirma, em *Casa-Grande & Senzala*, que a presença de "degradados", nas naus que partiam de Portugal, era proposital, era uma estratégia da Coroa que visava o povoamento.

> A ermos tão mal povoados, salpicados, apenas, de gente branca, convinham superexcitados sexuais que aqui exercessem uma atividade genésica acima da comum, proveitosa talvez, nos seus resultados, aos interesses políticos e econômicos de Portugal no Brasil.
> Atraídos pelas possibilidades de uma vida livre, inteiramente solta, no meio de muita mulher nua, aqui se estabeleceram por gosto ou vontade própria muitos europeus [...] Garanhões desbragados (FREYRE, 2006: 83).

Apesar de a análise Freyriana estar repleta de clichês e caricaturas das etnias formadoras do que viria a ser a "brasilidade mestiça" e ser escrita a partir do olhar da "casa-grande", ele destaca, ao longo de toda sua obra, que era "natural" os invasores *"surpreendidos por uma moral sexual tão diversa da sua concluírem [equivocada, ou mesmo, propositalmente] pela extrema luxúria dos indígenas"* (2006: 169). O olhar etnocêntrico dos portugueses impediu-lhes de enxergar as peculiaridades da cultura dos brasilíndios, a qual prescindia das noções de "pecados da carne". Ao contrário desses, os colonizadores, que se entregavam à volúpia e à poligamia, rompiam com os dogmas do catolicismo, eram eles que subvertiam as normas de sua sociedade, assim, Freyre arremata concluindo que *"dos dois povos, o conquistador talvez fosse o mais luxurioso"* (2006: 169).

O deslocamento da noção de "perversão sexual" para os colonos é importante, pois nos permite perceber a manipulação feita por eles quanto à construção estratégica do estereótipo de lubricidade atribuído aos indígenas e posteriormente aos escravos, vindos de

África. Assim como as doenças trazidas pelos invasores europeus (a exemplo da sífilis), as idéias sobre uma sexualidade disparatada e uma lascívia inata foram também produções de além-mar, posteriormente, enquadradas como sendo típicas dos trópicos.

No Brasil, um segundo elemento, este de origem africana, foi também tachado pela moral européia como hipersexualizado e degenerado. Desconsiderando a sua condição de escravidão e os abusos cometidos pelos senhores-de-engenho, costumou-se rotular a "raça" negra, principalmente as mulheres, como propensa à libertinagem, devido a seu "primitivismo" e "bestialidade". Contudo, outra vez, o controverso Gilberto Freyre - que, segundo Durval Muniz Albuquerque Júnior, chegou *"a endossar a idéia, que atribui a alguns sociólogos, de que a raça negra é a raça-mulher. Uma raça afetiva, sentimental, pouco racional, passiva, masoquista [...]"* (2003, p. 36) – pondera argumentando que não foi a negra quem "corrompeu" a vida sexual da sociedade brasileira; tal "corrupção" dera-se pela escrava, ou seja, quando *"não se realizou através da africana, realizou-se através da escrava índia."* (2006: 398).

> Não era o negro, portanto, o libertino: mas o escravo a serviço do interesse econômico e da ociosidade voluptuosa dos senhores. Não era a 'raça inferior' a fonte de corrupção, mas o abuso de uma raça por outra. Abuso que implicava conformar-se a servil com os apetites da toda-poderosa (FREYRE, 2006: 402).

O responsável pela atmosfera de "intoxicação sexual" do período colonial brasileiro, conforme esse mesmo sociólogo, era o sistema socioeconômico de base escravista, noutras palavras, seu motivador era o fato social e não o étnico.

O que se busca destacar aqui, distanciando-se das formulações Freyrianas amplamente questionadas da democracia racial e da ideologia da mestiçagem[103], é que este autor, através

[103] Para uma análise crítica das teorias de Gilberto Freyre, ver: *A mestiçagem e seus contrários: etnicidade e nacionalidade no Brasil contemporâneo*, de Sérgio Costa (2001).

de sua análise sobre a formação da família brasileira submetida ao regime de economia patriarcal-escravocrata, nos dá base para a reflexão de dois mitos que povoam as representações da brasilidade: o da voluptuosidade dos trópicos e o referente à hipersexualidade da negritude/morenidade.

É o fruto do intercurso entre o senhor-de-engenho branco, de ascendência européia, e a escrava, africana, que se torna o símbolo da brasilidade mestiça e o ícone da sensualidade tropical. A mulher mulata[104] é construída como a "preferência nacional"[105], a partir do século XVIII, segundo Freyre (2006), e desde então é constantemente atualizada através de uma série de imagens, que destacam sua calidez, seu charme e seu corpo, como a mulher ideal, tornando-se inclusive um dos grandes produtos de exportação do Brasil, divulgada por inúmeras expressões artísticas.

> As imagens icônicas brasileiras são em geral caracterizadas pela presença de personagens negros e/ou mestiços, fortes e belos, que são favorecidos pela liberdade de uma terra tropical, paradisíaca. Esses estereótipos continuam uma representação constante em manifestações artísticas que tratam de uma identidade brasileira, principalmente através da literatura, da música e do cinema (CORRÊA, 2008: 03).

Na pintura, temos as obras de Di Cavalcanti com suas mulatas inseridas nas representações das periferias urbanas (as favelas) e Tarsila do Amaral com suas negras amas de leite[106]; na música, fortes disseminadores da beleza e sensualidade mulata foram/são o

[104] Para maiores informações ver o artigo de Mariza Corrêa (1996), intitulado *Sobre a Invenção da Mulata*.

[105] *"Com relação ao Brasil, que o diga o ditado: 'Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar'; ditado em que se sente, ao lado do convencionalismo social da superioridade da mulher branca e da inferioridade da preta, a preferência sexual pela mulata."* (FREYRE, 2006: 72). No entanto, no início do século XX, após uma série de mudanças sociais como o fim da escravidão, a proclamação da república, o câmbio nas representações da masculinidade e feminilidade, entre outras, ocorreu uma temporária inversão das preferências sexuais. A mulher estrangeira, imigrante de países europeus como a Polônia, e branca tornou-se a mais valorizada no mercado de sexo (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003). A chegada dessas coquetes, contudo, não foi suficiente para destituir, por completo, a mulata de sua primazia no "gosto" masculino.

[106] Conforme Freyre*: "Já houve quem insinuasse a possibilidade de se desenvolver das relações íntimas da criança branca com a ama-de-leite negra muito do pendor sexual que se nota pelas mulheres de cor no filho-família dos países escravocratas."* (2006: 367).

samba e as marchinhas de carnaval, além da caricata personagem vivenciada por Carmem Miranda, que explícita e alegoricamente incorporava os clichês e estereótipos ligados à tropicalidade, e da *Garota de Ipanema*, sucesso internacional da Bossa Nova, que descreve uma mulher de corpo dourado cujo *"balançado é mais que um poema"*. Contemporaneamente, os principais divulgadores da sexualidade e das peculiaridades afetivas do povo brasileiro, mas ainda com destaque para a mulher mulata/negra, são a *Axé Music* e o *Funk Carioca.*

A literatura brasileira, por sua vez, não hesitou em promover as qualidades e os atributos do corpo feminino marcado pela "cor do pecado"[107]. Jorge Amado, um dos escritores brasileiros mais traduzidos, abusou das referências à mulata bela, lasciva e fogosa. Tieta, Gabriela e Dona Flor são apenas algumas de suas personagens caracterizadas pela sensualidade.

O próprio Estado Brasileiro, por sua vez, a partir da década de 1960, via Embratur, utilizou-se de um discurso exotizante de nossa cultura e de imagens erotizadas das mulheres inseridas em paisagens que remetiam a representações de uma vida imbricada ao ritmo da natureza, para atrair turistas estrangeiros, visando a consolidação da, à época, nascente "indústria" do turismo *tupiniquim*. Essa estratégia de marketing turístico foi mantida até meados da última década do século XX, tendo como principais públicos-alvos a Europa Ocidental e os Estados Unidos.

O Rio de Janeiro e as praias do litoral nordestino eram os principais destinos brasileiros, consequentemente, os principais cenários vendidos sob a fórmula sol – praia - mulheres. Segundo Louise Prado Alfonso, em todo o material publicitário da Embratur, no ano de 1973, *"a imagem da mulher é relacionada tanto às praias quanto às manifestações culturais, mas principalmente ao Carnaval."* (2006: 87).

[107] Referência ao samba-choro *Da cor do pecado* de Bororó, de 1939: *"Esse corpo moreno / cheiroso, gostoso / que você tem / é um corpo delgado / da cor do pecado / que faz tão bem..."*.

Percebemos, dessa forma, que as construções estrangeiras relativas ao corpo e à sexualidade do povo brasileiro foram reproduzidas pelos agentes de nossa própria sociedade, incluindo também órgãos vinculados ao Estado. As campanhas da Embratur embasaram-se por muito tempo nas representações da brasilidade disseminadas pela música e pela literatura, bem como nas teorias Freyrianas da democracia racial e da ideologia da mestiçagem.

> Conforme a descrição do Brasil retirada da própria Revista da Embratur [edição de 1987...], a idéia era exibir um país de cores, sabores e paisagens, um país continental, tropical, exótico, hospitaleiro, unido, formado por várias raças e culturas e repleto de mulheres sensuais. Um Brasil muito parecido com aquele idealizado por Gilberto Freyre na década de [19]30 (ALFONSO, 2006: 105).

Com tamanha dedicação e com tantas fontes divulgadoras locais distintas não foi difícil confirmar e disseminar a imagem de uma brasilidade lasciva, receptiva e mestiça, cujos primórdios remetiam ao período colonial, fortemente assinalado pelo olhar etnocêntrico da Metrópole. Dessa forma, o Brasil, a partir dos anos de 1970, ganha notoriedade internacional como o país do futebol, do samba, do carnaval e da mulher sedutora e impetuosa. Um dos seus corolários foi o deslocamento de muitos turistas vindos de diversos países, como Espanha, Portugal, Alemanha e Itália, para o Brasil em busca da exótica e "autêntica" feminilidade, desejando descobrir de perto o que a brasileira tem para ser considerada a paixão e a maior atração nacional[108]. Assim, a partir da publicidade feita pelo próprio Estado, é impulsionado o turismo sexual que, atualmente, tanto incomoda e preocupa as instituições públicas e privadas que se dedicam ao fomento da "indústria" turística nacional.

Todavia, a população não assiste a tudo isso de maneira passiva. Taticamente, ela ora recusa, ora investe nesses clichês. Como argumenta Richard Parker,

[108] Alfonso (2006) constata que a revista *Rio, Samba e Carnaval*, que até a década de 1980 era usada pela Embratur como veículo de promoção, usava o *slogan*: *"Mulher, a maior atração"*.

> Embora originada, naturalmente, de fora, nos olhos do europeu tentando distinguir-se a si próprio de um outro estranho e amedontrador, essa visão altamente ambivalente do Brasil exerceu uma profunda influência sobre os brasileiros nas suas tentativas de distinguir-se a si próprios do europeu e do norte-americano [...] Entretanto, se a visão do forasteiro foi reproduzida e apropriada pelos brasileiros, ela foi articulada, lado a lado, a um conjunto de outros contos adicionais – contos que tanto aprofundaram como alargaram sua constelação de significados (PARKER, 2000: 33).

Dessa forma, presenciamos algumas mulheres – um dos principais símbolos do marketing turístico internacional brasileiro -, que se encontram, em sua grande parte, inseridas em contextos de mercado de sexo, assumirem conscientemente os estereótipos, fabricados ao longo dos séculos, relativos à sensualidade dos trópicos e à voluptuosidade e calidez que "marcam" a identidade brasileira (cf. PISCITELLI, 2000; 2001).

Contemporaneamente, visualizamos ainda a emergência de outros atores no sexo mercantil brasileiro: alguns jovens homens, que residem em badalados destinos turísticos, com destaque para pequenas localidades da costa do Nordeste[109], como a Praia da Pipa, no Rio Grande do Norte[110], têm incorporado de forma ativa os atributos historicamente despejados sobre a mulher brasileira, visando tirar vantagens para si frente ao crescente fluxo de turistas que viajam sem a companhia de homens, às quais, por seu turno, a partir de algumas reformulações simbólicas, deslocam e direcionam os estereótipos da feminilidade "verde-amarela" para os homens locais. Apoiando-se nos mesmos mitos que fabricaram e disseminaram a fama da mulata brasileira, inúmeras turistas estrangeiras vêm ao país em busca da possibilidade de interação com a "autêntica" masculinidade dos trópicos: viril,

[109] Segundo Albuquerque Júnior (2003), devido ao ambiente hostil e seco da região do Nordeste brasileiro, as representações da masculinidades locais foram hiperbolizadas, pois apenas homens machos, viris e másculos poderiam enfrentar a aspereza e aridez do meio. Não obstante, o autor desvenda-nos como o Nordestino, o "macho por excelência", foi construído como um tipo regional ideal, recentemente, a partir da década de 1930, como influência direta do Movimento Regionalista, que tinha Gilberto Freyre como um dos seus idealizadores. Para esse movimento, o Nordestino era o mais brasileiro dentre os brasileiros, pois à *"medida em que, desde o século anterior, a imigração estrangeira vinha modificando profundamente a cultura do Sul do país, o Nordeste vinha a se constituir na expressão do que havia de mais brasileiro, daquela civilização tropical criada pelo encontro das três raças formadoras da nacionalidade."* (2003: 154).

[110] Há relatos informais de que o mesmo fenômeno se dá em locais como: Canoa Quebrada e Jericoacoara, no Ceará, Morro de São Paulo, na Bahia, Olinda, em Pernambuco, entre outros. Todos conhecidos como rota de turismo alternativo.

disponível, hiper-sexualizada, envolvente, "bem-dotada", afetiva e marcada pela "cor do pecado". A partir do alargamento dos estereótipos culturais da brasilidade, vislumbramos a mutação do homem brasileiro em atrativo turístico, que para muitas das turistas estrangeiras, que visitam Pipa, finda por ser também o melhor "produto" do Brasil.

Ao longo desse capítulo, veremos como esses agentes em interação re-significam e apropriam-se das imagens essencializantes impostas às suas culturas. Em adição, e enfatizando o caráter relacional das identidades em jogo, analisaremos as representações discursivas que uns fazem sobre os outros a partir de suas marcas e práticas corporais, e como estas informam sobre e se interseccionam com questões de classe, sexualidade, nacionalidade e representações de gênero.

A inserção no campo proporcionou-nos perceber de que formas o corpo pode ser usado como mecanismo de construção de fronteiras, localizando identidades e assinalando diferenças, seja via suas marcas ou práticas. De outro modo, o corpo, que não é vítima inescapável dos ditames dos processos biológicos, é construído, classificado e significado de maneiras distintas, de acordo com cada cultura e, entre outras coisas, seus referenciais estéticos (apesar do processo de padronização provocado pela mídia), assim, o que é belo de acordo com os padrões estadunidenses, não o será, necessariamente, no Brasil. O fato é que o corpo pode ser fonte de status ou depreciação, pode facilitar ou negar aos sujeitos o acesso a determinados ambientes ou círculos sociais. Porém, quando distintos estilos de corpo entram em contato, fazendo ressaltar suas diferenças, os sujeitos, contrariando aqueles que apostariam num distanciamento e numa evitação com base em medidas discriminatórias, podem se sentir atraídos e impelidos a empreender trocas.

Isso é um pouco o que ocorre em Pipa. A antiga vila de pescadores/agricultores, que recebe milhares de turistas todos os anos, é palco de uma série de intercâmbios culturais, que se dão entre visitantes e visitados. Essas trocas não se limitam à relação cliente-prestador de

serviços, elas transpassam outras redes de sociabilidade, destacando-se os roteiros afetivo-sexuais. Todavia, essas relações íntimas envolvem apenas alguns(mas) autóctones e alguns(mas) turistas, tendo em vista, entre outros fatores, a arquitetura de seus corpos e os símbolos que eles carregam.

A forma como os corpos desses homens e mulheres se apresentam nos ambientes de interação trazem elementos que informam sobre o capital simbólico que eles representam e carregam como parte de seu arsenal cultural. Dessa maneira, analisaremos o corpo orientados pelo conceito de corporeidade, trazido por Sylvie Fougeray (1997: 295), que se refere à *"dimensão social e cultural do corpo"*, sendo o corpo uma elaboração coletiva e *"o produto específico de um grupo"*, bem como servindo *"para cada unidade social [como] um enraizamento físico próprio a ela."* David Le Breton, autor que se dedica a uma exegese sócio-antropológica do corpo, afirma que:

> Moldado pelo contexto social e cultural em que o ator se insere, o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída: atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção de aparência, jogos sutis de sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento, etc. Antes de qualquer coisa, a existência é corporal (2007: 07).

Esta interpretação sugere muito mais que materialidade dos corpos, indica um corpo que pode ser utilizado como veículo de percepção das ralações sociais, um complexo que envolve *habitus*[111] (BOURDIEU, 1983), afetos, motivações, biografias e vivências. Além disso, propomos-nos a analisar a praia como espaço de construção e exibição desses corpos,

[111] Conceito usado aqui como formulado por Bourdieu, onde *habitus* se configura como um *"... um sistema de disposições duráveis e transponíveis, que integrando a todas as experiências passadas, funciona a cada momento como matriz de percepções, de apreciações e de ações - e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças as transferências analógicas de esquemas..."* (1983: 65). Ainda para ele, *"habitus é também adaptação, ele realiza sem cessar um ajustamento ao mundo que só excepcionalmente assume a forma de uma conversão radical"* (1983: 106).

os quais obedecem a um determinado modelo, condizendo com os mecanismos pelos quais é configurado o *ethos* praieiro.

3.2 O Corpo da *Caça* e "do C*aça*"

> Por todo lado que ando em Pipa parece que me deparo com um desfile de corpos. Entre os modelos estão seus (suas) moradores (as) e os (as) turistas. Dessa forma, vislumbram-se vários referenciais estéticos. A branquitude, a negritude e várias outras tonalidades vagueiam lado a lado e se misturam formando uma paisagem multicolor. Cabelos, curvas, cor dos olhos, cor da pele, músculos, volumes, enfim, o corpo todo se apresenta como um arsenal de símbolos e significados, sendo que é no contraste que eles parecem ser valorizados. É o corpo também que serve de comunicador. Para além das informações que ele emana através de suas marcas, o corpo repara, muitas vezes, as deficiências da comunicação oral. Num local em que várias línguas se cruzam, o corpo é a garantia do entendimento. Inúmeras vezes tenho presenciado as pessoas se comunicando através de mímicas e gestos. Segundo os interlocutores, o corpo e sua forma de se apresentar podem informar até a nacionalidade da pessoa. Depois de algumas semanas aqui, tenho conseguido também reconhecer esses traços distintivos. Nesse verão a quantidade de *gring@s* em Pipa está muito grande. Quando eu vinha de Natal, subiram uns cinco no ônibus. Na noite é a mesma coisa. Pra onde quer que você olhe tem sempre um grupo de *gring@s* conversando isoladamente ou já interagindo com a população local. Essas interações envolvem também a paquera e o corpo "trabalhado" é a ferramenta da conquista, ele a roupa adequada para a ocasião do flerte. Essa noite está muito agitada. Vai rolar um samba no Farol e já tem gente embriagada. De onde estou posso ver Jorge e um amigo que está sempre com ele, ultimamente. Esse *cara* está completamente bêbado. Ele encarnou num grupo de *gringas* e ficou tentando forçar a barra para conseguir um beijo: falou perto do ouvido, gesticulou sensualmente com a mão no rosto, fez movimentos de surf para impressioná-las, mas nada conseguiu. Vejo também Bento, o *cara* já está com um grupo de *gringos*, - eram cinco mulheres e um homem, sendo que uma delas ele já estava *pegando*. Ela é baixinha, cabelos negros, aparenta ser argentina (não consegui ouvi-la falar), mas parece ter mais de trinta anos. No Farol, mulheres desacompanhadas eram a maioria, dessa forma, havia também alguns homens chegando junto. Bento é um

> deles. Estava com sua *gringa*, beijou-a, abraçou-a e como se sentisse um calor desesperador tirou a camisa. Desfilou seu corpo pela rua, fez força para mostrar os músculos do tórax, jogou charme para outras mesas, brincou com outr@s *gring@s*. Talvez essa seja uma tática para ter uma outra mulher na mira quando essa se for. Bem, no meio do salão havia dois outros *nativos*, um bem negro e outro moreno - creio estarem bêbados - que dançavam e estimulavam uns *gring@s* a dançarem imitando seus passos. A atenção desses indivíduos era tudo o que eles queriam, assim, sambavam com passos difíceis, giravam, faziam caras e bocas, tentavam ensiná-los, tocavam-nos. Os (as) *gring@s* entraram na brincadeira, riam, batiam palmas, dançavam no meio de uma roda, levaram na esportiva. E, dessa forma, sem falar, entendiam-se.
>
> **(Notas de Diário de Campo – 09/01/2008).**

O grupo que constitui os principais interlocutores dessa pesquisa é popularmente chamado de *caça-gringas*[112]. Trata-se de uma categoria êmica constituída por homens entre 22 e 31 anos de idade, que residem na Praia de Pipa e mantêm/privilegiam relacionamentos afetivo-sexuais com turistas estrangeiras, estimulados por razões materiais e simbólicas. Entre eles estão os *nativos* e os *locais*[113], os primeiros são aqueles que nasceram e cresceram na praia, os segundos são os adventícios que residem na praia há pelo menos cinco anos, de acordo com os próprios entrevistados.

A grande parte dos *caça-gringas*, assim como a maioria dos jovens que vivem em Pipa, trabalha ou já trabalhou em empresas ligadas à atividade turística, como hotéis, pousadas, bares, restaurantes, barracas de praia e escolas de surf.

> Óia, os jovens, a maioria, trabalha em garçom, vendedor. [Em hotel também?] Hotéis, zelador, jardineiro, esses sub-emprego. [Muito envolvido com o turismo.] É (Naná, 25, repórter comunitária e monitora de informática, pernambucana).

[112] Esta é a razão do uso no título da expressão *corpo "do caça"*. Entretanto, apenas no capítulo subseqüente nos preocuparemos em trazer uma definição, realizada pelos próprios interlocutores, da categoria *caça-gringa*. No momento, para a satisfação dos objetivos deste capítulo, basta a descrição e análise de como esses sujeitos de apresentam e como são identificados pelos outros agentes que se encontram no contexto da pesquisa.

[113] Ambos também categorias êmicas.

A população jovem que reside nessa praia, segundo Naná, é assídua freqüentadora da noite pipense. Em tom de lamento e de certa indignação, ela relata que os jovens de Pipa, devido ao grande fluxo turístico, costumam sair e gastar bastante: *"Aí eles ficam sempre viajando que vem muita gente, num sei o quê. Aí tem gente que sai toda noite, toda noite, gasta todo o dinheiro que recebe, tudinho, de noite, num sei o quê. Pra arrumar mulher, farra, num sei o quê. [Pra arrumar mulher, é?] É. Ou homem."*

Apesar de o relato revelar que em Pipa os jovens levam uma vida boêmia, a sua condição financeira aponta para uma conformação de classe pouco privilegiada. Embora, a chegada do turismo tenha implicado certa quantidade de empregos, a população local não tem muito acesso a suas receitas e, em geral, enquadra-se na condição de classe média baixa. Como vimos acima, a comunidade tende a se ocupar dos cargos de menor remuneração nos estabelecimentos turísticos – esses sub-empregos, como colocou Naná.

Os *caça-gringas* não fogem a essa regra. Ainda que nenhum deles se encontre em situações de pobreza, seus ganhos são limitados[114], girando entre R$ 500,00 e R$ 1.800,00. Suas rendas oscilam também de acordo com a sazonalidade do fluxo turístico e eles não possuem estabilidade em seus empregos. A rotatividade é bastante comum na "indústria" do turismo, assim, a população troca constantemente de ocupação, ora trabalha-se em restaurantes, ora em barracas de praia, ora como guia de turismo, etc. A informalidade também tem presença marcante nesta praia, não é raro entre os *caça-gringas* o trabalho sem carteira assinada ou autônomo, sendo que, frente aos cargos disponíveis nos equipamentos hoteleiros, eles preferem aqueles.

[114] Apesar de frente à realidade socioeconômica brasileira, uma renda de R$ 1.800,00 ser considerada boa, o custo de vida em Pipa é muito elevado, conseqüência direta da presença dos turistas e da circulação de moedas estrangeiras. Além disso, esses salários não são suficientes para custear o ostentoso estilo de vida que os *caça-gringas* levam, pois, como disse Naná, eles costumam sair toda noite. Tal contexto assemelha-se bastante ao descrito por Klaus de Albuquerque em relação aos *beach boys* de Barbados, que, usualmente, gastam seu dinheiro com *"the latest clothes and shoes fashions, jewlery, meals and drinks at beach/restaurants catering to tourists, and almost nightly entertainment."* (1999: 97).

Sandro (26), que trabalha como instrutor de surf, explica: "*A galera que trabalha na praia é que ganha bem. Apesar do sol, trabalha pouco e ganha bem. A galera de hotelaria paga mal e trabalha muito. Às vezes trabalha-se três meses pra ganhar o que se ganha aqui na praia em um"*. De fato, enquanto que na função de recepcionista (função esta que no âmbito da hotelaria é até valorizada) o indivíduo ganha em torno de R$ 500,00 a R$ 700,00 por mês, aqueles que trabalham como instrutor de surf ou bugueiro, na alta estação (entre dezembro e março e entre julho e setembro), chegam a faturar de R$ 1.600,00 a R$ 1.800,00.

Todos eles, entretanto, em seus ambientes de trabalho, lidam diretamente com os (as) turistas. Esse contato diário com pessoas de uma ampla gama de regiões e nacionalidades permite a alguns deles identificarem facilmente a origem desses visitantes e aprender o básico de certas línguas. Um dos interlocutores afirma:

> Eu como já trabalhei muito tempo com turismo, eu já sei... antes da pessoa dizer qualquer palavra... eu já sei definir mais ou menos de onde elas são. [E tu se comunica geralmente com elas em inglês ou na língua que elas falam?] Depende, se for italiana, eu falo italiano, se for espanhola, eu falo espanhol, agora se for inglesa ou holandesa, eu falo em inglês. Se for sueco, eu falo sueco. [Massa! E sueco tu aprendeu onde?] Eu aprendi com minha ex-namorada... uma dessas aí... não uma, duas [risos] (Bento, 24, fotógrafo).

Apesar de não ter informado como faz para identificar a nacionalidade de uma pessoa antes mesmo de conversar com ela, Bento deixa explícito que é possível a identificação dos (as) turistas pela forma com que o corpo se apresenta, isto é, observando assim o corpo como elemento de distinção, insíguinea pela qual pode - a partir de suas vivências específicas e dos inúmeros contatos com esses corpos do "outro" territorializados por marcas corporais peculiares - se guiar para a aproximação. Este tipo de mecanismo sacado astuciosamente conflui para o que Marcel Mauss (2003) chama de as "técnicas do corpo", que são *"as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo."* (MAUSS, 2003: 401).

Partindo da premissa Maussiana de que a cultura influencia o modo como os corpos aparecem, temos que tanto os estrangeiros (as) como os (as) brasileiros (as) podem ser identificáveis por suas técnicas corporais, afinal, conforme diz Le Breton (2007), o corpo funciona como um tradutor de sistemas simbólicos. A partir da observação participante que realizamos durante três meses[115] de campo e através do tratamento de alguns relatos de interlocutores, foi possível formular esquemas que revelam como são executadas as práticas e técnicas corporais que promovem a concretização desses relacionamentos binacionais, correntes em Pipa, além de como elas são significadas pelos agentes em interação.

Os *caça-gringas*, de maneira geral, são homens de peles escuras, quando não são negros – aqui considerando negro como os pretos e os pardos, seguindo a classificação adotada pelo IBGE no Censo 2000[116] -, são homens que ostentam um corpo bronzeado, coerente com o contexto de praia no qual estão inseridos. Além disso, possuem corpos "trabalhados"/"construídos" por práticas quase unicamente executadas no espaço da praia, através de esportes como o surf, os treinos de capoeira e *muai-thai* feitos na beira-mar, *cooper*, frescobol, *beach-soccer*, *body-boarding*, natação, abdominais e flexões (conhecidas como "marinheiro"), bem como por meio dos exercícios em aparelhos como barra e traves, que se encontram em algumas praias.

Autores como Mirian Goldenberg & Marcelo Ramos (2002) e Patrícia Farias (2002) consideram, respectivamente, que o corpo *sarado* e o corpo bronzeado remetem a uma idéia de corpo saudável e belo[117], tomando por parâmetro a sociedade brasileira. Esses ideais

---

[115] Esses três meses não foram contínuos: em julho de 2007 passei quinze dias em Pipa, voltei no final de dezembro de 2007 e fiquei até o início de março de 2008 e retornei novamente em julho de 2008, permanecendo apenas dez dias.

[116] Acessar: www.ibge.gov.br/censo.

[117] *"É interessante pensar na relação entre o corpo 'sarado' (que associado à doença, é utilizado para aquele que está curado ou sarou de seus males) e o corpo 'saudável'. O horror atual à gordura pode ser relacionado ao temor à doença [...] A busca por um corpo 'sarado' funciona, para os adeptos do atual culto à beleza e à 'boa forma', como uma luta contra a morte simbólica imposta àqueles que não se disciplinam para enquadrar seus corpos aos padrões exigidos."* (GOLDENBERG & RAMOS, 2002: 31).

corpóreos nacionais são amplamente disseminados pelos veículos midiáticos, com destaque para a televisão, e são exemplos da marcação social e cultural que o corpo está passível de ser alvo. Esses padrões definem as normas para a exposição do corpo, às quais homens e mulheres devem estar atentos.

Essa ênfase e importância relegada ao corpo é resultado do que Goldenberg & Ramos (2002) chamam de "ideologia do *body building*". Frente ao enfraquecimento de meios mais tradicionais de produção de identidade, como o trabalho, a igreja e a família, o corpo transforma-se no principal meio de representação do eu (*self*). Em Pipa, essas instituições começaram a ter suas representatividades diminuídas com o advento do turismo. Contudo, apenas aparentemente está havendo um afrouxamento moral, devido a essa "redescoberta" do corpo. Ocorre que os signos foram invertidos, criando uma "nova moralidade", ligada ao padrão da "boa forma". A liberação dos corpos exige dos sujeitos um maior autocontrole de sua aparência física (GOLDENBERG & RAMOS, 2002). Daí a preocupação dos sujeitos com a apresentação de seus corpos e com o olhar dos outros sobre eles, pois funcionam como vivos cartões de visita.

> [...] o corpo é objeto de constante preocupação. Trata-se de satisfazer a mínima característica social fundada na sedução, quer dizer, no olhar dos outros. O homem mantém com o corpo, visto como seu melhor trunfo, uma relação de terna proteção, extremamente maternal, da qual retira um benefício narcíseo e social, pois sabe que, em certos meios, é a partir dele que são estabelecidos os julgamentos dos outros (LE BRETON, 2007: 78).

As práticas corporais dos *caça-gringas* revelam um constante e cuidadoso trabalho estético que visa adequar seus corpos aos padrões hegemônicos (leia-se "globais"[118]) brasileiros conhecidos mundialmente. O corpo *em forma* e bronzeado é uma virtude, bem como símbolo da divulgada "brasilidade". Alguns *caça-gringas* ainda investem sobre seus

[118] Aqui me referindo à emissora de televisão Globo e aos padrões de beleza divulgados por suas telenovelas.

corpos outros marcadores distintivos[119] como a raspagem dos pêlos do peito e da barriga e inscrições tegumentares na forma de tatuagens definitivas.

Fabiano Gontijo (2002: 52) afirma ser a *"praia o lugar ritual da atividade de bronzeamento da pele"*, tornando-se um *"sinal positivo de distinção social"* e de pertencimento ou afinidade com o local. Gontijo (2002), no entanto, enfatiza que a praia[120] é mais um local de exibição do que de construção corporal e aponta as academias de ginástica e musculação como sendo os lugares, por excelência, para a construção cultural do corpo, no cenário brasileiro. Ao contrário, na nossa experiência etnográfica, a praia é local tanto de construção quanto de exibição desse corpo, sendo que em muitos momentos essas atividades ocorrem simultaneamente, dificultando sua distinção.

Muitos dos *caça-gringas* trabalham ou freqüentam diariamente a praia (com destaque para a Praia do Madeiro) e lá é o ambiente privilegiado para o desfile de seus corpos. Como a demanda por serviços neste espaço é pouco – como colocou Sandro -, mesmo quem está a trabalho, pode desfrutar da observação das mulheres, avaliar seus atributos físicos e se fazer notar. Na barraca da escola de surf, onde se encontravam vários de nossos interlocutores, era comum vê-los surfando, jogando futevôlei ou fazendo acrobacias próprias da capoeira, esportes que lhes garantiam, além da manufatura de seus corpos, os olhares de muitas turistas.

Em adição a isso, eles costumam falar alto, gesticular excessivamente, rir de forma estridente e mostrar-se articulados com outros freqüentadores da praia, tudo isso para atrair a atenção de possíveis parceiras. Essas práticas corporais alçadas como táticas de sedução tendem a surtir efeito, pois é nesse ambiente que se dão boa parte das interações iniciais e dos primeiros flertes. Como argumenta Le Breton, a *"ação da aparência corporal coloca o ator sob o olhar apreciativo do outro [...]"* (2007: 78).

---

[119] *"Essas marcas corporais preenchem funções diferentes em cada sociedade. Instrumentos de sedução, elas são ainda com maior freqüência um modo ritual de afiliação ou de separação."* (LE BRETON, 2007: 59).

[120] O autor centra-se nas praias cariocas.

> A aparência corporal responde a uma ação do ator relacionada com o modo de se apresentar e de se representar. Engloba a maneira de se vestir, a maneira de se pentear e ajeitar o rosto, de cuidar do corpo, etc., quer dizer, a maneira quotidiana de se apresentar socialmente conforme as circunstâncias, através da maneira de se colocar e do estilo de presença (LE BRETON, 2007: 77).

A performatização dos modos de se apresentar dos *caça-gringas* inclui ainda a exibição de algumas jóias (a exemplo dos colares e pulseiras de ouro e prata), dorsos descobertos, bermudas de surf levemente folgadas deixando à mostra um pouco da cueca/sunga e das cavas do abdômen, postura ereta e certa mescla de autoconfiança e esnobismo, uma *bossa* que só eles têm.

Assim, esses atores paulatinamente passam a usufruir de seus corpos como elementos demarcadores de identidade e de status – o "corpo-medalha", de que falam Goldenberg & Ramos (2002). Interessados nas interpretações feitas pelos outros, principalmente pelas turistas estrangeiras, os *caça-gringas* pavoneam seus corpos seminus não só pelas praias, mas também pelas ruas de Pipa, seja dia, seja noite, faça chuva ou faça sol.

Essa foi uma evidência que me incomodara por um bom tempo. Não compreendia a exibição pública daqueles corpos. Apesar de entender que é comum que os homens andem sem camisa pela praia ou pelas ruas do distrito, durante a manhã e a tarde, sentia-me inquieto com aqueles dorsos nus durante a noite, quando, por costume e mesmo como proteção aos ventos, as pessoas tendem a colocar uma roupa que as cubram mais.

Certa noite, por exemplo, minha companheira e eu estávamos andando pela rua central, quando vimos alguns amigos meus, naturais da Pipa, sentados na calçada do *Iá Batata*, então resolvemos ficar por ali e conversar um pouco. Enquanto a turma bebia um vinho, vi Renan se aproximar. Ele era o único entre nós que fazia sucesso com *gringas*, sendo seu histórico já bastante extenso: *"Já fiquei com argentina, uruguaia, espanhola, portuguesa... Não, portuguesa é muito cabeluda [falando dos pêlos pubianos]. Mas*

holandesa, sueca, inglesa, norueguesa... Acho que aqui na Pipa, dessas mulheres eu só não fiquei com japonesa." (risadas). Após ter papeado um pouco conosco, Renan partiu em direção ao *Tribus*, um dos principais bares da praia, onde se encontravam vários turistas e muitas estrangeiras. No meio do caminho, percebeu que estava com uma roupa inapropriada, então se vestiu melhor despindo-se. Isto é, com o dorso à mostra, ele parecia estar mais condizente com seu objetivo: atrair os olhares femininos.

Entretanto, seu corpo não estava de fato nu, pois, como afirma Courtine (1995), *"um corpo de homem, se é musculoso, não está jamais verdadeiramente nu."* (:96 *apud* GOLDENBERG & RAMOS, 2002: 29), o que explica seu conforto mesmo sem camisa. Os corpos dos *caça-gringas* estão cobertos por músculos e pelo bronze, estão protegidos por signos distintivos, que lhes dão um valor superior. Eu, por outro lado, caso livre das roupas, revelaria apenas a indecência de um corpo fora de forma, isso justifica meu estranhamento inicial.

Por sua vez, os corpos e as práticas corporais das *gringas*, que fazem parte dessas relações afetivo-sexuais com os *nativos/locais*, informam sobre sua origem muito mais do que suas roupas. Ao contrário dos estereótipos ainda vistos em panfletos, cartazes e *outdoors*, os (as) turistas, de uma forma geral, cada vez menos se vestem com camisas e *shorts* floridos e excessivamente coloridos, isto é, de maneira destoante da população que vive no local em que visitam.

Isso é mais evidente entre as mulheres. Elas, com exceção das mais velhas, não costumam mais usar biquínis cujos tamanhos fujam aos padrões brasileiros[121]. Há, de certa maneira, uma tendência a disfarçarem-se ou camuflarem-se entre os *nativos*. Esse mimetismo pode revelar uma tática, nos termos de De Certeau (2007), em resposta às constantes explorações que sofriam, principalmente por parte de comerciantes, e como uma tentativa de

[121] Para entender do que estou falando, basta lembrar-se dos seriados estadunidenses como *S.O.S Malibu* e *Baywatch.*.

se tornarem mais atraentes aos olhares *nativos*.

Apesar dessa tentativa de aproximação aos padrões estéticos brasileiros, elas não podem se livrar de suas marcas corporais, que são exatamente os elementos que as tornam atrativas aos *caça-gringas*, os quais, guiados por um padrão de beleza hegemônico *hollywoodiano*, evitam aqueles elementos que remetem à brasilidade, como a pele morena e os cabelos escuros e crespos.

Essas turistas, ao contrário do que se possa pensar, estão, geralmente, na mesma faixa etária de seus parceiros, isto é, entre 18 e 45 anos. São oriundas de famílias de classe média alta, estudam em universidades e/ou são profissionais liberais bem-sucedidas. Além disso, elas costumam viajar em pares ou grupos, sem a presença de homens[122]. Apesar de a maioria delas, segundo os próprios *caça-gringas*, serem brancas, loiras e de olhos azuis, as três estrangeiras que entrevistamos não respondem precisamente a estes padrões, pois todas tinham cabelos em tons escuros, olhos acastanhados e peles de cor clara, mas não o suficiente para serem chamadas de brancas.

A praia mais uma vez surge como espaço de construção e exibição dos corpos, já que o ato do bronzeamento guarda em si uma estratégia de ostentação dos atributos físicos, para não falar da prática do *topless.* Na rua, de outro modo, as *gringas* costumam mostrar a *boa-forma* de seus corpos através de roupas bastante decotadas, que realçam seus seios, a barriga *sarada* e as pernas, além de, obviamente, apresentar o bronze adquirido. Na boate e nos bares, em que rolam discotecagens (cujos principais estilos musicais são o *hip-hop*, *reggatton* e o *techno*), para chamar a atenção dos olhares masculinos, elas dançam provocativamente aos pares, satirizando com a noção de que apenas as brasileiras são sensuais.

[122] Esse é um dos indícios emicamente utilizados para especular sobre turistas que realizam viagens motivadas por fatores afetivo-sexuais (cf. PISCITELLI, 2001).

3.3 Da Territorialização das Praias à Territorialidade dos Corpos

A dialógica entre público e privado que as práticas corporais e a exposição desses corpos construídos recriam, não é o único fato que nos chamou atenção durante a pesquisa etnográfica. Ficou evidente também que em Pipa existe uma territorialização de suas praias.

A praia de Pipa, ou melhor, o distrito de Pipa é dividido em algumas praias. Além daquela divisão apresentada no capítulo anterior, existe ainda uma demarcação geográfica baseada nos pontos ideais para a prática do surf: o Lajão, o Abacateiro, os Afogados, a Lajinha, são os mais conhecidos.

Entretanto, dentre suas diversas praias, as que são mais freqüentadas são a Praia do Madeiro, a Praia da Frente e a Praia do Amor[123], pois são elas também que dispõem de barracas, bares e restaurantes, e de outros serviços avulso, referentes à venda de protetores e bronzeadores, ostras, pipas, cangas, enfim toda aquela parafernália comum ao comércio à beira-mar. Entre elas, todavia, ocorre uma nítida segmentação: a praia da Pipa é, por excelência, a praia em que mais facilmente encontramos a população local e, dessa forma, também é a que possui os preços mais acessíveis. É uma praia mais informal, onde os seus freqüentadores parecem não se importam muito com signos distintivos referente à estética, tais como: cor da pele, adereços, tipos de biquíni, postura, etc. É a praia mais popular, em que tod@s se misturam e se apertam entre cadeiras e mesas, buscando desfrutar as delícias das cozinhas das barracas. Além da população *nativa*, os (as) turistas brasileiros (as) usualmente se concentram por lá, principalmente aqueles que viajam em família e os casais mais idosos.

[123] No capítulo anterior, Seu Madola nos informou que os nomes de algumas das praias foram alterados pela "indústria" do turismo. À título de exemplo temos a Praia dos Afogados, que transformou-se na Praia do Amor – nome bem mais vendável e condizente com a atmosfera de um destino turístico *paradisíaco*. Essa intervenção nos faz pensar também se o alargamento dos estereótipos culturais da brasilidade, proporcionado pelo turismo, é responsável pelo processo de erotização do ambiente em si, isto é, pela extensão proposital dessa imagem para além das pessoas, atrelando-a à própria terra, numa tentativa de reforçar essa representação de permissividade que cerca o destino Pipa.

Em contrapartida, os/as turistas estrangeiros/as dividem-se entre as praias do Madeiro e do Amor. Estas praias, além dos serviços de alimentos e bebidas, dispõem de serviços de massagem, aulas de *surf* e *body boarding*, aluguel de pranchas e caiaques, confecções de tatuagem de *henna*, entre outros. Lá o (a) visitante, caso munido de uma boa quantia de dinheiro, desfrutará de todos os prazeres de um *paraíso tropical*, com direito à espreguiçadeira, água de coco e atendimento serviçal. Por serem distantes do centro e por seus preços serem exorbitantes, essas praias possuem um baixo fluxo de moradores locais, além daqueles que estão prestando serviço.

Buscando distinguirem-se do restante da comunidade, os *caça-gringas* concentram-se, assim como os turistas, nas praias do Madeiro e do Amor. Alguns deles trabalham por lá, mas continuam a freqüentar essas praias em dias de folga, outros encontram-se cotidianamente nesses locais, apesar de não terem vínculos empregatícios, motivados pelas ondas e pelas *gringas*. Essa tentativa de distinção do resto da população por meio da ocupação territorial de certas praias é semelhante à descrita por Gontijo (2002), quando relata que os gays abastados cariocas tentam se diferenciar da invasão de homossexuais das camadas populares aos seus antigos redutos, migrando para novos. Movimento semelhante ocorreu também em Pipa, pois, há alguns anos, a Praia do Amor vem perdendo sua preferência entre os (as) turistas estrangeiros (as) e entre os *caça-gringas* para a Praia do Madeiro.

Nesses espaços, os *caça-gringas* podem ser enquadrados sob o termo *habitué*, de que fala Farias (2002). De acordo com a autora, o *habitué* é *"aquele sujeito totalmente treinado nas técnicas corporais da praia, o expert no habitus local. [...] essas técnicas variam de lugar para lugar, mas incidem principalmente na forma de lidar com a areia, com o mar e com os vizinhos."* (2002: 272) Dessa forma, os *caça-gringas*, nessas praias, reforçam sua distinção em relação aos *gringos* e aos outros *nativos*, pois o

> Se o habitué é a autoridade na aprendizagem das técnicas corporais corretas, poderíamos pensar em seu oposto: aquela figura identificada com a

> ignorância em relação aos preceitos. Esta identidade contrastiva está depositada em duas categorias classificatórias: o 'gringo' e o 'farofeiro'. Estes dois tipos se igualam em seu desconhecimento das normas locais (FARIAS, 2002: 272).

No nosso caso, pode-se substituir, guardando as devidas particularidades, o termo "farofeiro" por *nativo*, pois a gramática corporal do *caça-gringa* contrasta com a dele também. Assim, a forma de andar, o linguajar, a intimidade com o mar e com a areia, a articulação com outros freqüentadores e a desenvoltura na constante abordagem às mulheres, além da cor bronzeada e do corpo 'sarado', traduzem também um maior controle dos seus corpos, frutos da autodisciplina, em relação aos conterrâneos que se encontram fora desse circuito. Em contrapartida, remete também à idéia de pertencimento ao local e pode *"indicar uma forma de vida marcada pela possibilidade de fruição dos 'prazeres da vida', pelo tempo livre esticado para mais e pelo tempo de trabalho encolhido para menos [...]."* (FARIAS, 2002: 279).

Paradoxalmente, os *caça-gringas* dominam tanto os códigos corporais *nativos* quanto estrangeiros, e, a partir da mescla desses dois referentes, eles constituem sua própria marcação.

Das vezes que freqüentei a Praia do Madeiro, que sem dúvidas é a praia com maior presença de estrangeiros(as) e de *caça-gringas*, com a intenção de realizar entrevistas ou apenas para fazer observação, senti na pele a dificuldade de aprender como me portar, de assimilar as normas do espaço da praia, para que minhas práticas corporais não destoassem tanto das deles, para que eu próprio não fosse "o estrangeiro". Alcançar essa meta era complicado, pois muitos não me conheciam, apesar que eu os reconhecia de outros verões. Dessa forma, a minha presença naquele grupo representava uma intrusão. Para minimizar isso, procurava utilizar-me dos mesmos códigos corporais que eles, ou seja, falar com muitos gestos (apesar de passar por longos períodos de introspecção, sendo apenas um ouvinte),

munir meu vocabulário com as gírias em voga, livrar-me do excesso de roupas, expor-me ao sol despreocupadamente e sempre fazer comentários sobre as ondas, apesar de nunca ter aprendido a surfar, e sobre as mulheres que por nossa frente desfilavam.

Certa vez, resolvi fazer uma observação sobre um grupo de mulheres que se aproximava: *"Olha só essa 'bateria' que vem aí!"* Ao que fui repreendido logo em seguida: *"Essas argentina nojenta. Se acham as gostosas, mas são chatas pra caralho!"* Minha infeliz observação deveu-se ao fato de que nesse ano houve uma "invasão argentina" e uma diminuição nos fluxos de turistas vindos da Europa, sendo que as argentinas, diferentemente das demais turistas, preferem relacionar-se afetivo-sexualmente com os próprios compatriotas, não dando muita abertura para outras investidas, frustrando, assim, os *caça-gringas*. Eles ainda as acusam de serem esnobes, chatas e de evitar gastar dinheiro.

Um fator que criou um forte obstáculo para a minha incorporação do *habitus* local foi que ele não possui padrões bem determinados, ou seja, havia uma inconstância das opiniões e comportamentos dos *caça-gringas* em relação a suas parceiras, bem como pela fluidez de suas auto-representações. Assim, em várias situações, como a descrita acima, tornava-se muito difícil saber como me portar, qual momento seria ideal para determinado comentário, o que fazer para minha presença não ser marcada apenas por uma observação distanciada, etc.

Tal imprecisão denuncia a descartabilidade das identidades com as quais os *caça-gringas* se transvestem, haja vista que, de acordo com a ocasião e os envolvidos, eles se trajam com a melhor e a mais apropriada peça de seu *baú identitário* e, caso, a posteriori, esta venha a se mostrar inadequada, imprópria, eles habilmente desfazem-se dela e a substituem por outra. Essa constante mudança de trajes distintivos não permite o aprisionamento desses homens em categorias generalizantes[124].

Mas, invariavelmente, os *caça-gringas* elegem quem pode tornar-se manequim do

[124] Sobre a contextualidade das identidades de gênero, ver: Moore (2000).

habitué e ser assim considerado e tratado. O desdém e a replicação que impediram a minha (auto)identificação como um *habitué*, são umas das táticas com as quais eles se armam para não tornarem-se indistinguíveis das demais imagens que compõem aquela paisagem corporal litorânea.

Dessa forma, assim como as praias de Pipa foram informalmente territorializadas, tendo como referência os seus freqüentadores, pode-se falar de uma territorialidade dos corpos em si, que denota os modos como os sujeitos se apresentam e se adaptam conforme as regras de exibição pública, variando de acordo com as relações que eles estão submetidos e/ou desejam tomar parte. As técnicas e práticas corporais valorizadas – e que funcionam como signos de distinção - são subjetivamente selecionadas pelos *caça-gringas* e utilizadas para hierarquizar os corpos.

3.4 Corpos de Apolo a Serviço das Pulsões de Dioniso

Em Pipa, a não adequação aos padrões apolíneos de corpo, atualmente vigentes, impede a participação de outros homens nesse mercado de sexo transacional. Os corpos dos *caça-gringas* atuam como marcadores que identificam e diferenciam os agentes em relação a esse grupo informalmente estabelecido (cf. GOLDENBERG & RAMOS, 2002; MAUSS, 2003; FOUCAULT, 2007).

As práticas corporais dos *caça-gringas* e a exibição pública de seus corpos são formas de se diferenciar não apenas dos homens que estão presentes naquele mesmo contexto, mas também, e sobretudo, dos homens dos países de origens das estrangeiras. Dessa maneira, por relacionarem-se com mulheres, em sua maioria, de peles claras, provindas de países classificados como frios, não só no que diz respeito ao clima, mas também quanto às relações interpessoais, eles hiperbolizam alguns traços que distinguem a corporeidade e o

temperamento local, aproximando-os das imagens relativas aos estereótipos da brasilidade. As falas dos interlocutores destacam exatamente o poder de atração que esses contrastes[125] desempenham:

> Principalmente em Pipa, não sei se isso é porque é um povo totalmente diferente dos loirinhos que tem lá, tá ligado? Eu não sei qual é não, velho. Eu só sei que às vezes tem uns caras aqui que se tiver boa pinta... Esses caras paulista, que são boa pinta, elas não sentem atração, elas sentem atração pelos nativos mesmo, que são da terra, neguinho, sujo, rasta, é mais por isso mesmo, por ser diferente [...] As estrangeiras chegam aqui falando que os brasileiros são muito escrotos tá ligado? 'Os brasileiros são muito *caliente*.' (Renan, 25, recepcionista).

> Eu acho que é por causa do contraste, porque no país delas é branco com branco, toda hora, né, tá ligado? Aí quando chega no Brasil, vê os negão, que vê o cara de cor, tá ligado, se interessa mais por um cara de cor do que por um cara que seja loiro. Porque digamos, loiro lá e bonitão lá tem demais. Aí ela procura... a maioria das vez a gata fica com os mais feinhos, os neguinhos mais sem futuro que tem, os neguinho mais feinho, sem futuro que tem, que nem tipo Thomaz. Tá ligado? Que eu não vou dizer que ele é galã, que ele não é não. É um neguinho feinho, tá ligado, *brother*? (Pessoa, 31, pintor, paraibano).

Estando cientes do que atrai as turistas estrangeiras, esses homens se apropriam de alguns elementos dos padrões estéticos hegemônicos brasileiros entrelaçando-os com estilos locais de ação da aparência corporal, positivando e incorporando o exotismo, lançado pelo olhar das *gringas*, para facilitar a conquista.

> Os caras quando vão azarar as brasileiras, ajeitam o cabelo, bota uma roupa bonita, todo cheio de *pápápá*... bem cheiroso... Tênis, isso e aquilo, uma camisa massa, uma bermuda legal... Não precisa disso tudo, não. Pode ir com os cabelos jogados mesmo, uma camisa simples, uma sandalinha havaiana, uma bermudinha de surfista. Quanto mais simples, elas [as *gringas*] gostam mais. Gostam da simplicidade. Em momento algum, elas gostam de um cara que não seja simples, que gosta de aparecer (Sandro, 26, professor de *surf* e *jiu-jitsu*).

[125] Lehmann-Carpzov ao estudar as relações entre turistas alemães e mulheres recifenses afirma que: *"Os europeus que vivem grande parte do ano sob um céu cinzento e tão bem agasalhados para se protegerem do frio, ao chegarem aqui, ficam literalmente ofuscados pelo impacto causado pela sensualidade dos corpos bronzeados das mulheres e dos homens expostos ao sol da praia. Compreende-se, então,* ***que a força do contraste que insere o exótico e o diferente se torne fascinante e sedutora****"* (1994: 177). (Grifo meu).

Percebe-se, então, que mais do que um rosto bonito, as *gringas* procuram corpos exuberantes, particularmente fortes e negros/bronzeados. Feições mais duras (consideradas por alguns como sinônimos de feiúra), roupas simples (apesar de serem de marca), pouca higiene pessoal e um estilo despojado (influência da cultura *hippie*) resultam por reforçar o fascínio, posto que, de certa forma, esses aspectos remetem à representação de uma masculinidade primitiva, rústica, selvagem e, portanto, cuja sexualidade está mais "próxima da natureza". Essas corporeidades destoam dos padrões hegemônicos dos corpos masculinos europeus e revelam representações de masculinidade que, atualmente, parecem ser raros nos países de origem dessas turistas. Um outro interlocutor, Thomaz, tentou detalhar as motivações que levam as estrangeiras a desejarem vivenciar relacionamentos afetivo-sexuais com os *caça-gringas*:

> Lá [nos seus países de origem] as pessoas são muito fechadas [...] vai do trabalho pra casa... são muito capitalistas. Só querem ter dinheiro. É do trabalho pra casa. A maioria dos brasileiros aqui, num tem essa vida assim não! [...] Eles procuram praticar um esporte, alguma coisa... Aí aparece... e o que elas 'vê'? Geralmente o esporte não faz o cara ficar gordo. Num faz, nunca faz. Faz o cara ficar *sarado*, com mais saúde. Aí quando elas vêm pro lado do litoral, vai pra praia, que vê o cara sarado, essas coisas... Aí o cara diz porra... Ficam empolgada! (29, caseiro).

Renan complementa:

> Muitas estrangeiras geralmente, pelo menos as que eu fiquei, elas elogiam mais o seu físico do que, do que... elas não dão muito valor a tipo: face, essas coisas, cabelo bonitinho, com rosto bem afilado tipo Brad Pitt. Elas gostam do corpo, do físico, elas dão valor a isso, da cor, elas também elogiam muito uma pele bonita. [Mas se o cara só for bronzeado já vale?] Já vale. Mas elas admiram muito... não é tipo, você não pode ser gordo, geralmente elas gostam do físico bem sarado e geralmente ela procura a raça negra que por... pelas raízes já, já nasce com uma genética boa, tá ligado? [E a galera já surfa, já pratica seus esportes também.] Então, já te muda, já muda pra um físico bonito. [Quando elas estão contigo o que elas costumam falar?] Muito isso. [Mas elas comparam também com os homens de lá?] Não! Geralmente elas só elogiam acho que... é, só elogiam, mesmo, admirando como se lá não tivesse, tá ligado? Acho que mais ou menos isso (Renan).

Podemos constatar, portanto, que a fantasia sexual dessas mulheres, além de ser guiada pelos padrões do corpo (supostamente) primitivo (corpo rijo, remetendo a arquétipos de força, selvageria e virilidade), é uma fantasia etnicizada e racializada[126], pois, como emerge em várias falas, elas desejam interagir afetivo-sexualmente com homens brasileiros de pele escura (negros/bronzeados). A intersecção[127] entre gênero, etnia/raça e sexualidade dá-se por razões claramente etnocêntricas (eurocêntricas, no caso) resultantes das representações que as metrópoles fizeram sobre suas colônias e os povos colonizados, e que, contemporaneamente, o "Primeiro-Mundo" faz do "Terceiro". Todavia, essas visões são contemporizadas pelos *caça-gringas*, que significam essa preferência como um "natural" interesse libidinoso pela diferença, a exemplo de Pessoa e Gabriel:

> É a questão do contraste mesmo que elas têm, da sacanagem que elas têm, da fantasia que elas têm na cabeça de chegar assim e ela ver, né, uma *parada*[128] preta entrando dentro dela, da *parada*[129] dela branca [risos]. É, a gente é a mesma coisa também, a gente gosta desse contraste. Quem é branco gosta do moreno, quem é moreno gosta do branco, a maioria das vezes é assim.
>
> Véi, a moda hoje em dia é o negão. A moda hoje em dia é o negão. [As mulheres são mais taradas no negão?] Oxê, tem umas que quando vê um negão assim ficam... [performatizando uma pessoa hipnotizada e cobiçosa] Ficam viajando na pele assim. 'Poxa, tua pele é muito linda e pá.' [Mas que estrangeiras têm essas viagens?] É a galera muito branca, tá ligado? Muito branca mesmo. Norueguesa, sueca [...] (Gabriel, 24, escultor e professor de capoeira, pernambucano).

---

[126] Segundo Jeffrey Weeks: *"As ideologias sexuais da última parte do século XIX apresentavam a pessoa negra – 'o feroz selvagem' – como situado mais abaixo, na escala evolutiva, do que a branca: mais próxima das origens da raça humana; isto é, mais próxima da natureza."* (2001: 58). Essas ideologias criaram o mito do negro hipersexualizado, que se mantém vivo até hoje.

[127] A intersecção entre distintos eixos de poder tem sido tomada como indispensável método analítico para a compreensão dos sistemas de discriminação e desigualdade. Avtar Brah & Ann Phoenix a conceitualizam como *"signifying complex, irreducible, varied, and variable effects which ensue when multiple axis of differentiation – economic, political, cultural, psychic, subjective and experiential – intersect in historically specific contexts. The concept emphasizes that different dimensions of social life cannot be separated out into discrete and pure strands."* (2004: 76). Essa interpretação das categorias articuladas enquadra-se numa abordagem construcionista, pois não ignora as possibilidades de agência dos atores, mesmo quando são alvos dessas encruzilhadas de diferenciação. Para maiores informações sobre o conceito de interseccionalidade, ver: Piscitelli (2008), Krenshaw (2002) e Blackwell & Naber (2002).

[128] Leia-se pênis.

[129] Agora referindo-se à vagina.

O fato é que as diferenças étnico/raciais são percebidas ainda através de uma matriz hierárquica formadora de desigualdades, assim o estabelecimento de fronteiras, ao mesmo tempo em que distancia os agentes, alimenta desejos de transgressão, via interações subversivas, da ordem dos valores do cotidiano. Diante disso, concordando com o argumento de Richard Parker, as *"estruturas de poder podem ser erotizadas"*.

> As desigualdades sociais que separam os indivíduos de diferentes classes e raças são investidas [...] de um valor erótico aumentado. As interações sexuais de um homem branco e uma mulher preta, de um homem casado de classe média e um travesti de classe baixa, de uma mulher de meia-idade e seu amante adolescente, por exemplo, assumem significado especial porque violam as diferenciações que, segundo se pensa, deveriam ordenar o universo sexual (PARKER, 2000: 203).

As relações binacionais que incidem em Pipa são ótimos exemplares dessa erotização dos eixos de poder. Contudo, é necessário frisar que isso não ocorre unilateralmente, ou seja, não é apenas o homem brasileiro, negro/bronzeado, das camadas menos abastadas[130] que é sexualmente adornado. Essa é uma via de mão dupla, as *gringas* são também erotizadas de acordo com seus referenciais de nacionalidade, raça-cor, performances de gênero, etc.

Como pode ser visto através da fala de Renato, pernambucano enraizado em Pipa desde 2003, quando perguntado sobre o porquê da sua preferência pelas *gringas*. A cor e a nacionalidade aparecem como marcadores erotizados:

> Oxê, porque eu gosto mermo é das loirinha, das *blondies*, tá ligado? Das de olhos azuis, aquelas barriguinhas branquinhas, loirinhas, dinarmaquesas. Aí é amor forte. [risos... Mas por que tu prefere esse tipo de mulher?] Pô, velho, é porque é diferente... Coisa nova assim, que o Brasil não tem e pá... [E qual é o tipo de mulher que o Brasil não tem?] Tipo lourona, dos olhos azuis,

[130] Weeks ressalta que o enclave social que se deu na relação classe-sexualidade, ao longo do século XX, estabeleceu certos padrões da vida sexual e criou algumas fantasias, mais precisamente a *"crença, evidente na cultura masculina [incluímos também a feminina] de classe alta (heterossexual e homossexual), de que a mulher e o homem da classe operária [no caso em questão podemos ampliar para a classe popular como um todo] eram, de algum modo, mais espontâneos, mais próximos da natureza do que as outras pessoas."* (2001: 55).

> assim bem... [Brancona?] Não, brancona não! Brancona também não. Eu gosto é quando tá bem bronzeadinha... assim... camarãozinho, tá ligado? [risos] Aí é que tá o ouro! [gargalhadas] Mermão, a maioria que eu peguei aqui foi loira, porque eu gosto muito... loirinha, assim... (22, instrutor de *surf*)[131].

Partindo de um viés Foucaultiano, podemos afirmar que, apesar dos *caça-gringas* se encontrarem em zonas de convergência de vários sistemas de diferenciação, que os alocam, na maioria das vezes, em uma posição de inferioridade, o poder não é meramente repressivo, ele é também produtivo, assim esses eixos normalizantes não apenas limitam, mas também oferecem recursos e brechas que possibilitam a ação. Isso permite a esses homens estereotipados tomar de assalto essas categorias, positivando-as, e imputar sobre suas parceiras rótulos similares (cf. PARKER, 2000).

Diferentemente do sistema de gênero, que hierarquiza os corpos em masculino e feminino, e do sistema de sexualidade, que vê o corpo como *"local físico para a verdade do sujeito sexual"*, o sistema de referência erótico tem no corpo um *"objeto de desejo e fonte de prazer. As configurações culturais que modelam o corpo erótico o caracterizam em termos de sua beleza e sensualidade, seu potencial erótico."* (PARKER, 2000: 172).

Essa interpretação é compartilhada por Marta (31, espanhola, professora de português), que reflete sobre a idéia do estereótipo do *latin lover*, que povoa o imaginário das espanholas, bem como sobre a construção de uma imagem carnavalizada do Brasil. Marta destaca a sensualidade exarcebada, o carinho, a disposição para o sexo e a atenção que lhe cativaram e que marcam algumas diferenças entre o homem brasileiro e o homem europeu.

Além do corpo e das práticas corporais, os *caça-gringas* distinguem-se dos homens europeus pelas técnicas sexuais e por uma maior passionalidade em suas demonstrações

[131] Um pouco antes desse relato, Renato calculara em porcentagem a origem das mulheres com as quais havia se relacionado. Ele afirmou que cerca de 3% delas eram *nativas* de Pipa, 10% eram brasileiras de outros estados e 87%, estrangeiras. Tal atitude, que se repete nos relatos de vários outros *caça-gringas*, deve-se ao fato de que os homens são educados para relacionar sexo com conquista e demonstração de virilidade, desvinculando-o das noções de prazer (cf. SEIDLER, 1989).

afetivas, que remetem a outras características tipicamente dirigidas ao "calor" dos trópicos e às representações da latinidade e do dom-juanismo, dado seu virtuosismo sexual (cf. Gagnon, 2006). Essas características são alçadas pelos próprios *caça-gringas*:

> [Em sua opinião, por que essas mulheres transam com os brasileiros?] A cor, a energia. [A galera de lá é muito fria?] Fria, é. Os caras de lá pegam as mulher não fazem bem feito. Dão uma e dormem do lado. O brasileiro, não, dá uma[132] e quer mais, pressão de novo (Vagner[133], 26, paraibano, vendedor).
>
> Meu irmão, acho porque elas acham os brasileiro instigado, a língua brasileira também, tá ligado? Idioma, assim. Porque os brasileiro são quente, assim [...] Porque tem muitas mermo que eu pego assim que não são as safadas mermo, tá ligado? Aí quem ensina a safadeza é a gente. É, a gente ensina a safadeza aqui com elas. É, mais tem outras que falam: 'Porra, bem que me disseram que os brasileiros eram pauleira mermo.' (Renato).
>
> Rola uma fama. Os homens brasileiros são mais carinhosos. Depois do sexo rola conversa, os europeus deita e dorme (Sandro).

Do mesmo modo, eles elaboram distinções entre as turistas estrangeiras com base nas suas práticas sexuais e no seu temperamento (que, de acordo com as falas é influenciado tanto pela cultura quanto pelo clima de seus países de origem). As nacionalidades que eles sacam discursivamente revelam a ampla gama de mulheres com quem tiveram experiências afetivo-sexuais. Dessa forma, eles destacam os pontos positivos de se relacionar com estrangeiras, qual delas tem a sua preferência e compara-as com a sexualidade das brasileiras:

> As argentinas são *mui calientes*. As suecas são muito frias, assim, é só meter [fazendo um gesto com as mãos, popularmente significado como uma relação sexual] e pronto, acabou-se, não tem carinho, não tem isso. Porque a argentina tem esse negócio de carinho, coisa mais de corpo. É um sexo completo. As suecas só quer meter e pronto. [As norueguesas também?] Norueguesa também, é tudo assim, é tudo fria, tá ligado, desse jeito. E, assim, em relação de sentimento, ela não gosta de andar com você de mão dada na rua, ela não gosta de tá abraçando toda hora, sabe. É tipo de um

[132] *Dar uma* é uma expressão popular para o ato sexual.

[133] Vagner foge à regra, pois não é nativo, nem pode ser considerado local, já que, até o momento de sua entrevista, estava morando em Pipa a apenas 10 meses. No entanto, segundo ele, já havia se relacionado com cerca de cinqüenta estrangeiras.

> relacionamento como se fosse dois, duas pessoas... amigos que se conhecessem, mas que na hora eles tinham um relacionamento, tá ligado? [repetiu o gesto acima.] [E como são as espanholas e italianas?] Espanhola e italiana são mais... então, espanhola, italiana, argentina, geralmente, esses países todos da América do Sul, né?[134] Uruguai e tal, são pessoas, assim, mais carinhosas, mais parecidas com os brasileiros assim, acho que até mesmo pela cultura ser parecida também. É assim mesmo (Renan).
>
> As mais fuderosas é italiana, israelita e as espanholas, essas daí são fogosas pra caralho. [E as argentinas?] Já namorei uma argentina também, mas... eu só namorei com uma, tá ligado? Mas não peguei mais argentina, mas são mulheres muito lindas, as argentinas. É quase de se comparar com as brasileiras, mas são muito lindas, véi, todas. [Mas qual é a que tu prefere mais?] Da Europa ou da América do Sul? [Qualquer uma.] Rapaz, eu prefiro as italianas. [Qual é a delas?] O quê? São lindas, gostosas e fogosas. São escrotas, véi. [E a diferença no sexo, a mais safada é a italiana?] Rapaz, a que topa tudo é a italiana, viu. Topa tudo véi (Gabriel).
>
> Brasileira é mais quente, né? Mas as européias não têm frescura em relação ao sexo, tá ligado. Liberal. [Qual prefere?] Quem me quer. [risos] [Entre ser quente e liberal tu prefere o quê?] A liberal, pra rasgar ela toda (Vagner).
>
> As estrangeiras querem namorar, porque sem querer ou não a gente acaba se apegando. [E tu prefere qual?] Eu prefiro a estrangeira, porque elas falam o que tão sentindo, não engana a pessoa. São sinceras e nunca vão ficar com outra pessoa sem você ser o primeiro a saber. [Entre as estrangeiras dá pra sentir uma diferença?] Cada lugar tem uma cultura diferente e da cultura diferente, você aprende com a cultura e você aprende mais ou menos como é que é, você aprende como deve ser e como deve mais ou menos agir. [Mas em termos de relacionamento?] Tem, em termos de cultura. A portuguesa e as israelitas são as mulheres mais fechadas que tem no mundo. São as que eu indicaria você a não tentar ficar. [... E no sexo tem diferença entre as estrangeiras?] Tem! As espanholas são as mais quentes. As italianas são mais ainda. As holandesas são as que sabem fazer o melhor *boquete*[135]. [Mas as brasileiras não têm também a fama de serem boas de cama?] As brasileiras são boas de cama, mas a questão é [...] Mas outros países que são grandes [leia-se desenvolvidos] a mulher aprende mais cedo a ser mulher. [E qual foi a melhor mulher que tu já pegou? De que país?] Portugal. [Mas não era a mais fechada?] Elas são fechadas, mas também quando elas abrem... [risos maliciosos] (Bento, 24, fotógrafo).

Marcel Mauss, no fim de seu texto sobre as técnicas do corpo, dedica-se brevemente ao que ele chama de "técnicas de reprodução". Para ele, não há *"nada mais técnico do que as posições sexuais."* Por fim, afirma que *"as técnicas e a moral sexuais estão em estreitas*

[134] Renan, na verdade, estava querendo se referir aos países de raiz latina. Essa confusão quanto aos referenciais geográficos demonstra sua baixa formação educacional e, consequentemente, um baixo capital cultural.

[135] Termo popular referente à prática de sexo oral feita nos homens. Equivale à gíria inglesa *blow job.*

relações." (2003: 419). Esses fatores estão implicitamente presentes no discurso de Bento, quando ele diz que a mulher estrangeira *"aprende mais cedo a ser mulher"*. Analisando essa afirmação, Bento revela uma moral que inibe e retarda o início da vida sexual das mulheres brasileiras (implicitamente ele toma por base as *nativas*), o que talvez prejudique o desempenho destas, já que não são tão permissivas e liberais quanto as *gringas*.

Além dessa preferência explícita pelas mulheres estrangeiras, tendo como referência suas marcas corporais (tonalidade da pele, cor e textura dos cabelos, cor dos olhos), os *caça-gringas* acusam as *nativas*[136] de selarem relacionamentos movidas por interesses extra-amorosos e por serem muito pudicas. Eles relatam que as pipenses observam e valorizam a profissão e a renda de seus pretendentes - ao contrário, das turistas estrangeiras, que se envolvem sem levar em conta esses aspectos - e desejam empreender sempre relacionamentos sérios. Thomaz e outros *caça-gringas* fazem uma panorâmica das diferenças:

> Aí, depois fui conhecendo as *gringas* e eu num quis saber de negócio de brasileira, não! Tu é doido, é? É porque brasileira é complicada... assim... pro cara namorar. É porque as *gringa* pô, vêm pra ficar mesmo, quer o cara mesmo! E as brasileira é mais por interesse, a maioria, a maioria mesmo. Visa o que o cara tem, visa onde é que o cara tá, o que é que o cara faz. As *gringas* quando elas vêm, muito mal ela procura saber quem é o cara, pode prestar atenção. Ela num procura saber não. Ela vem pra curtir, vem pra conhecer... turista, né? Aí, pá, se envolve mesmo, se entrega, né? (Thomaz, 29, caseiro).

> Rapaz, já fiquei com argentina, uruguaia, semana passada fiquei com uma. Mas geralmente esses países muito... por exemplo Suécia, Suíça, que você vê a galera em relação assim de relacionamento, a galera tem a cabeça muito mais aberta, tá ligado? Não é uma coisa muito, não é uma coisa assim tipo de... muito mais aberto, pra tipo tá com você e tá com outro e liberar. É uma galera mais aberta, coisa mais liberada. Aqui no Brasil, tanto aqui no Nordeste, aqui no Nordeste é pior ainda, parece que quando fica a primeira vez, a pessoa já diz que tá namorando, as *nativas* daqui já quer apresentar pro pai, não sei o quê. As de outro estado não, as de outro estado já é pouco um meio termo, tá ligado? Assim, as mais fogosas, vamos dizer assim, as mais... as que você pode ter um relacionamento muito mais aberto são as estrangeiras. Até pelo país, pela cultura delas, é muito além das brasileiras (Renan).

[136] Às vezes, as características que marcam as *nativas* são aplicadas para a mulher brasileira, de uma maneira geral.

> Brasileiras não. Elas são interesseiras, visam os bens materiais. A estrangeira é independente, o que importa é se você é um cara legal, de confiança (Sandro).
>
> As mulheres de Pipa têm um desenvolvimento mental, o intelectual é baixo. A estrangeira é mais independente, mais mulher, mais liberal, mais aberta, tá ligado, moleque? (Jorge, 24, instrutor de surf).
>
> Porra, porque as nativas mesmo num quer tipo um cara como eu que só quer curtir mesmo, assim, tá ligado? Porque, meu irmão, pra falar a verdade, véi, das poucas que eu estive, tá ligado? E eu também não instigo chegar, eu me inspiro nela, mas não inspiro em chegar assim e azarar, tá ligado? Porque elas são muito certinha, tá ligado? Pá e pá, tem que ficar com um cara sério. [Um cara pra casar né?] É, mas eu não quero casar agora nem a pau (Renato).

Essas são percepções marcadas pelo contraste, em que o temperamento, o caráter e o potencial libertino das estrangeiras são mais valorizados do que os tipos locais. A partir do que foi exposto, percebe-se um movimento de deslocamentos de preferências afetivo-sexuais, já que as mulheres estrangeiras, oriundas, principalmente de países "primeiro-mundistas", em contextos de viagem, apontam a positividade de se manter relações com os moradores locais, enquanto, homens *nativos* e *locais*, falam das vantagens do envolvimento com *gringas*. Tem-se aí um forte teor de estetização e erotização entre as nacionalidades, sendo que o corpo e as práticas corporais e sexuais ocupam um lugar de destaque nesse mercado. Ao final, apesar desses corpos estarem assentados em padrões hegemônicos de beleza em relação às suas culturas de origem, as relações que se engendram entre esses parceiros também são impulsionadas por certo grau de exotização que cada um deles forja sobre o outro - é o que Piscitelli (2008) chama de "*sex-appeal* étnico"[137].

Não obstante, apesar desses sistemas de diferenciação atualizarem desigualdades globais, com base na origem nacional, na raça/cor, no gênero, nas situações de classe social – o que justifica e exige uma análise interseccional do sexo mercantil e do turismo sexualmente

[137] Esse termo é trazido por Piscitelli para destacar os processos de racialização/sexualização articulados a gênero e nacionalidade.

motivado-, é o *tesão* que dá o tempero para que as interações se configurem (PARKER, 2000)[138].

> Não diria que os homens estão se aproveitando, pois é da parte dos dois. Na realidade, uma troca igual. Se os dois querem, tem mais que aproveitar. As pessoas quando viajam... como que não querem se relacionar com gente do mesmo país, então como que busca [pessoas] do lugar onde vai. É… como ejemplo: 'Com argentinos não vou falar', disse eu. 'Exceto com as argentinas, mas com os argentinos não vou falar!' […] Para mim, o comum é que quando vais a sair de férias não vais encontrar algo sério, tampouco […] Porém isso é algo atípico ao que passa. O comum é sair de férias e conhecer outras pessoas do país, mas para diversão, não para algo sério (Melina, 32, argentina, visitadora médica).

Esse mercado de sexo, como relata Melina, é mutuamente benéfico e, se existem explorações, elas são simétricas. Embora em seus discursos e através da própria categoria êmica que os nomeiam, esteja presente a idéia de que eles são os sujeitos ativos dessas relações, aqueles que *caçam* e que vão à *caça*, esses homens são também alvo do assédio espontâneo das estrangeiras, que buscam interagir com as pessoas do local e trazem consigo fantasias sexuais culturalmente construídas sobre a sensualidade brasileira e o tempero dos trópicos. Portanto, o *"sexo já não define mais quem é a caça ou o caçador."* (NOLASCO, 1995: 21). Compactuando com a argumentação de Klaus de Albuquerque, esse tipo de sexo mercantil em contexto de viagem é bem mais complexo do que a literatura sobre o turismo sexual na Ásia pode suscitar e *"sometimes it is difficult to determine who is being 'found, fucked, and forgotten'."* (1999: 110).

Por fim, faz-se mister lembrar que os *caça-gringas* formam um grupo bastante heterogêneo, como qualquer outro, possuindo fontes de renda, apresentação pessoal (seus estilos estão atrelados a referenciais de masculinidade que remetem a estereótipos do *bon-vivant* ligados à descontração e ao despojamento como o surfista, o jogador de futebol, o *hippie*, etc.), envolvimento com mulheres turistas de distintos países, objetivos a curto e a

[138] Ver também: Luís Felipe Rios (2008).

longo prazo, formas de escolher suas parceiras, honestidade, sinceridade e dependência, em formas e graus distintos (cf. ALBUQUERQUE, 1999). O modo como cada um destes atores vivencia e significa essas interações afetivo-sexuais é também variável. O corpo, lócus do prazer e da dor, e seu "capital-aparência" influenciam nessas experiências, haja vista que é através do corpo que estamos no mundo e é nele que nossas trajetórias de vida se revelam. Todavia, seu ponto de convergência, para além das preferências afetivo-sexuais pelas *gringas*, está no fato deles tomarem o corpo como seu principal substrato identitário, instrumento através do qual eles se enraízam no mundo e ganham visibilidade, reconhecimento e destaque.

Abalizado nas peculiaridades da arquitetura corpórea e nas marcas corporais, *"atos sexuais fisicamente idênticos podem ter importância social e significado subjetivo variáveis, dependendo de como são definidos e compreendidos em diferentes culturas e períodos históricos."* (VANCE, 1995: 16). Assim, veremos, no capítulo seguinte, como a aparição dessa nova configuração dos intercâmbios afetivo-sexuais em contextos de viagem turística relativizam as crenças do senso comum sobre a relação turismo – sexo, o que elas informam sobre as transformações ocorridas quanto aos papéis sociais de gênero, como os (as) agentes manipulam essas representações histórico-culturalmente construídas e quais semelhanças e divergências emergem nas interpretações que os (as) envolvidos (as) fazem dessas relações binacionais, sobre si mesmos e uns aos outros.

CAPÍTULO IV

A COERÊNCIA DAS AMBIGUIDADES

É noite de ano novo, Pipa está incrivelmente lotada. "Tá craudiado!"[139], como dizem os mais jovens por aqui. O roteiro para a maioria das pessoas é ver os fogos de artifício na praia e depois ir dançar na boate. O meu não é diferente, mas como o preço da boate grande, conhecida como Calangão, estava exorbitante, R$ 25,00 antecipado e R$ 50,00 na hora, resolvemos, minha companheira e eu, festejar a passagem de ano na boate pequena, a Calanguinhos, onde o preço era R$ 10,00 para homem e mulher entrava de graça. Esperamos uma amiga dela chegar para entrarmos, enquanto isso encontrei alguns amigos de Natal, que acabavam de chegar já meio chapados[140], nos abraçamos, trocamos umas idéias rápidas e só. Minha namorada e eu estávamos ansiosos para curtir a balada, não demorou muito Ângela chegou e com grande empolgação a abraçamos e fomos dançar na boate pequena. Havia pouca gente, a badalação com certeza seria na grande, mas somos pobres estudantes e precisamos nos virar com o que temos. No meio da festa apareceram o Mago, sua namorada e Alemão, todos também embalados. Mais abraços, sorrisos e curtição. A boate começou a encher, apareceram alguns *gringos* (as), alguns *nativos* (as) e outras pessoas. A festa estava ótima, em parte pelo frisson da virada do ano, noutra pelas companhias. De repente, percebo que uma mulher morena está dançando muito, mas muito sensualmente para um *gringo* gordo, branco (mas já bem queimado pelo sol), que parecia estar totalmente bêbado. Ela dançava mexendo os cabelos e indo até o chão, ele segurava-se numa pilastra meio envergonhado e meio entrando na brincadeira. Ela insiste nas investidas, mas parece que não é muito a *praia* dele. Desvio meu olhar para a esquerda e a cena se repete: um *gringo* loiro, alto, dança junto com uma morena, baixinha, até o chão, simulando um ato sexual, comum nesses clipes de *hip hop* ou *funk*, mas quando presto atenção, vejo que ele está acompanhado da namorada, também estrangeira. Ela observa tudo sem nada reprovar, indo, em seguida, participar da dança, só ela e a morena. Eles se afastam quando chegam umas amigas dessa mulher fazendo muito barulho, uma verdadeira algazarra. Algum tempo depois, minha companheira me chama atenção para um rapaz, vestido como esses *rappers* estadunidenses (camisa de basquetebol longa, bermudão e tênis, não me lembro se usava um boné, um lenço ou nada na cabeça), dançando provocantemente para duas loiras estrangeiras, que pareciam bastante interessadas nele. Ele me é familiar e seu comportamento se assemelha muito ao das duas mulheres que dançavam com aqueles estrangeiros, as quais poderiam ser

[139] Esse é um termo usado prosaicamente para se referir a um lugar super-lotado, onde há muitas pessoas. Trata-se do aportuguesamento da palavra inglesa *crowded*.

[140] Termo usado popularmente para designar uma pessoa que esteja embriagada ou sob o efeito de outras drogas.

> facilmente tachadas como prostitutas, só que quando se trata de um homem a situação ganha o contorno de um cortejo normal, habitual. Para mim, talvez seja mais um *caça-gringa*. Ele comporta vários elementos de um homem que deseja e privilegia interagir sexualmente com uma mulher estrangeira, mas, nesse caso, por ser a ocasião de um *reveillon*, pode se tratar de uma transa casual, não sabendo se ele age dessa mesma maneira em outros contextos. O interessante é que quando olhamos para uma mulher com essa atitude, logo a rotulamos de vulgar e vagabunda, mas com o homem parece que ainda não temos um termo com o qual rotulá-lo, ficamos em dúvida se ele cobrará pela transa, enquanto guardamos um pouco de certeza quando se trata de uma mulher.
>
> **(Notas de Diário de Campo – 01/01/2008)**

4.1 Os *Caça-Gringas* e sua Masculinidade Híbrida

Esta anotação de campo introduz a análise central do presente trabalho, que visa esmiuçar os trâmites e os itinerários de sociabilidade que unem, em relacionamentos afetivo-sexuais, mulheres estrangeiras e homens *nativos/locais*.

Tal fenômeno nos salta aos olhos, pois é cada vez mais freqüente cruzarmos com esses casais binacionais, em Pipa. É grande a quantidade de *nativos* e *locais* que passeiam pelas ruas e praias da Pipa ao lado de mulheres estrangeiras. Eles privilegiam tais relacionamentos, pois, além de lhes agregarem um valor simbólico que os diferencia dos demais homens da comunidade, abrem oportunidades de trocas culturais e de acesso a bens, serviços e símbolos, de outra maneira impossibilitada ou, ao menos, dificultada, tendo em vista seu limitado aporte financeiro, logo, devido à sua condição de classe. A expectativa de realização de viagens ao "Velho Continente", de onde a maioria de suas parceiras é originária, também motiva essa predileção pelas *gringas*, fazendo-se bastante presente e sendo alimentada pelo concreto deslocamento transoceânico de muitos deles.

> Rapaz, essa galera aí... O sonho dessa galera é pegar o passaporte, pra ir pra Europa. É o sonho dessa galera aí que tá na rua. Tipo Jorge, todo mundo. O sonho deles é viajar, véi. Mas só precisa do passaporte, né? (Gabriel).

Esses jovens homens, por causa de seus extensos históricos de interação com estrangeiras, são emicamente conhecidos como *caça-gringas*[141]. Em entrevista, Thomaz, um dos que participam dessas transações, os definem como sendo os homens que

> [...] toda noite o cara está querendo uma mulher diferente, uma gringa diferente, não quer estar com aquela mesma. Porque se ele tivesse procurando uma mulher, podia ser uma gringa, uma brasileira, qualquer uma [...] Mas ele, assim, procurando colecionar... é o caça-gringa. [...] Só no interesse, eles querem só sempre [se] dar de bem (29, caseiro).

Para Ângelo, mais conhecido como Pessoa, que já morou com uma argentina[142] em Buenos Aires, os *caça-gringas* são verdadeiros prestadores de serviços sexuais, estimulados por interesses que ultrapassam os aspectos sentimentais.

> *Loverboy*, caça-gringa, é os prostituto da Pipa, né *brother*? Usa o corpo pra poder ganhar as gringas, pra poder que elas... Assim porque muitos têm isso na cabeça, de ir lá pra fora. É no interesse a maioria das vezes, tá ligado? Pelo que eu escuto, o cara não fica porque gosta, tá ligado *brother*? O cara fica pra se dar de bem, aí termina gostando se for uma gata, se não for eles continuam na mesma, só querendo arrastar, arrastar, arrastar. [E trocando de mulher direto?] É, sempre. Tem uns e outros aí, tipo Jorge e outros aí que toda semana é uma gringa diferente *véio* (Pessoa, 31, pintor).

[141] Essa categoria envolve, majoritariamente, homens *nativos* (autóctones) e *locais* (adventícios que se encontram em Pipa há, pelo menos, cinco anos). Existem homens que não são nativos, nem são considerados também locais, mas que costumam envolver-se com estrangeiras, porém são muito poucos. Durante a pesquisa foi realizada uma entrevista com um desses homens que fogem à regra, Vagner. Havia inclusive um português, radicado em Pipa, que os interlocutores chamavam também de *caça-gringa*, entretanto não foi possível entrevistá-lo.

[142] A Argentina foi por muito tempo considerada, juntamente com o Chile, como o mais europeizado dos países da América do Sul. Essa idéia tinha como base sua população, que, diferente do Brasil, não mantém traços dos povos africanos e muito pouco das feições indígenas, e sua economia, que, no início da década de 1990, mostrava-se forte e totalmente calcada nos moldes do livre-mercado. Apesar da atual debilitação de sua economia, ainda está presente, no imaginário dos *caça-gringas*, a idéia de que a Argentina possibilita melhores condições de vida e oportunidades do que o Brasil. Thomaz, que atualmente mora em Buenos Aires, diz que ao chegar lá sentiu como se tivesse chegado à civilização.

Uma característica que traduz o perfil do *caça-gringa*, de acordo com ambas as falas, é que ele objetiva sempre se dar bem, ou seja, tirar vantagens dentro da relação, pois relacionar-se com *gringas*, em Pipa, lhes permite criar expectativas de conquistar bens materiais e simbólicos.

Portanto, esse fenômeno pode ser visto a partir das ópticas do mercado de sexo, já que as práticas sexuais possuem valor de troca, e do turismo sexual, pois as mulheres, parceiras dessas interações, encontram-se em contexto de viagem. Ao mesmo tempo em que ele serve para desembaçar e ampliar o foco de tais lentes analíticas, haja vista que não estavam conseguindo enxergar a pluralidade de combinações e a multivocalidade dos sujeitos, que participam do sexo mercantil e do turismo sexual.

A partir do fenômeno sobre o qual nos debruçamos e que se desenrola em Pipa, alguns papéis que pareciam cristalizados, no que diz respeito ao mercado de sexo e ao turismo sexual, se invertem. Os homens são quem se disponibilizam afetivo-sexualmente nos destinos turísticos e são as mulheres quem cruzam fronteiras e participam dessas trocas afetivo-sexuais em contextos de viagem. Em texto que introduz essa discussão no cenário acadêmico brasileiro, Adriana Piscitelli (2000: 07) afirma que *"essas interações confundem as articulações internacionais entre sexo e poder correntes no turismo sexual"*, pois alteram, sobretudo, as políticas de gênero.

Alguns dos *nativos/locais* de Pipa percebendo o interesse de muitas estrangeiras em desenvolverem relacionamentos afetivo-sexuais durante sua estada na praia, exacerbam os traços distintivos das representações da masculinidade local em contraponto aos referenciais de masculinidade dos países das *gringas*. Dessa maneira, defendendo a idéia de que as diferenças instigam a atração[143], esses homens, visando facilitar suas conquistas, manufaturam

[143] Um dos informantes de Adrianna Piscitelli (2002: 217), durante sua pesquisa de campo em Fortaleza-CE, tenta explicar a grande freqüência desses encontros sexuais: *"é necessário admitir que pessoas de diferentes nacionalidades se atraem, são exóticas umas às outras."*

e performatizam uma masculinidade, que chamo de híbrida, pois mescla princípios de agência relacionados à masculinidade hegemônica e outros, às masculinidades alternativas (MOORE, 2000).

Quem chegar a Pipa, no período de alta estação (de dezembro a março e de junho a setembro) ou durante um feriado prolongado, como a Semana Santa, perceberá facilmente essas interações binacionais. Além disso, com um olhar mais atento conseguirá distinguir quem são esses homens que hibridizam sua masculinidade.

À noite, a rua principal de Pipa torna-se uma verdadeira vitrine viva, que mostra o resultado dos *body buildings* e as últimas tendências da moda. A maioria dos seus bares dispõe de uma sacada que é disputada pelos freqüentadores que se expõem e visualizam todo o movimento. Aqui, o que importa é ver e ser visto. Todavia, os *caça-gringas* se destacam nessa paisagem difusa e confusa. Muitos deles permanecem, ao longo da noite, sem camisa, com um ar esnobe, que transborda autoconfiança. Os músculos expostos não pretendem intimidar, apesar de ainda representarem a idéia de vigor físico e virilidade, mas sim atrair olhares femininos, mais especificamente estrangeiros. Estes homens, ao mesmo tempo em que se mantêm como os "caçadores", isto é, são quem geralmente iniciam a abordagem e a conquista, são também os que se exibem e colocam-se na posição de "objetos" desejáveis (característica tradicionalmente relegada ao feminino), demonstrando a heterogeneidade e ambigüidade dos traços que constituem sua masculinidade, os quais rompem com a pureza do seu ideal moderno.

Esta representação de masculinidade fincada numa base antitética é reprovada por muitas pessoas do local, pois ela escapa aos limites impostos pelas representações coletivas (DURKHEIM, 2001) do ser homem, dificultando sua inteligibilidade devido à sua aparente falta de coerência.

O ideal moderno de masculinidade que atua feito uma *"bússola de orientação para a formatação de comportamentos assumidos no Ocidente como autenticamente masculinos só pode ser o resultado de complexas elaborações culturais."* (OLIVEIRA, 2004: 19). Para Pedro Paulo de Oliveira, o ideal de masculinidade sofreu transformações durante a passagem da Idade Média para a Era Moderna, o que comprova desde já sua origem social, e as causas dessas mudanças, que culminou na sua feição hegemônica atual, seriam: a formação do Estado nacional moderno, que disciplinou e brutalizou os agentes envolvidos no seu processo de monopolização do uso da força, e o surgimento dos ideais burgueses, fortemente calcados na família nuclear, que estabeleceram a firmeza, o autocontrole e a contenção dos sentimentos como características masculinas, além de disseminar o protótipo do homem responsável, laborioso e provedor. São essas as peculiaridades que *"logo passariam a ser cultivadas e associadas a uma masculinidade digna desse nome."* (OLIVEIRA, 2004: 46). Porém, o autor alerta que aquilo considerado normal, autêntico e hegemônico não precisa ter maioria numérica, mas precisa constituir uma maioria ideal, sendo tomado como padrão que desqualifica quem não o segue ou não o atinge.

Henrietta Moore (2000), compartilhando da análise que Oliveira introduz, afirma que é necessário perceber que não há uma completa determinação entre discursos de gênero e identidade/performance de gênero. A maioria das sociedades busca discursivamente construir indivíduos generificados a partir da formulação e atribuição de princípios de agência oposicionais, que são atrelados, excludente e reciprocamente, a homens e mulheres.

> [...] os discursos sobre sexualidade e gênero frequentemente constroem homens e mulheres como tipos diferentes de indivíduos ou pessoas. Essas pessoas marcadas por gênero corporificam diferentes princípios de agência – como no caso de muitas culturas ocidentais, onde a sexualidade masculina e pessoas do gênero masculino são retratadas como ativas, agressivas, impositivas e poderosas, enquanto que a sexualidade feminina e pessoas do gênero feminino são vistas como essencialmente passivas, fracas, submissas e receptivas. Esses discursos marcados por gênero são em todos os casos

> construídos através da imbricação mútua com diferenças de raça, classe, etnicidade e religião (MOORE, 2000: 16).

Na pragmática cotidiana, esses discursos dominantes se deparam com a resistência e a subversão dos agentes frente às suas normas ideais e fixadoras. Na verdade, eles se vêem forçados a conviver com discursos subdominantes[144] e com identidades de gênero processuais, que denunciam a multiplicidade de variações discursivas existentes no interior de um mesmo contexto social. Portanto, vê-se que as representações de gênero são polissêmicas, inclusive, intraculturalmente.

O caso dos *caça-gringas* é uma radicalização dessa constatação, pois comprova que a multiplicidade das performances de gênero reside no próprio sujeito. Isso foi constantemente sentido durante a etnografia. Determinado dia, por exemplo, Thomaz e eu saímos para correr na praia; ao longo de todo o trajeto, ele chamava a minha atenção e tecia comentários sobre as mulheres que se bronzeavam na areia, bem como relatava suas aventuras sexuais com argentinas que freqüentavam o bar em que trabalha em Buenos Aires, o que condiz com as representações de atividade e disponibilidade sexual dos homens. Porém, ao avistar sua esposa, que caminhava em nossa direção, imediatamente, interrompeu o assunto e começou a desenhar corações no ar e dizer que a amava, comportamento que se afasta da convenção que estabelece a contenção dos sentimentos por parte dos homens, haja vista que o romantismo comumente não está atrelado à noção de masculinidade hegemônica.

Os discursos de gênero, portanto, são assumidos pelos agentes de forma processual, flexível e mutante, possibilitando-lhes realizarem constantes re-elaborações identitárias. Considerando as identidades de gênero como algo contextual, em movimento, portanto não fixas, podemos perceber como astuciosamente os agentes assumem e investem em

[144] Esses discursos ao se identificarem e serem identificados como alternativos aos discursos dominantes, no intuito de demonstrar desafio, resistência e mudança, acabam, paradoxalmente, por reforçar o caráter hegemônico destes, continuando a enquadrá-los como o modelo, o padrão, ajudando a formar a maioria ideal que necessitam para se manterem dominantes, como salienta Oliveira (2004).

determinados discursos de gênero, seja ele dominante, alternativo ou mesmo uma combinação tática (DE CERTEAU, 2007) de ambos, visando obter vantagens pessoais, de acordo com as posições de sujeitos disponibilizadas e limitadas pelos contextos sociais[145] (MOORE, 2000).

O caso de Pipa é cabal para a compreensão do que foi dito. Os *caça-gringas*, ao mesmo tempo, que assumem princípios de agência tradicionalmente atribuídos a uma masculinidade "genuína", como virilidade, potência, dinamicidade, ação e extroversão, investem conscientemente em performances de gênero, que, conforme os discursos dominantes, seriam definidoras e constituintes da feminilidade hegemônica, tais como dependência, passividade, sensualidade, calidez e romantismo. Essas combinações são empreendidas, pois lhes conferem vantagens no jogo de sedução com as *gringas*. Sabendo o que atrai as turistas estrangeiras, eles apropriam-se de essencializações estratégicas, que facilitam a conquista (cf. PISCITELLI, 2000).

É nesse sentido que precisamos perceber os prestadores de serviços sexuais como portadores de agência[146] e de projetos de vida específicos, assim como qualquer outro indivíduo. A percepção desses fatores é facilitada não porque eles são homens e o poder de agência lhes é naturalizado como formador do *ethos* masculino. A clareza com que vislumbramos a presença destes elementos dá-se a partir do momento em que concedemos voz ativa a esses atores sociais, quando permitimos que falem por si próprios, o que por muito tempo foi vedado pelas feministas abolicionistas às profissionais do sexo.

---

[145] É bom enfatizar, como faz Sherry Ortner, que os agentes sociais estão sempre *"envolvidos na multiplicidade de relações sociais em que estão enredados e jamais podendo agir fora dela."* (ORTNER, 2007: 47). Dessa forma, eles estarão sempre limitados pela estrutura social e sempre possuirão agência, já que os indivíduos atuam exatamente a partir da estrutura e a transformam por meio de suas brechas e falhas.

[146] A noção de agência, aqui desenvolvida, segue a interpretação de Sherry Ortner (2007). Agência é um atributo inerente a todo ser humano, mas assume formas específicas variando no tempo e no espaço. Ela faz parte, portanto, do que Giddens (1979) chama de processo de estruturação. Ela pode ser vista como a capacidade de coordenar as próprias ações com ou contra outros, de elaborar projetos pessoais ou coletivos, de persuadir ou coagir, obedecer ou resistir às prescrições das instituições e dos eixos de poder... A agência distingue-se das práticas de rotina, por ser uma ação mais intencionalizada, mas, por ocorrer apenas na interação com outros agentes, o alcance dos seus fins é sempre imprevisível (ORTNER, 2007).

Influenciadas por um discurso vitimário, que não aceitava conceber o espaço do sexo mercantil como um espaço também de subversão dos discursos hegemônicos de gênero, aquelas feministas, teóricas e/ou militantes, consideravam as trabalhadoras sexuais como incapazes de discernir sua própria condição submissa. Destarte, partindo desse pressuposto, torna-se impossível enxergá-las como agentes de suas próprias trajetórias de vida, muito menos quanto profissionais, que, entre outras coisas, podem incorporar o exotismo e subordinar-se conscientemente, como astuciosas táticas de movimentação cotidiana, nos termos De Certeaunianos, pois isto lhes conferem vantagens e poder no interior da relação.

A manipulação dos traços atribuídos à identidade de gênero pelos atores sociais é uma resposta às demandas dos seus parceiros. Em certo sentido, assemelha-se à noção de representação cínica, de Erving Goffman (1985), em que os atores encenam um ato visando atender aos anseios da platéia. Mesmo que eles não acreditem na sua representação, ela lhes trará benefícios, haja vista que agrada ao público-espectador. Desse modo, os *caça-gringas* dizem o que as estrangeiras querem ouvir, mesmo quando o diálogo é motivado por outras intenções, como expõem Gabriel e Renato:

> Têm umas que adoram brasileiro, tatuagem, bombadão, num sei o quê. E têm outras que querem ser ouvidas, têm outras que querem conversar, querem aprender alguma coisa do Brasil, sei lá, véi. [Mas tu tem essa sensibilidade pra saber o que a mulher tá querendo?] Rapaz, normalmente... Normalmente véi, quando elas acham que precisam ser ouvidas, eu tô falando já com o pensamento: 'Pô, vou te comer, vou te comer!' [risos] 'Não, ó, pô, não pode ser assim, você fique tranqüila...', mas 'pô, vou te pegar, vou te pegar!' [risos] (Gabriel).

> Tem muito neguinho que não sabe chegar não, véi. Chega 'Oi e pá'. [Não tem criatividade pra uma conversa.] É, meio ignorante. 'Ei gatinha, pá...' Tem outros que fica sem camisa, fica só [desfilando], na hora de falar não sai nada, véi. Tá ligado? [E como é a iniciativa da galera? Vai na mímica mesmo, já chega pegando na doida, qual é?] Mas... já chega assim: 'Você é de onde? Oi, tudo bem? Como é seu nome?' Aí depois: 'Você é linda.' Oh, já perdeu o conceito. É... pro cara chegar com essa aí já tá velha, essa aí já tá velha. 'Oi, como é seu nome? Você é *mui bella, mui linda*.' A gata já: 'Hã?!' Já tá acostumada, né velho? Se é gata, sabe que é gata, não precisa tá falando. É, pô, aprendi a já não falar isso mais não. Só depois que já tá quase no final, assim, quase concretizando o ataque, tá ligado? 'É, você é linda,

> gostei muito de você.' 'É, todo mundo fala isso.' 'Não gata, mas, porra, o sentimento que estou sentindo agora eu não sinto por qualquer uma não' [risos]. Quando você dá esse sorriso... a gata fica toda derretida, meu irmão, as gata pira, viu véio. Eu gosto dessas... os caras falam assim que na primeira hora que você conheceu ela, chamar ela de linda e pá é mau, tem que trocar as idéias mesmo, que elas gostam, aí depois assim quando tiver no momento mermo, tá ligado, assim de noite né, aí: 'Porra gata, seu olhar assim olhando pra mim me deixa todo arrepiado, véio.' Aí começa a dar esse sorriso assim. 'Não consigo nem olhar mais pra sua cara, porque se não... é perigoso e pá.' Tem que usar a imaginação, né véio? (Renato).

A masculinidade viril e cálida, corporificada pelos *caça-gringas*, apesar de manufaturada, como qualquer conformação identitária, aparece aos olhos das estrangeiras como exemplares autênticos, representações sociais do masculino que entre seus compatriotas vem se rarefazendo. Dessa forma, tal mescla se apresenta como um envolvente convite à interação com o exótico.

> [... o] termo geral de homem brasileiro, pelo que vi e senti, é muito mais doce, mais carinhoso, mais sexual mas também sei que é mais hipócrita. [...] o homem europeu é mais frio, mas também pode ser mulherengo. Não tão à frente como o latino em geral. Também estive com cubano e colombiano e é similar [ao brasileiro], **responde a essa doçura que perdeu o homem europeu** (Marta, doutoranda em Letras e professora de português, 31, espanhola). (Grifo meu).
>
> [... ele] era da minha idade. Talvez um ou dois anos mais novo na época. Mas onde é que ele aprendeu isso?! Não é só a posição que lhe dá prazer, não é isso. É tudo junto. **O carinho, a atenção, as palavras bonitas...** Que o homem lá [em Portugal] ainda é um pouco frio, machista nessa espécie. Tá se perdendo, graças a Deus, né? Vai ver aos poucos que eles já estão falando um pouco de palavras carinhosas pra elas, mas não é normal. **E essa criatividade [sexual] toda junta com carinho, jeito de tratar carinhoso, preocupação, sem ter vergonha nenhuma de estar na frente desse ou daquele**, entendeu? Eu mesma, eu me lembro de ter ficado muito surpreendida, muito surpreendida, muito (Maria, gerente de restaurante, 42, portuguesa). (Grifos meus).

A fala de Marta mostra-nos ainda que tais características parecem estar atreladas à constituição da latinidade (representada na figura do *latin lover*), posto que considera as representações da masculinidade pipense, com que teve contato, similar às encontradas em Cuba e Colômbia. Por outro lado, Maria afirma que em outras viagens que realizou pela

América Latina nunca se envolveu emocional ou sexualmente com ninguém, só em Pipa, e, assim, chega a listar as características marcantes do homem brasileiro:

> As principais diferenças, eu acho, **o carinho, sem preconceito, não ter vergonha de ser carinhoso**, é isso o que eu quero dizer. Não ter vergonha de ser carinhoso, criativo [em termos sexuais] e, como é que se diz, e que gosta de agradar... **Ele gosta de agradar do mesmo jeito que gosta de gozar**, entendeu? Lá [em Portugal], você vê com muita freqüência, ele querer só gozar e não querer se preocupar em agradar, tá entendendo? É meio egoísta nesse aspecto. E como culturalmente ele não sabe fazer, então não sabe nem que tem que fazer isso. **E aqui, desde muito cedo os homens aprendem a agradar as mulheres, né? São mais charmosos** (Grifos meus).

O embaralhamento desses contrastantes princípios de agência, com os quais os *caça-gringas* se munem, é bastante valorizado pelas turistas estrangeiras, sendo evidentemente expresso em suas narrativas. A união entre virilidade, disponibilidade sexual e um discurso romântico - que segundo as falas tem uma base cultural, pois *"desde muito cedo os homens aprendem a agradar as mulheres"* - cativa e surpreende essas viajantes, habituadas em seus países a conviver com relacionamentos descritos como demasiadamente frios, previsíveis e negociados. Em adição, os *caça-gringas* (ou as interações em Pipa) prescindem de formalidades, estando mais abertos(as) ao improviso, à experimentação e à vivência de novas sensações.

As falas das turistas estrangeiras, por seu turno, revelam, então, um paradoxo, pois elas querem um homem instintivo, mas um "bom selvagem", que ao mesmo tempo que viva a sexualidade/afetividade do "homem-macho", respeite as "conquistas" femininas. Elas não querem voltar ao papel submisso das mulheres a *tout court*.

A crescente simetria de poder no centro dos relacionamentos amorosos, conseqüência direta das conquistas do movimento feminista, que se faz sentir com mais força nos países centrais, tem levado a disputas entre os parceiros, que se vêem desgastados pelas constantes negociações. A insegurança trazida por essas mudanças gera instabilidade em muitos

relacionamentos e desprendimento entre os parceiros, que ainda não aprenderam a lidar com essa nova configuração (cf. OLIVEIRA, 2004).

> Meus pais são um casal à antiga, mas nós, os filhos, temos problemas em casar ou, se casamos, divorciamos logo. Agora está na moda divorciar-se, porque a liberdade sexual, a chegada da mulher a determinados trabalhos fez com que não aceitemos os cânones das nossas mães: casar e ficar em casa. Mas ainda existe essa dupla moral, de parecermos mais abertas, mas depois todas querem casar e ter namorado sério [Dentro das relações atuais as mulheres têm mais poder que antes?] Sim, claro! [E os homens ainda não se acostumaram com isso?] Não e, então, é esse o problema. [A masculinidade está em crise?] Não... vamos ver. Não podemos falar em termos gerais. Os homens também aceitaram esta mudança e querem mais liberdade. E, então, a mulher, em vez de se realizar, parece que voltou pra trás para agarrar o que vê que pode fugir. A culpa é nossa por falar tanto no feminismo. [...] É não saber agora agir bem com uma liberdade que é copiada, mas que não é inerente à nossa cultura. Queremos essa individualidade, acho eu, mas transformamo-la em faltas de respeito, egocentrismo e perda de valores humanos, e, sobretudo, em apatia pela vida. É pena ter esse cansaço vital, quando deveríamos ser felizes (Marta).

Pedro Paulo de Oliveira desfere uma forte constatação da complexidade dos relacionamentos afetivos atuais e dialoga com a exposição de Marta. Para ele, a *"nova ordem pós-moderna, saturada em cada poro pelo soro do capital produz agentes cada vez mais individualizados, privatizados, avessos a compromissos e fidelidades de longa duração."* (OLIVEIRA, 2004: 107). Essa decifração do contexto contemporâneo, mais visível nos países centrais e nas classes mais abastadas, é um reverbe da análise de Zygmunt Bauman (1998), o qual afirma que o expoente-mor da experiência pós-moderna é a diminuição do afeto.

Desse modo, os destinos turísticos de países periféricos, centrados no turismo de lazer, que são representados pelos materiais promocionais como paraísos, redutos que, além de preservar formações naturais originais e exuberantes, conservam estilos de vida que remetem a uma idéia do autêntico, do tradicional, um elo com o passado dos países centrais, funcionam como espaços em que as conquistas do movimento feminista euro-estadunidense relacionadas à liberdade sexual podem ser vivenciadas sem culpa, pois as pessoas são vistas como ainda regradas pelos mandos e desmandos da natureza, como se nos trópicos a influência do meio

natural preponderasse e refletisse no comportamento dos indivíduos, sem uma valoração moral. A seguinte fala de Marta mostra o quanto suas interpretações sobre as representações da masculinidade dos destinos turísticos periféricos se baseiam em pré-conceitos, que, de certa forma, remetem à e refletem a influência do seu recente passado colonialista:

> É uma questão de desculpa o que vou dizer... De cultura, isto é, a cultura, o conhecimento, afasta da essência, do natural, do homem mais primitivo, movido pelo instinto e isso ainda é evidente lá [em Pipa], o que não quer dizer que seja geral. É a idéia estereotipada de cada cultura.

O que percebemos, ao contrário do julgamento de Marta, é que os desejos e as interações sexuais ocorrem despreocupadamente nos destinos turísticos dos países periféricos não porque seus habitantes, sem cultura nem agência, são movidos por instintos naturais. Para além da influência da mídia em geral e particularmente dos materiais publicitários do turismo, que vendem o Brasil de forma tropicalizada e sexualizada, é o deslocamento físico e subjetivo realizado pelo (a) turista que dá à viagem esse caráter de permissividade. Localizado fora do tempo e espaço ordinários, o período da viagem atende a uma ética e moral distintas das vistas como apropriadas cotidianamente. A partir disso, Nelson Graburn (1989) argumenta que a viagem turística enquadra-se em um momento sagrado para aquele (a) que viaja, em contraste à profana rotina diária, e por isso ele (a) se permite a viver aqueles curtos momentos de forma "desregrada", livre de obrigações e preocupações, significando-os como mais reais que a "vida real".

Por outro lado, a fala de Marta, nos alerta para o risco de tentar classificar a viagem de turismo como um processo ritual (TURNER, 1974), tal como fazem Graburn (1989) e Nash (1996), pois o (a) turista - principalmente aquele (a) que participa da variante massificada e institucionalizada da atividade - não se desfaz de seus referentes de origem, carregando

consigo uma série de pressuposições valorativas e de imagens estereotipadas dos locais e das pessoas que conhece[147].

A nosso ver, é mais pertinente analisar essa nuançada conjuntura através dos princípios de estruturas estruturantes e estruturas estruturadas, de Pierre Bourdieu (1994). Sabendo-se que há uma ampla gama de veículos midiáticos que contribui para a escolha dos destinos turísticos, principalmente entre os viajantes institucionalizados, bem como condiciona o olhar do turista (URRY, 2001) para o que deve e não deve ser visto, criando e reproduzindo uma série de clichês e estereótipos, compreende-se a conseqüente busca dos turistas pelas evidências que comprovem os elementos diacríticos anteriormente divulgados. Essa roda viva se fecha quando as comunidades receptoras, assentadas sobre estruturas performativas (SAHLINS, 2003), percebem essa demanda e encenam sua autenticidade, saciando a estimulada vontade dos turistas pela diferença, angariando benefícios para si e dando respaldo para a manutenção da produção de imagens exotizantes pelos *media.* A idéia de que existe um *habitus*, que envolve e transpassa a dinâmica do turismo, provoca uma ruptura com a tendenciosa subestimação das ações de apropriação e resignificação da população autóctone em referência a essa atividade e seus corolários.

4.2 A Escolha do Prazer e o Prazer da Escolha

As complexas manipulações feitas pelos *caça-gringas* para conquistar e tirar vantagens de tais relacionamentos expõem, em oposição ao que pensam Marta e Maria, o quanto eles agenciam suas trajetórias de vida. A dificuldade em notar estas resignificações e reformulações simbólicas ocorre, pois elas escapam dos roteiros estabelecidos, oficiais,

[147] Essa atitude é ainda mais corrente entre os turistas oriundos de países centrais, que se vêem numa escala evolutiva superior aos países periféricos.

captando, astuciosamente, no vôo os elementos que irão compor suas táticas, auferindo-lhes poderes que fogem à percepção do forte (DE CERTEAU, 2007), que, nesse caso, devido ao acúmulo de capital material e cultural, são as mulheres estrangeiras.

Ficar com essas mulheres atribui à masculinidade do *caça-gringa* um maior status, dá-lhe mais credibilidade, dignificando-a e tornando seu portador mais respeitado entre os que informalmente compõem esse grupo. A atenção e o romance, para além da virtuosa desenvoltura sexual, que emergem nas falas das *gringas*, não são tão valorizados por eles. Sempre que estive presente nos bate-papos travados na barraca da escola de surf, na praia do Madeiro – lugar em que vários *caça-gringas* se encontram -, o que mais via e ouvia era cada um deles tentando contar vantagem das conquistas concretizadas e do quanto estavam disponíveis a se envolverem com quem quer que se mostrasse acessível e interessada.

Entre amigos, falar que está apaixonado ou que deseja se casar com determinada *gringa* são atos dispensáveis. O importante é demonstrar a inquestionabilidade de sua masculinidade. Para fazer-se homem é preciso convencer os demais de que se é. Nesse contexto, Renato confessa que dispensar as investidas das estrangeiras gera desconfiança entre os amigos: *"A galera [diz]: 'Mermão, a mulher tá afim de tu, véi.' A galera vem logo desconfiar do cara: 'Ei véi, tu mudou de time, é?'"*. Portanto, nunca é excessivo ratificar também discursivamente sua varonilidade como fez Jorge, por exemplo, respondendo a um colega que observara seu excesso de cortesia com as *gringas*: *"Mané o caralho, eu sou pegador! Se der mole, se olhar demais, eu tô pegando mermo! O menino [referindo-se ao seu pênis] tá atento. Vacilou, ele faz chorar!"*.

Para compreender como essas identidades de gênero são vivenciadas nas interações com as *gringas*, deve-se atentar para como elas são reveladas nos discursos dos *caça-gringas*, pois independentemente das táticas de sedução utilizadas por eles, o que é destacado e

significado discursivamente tende a reforçar princípios de agência que não rompem com o ideal de masculinidade hegemônica.

Ao contrário das estrangeiras, eles não dão demasiado valor ao carinho e romantismo que lançam mão nessas interações, bem como não corroboram a posição de provedoras que elas assumem, pois, assim, estariam rompendo com os roteiros da masculinidade dominante. Entretanto, o entendimento dessa aparente incoerência torna-se mais fácil, quando percebemos que a maleabilidade de suas identidades de gênero revela o teor performativo de suas representações, ou seja, elas respondem a estímulos e expectativas dos demais sujeitos presentes no contexto interacional. Inclusive, é importante ponderar também se os discursos do não ao romance e à atenção, observados quando eles estão entre homens, não é o discurso apropriado frente a outro *caça-gringa* em potencial (isto é, eu mesmo). Será que se fosse uma mulher conduzindo a pesquisa, eles não acentuariam o romance e a atenção? O domínio dos códigos *nativos*, a forma de entrada no campo e as marcas e práticas corporais do pesquisador não devem ser descartadas da análise da conjuntura interativa. A tática implica exatamente em agenciar os elementos certos, nas horas certas, com as pessoas certas, não significa necessariamente que se esteja mentindo, apenas *"dançando conforme a música e o par"*. Como frisou bem Goffman:

> [...] quando um indivíduo chega diante de outros suas ações influenciarão a definição da situação que se vai apresentar. [...] Ocasionalmente, [ele] expressar-se-á intencional e conscientemente de determinada forma, mas, principalmente, porque a tradição de seu grupo ou posição social requer este tipo de expressão, e não por causa de qualquer resposta particular (que não a de vaga aceitação ou aprovação), que provavelmente seja despertada naqueles que foram impressionados pela expressão (1985: 15).

Nesse sentido, tanto nas conversas entre amigos, quanto nas entrevistas a mim concedidas, esses homens enfatizavam sua iniciativa para a conquista, o domínio parcial dos códigos lingüísticos e culturais dessas mulheres, sua desenvoltura e virilidade sexual, sua

esperteza e malandragem[148], além da lábia que lhes permite persuadir e seduzir as *gringas* a ingressarem em relacionamentos afetivo-sexuais.

> A gente tem um carisma maior do que o deles [os *gringos*]. Eles são assim mais de conversar e o brasileiro se chega mais, vai se encostando, tem o lance da pele, pega na mão, chama pra dançar um forró, a gata já fica viajando, tá ligado? (Pessoa).
>
> O cara tem que usar a criatividade, véi. Eu penso bem, porque eu não chego do mesmo jeito que chego em todas, tá ligado? Vejo o momento, vejo a situação e pá. Vejo o estilo dela e pá. [De acordo com o país de onde ela vem também?] É, pô, dependendo do país também. Porra, tem muito jeito, véi, dependendo da gata... (Renato).
>
> Rapaz, é muito na hora, tá ligado? Às vezes eu falo qualquer besteira, tá ligado? Só pra elas me dá ouvido, aí eu faço uma coisa. Tipo aqui. Aqui [na sua loja de artesanato] é a porta de entrada, tá ligado? Elas entram por aqui, pá, conversa e tudo mais, aí já joga o 171[149], tá ligado? 'Quando chegou?', 'quer ir pra praia?', 'sabe dançar?' Pergunto logo se sabe dançar forró, se quer sair de noite. [...] Mas antes disso tem um açaí, tem uma cervejinha. 'Vamo pra noite tomar uma cervejinha...' 'Eu jogo capoeira.' Quando eu digo que jogo capoeira: 'Hã?! Capoeira?!' Aí já ficam louca, tá ligado? Aí vamo pra capoeira. Aí daí vê todo o movimento lá, o negão se jogando e pá, já ficam doida. Aí: 'Ai meu Deus, tô com um capoeirista, véi.' [risos] Tá ligado? Você só precisa ter... Você só precisa ser diferente, tá ligado? Se você for igual a todo mundo aí, que não faz nada, não tem um assunto, tá ligado? Tem que ter assunto, se você tiver assunto, você fica com qualquer uma, até com Gisele Bündchen (Gabriel).
>
> Geralmente na cara de pau mesmo. Chegar chegando como o pessoal fala. Você geralmente olha se ela não está acompanhada logo e... Também depende da mulher, a abordagem... Se for daqui já lhe conhece, então você tem que ter um cuidado maior exatamente porque já lhe conhece. Já quando é paulista, essas coisas assim, você tem que chegar com uma cantada mais elaborada, porque... Tá ligado, paulista, né? E quando é estrangeira mesmo, você já pega na mão, às vezes ela olha pra você, você chega chegando mesmo, já abraçando, dançando, pegando na cintura e acabou-se. [Mas tu acha que a dificuldade da língua ajuda também?] Da língua, muitas vezes com a dificuldade da língua, já vai no contato já físico, já vai pegando na mão, pega na cintura, dançando junto (Renan).

---

[148] Roberto DaMatta em "O que faz do brasil, Brasil?" diz que a malandragem é uma forma de "navegação social nacional", e que a área privilegiada de ação do malandro é a *"região do prazer e da sensualidade, zona onde o malandro é o concretizador da boêmia e o sujeito especial da boa vida. Aquela existência que permite desejar o máximo de prazer e bem-estar, com um mínimo de trabalho e esforço."* (1986: 103).

[149] 171 é um artigo do Código Penal Brasileiro que diz respeito a estelionato. Ele é assim descrito: *"Obter, para si ou para outrem, vantagem ilícita, em prejuízo alheio, induzindo ou mantendo alguém em erro, mediante artifício ardil ou qualquer outro meio fraudulento."* (Para maiores informações, acessar: www.dji.com.br/codigos/190_dl_002848_cp/cp171a179.htm). Já o site www.dicionarioinformal.com.br, lembra que popularmente ele faz referência ao malandro, trambiqueiro.

O convívio intenso com turistas de toda a parte do mundo lhes possibilita o domínio básico de certos códigos lingüísticos, o que torna possível o diálogo, mesmo que bastante limitado. Em geral, todos afirmam se comunicar em inglês e espanhol, outros garantem ainda que conhecem um pouco de italiano, holandês, sueco, francês, depende da rede de sociabilidade que conseguem formar e da nacionalidade das mulheres com quem já se relacionaram[150]. Pessoa, entretanto, desdenha desse poliglotismo, pois a maioria, segundo ele, *"sabe falar tipo aquele espanhol e aquele inglês de beira de praia, que num é nem um cara que viajou para aprender a língua ou aprender uma parada ou foi pr'uma escola. É o cara que aprendeu falar inglês em beira de praia [...]"*.

A maioria afirma ter recebido presentes das estrangeiras, mas frisam que essa atitude, bem como a de pagar pelo consumo de drinques e refeições, é espontânea, não ocorre a partir de uma insinuação.

> Já aconteceu, já aconteceu pagar, dar presentes. [Mas paga geralmente o quê?] Pra mim, porque eu não sou muito de tá de bebida, de bebedeira, essas coisas, pra mim já aconteceu de elas me convidar prum jantar, eu de também bancar, porque eu também não gosto de receber muito não, mas se querem dá, receba! [Elas pagam tudo?] Pagam jantar, já aconteceu de pagar jantar assim sozinha a conta. O que eu acho normal. [... E presente? Já te deram também?] Já chegaram a me dar presente, a me presentear. [Tipo o quê?] Assim como bola, camisa, tênis... [Isso de marca boa?] Isso, sempre original, né? [Presente caro.] É, sempre coisa boa (Thomaz).

> É, muitas convida: 'Vamo jantar comigo e pá.' Eu fico *noiado*[151], com vergonha quando tá a família toda, tá ligado? 'É, vou, vou.' Depois, não vou aí: 'Porra, foi mal, tava com umas coisas pra resolver aí.' [Mas a doida paga geralmente quando ela convida?] Paga viu. [... Elas costumam dar presentes?] Dá. Oxê, meu irmão, quando vai embora, mermão. [Costumam dar o quê?] Porra, dá uns livro, dá um mp3, assim, dá algumas vezes

[150] *"[O lance de tu falar outras línguas... Tu aprendeu como? Com elas?] Porra, aprendi... Porra, elas me deram uma força assim muito, tá ligado. É que eu pegava as gatas e as gata pegava meu caderno, escrevia umas parada em sueco, assim, italiano... [Mas aí elas mesmas traduziam pra tu?] Não, ela escrevia em sueco e escrevia em inglês embaixo. Ou então ela escrevia mesmo em inglês, assim. Aí praticava assim lendo. Espanhol, inglês, italiano e sueco."* (Renato).
"Eu falo inglês e espanhol. Aprendi na tora, sem aula, na praia." (Jorge, 24, instrutor de surf).

[151] Expressão popular que significa preocupado, com receio.

> máquina fotográfica e pá. Ela tem duas: 'Ah, não, pegue uma pra você.' (Renato).

É importante ressaltar a facilidade com que esses *nativos/locais* de Pipa se movimentam por esses múltiplos discursos de gênero, incorporando seletivamente variados princípios de agência, conforme demandam e delimitam os contextos sociais. Quando em contato com as turistas estrangeiras, os *caça-gringas* investem numa mescla de traços viris e discursos românticos (remontando ao arquétipo do Dom Juan), porém desfazem-se rapidamente dessa ambigüidade quando em interação com seu círculo de amizades, pois é mais vantajoso assumir a representação de uma masculinidade hegemônica, socialmente valorizada, do que sofrer a reprovação dos seus pares[152], por revelar que pediu presentes a ou que depende financeiramente das *gringas*.

> Às vezes elas ficam com raiva da gente, porque a gente quer pagar nossa parte, aí elas dizem: 'Não, não, a gente te chamou, a gente convidou, a gente quer pagar.' Às vezes rola muita briga, às vezes eu tento pagar, mas às vezes rola mais confusão do que isso. Num quer deixar a pessoa pagar. Tem umas que já fizeram até uma vez quando fui num restaurante, paguei né antes o prato que eu pedi, o meu refrigerante. Quando foi de outra vez, no próximo restaurante, ela deu gorjeta pro garçom e falou: 'Se você aceitar qualquer dinheiro dele, é pra devolver!' Aí eu fiquei olhando com uma cara meio estranha. Porra, fica feio pra gente, porque às vezes: 'Porra meu irmão, as mulher tão pagando tudo!', isso aí... não é assim, cada pessoa é diferente. Tem outros caras aqui que só vive disso [...] (Bento, 24, fotógrafo).

Tal exposição desvenda-nos como a complexidade das conformações de gênero, vivenciadas pelos agentes, não se submetem à simplicidade dos ideais e quanto as categorias de gênero são maleáveis e contornáveis, apesar de pretenderem fixar e definir os sujeitos a partir de representações essencializadas. O domínio dos códigos identitários locais e

[152] *"A dominação simbólica exercida pelos grupos estabelecidos consegue transformar os valores dos dominantes em valores dominantes, a tal ponto que mesmo os que são mal classificados na hierarquia social, isto é, os desclassificados, reproduzem, cultuam e aplicam a si próprios os valores responsáveis por sua própria desclassificação."* (OLIVEIRA, 2004: 81).

estrangeiros permite aos *caça-gringas* essa movimentação pelos discursos de gênero, sua manipulação tática e a aquisição de status.

Quanto ao caráter de provedora que as estrangeiras assumem, mesmo sendo negado ou eufemizado pela maioria de seus parceiros, ao estilo de Bento, demonstra-se como sintomático e distintivo dessas trocas afetivo-sexuais. Além de pagarem drinques, idas a restaurantes e presentearem os *caça-gringas* com roupas de grife, óculos, pranchas, bolsas e outros utensílios, elas convidam-lhes a acompanhá-las em pequenas viagens.

> [Alguma delas já pagou algo pra você ou te deu algum presente? O quê?] Já, já. Roupa, presente de várias formas. [Já fez viagem pequena pra outro estado?] Já, Fortaleza, Recife, Porto de Galinhas, João Pessoa. [Noronha?] Não, Noronha não. Não cheguei nesse nível ainda não [risos]. Pegar uma bombada [pessoa com muito dinheiro] qualquer dia desses pra me levar pra Noronha [...] (Pessoa).

> [Alguma delas já pagou algo pra você ou te deu algum presente? O quê?] Já, tipo bermuda, tipo roupas no geral. [Já fizesse algumas viagens por aqui por perto com elas?] Já, Porto de Galinhas, Natal, Ponta Negra. [Essas roupas que elas te dão são geralmente roupas de marca?] São geralmente roupas boas (Renan).

Ao não enxergarem a si mesmos como prestadores de serviços sexuais[153], os *caça-gringas* interpretam o ato de presentear das estrangeiras como um costume, uma retribuição à sua companhia, uma forma de recompensá-los por lhes terem apresentado uma série de lugares e evitado que elas fossem lesadas por alguns comerciantes[154].

[153] Vale aqui apontar que, em sua maioria, eles têm uma fonte de renda formal – o que lhes garante a "vida" sem *gringas*, principalmente na baixa estação. O que recebem da *gringa* seria puramente da ordem do "a mais": distinção obtida pelos objetos, contatos e viagens. Em adição, eles não parecem ser tão desprestigiados por ganhar presentes como as mulheres, o que fatalmente as remeteria diretamente (mesmo que não recebendo em espécie) ao lugar de *puta*, implicando em estigma e provavelmente no afastamento de outros postos de trabalho no turismo.

[154] É comum entre alguns restaurantes, por exemplo, existir a prática de cobrar preços para turistas, que são superiores à tabela normal. Além disso, alguns *nativos* firmam amizades instantâneas com turistas visando se dar bem ou indicando um interesse em criar intimidade com turistas, principalmente estrangeiros, para aproveitarem as baladas da Pipa sem nada gastar. Laura Agustín destaca que o sexo é só um dos componentes dessa oferta: *"Besides this staged authenticity or emotional labour, those working with foreigners offer flexibility, working as guides, drivers, cultural and linguistic interpreters, sport and dance instructors and protectors against swindles."* (AGUSTÍN, 2007: 86).

> Ela quis dar um presente, um agrado pela companhia. Por ter feito companhia a ela, mostrado as praias, não sei o quê, *comido* elas [risos]. Acho que é uma troca de favores. Não declaradamente. Declaradamente foi bom, foi legal tá comigo, então como uma forma de demonstrar ela faz isso (Renan).

> É, tem muitas mulheres que não sabem da forma que... agradar o cara. Tem muitas que agradam com outras coisas, tem outras que querem dar presente. Outras coisas é quando uma pessoa é mais legal, umas coisas mais sentimental e tem outras que entram mais com as coisas material. [De grana ou presente mesmo?] Presente, tem umas que deixam dinheiro, mas elas deixam porque elas querem, porque a gente não pede nada, a gente não fala nada. E tem vezes que a gente quando acaba entregando pra elas, elas ficam com raiva: 'Olha, eu deixei isso porque eu gosto de você, se você não aceitar é porque você não gosta de mim'. A gente às vezes fica meio sem saber, a gente acaba aceitando pra não acabar machucando a outra pessoa. A gente não pede nada, elas que fazem isso. Já pensou se de repente eu fosse um cara que gostasse de coisa material, eu tinha muitas coisas: roupa, prancha nova, isso e isso (Bento).

Argumentações iguais a essa se sustentam, pois além da raridade da mediação pecuniária, posto que o dinheiro em espécie não é usado como mecanismo de troca, outro fator que camufla esses relacionamentos de trivialidade, bem como torna os *caça-gringas* tão valorizados, é a representação que se faz do homem como estando constantemente disposto ao intercurso sexual[155]. O duplo padrão moral (GIDDENS, 1993) que existe em nossa sociedade, permite àquele que penetra nunca sofrer reprovações sociais, pois elas cabem a quem se deixou penetrar, e consente que ele ostente a nobreza de sua virilidade e a eficácia de seu poder de sedução[156]. Dessa maneira não há nenhum interdito que impeça os *caça-gringas* de vangloriarem-se das conquistas afetivo-sexuais que já alcançaram.

[155] Esse fato social fez-se sentir, quando, muitas vezes, eu estava em companhia dos *caça-gringas* e não me permitindo levar a observação participante às últimas circunstâncias, devido a uma questão de ética, não entrava nesses roteiros de interatividade. Assim, eles estranhavam quando me negava a cortejar ou paquerar uma *gringa* e insistentemente incentivavam-me e tentavam fazer- me mudar de idéia.

[156] Estes homens fazem apenas o que é sexualmente normal para um homem fazer: *"they are promiscuous or informally polygynous, heterosexually active, and engaged with multiple female partners."* (KEMPADOO, 2004: 79).

> Bota aí umas 1500 [mulheres]. Estou quatro meses namorando com uma suíça, ela voltou agora. Chega tô meio triste, mas toda semana tô com uma [*gringa*] nova (Jorge).
>
> Muitas. Namorar mesmo... umas 45 estrangeira. Mas um total de quantas mulheres eu já fiquei na minha vida? [risos] Brasileira umas trinta. Estrangeira, 350. Em toda minha vida. Só de ficar (Bento).
>
> Cê tira por aí, quer ver... Eu comecei a ficar com turista mesmo quando eu tinha 17 anos e por mês eu ficava numa mínima de 23, até hoje, dá o que, vai dar muito. Agora assim, de dois anos pra cá, que eu tô ficando mais sério com essa portuguesa, aí senti... quando ela vai pra lá, fico com uma, duas, pra não dar muito... que é seis meses né? Seis meses, depois de jogo... Aí eu fico com uma, duas, três, quatro na entoca, sem ser muito... sem ser visto. Então, desde 17 anos até eu ter os meus 24 anos, 25 ano, 24... (Nilson, 27, bugueiro).

Tais comportamentos e números impressionantes reforçam sua dignidade masculina e alimentam a reprodução das prescrições da sexualidade de homens e mulheres[157]. Kempadoo tece um valioso comentário que, apesar de ser destinado à análise do contexto caribenho, serve para pensarmos as construções da sexualidade masculina e feminina inseridas no mercado de sexo brasileiro.

> Women, for example, are marginalized, scorned, and disrespected as loose women within local cultural logic if they appear explicitly sexual and engaged in multiple sexual relationships, without this being attached to procreation and economic needs of the family. They are generally viewed as whores if they engage in explicit sexual-economic transactions in the tourist industry. For men, hegemonic constructions of Caribbean masculinity are not questioned or denied to a man who does the same, particularly in a heterosexual relationship. An exchange of sex with a female tourist instead reaffirms understandings of 'real' Caribbean manhood (KEMPADOO, 2004: 78).

[157] Tecendo uma crítica ao discurso vitimário, que muitos autores vêm atribuindo à suposta crise da masculinidade, que gera uma série de dilemas no homem contemporâneo, Oliveira (2004) alerta que sempre cobra-se um preço a quem se encontra numa situação privilegiada, afinal, segundo o autor, a masculinidade ainda é um símbolo valorizado no regime de gênero. Ademais, essa divulgada crise não é sentida por todos, ela possui uma zona de impacto bastante limitada, repousando principalmente sobre os indivíduos de classes mais abastadas, mais sujeitos às mudanças da voga pós-moderna, veiculadas pela mídia e disponíveis no mercado. Dessa maneira, o autor desdenha da pontual crise, pois a *"existência de um inconsciente sexuado, tal como sugere Bourdieu, é a garantia de que a masculinidade, na qualidade de valor social continuamente cultivado e reiterado, resista a muitas das transformações em curso na sociedade contemporânea e, assim, mantenha-se nessa condição, a ponto de se expressar em persistências concretas de assimetrias de poder, ao se analisar as posições de comando e os privilégios que os homens ainda desfrutam quando comparado às mulheres e àqueles que, de um modo explícito, confrontam a cartilha da masculinidade hegemônica [...]"* (OLIVEIRA, 2004: 199).

Assim como esses caribenhos, os *caça-gringas* performatizam uma masculinidade hipersexualizada, que é cobiçada e desejada pelas estrangeiras. A propósito, para não romper com essa imagem hiper-máscula, muitos negam qualquer espécie de interesse extra-sexual. De um total de dez entrevistados, apenas dois *caça-gringas* (Thomaz e Pessoa) confessaram já ter se relacionado com estrangeiras por uma questão de interesse não-sexual, baseados na aparente estabilidade financeira delas. Outros, como Bento, Gabriel e Renato admitiram ter recebido dinheiro, pelo menos uma vez, o qual foi dado voluntariamente. Contudo, todos afirmam, particularmente, conhecer *nativos/locais* que se sustentam através desses relacionamentos, que se insinuam e pedem regalos para as *gringas*, e que as exploram financeiramente. Essa narrativa, presente em todas as entrevistas, é um mecanismo bastante útil, pois, ao mesmo tempo, que ela serve para relativizar o comportamento individual de cada interlocutor nessas relações binacionais, diferenciando-o dos demais, ela funciona também para imputar sobre os outros todo o estigma presente nas representações de gênero não-hegemônicas e no rótulo *CAÇA-GRINGA*.

> Você depois que vive dessa forma, depois que você conhece tudo, eu tenho convivência, já sabe quem é quem, aqui, já sabe o jeito dos caras, quem são legal, quem não são, os caras que falam por trás, os que não falam. Você saca que isso é um jogo, tudo isso é um jogo, né? E você sem querer ou não você acaba mais ou menos controlando o jogo, ou você controla o jogo ou o jogo te controla (Bento).

Thomaz, que já admitiu ter se envolvido com mulheres estrangeiras por interesse, descreve (como manda as regras desse "jogo") com certa repugna o comportamento dos *caça-gringas*, durante a noite, quando ocorre a maioria das interações:

> Na *night* é vixe... parece uns cara eletrizado assim. Eu acho que eles se comportam assim como uns rato de rua, num é gato de praia não, é rato de rua [risos]. Que sai em cima de uma e de outra, porque quando... não é como uma pessoa normal não, porque uma pessoa normal quando sai na *night*, se comporta, se vai... sai pra tomar um drinque ou paquerar, mas tudo tem o

> momento, tem que ficar no lugar que vai chegar alguém, tás vendo que tá interessado de uma boa conversa, de um argumento legal, de um assunto sadio, não a pessoa impressionando com mentiras, calúnias, isso não existe não. [Então dá pra reconhecer esses caras na *night*?] Com certeza, só no observar, só no olhar o jeito de, o gesto deles se vestir, o jeito deles se produzir (Thomaz).

Portanto, existe, em primeiro plano, um hiato entre o discurso e a prática, pois correntemente os *caça-gringas* passam a receita da conquista como se ela segui-se os preceitos de um cortejo ordinário, isto é, sem interesses extra-amorosos, baseada na "curtição pela curtição". Enquanto isso, eles buscam imputar sobre os demais as atitudes tidas como não-honrosas ou reprováveis, na tentativa de diferenciar seus comportamentos e táticas de conquista da mesmice rotulante[158]. Não obstante, quando lançamos um olhar mais atento sobre os contextos, notamos que essa distância entre discurso e prática revela uma coerência subjacente. O que aparenta ser contraditório, à primeira vista, guarda um substrato consistente, posto que responde à especificidade contextual.

A vertente do mercado de sexo em que esse fenômeno toma corpo e as argumentações, sacadas por esses *nativos/locais,* eufemizam sua face mercadológica, pois o dinheiro em si não tem participação obrigatória nas trocas. Do mesmo modo, o termo ventilado para tachar esses homens também contribui para essa indefinição, já que por si só não informa o caráter econômico das atividades de seus protagonistas, assim como é menos pejorativo e causa menos constrangimento do que os comumente atribuídos às mulheres que se dedicam a intercâmbios sexuais a partir de uma consideração não-sexual. Para Kamalla Kempadoo,

> An area where the distinction between sex work and transactional sex is equally as blurred is male 'hustling'. While women sex workers usually have little problem in identifying themselves as such, men involved in similar practices do not necessarily self-define in the same way. Rather, the terms *beachboy*, *gigolo*, *sanky panky*, *rent-a-dread*, *rental*, or *hustler* are most

[158] Esse esforço discursivo revela que se *"para alguns há crise porque as responsabilidades atribuídas aos homens pesam como fardo, e, portanto, geram descontentamentos e angústias, entre os homens das camadas mais baixas [onde encontram-se os caça-gringas] a preocupação maior pode ser a falta de possibilidade de cumprimento das responsabilidades."* (OLIVEIRA, 2004: 204).

> common, with few men explicitly acknowledging the economic nature of their activities (KEMPADOO, 2004: 77).

Em sintonia com o que pensa Kempadoo, encaramos o sexo transacional não como um elemento que se confunde com o trabalho sexual, mas sim como uma vertente do próprio mercado de sexo, uma variante, que, em vez de estipular antecipadamente os atos sexuais e seus respectivos preços e período de tempo, desenrola-se mais informalmente, sem acordos pré-estabelecidos entre os parceiros, assim as trocas não ocorrem de maneira imediata, mantendo uma dinâmica mais solta. É exatamente a versão transacional que toma corpo em Pipa, marcada por trocas simbólicas e materiais, sendo que essas últimas quase nunca são feitas por meio do dinheiro, em espécie. Tais trocas, porém, não se pretendem compulsórias, mas sim voluntárias, fazendo com que seus parceiros sintam-se agindo com naturalidade, mesmo quando ela é intrinsecamente encenada.

4.3 Dádiva ou Moeda de Sexo?

Já próximo ao fim da pesquisa etnográfica, num certo fim de tarde, minha companheira e eu vínhamos descendo a ladeira da rua principal de Pipa em direção ao centro, quando cruzamos com Bento, que, do outro lado da calçada, acenou e, segurando um colar, disse: *"Se liga moleque! Tá vendo esse colar de ouro? Foi minha namorada que deu!"*. *"Massa!"* – respondi, dei um sorriso e passei. Não tenho muita afinidade com, nem sou experto em jóias, portanto não posso afirmar se realmente se tratava de uma peça de ouro ou era apenas uma bijuteria. Mas uma coisa eu podia presumir: pelo seu histórico, cri que se tratava do presente de uma *gringa*. Todavia, o que me chamou realmente atenção foi o fato dele ter feito questão de me abordar e esbanjar orgulhosamente seu colar de ouro. Isso tornou notório que aquele presente, até mais do que seu valor material, possuía para Bento um

precioso valor simbólico. Aquele colar informava não só a conquista de um bem economicamente estimado, mas igualmente a aquisição de um símbolo de status social.

Outro exemplo da importância simbólica que os bens materiais podem adquirir é dado por Thomaz. Certa noite, encontrei-o em frente ao Tribus's Bar, bem no foco de toda a agitação pipense, e fiz um elogio à sua roupa. *"Gostou?"* – respondeu-me, *"Eu só me visto assim Tiago. Lá em casa é só roupa da Nike, Pena, Soccer , Puma, Brooksfield..."*. Admirado, falei: *"Tá podendo, hein?!"* e ele completou com um leve sorriso: *"É tudo presente das namoradas. [Das gringas?] É."*.

Se fossemos considerar as motivações econômicas como as prevalecentes para a inserção dos sujeitos no mercado de sexo, o que deveríamos esperar que Bento e Thomaz fizessem? Provavelmente responderíamos que, respectivamente, buscariam vender seu colar de ouro e suas roupas de marca para conseguir algum dinheiro, o que seria mais útil. Entretanto, não somos apenas movidos por questões utilitárias, como há muito tempo mostrou Max Weber. Simultaneamente, somos guiados por valores ligados ao status, que devem também ser considerados quando analisamos um fenômeno tão complexo quanto o mercado de sexo.

Levando em conta que esses presentes são ofertados pelas *gringas* aos *caça-gringas* como uma forma de retribuição ou, como disse Renan, uma troca de favores – *"um agrado pela companhia. Por ter feito companhia a ela, mostrado as praias, não sei o quê, comido elas. [risos] Acho que é uma troca de favores."* –, podemos inferir que o sexo transacional enquadra-se em algumas características da teoria formulada por Marcel Mauss sobre a reciprocidade, que resumidamente diz respeito a trocas teoricamente voluntárias, mas que na realidade coagem os seus parceiros ao dar, receber e retribuir.

Apesar de aparentemente livres e gratuitas, essas prestações são obrigatórias e interessadas:

> Elas assumem quase sempre a forma do regalo, do presente oferecido generosamente, mesmo quando, nesse gesto que acompanha a transação, há somente ficção, formalismo e mentira social, e quando há, no fundo, obrigação e interesse econômico (MAUSS, 2003: 188).

A teoria Maussiana da reciprocidade traz a idéia de que a coisa recebida não é inerte, ou seja, conserva algo do seu doador, mesmo tendo sido por ele abandonada, o que se verifica no ato de presentear das estrangeiras, as quais mesmo distantes são lembradas através dos regalos que deixaram. Assim, através do presente, o ofertante tem poder sobre o beneficiário. Mauss (2003) afirma que um simples contato com o objeto doado transmite as virtudes do doador, um pouco dele mesmo, no caso, um pouco do prestígio e do status das *gringas*. Mas é o donatário que se coloca na situação de dependência.

Apesar do fluxo do dom obedecer sempre à alternância de direções em que se sucedem o vai-vem de presentes e contraprestações, podendo-se, inclusive, de acordo com Mauss, dar-lhe o nome de intercâmbio ou comércio, quando essas trocas são feitas *"com outro espírito, em vista de ganho imediato, ele é objeto de desprezo muito acentuado"* (2003: 240). Tal configuração também é notada nas parcerias que unem homens autóctones/adventícios e mulheres estrangeiras[159]. Thomaz, por exemplo, relata uma experiência que teve com uma portuguesa, a qual não foi muito bem sucedida, porque ele deixou seu interesse financeiro transparecer (pediu-lhe R$ 2.600,00), o que findou por cortar a magia do relacionamento para a outra parte, que o encerrou imediatamente. Hoje em dia, ele afirma sabiamente: *"Olhe Tiago, eu vou lhe dizer uma coisa: nada por interesse é bom! Nada, nada!"*.

Apesar das palavras de Thomaz, não se pode ignorar a manifestação de algumas atitudes menos altruístas por parte dos *caça-gringas*. Para analisá-las sem, no entanto, abandonar a transposição teórica da dádiva, das sociedades "primitivas" para as sociedades

[159] Vale novamente ressaltar que quase todos os *caça-gringas* destacaram que os agrados recebidos das estrangeiras foram espontâneos, sem a necessidade de insinuações.

contemporâneas, que aqui fazemos, lançamos mão de um desdobramento da teoria Maussiana da reciprocidade. Refiro-me à cartografia da reciprocidade, elaborada por Marshall Sahlins (1983), que a divide em três formas: generalizada, equilibrada e negativa. Para Sahlins existem graus na reciprocidade, que variam de acordo com os indivíduos e os espaços em que as transações se desenrolam. A reciprocidade é inversamente proporcional à distância geográfica e cultural, mais ainda se houver uma distância de parentesco (SAHLINS, 1983).

Suas áreas de atuação obedecem a um esquema concêntrico, que respeita a segmentação social. Trata-se de uma divisão setorial da reciprocidade, em que o círculo de menor raio está atrelado à reciprocidade generalizada, aquela em que se doa sem esperar nada em troca, assistência gratuita e, não necessariamente, retribuída, o que ocorre geralmente entre parentes próximos. O círculo subseqüente marca a prática da reciprocidade equilibrada: trocas diretas em que a retribuição é imediata ("toma lá, dá cá") e os bens devem, necessariamente, possuir valor equivalente. É uma relação mais econômica, que não tolera fluxos unilaterais e se estabelece entre pessoas de uma mesma comunidade, de um mesmo grupo social, com poucos vínculos de parentesco. Por fim, temos a reciprocidade negativa, que possui maior alcance, mas é também o local onde ocorrem apropriações sem intenção de retribuição. As trocas são estabelecidas entre pessoas de origem étnicas bastante distintas, as quais ingressam nelas, visando obter vantagens frente ao parceiro, utilizando-se recursos como trapaça, barganha, ludíbrio etc.

A reciprocidade negativa marca as práticas de muitos *caça-gringas*, que se aproveitam do poder de barganha que sua representação híbrida da masculinidade enseja e não titubeiam em tirar benefícios egoístas desses encontros binacionais.

> [...] a cabeça do caça-gringa digamos é pegar uma gringa pra se dar de bem, crescer na vida às custa da gringa, em cima da gringa, então... Não quer saber de trabalhar, só quer saber de tá nessa, tá ligado? Ficando com gringa e pedindo roupa... Acha que vai tomar conta de tudo o que é dela. Eu acho que a cabeça do cara é essa (Pessoa).

> Quando tu tá assim na caridade: 'Pô, deixa eu ver essa camisa como fica.' Aí você: 'Porra mermão, do caralho!' 'Ah, vou dar pra você.' É, tem que ser assim, na manha, tá ligado? Na manha do gato, pô. É. [risos] [Mas então também rola do cara jogar uma verde pra ver se ela solta alguma coisa?] É, dizer: 'Porra mermão, meu olho tá doendo, por causa desse sol, tenho que comprar um óculos de sol, mas tô liso.' Assim, joga aquele *caô*[160] [...] (Gabriel).
>
> Eu defino um caça-gringa, aquele que dá a abordagem, antes dela pensar, aquele que ela mantém ele e depois que ele consegue o que ele quer, ele dá o fora nela. [É o cara que age por interesse?] Exatamente, pra mim eu acho que é isso. Interesse (Nilson).

Embora, haja relatos em que emirjam essas revelações, paradoxalmente, todos os interlocutores alertaram que para ser bem sucedido com as *gringas* é preciso ser sincero, honesto e demonstrar respeito[161]. Esse formalismo e hombridade marcam os discursos sobre as transações, que, na verdade, são interessadas.

Mauss (2003) percebeu que, entre as sociedades que participavam desses rituais da dádiva, era recorrente que a contraprestação fosse maior e mais cara do que a prestação. Guardada as devidas peculiaridades, nos relacionamentos afetivo-sexuais que têm Pipa como palco, ocorre algo semelhante, pois conforme mais cortês, carinhoso e sexualmente criativo torna-se o *caça-gringa*, mais preciosos deverão ser, consequentemente, os presentes e mais incisivos serão os convites para as acompanharem em seu retorno aos seus países de origem, o que, por sua vez, estimularão mais demonstrações de afeto.

Essas "trocas de dádivas" (LEACH, 1982), isto é, a oferta sexual por uma das partes, nesse caso o masculino, criam uma dívida para a outra, que fica na obrigação de retribuir em contraprestação, que, no caso em estudo, são os presentes. Acompanhando Edmund Leach (1982), tais intercâmbios possuem dois aspectos, um econômico e outro simbólico, que estão imbricados de tal maneira que nem sempre poderão ser distinguidos. Os bens recebidos em

[160] Gíria que possui o mesmo sentido da expressão *conversa fiada*.

[161] *"É você ser quem você é mesmo, é você agir completamente com respeito com elas e nada melhor do que você ser brasileiro, sorrisão na cara [risos]. Já era!"* (Bento).

troca do sexo e do afeto, como visto acima, além de seu valor econômico, vêm acompanhados de um sentido simbólico: o status social.

Uma das mostras do simbolismo que esses relacionamentos carregam pode ser sentida entre os mais jovens, já que eles vêem os *caça-gringas* como modelos a serem seguidos, pois eles ganham inúmeros presentes, freqüentam bons lugares, vestem roupas caras, viajam mundo a fora, além de se relacionarem com estrangeiras, o que parece preencher um fetiche no imaginário local. Temos, então, outro exemplo do que Beni (1998) chama de "efeito demonstração". Esse fato é realçado pelo relato de Júlia (18, estudante) sobre Paulinho, um garoto de 13 anos, o qual falara que *"agora só queria saber de gringa e que as mulheres daqui não estão com nada"*. A fala de Gabriel reforça a constatação de que os *caça-gringas* aparecem aos olhos dos homens mas jovens como referenciais de masculinidade.

> Rapaz o comportamento dos caras... se acham tá ligado? Tu pega uma galegona, do olho azul, aquela bem bonitona mermo, o cara fica rebolando: 'Pô, tô com uma gringa.' Fica rebolando, pega na mão dela, fica bossal mermo, tá ligado? [Mas tu acha que isso dá uma frente ao cara?] É, o cara fica com status: 'Porra, o cara pegou uma gringa, porra, mermão.' Óia, mas hoje em dia aí pra você pegar uma gringa aí, tá ligado? Se você pegar uma gostosa, mas linda mesmo, a galera: 'Porra, porra, que gata do caralho, véi!' E a galera ainda fica pensando: 'Pô, o bicho se garante, pegou uma mulher da porra, viu.' [Aí a galera mais nova fica querendo entrar no esquema também?] É, a galera já fica nessa, querendo *tirar o cabaço* [leia-se: perder a virgindade] já.

Adriana Piscitelli partilha da mesma interpretação quando analisa o turismo sexual praticado por mulheres, em Fortaleza: *"[...] para além dos benefícios econômicos que resultam desses relacionamentos, os bens materiais obtidos das turistas, possibilitando a exibição pública desse controle sobre elas, incidem na valorização local daqueles que se engajam com as estrangeiras"* (2000: 8).

Esses relacionamentos, onde não há circulação direta de dinheiro, podem ser classificados como um tipo de intercâmbio sem a *"noção de preço calculado em moeda*

pesada e reconhecida." (MAUSS, 2003: 264). Contudo, do mesmo modo que nos grupos sociais estudados por Mauss, as trocas estão isentas da noção de preço, mas não da noção de valor, haja vista que nesses câmbios o presente determina o contra-presente, isto é, ele deve possuir igual ou, e de preferência, maior valor que o bem recebido. Porém, distintamente dos exemplos apresentados pelo autor, esse princípio de troca-dádiva visto em Pipa se encontra ao nível individual. O contrato individual puro não impede a ocorrência do *dom*, mas facilita a emergência de interesses por benefícios instantâneos.

Entretanto, é imprescindível contextualizar o significado atribuído à moeda. Para tal, recorre-se ao conceito adotado por Maurice Godelier: *"Para que uma mercadoria funcione como 'moeda', é necessário que possa ser trocada pelo conjunto de outras mercadorias; que funcione como seu equivalente geral"* (1981: 140). Por meio de prestações de serviços sexuais, os *caça-gringas* têm acesso atalhado a refeições em bons restaurantes, roupas de marca, pequenas viagens, bebidas, entre outras conversões possíveis.

O sexo transacional é impulsionado, em parte, pelo contexto econômico dos *caça-gringas*, que, embora não seja marcado por uma aguda situação de pobreza, não permite a eles uma vida confortável e socialmente prestigiada. Embora a maioria tenha uma renda que gira em torno de R$ 500,00 a R$ 1.800,00, seus empregos são bastante instáveis, além do salário também variar de acordo com o fluxo de visitantes e os preços dos produtos básicos (alimentos, higiênicos, de limpeza, etc.) serem supervalorizados devido à forte presença de turistas estrangeiros. Assim, esses homens, tal qual a maior parte da população local, não podem consumir o que produzem.

Dessa maneira, imbuídos por ideais individualistas e consumistas, e conscientes da ineficácia das intervenções governamentais em prol do abrandamento da desigualdade social, os *caça-gringas* iniciam, por conta própria, uma política de redistribuição de riquezas (materiais e simbólicas). Para ter acesso ao amplo leque de bens e serviços disponibilizados

pela "indústria" do turismo, enquanto sujeito e não como mera parte do produto turístico, eles precisam incorporar a si um valor de troca, mercadificar-se, se tornar moeda, por meio das práticas afetivo-sexuais[162].

Com isso, as teorias se complementam, pois, ao mesmo tempo em que, o sexo é um elemento de um sistema troca-dádiva, ele também é um *"intermediário obrigatório para ter acesso [facilitado] a todas as mercadorias socialmente disponíveis e necessárias."* (GODELIER, 1981: 140).

Mauss afirma que no *Potlatch* as prestações têm caráter usuário e suntuário. Nas interações afetivo-sexuais entre população fixa e população flutuante da Pipa, tanto as práticas sexuais e afetivas quanto os presentes agregam, simultaneamente, valores utilitários e simbólicos. Assim, pode-se correlacionar essa afirmativa com o conceito de moeda usado por Godelier, quando este diz que uma mercadoria só tem valor de troca (que é distinto de um preço definido) por possuir antes um valor de uso. Noutras palavras, o sexo e o regalo são transacionáveis, pois atendem a necessidades objetivas e subjetivas, isto é, cada um deles sacia os desejos particulares dos parceiros das trocas.

É nesse momento que os aspectos econômicos e simbólicos das trocas-dádivas, que ocorrem entre *caça-gringas* e estrangeiras parecem indistinguíveis. O sexo é um veículo que sela relações entre dois indivíduos, ao mesmo passo que, por exemplo, é um elo entre o *caça-gringa* e a coisa desejada, a qual pode lhe satisfazer uma carência material e/ou lhe conferir um status privilegiado.

[162] Para Darcy Ribeiro, esse tipo de comportamento, bem como outros similares, reflete a situação de parte da população brasileira, que *"largada a seu destino, encontra soluções para seus maiores problemas. Soluções esdrúxulas é verdade, mas são as únicas que estão a seu alcance."* (2006: 188).

4.4 Não Existe Pecado ao Sul do Equador[163]

Não existe pecado do lado de baixo do Equador,
Vamos fazer um pecado, rasgado, suado, a todo vapor...
(Trecho da letra da música de Chico Buarque e Ruy Guerra)

Essa idéia do Sul como um centro de diversões para o Norte econômico mundial, alegoricamente retratada por Chico Buarque e Ruy Guerra (compositores de uma periferia, no Sul econômico), envolve não só o imaginário masculino, a exemplo da música. Muitas mulheres dos países centrais também se deslocam para o Sul em busca de diversão e prazer. O filme *Em Direção ao Sul* (2005), uma produção franco-canadense, versa sobre a procura por novas e autênticas experiências afetivo-sexuais de três mulheres estadunidenses: Sue, Brenda e Ellen, que viajam a turismo para o Haiti, por volta de 1990.

A homogeneização da pobreza local é rompida pelos hotéis de luxo que se esparramam pela beira-mar. Isso atrai algumas pessoas da população fixa para aquela área, seja para trabalhar ou para seduzir e se envolver com a população flutuante. Dentre elas, os homens autóctones ganham destaque e são disputados pelas turistas, que, nessa versão fílmica do *turismo sexual feminino*, são bem mais velhas que os haitianos.

As três mulheres brancas passam a discutir sobre como os negros locais são atraentes e que perto deles os brancos não têm nenhum charme. Contudo, todas revelam que em seus lugares de origem, elas sequer se interessam pelos negros. Mas no Haiti, eles são diferentes. Será que é devido à natureza? Será que é por causa do calor e do sol? *"De qualquer modo, eles são mais graciosos."*, diz Brenda. Mas Ellen arremata: *"A razão é porque aqui, você os vê praticamente nus."* O motivo da viagem àquele paraíso turístico é a expectativa de vivência de experiências afetivo-sexuais ímpares. Nenhuma delas está ali pela primeira vez, já

[163] Título da música da epígrafe, que traduz de certa maneira os contatos amorosos e sexuais que ocorrem com maior freqüência nos destinos turísticos dos países periféricos, muitos deles localizados ao sul da linha do Equador.

conhecem os roteiros e os protagonistas dessas redes de sociabilidade. Ellen provoca sarcasticamente Brenda: *"Você não veio aqui atrás de um bronzeado. Veja quantos rapazes bonitos. E vêm em dúzias. É só escolher."* Por fim, ela lhe dá um conselho, que parece ter chegado aos ouvidos de algumas turistas estrangeiras que freqüentam Pipa: *"Se tem vergonha de pagá-los, dê presentes!"*[164].

Assim como o Haiti, o Brasil, e principalmente as praias do litoral nordestino, há alguns anos, encontra-se na rota internacional de viajantes, implícita ou explicitamente, em busca de sexo. Corriqueiramente chamam esse fenômeno de turismo sexual. De maneira geral, os discursos midiáticos e políticos (governamentais e não-governamentais) levam-nos a crer que se trata de uma atividade homogênea, praticada por homens dos países centrais (leia-se dos Estados Unidos e da Europa Ocidental), consumidores e estimuladores da prostituição de mulheres, crianças e adolescentes (em sua maioria, também do gênero feminino). Esses turistas sexuais empreendem, segundo aqueles mesmos porta-vozes, relacionamentos que exploram e aproveitam a situação de exclusão social desses indivíduos, estabelecendo parcerias momentâneas e puramente comerciais, em que vingam a noção de utilitarismo, a reprodução de imagens estereotipadas e o reforço das desigualdades globalmente estabelecidas. Rotineiramente, somos bombardeados por manchetes que disseminam clichês e alimentam o ódio sobre tais turistas, como visto na introdução.

Porém, quando nos deparamos com a realidade, assustamo-nos com sua diversidade[165] e notamos que aquela é apenas a versão mais visível e divulgada do turismo sexual, posto que é interessante reproduzir papéis sociais, especialmente vinculados ao regime de gênero, que

---

[164] Todas as falas são diálogos literais retirados do filme, cujo título original é *Vers le Sud* , que é dirigido por Laurent Cantet (2005).

[165] *"Essa diversidade se expressa na existência de várias modalidades de turismo sexual; em significativas distinções entre turistas sexuais – homens e mulheres – e no amplo leque de relacionamentos estabelecidos entre estrangeiros/as e nativos/as, envolvendo tanto contatos múltiplos, anônimos e imediatamente remunerados, como ligações duradouras e atravessadas por emoções românticas que, embora não excluam o interesse econômico, não incorporam pagamento monetário direto."* (PISCITELLI, 2001: 591).

mantêm correlações deterministas como homem - explorador - turista sexual e mulher – vítima - prostituta. De acordo com essas configurações, nesses encontros, o homem, mais expressamente o estrangeiro, vem saciar suas "perversões" com mulheres desempoderadas, que ingressam na prostituição com vistas a conquistas materiais. Essa reducionista noção deixa, assim, à margem qualquer interpretação desses intercâmbios como meios de construção de relacionamentos afetivos e incorporação de status por ambos os parceiros.

O registro e a análise de fenômenos como os que ocorrem em Pipa e no Haiti demonstram a presença desses elementos ignorados e têm como principal função, e daí sua importância, ampliar o foco analítico da discussão, desfazendo-se de qualquer rasgo determinista e interpretação positivista, e trazer à tona a multiplicidade de sentidos atribuídos a tais encontros binacionais e a pluralidade de fatores e atores que os constituem.

Sabemos que a atividade turística ou, melhor dizendo, o ato de viajar para um lugar distante, desconhecido, diferente, permite, àquele que viaja, forjar durante um curto espaço de tempo uma "nova vida", desligada das obrigações cotidianas, como trabalho e família, e experimentar novos ares, climas, paisagens, sabores, sons, sensações e amores. Uma coisa é inegável, todo indivíduo quando viaja, deseja vivenciar momentos experienciais ímpares e, assim, busca mudar de rotina de vida num período de, geralmente, 15 a 30 dias[166], e isso pode incluir também novas experiências afetivas e sexuais, que não necessariamente estão inseridas em roteiros prescritos que seguem uma noção determinista de busca de sexo – trocas sexuais pagas e impessoais.

> [...] pesquisas contestam a adequação da idéia de prostituição, concebida em termos de serviços sexuais remunerados, indiscriminados e emocionalmente neutros, para pensar no conjunto de relações que surgem desses encontros sexuais entre turistas (homens ou mulheres) e locais. [...] algumas abordagens têm procurado conceitualizar o turismo sexual confrontando a associação linear, que se tornou habitual nos estudos sobre o tema, entre turismo sexual e prostituição. Nessa linha de pensamento, [...] o turismo

[166] Esse é o período médio que as turistas estrangeiras costumam passar em Pipa. No entanto, algumas chegam a passar três meses, enquanto outras permanecem por menos de uma semana.

> sexual é conceitualizado como experiência de viagem na qual a prestação de serviços sexuais da população local, em troca de retribuições monetárias e não monetárias, é um elemento crucial para a fruição da viagem (PISCITELLI, 2001: 591-592).

Os relacionamentos envolvendo práticas sexuais e elementos afetivos, de acordo com uma série de pesquisas (majoritariamente debruçada sobre os destinos turísticos "terceiro-mundistas"), iniciada a partir da década de 1990, funcionam como elementos constituintes da atividade turística, instrumentos para o desfrute das férias dos viajantes, bem como do cotidiano de alguns membros da comunidade receptora. Ao viajar busca-se o diferente, o novo, o inusitado, o outro, assim, não há encontro mais efusivo e revelador da alteridade do que o contato entre pessoas de distintos povos. Compartilhando da análise feita acima por Piscitelli (2001), dois interlocutores naturalizam os conúbios em contexto de viagem:

> Pô chegar num lugar e não fazer um amor com uma pessoa do lugar é merma coisa que não ter ido. Uma coisa que marca aquele lugar é fazer um *love story* lá, tá ligado? (Pessoa).
>
> Quando você tá de férias, que vai prum outro país, lógico que você tem uma tendência a mais ou menos o quê? Aproveitar a praia, curtir a balada e procurar alguém, né? Isso é normal pra todo mundo, isso é do ser humano mesmo (Bento).

Dessa maneira, percebemos que, pragmaticamente, os intercursos sexuais em contextos de viagem são muito mais comuns[167] e mais freqüentes do que propalado pelas campanhas governamentais de combate, em tom criminalizante e xenófobo, ao turismo sexual. Ademais, não definem que posições os parceiros irão assumir, nem determinam que eles estejam inseridos numa dinâmica puramente mercantil. No entanto, não podendo abandonar o termo, pois não existe ainda outro que o substitua e abranja a complexidade atual

[167] Um argentino, chamado Pablo, que se encontrava de namorico com uma natalense foi enfático: *"Tiago, se fores a Argentina, desejas comer camarão?"* [risadas].

do fenômeno, optamos por deixá-lo sob rasura (HALL: 2007) e por ampliar sua concepção prosaica, como sugerido por Fernando Bessa Ribeiro e Octávio Sacramento:

> [...] o turismo sexual diz respeito à circulação de pessoas em tempo de lazer que tem por base, ainda que não exclusivamente, motivações que se prendem com a expectativa de concretizar relacionamentos amorosos e/ou sexuais, de natureza comercial ou não, com outras pessoas que se encontram nos destinos turísticos (RIBEIRO E SACRAMENTO, 2006: 162).

Visando dar conta de sua complexidade, mas sem torná-lo esvaziado, quer dizer, buscando trabalhar sua dimensão crítica frente ao senso comum, é necessário frisar que encaramos as interações afetivo-sexuais em contextos de viagem turística como um movimento que: vai de encontro a essa tentativa de controle dos corpos e dos desejos; desordena os discursos de gênero; possibilita a aquisição de poderes a sujeitos, em outros contextos, vulnerabilizados; e que, informalmente, atua, para muitos (as), como um mecanismo de redistribuição de renda e "democratiza" a possibilidade de deslocamentos internacionais e de viver uma vida mais digna, podendo sentir-se como atores inseridos neste mundo globalizado (cf. AGUSTÍN, 2005).

De todo modo, os encontros afetivo-sexuais em contexto de viagem diferem apenas quanto ao fato deles serem ou não premeditados, se a possibilidade de realizarem intercursos sexuais é um dos objetivos dos (as) viajantes, anterior à sua partida, ou se é uma conseqüência incalculada dela. Contudo, existe em todos os casos uma grande defasagem entre as motivações e o comportamento real do (a) turista no local da viagem em si, por isso as interações afetivo-sexuais tornam-se imprevisíveis e, ao mesmo tempo, são esperadas, pois a libido e a errância sexual são estimuladas e intensficadas pelo imaginário da viagem turística, ainda mais quando o destino se localiza num país que se apresenta como permissivo e sexualizado, cuja população possui a fama de ser "sensual por natureza".

Entre alguns moradores e freqüentadores da Pipa, porém, não existe muita margem para dúvida quanto à intencionalidade das turistas estrangeiras no que diz respeito à procura de sexo. Essa opinião era frequentemente exposta nas conversas informais. Numa delas, logo após a entrevista com D. Palmira, saí junto com um antigo e assíduo freqüentador da praia, Leandrinho (37, engenheiro civil, natalense), para jantarmos na soparia. Ao longo de todo o percurso, ele, como inúmeros outros homens aqui, a cada minuto, chamava minha atenção para todas as mulheres que passavam por nós. Às vezes penso que falta até critério ou mesmo pode ser considerada força de expressão, pois todas eram aos seus olhos uma *gata*.

Após tomarmos a sopa, compramos um cigarro e fomos caminhar um pouco pelas ruas da parte central, depois fomos para um mirante ficar papeando e admirando a paisagem. Cerca de uma hora depois, voltamos para a rua e fomos ao café do Pipa Brasil. Leandrinho, como sempre, puxou assunto com o rapaz do outro lado do balcão: *"Mermão, com um visu*[168] *[apontando para as 'gatas' que passavam] desse, tu ainda recebe?"* "*Graças a Deus!",* respondeu o garçom*. "E é massa que, às vezes, as gatas dali vêm sentar aqui, né?" "É, já rola um papo, uma cantada que elas dão...".* Leandrinho emendou: *"Ficam aí tomando cerveja, o cara já pergunta o que ela vai fazer e marca pra depois do expediente...". "É, e elas tão vindo já pra pegar os caras mesmo, aí é limpeza."*, finalizou nosso atento e sagaz atendente.

Aos olhos da maioria dos *caça-gringas*, essas estrangeiras escolhem Pipa como destino exatamente com o intuito de se divertirem, incluindo experienciar contatos sexuais e/ou amorosos.

> [Você acha que elas viajam pra Pipa atrás de sexo?] Rapaz, com certeza, véi. Tem umas quando é muito importante: 'Não, eu quero viajar, quero conhecer outros lugares, eu quero ver a cultura.' Mas nada mermão, quer vir é pra fuder mermo, véi. Todas, véi, todas. É todas que eu conheço, que eu conheci,

[168] Gíria derivada da contração da palavra "visual".

> tá ligado? [Viajam já com esse objetivo.] É, com esse objetivo. Porque é muito fácil, tá ligado? (Gabriel).
>
> Já vem pra dar! [Tu acha que é isso mesmo?] É só isso mesmo, velho. Eu tenho certeza. É só sexo, drogas e rock'n roll. Elas só vêm aqui atrás disso mesmo (Renan).
>
> Com certeza. [Então tu acha que elas vêm a fim de transar, mesmo?] Vem, do mesmo jeito que vem os coroas, chega as gatas também aí (Pessoa).

A representação que se faz das estrangeiras como mais liberais e sexualmente ativas, ocorre, pois elas são mais receptivas às investidas e cortejos dos *caça-gringas* que as brasileiras, em geral, e suas conterrâneas, em particular. Daí eles concluem que se *"elas não pensarem [em sexo], já vem com essa segunda intenção"* (Nilson)[169]. Todavia, é bom novamente lembrar que essas mulheres são oriundas de países em que a revolução sexual, fruto do movimento feminista e da "mercadificação" da vida social, foi mais bem sucedida. Nessas sociedades, um fato que representou o processo de emancipação não só das mulheres, mas do indivíduo em geral, foi o divórcio entre sexo e família, que *"tem favorecido a disjunção entre sexo e dever, ao mesmo tempo em que promove a conjunção entre o sexo e o prazer."* (OLIVEIRA, 2004: 108).

O movimento de mulheres dos países centrais em busca de sexo em certos países da América Latina, África e do Caribe são mais expressivos do que o de homens. Aparentemente, elas não fazem uso de roteiros e pacotes turísticos organizados para esse fim[170]. Mas ajudam a confirmar a idéia de que *"o terceiro mundo continua a ser representado como o lugar do exótico, da aventura, do divertimento e do repouso para o norte."* (KOTTE, 1995: 195 *apud* BEM, 2005: 59).

No contexto pipense, ao que tudo indica, as estrangeiras são influenciadas por um imaginário que constrói o brasileiro como um homem hipersexualizado, selvagem, quente e

[169] A interpretação de Nilson é respaldada por confissões como a de Marta: "*Não viajo pra conhecer [homens]. Mas sempre que chego a um lugar, passa-me pela cabeça: 'será que vou conhecer alguém interessante?'"*

[170] Segundo Albuquerque (1999), essa é a única diferença entre o *turismo sexual masculino* e o *turismo sexual feminino*.

insaciável, baseado nas projeções que são feitas não oficialmente, a partir das imagens midiáticas, do simbolismo do carnaval e da negritude, e de uma propaganda boca-a-boca que parece circular nas redes sociais femininas. Com isso, muitas turistas desejam descobrir se ele faz jus à sua fama:

> A idéia do Brasil cá é mulatas, mulatos, sexo sem complicações etc. Pipa, pelo que eu vi e senti, é um lugar onde as mulheres européias encontram isso. Festa, sol, homens fáceis e sempre é chique dizer: 'Estive no Brasil e estive com um brasileiro'. [... Minha irmã] disse que lá viu homens e mulheres muito bonitos e, à noite, muitas estrangeiras, é claro. [...] Eu planifiquei a viagem pra seis mulheres... Todos riam quando dizia: 'Vou com 5 amigas.' Todos pensam logo em sexo [...] (Marta).

> Eu mesma comentava com as minhas amigas, quando eu comecei a vir pra cá e sei lá, tive uns 4 a 5 namoradinhos brasileiros daqui, né? [...] E todo mundo sabe, isso é certo, que o homem e a mulher brasileira são muito criativos sexualmente. Muito criativos e sem preconceito, carinhosos e sem preconceito, é isso, pouquíssimo. Era o que eu estava falando há pouco. Nós culturalmente, os portugueses, no caso - têm outros países na Europa que são muito mais abertos que a gente -, nós temos uma carga hereditária muito grande, à nível de valores, de modos de agir, o que que é decente, o que não é decente, e sexualmente, nós temos, ainda acho que temos, uma carga muito forte, violenta, igual a nossos pais e avós. Então quando você sai desse clima... a gente chama chapa três, posição papai-mamãe, cheio de respeito, mas que não tem nada a ver com respeito, né? [...] **A minha experiência aqui, a primeira vez... Eu lembro d'eu pensar: 'Onde é que esse menino aprendeu tudo isso?!'** Eu lembro perfeitamente bem de pensar nisso (Maria). (Grifo meu).

Marta, no início de sua fala, revela que "*sempre é chique dizer: 'Estive no Brasil e estive com um brasileiro'*", o que aponta para uma aquisição de status também por parte da estrangeira que estabelece um relacionamento com um brasileiro. Nesse sentido, percebemos, tomando por base o que foi abordado no tópico anterior, que o valor simbólico dessas relações beneficia ambos os parceiros, transitando, dessa maneira, como numa via de mão dupla. Para casa, além do bronzeado, levam-se as histórias e experiências amorosas, suas respectivas fotos, que servem para confirmar e também para ostentar a excepcionalidade e o

exotismo que envolveram o enlace carnal, e, algumas vezes, até mesmo o amante, souvenirizado, aguçando o desejo e a curiosidade das amigas quanto ao tempero dos trópicos.

No âmbito do turismo sexual, as diferenças são momentaneamente positivadas, tornando-se marcas que atraem, mesmo quando alçadas discursivamente para perpetuar estereótipos e ratificar hierarquias sociais. Como diz Bem,

> A fixação na diferença provoca a constituição da nacionalização de individualidades. O 'outro' passa a ser sempre a expressão do tipo nacional, estando suposta em seu comportamento (falas, gestos, preferências, atitudes) a condensação de experiências culturais construídas nos espaços nacionais de origem, estendendo-se, portanto, a todos os membros das mesmas comunidades étnicas. A nação passa a ser uma categoria individual, estereotipando, por meio dos discursos que lhes dão contorno, identidades que são 'peneiradas' com base nesses clichês nacionais em circulação. Tais discursos e práticas são bastante funcionais para a construção das representações ligadas, por exemplo, às mulheres brasileiras [acrescentamos aqui também os homens] – servindo como uma 'camisa-de-força identitária – e dão contornos, para além dos espaços da migração internacional, às relações estabelecidas nos mercados constituídos pelo turismo sexualmente motivado (2005: 52).

Essa constatação de Arim do Bem ressoa na fala de Maria, que considera que o brasileiro é culturalmente mais inventivo, em termos sexuais, que seus compatriotas, os portugueses, o que implicitamente estabelece uma valorização do temperamento *tupiniquim* na escala das preferências afetivas.

Apesar de não haver uma propaganda oficial que explore a sexualidade do homem brasileiro, parece existir um circuito informal composto principalmente pela propaganda boca-a-boca - com qual a própria Maria contribuiu - que reforça o imaginário, construído pelo carnaval, do Brasil quanto um país em que as pessoas possuem uma sensualidade à flor da pele, não sendo tão fortemente acometidas pelos valores morais cristãos.

Naná, pernambucana radicada em Pipa há sete anos, apesar de não fazer parte de roteiros de sociabilidade similares, reconhece a preferência das *gringas* pelos brasileiros e

confirma a existência de propagandas informais sobre os homens autóctones. Segundo ela, as estrangeiras vêm pra Pipa...

> Pra pegar os cara! Vê que os caras é fraquinho lá na Europa. [Fraquinho como?] Assim, tudo abestalhado, né? Aí chega, tudo esperto, aqui, cheio de mandinga e só... Aí fica uma espalhando pra outra lá, tá ligado? 'Ah, Brasil, num sei o quê, vá lá em Pipa que tem fulaninho, fulaninho, fulaninho e pá.' [Tu acha que rola isso mesmo?] É, rola pô, tu acha que não?! (Naná, 25, Repórter comunitária e monitora de informática).

Portanto, contrariamente ao que diz Dennis Altman (2001), não estamos testemunhando uma padronização sexual, mas sim a sua diversificação, não havendo um centro emissor de modelos, mas trocas de experiências, em que todos são, simultaneamente, centros emissores e receptores. Tais câmbios reproduzem, no entanto, desigualdades em escalas globais, o que é especificado pelas falas que atualizam idéias sobre a existência de uma correlação entre meio e temperamento.

> As estrangeiras como já são frias lá, no país delas... vêm pra cá, ficam quente e, completamente, preferem mais os brasileiros, que já têm lá, digamos... A gente lá no país [delas], já tem fama de bom de cama. Elas falam (Bento).
>
> Olha só mermão, elas, porque se você vê jornal, internet, brasileiro tem a fama de homem quente na cama, tá ligado? Homem quente na cama, tá ligado? Aí tem muitas que vem pra cá só pra ver como é, tá ligado? Só pra ver se é verdade mesmo. [Tu acha que rola essa propaganda do brasileiro aí fora?] Rola mermão, com certeza, véi. É país tropical, tá ligado? De gente é... não sei se eu falo afrodisíaca, sem camisa, tatuagem, bronzeada, tá ligado? Então, a galera sente atração por isso (Gabriel).

Como afirma Bem (2005) e expõem Bento e Gabriel, as veiculações que se fazem na mídia sobre os destinos turísticos dos trópicos comumente destacam uma dimensão mística, que remete à noção de paraíso e inevitavelmente abre espaço para a transubstanciação e apropriação dos habitantes como parte integrante das ofertas desses espaços "sem pecados".

Some-se a isso, o fato de que muitas dessas mulheres naturalizam o comportamento de homens como os *caça-gringas. "As Other, local men are viewed as beings possessed of a*

powerful and indiscriminate sexuality that they cannot control [...] Again, the Other is not selling sex, just 'doing what comes naturally'." (DAVIDSON & TAYLOR 1999: 49). Tais argumentos são usados pelas estrangeiras para tentar anular a idéia de que os homens com quem elas se envolvem ou se envolveram sejam profissionais do sexo e que elas sejam, consequentemente, turistas sexuais, mesmo atuando como provedoras de presentes, bebidas, refeições, viagens e mesmo dinheiro em espécie.

> Eu sempre paguei tudo porque ele me dizia que não tinha dinheiro, que tinha filho em Itália, e a verdade não me importava. Minhas amigas disseram-me 'Então não pagues!' Ele aproveitava muito. Se íamos jantar, ele escolhia o lugar mais caro e eu pagava. [...] Pra mim é natural. [Mas você pagou outras coisas?] Nada, jantares, bebidas e já... Ah, espera, deixei-lhe dinheiro quando fui. É verdade. Porque senti pena (Marta, 31, espanhola).

Vê-se uma tentativa de mascarar o caráter transacional por meio de um discurso que considera natural tanto a disponibilidade sexual desses homens quanto o provimento material por parte da mulher, como se, nesse caso, a desigualdade econômica justificasse a transação. Uma outra estratégia que objetiva desvincular a mulher da prática do turismo sexual é classificando-as como turistas de romance[171]. Kamalla Kempadoo critica essa diferenciação sexista:

> The definition by the women of these relationships as primarily 'friendship' or 'romance' serves to keep alive the myth that women are interested in sex only when it is attached to notions of gender difference, while it absolves women from the global North for any responsibility for global inequalities (2004: 129).

Consideramos essa diferenciação sexista[172], pois mesmo utilizando argumentos semelhantes, ou seja, de que seus relacionamentos com a população local não são comerciais e sim românticos, de que suas parceiras não são prostitutas, apenas mulheres que, desafiando

[171] Marta afirma: *"Sobretudo, viajo para conhecer o homem da minha vida."*

[172] Para Albuquerque (1999), essa diferenciação, forjada por algumas feministas, é ingênua e sugere a influência de um essencialismo de tipo popular, que permeia alguns círculos acadêmicos.

o recalque da nossa sociedade, assumem gostar sexo, e não se reconhecerem como turistas sexuais, os homens, principalmente estrangeiros, são frequentemente alvo desse rótulo e de perseguições, motivadas pelo que Nelson Motta (2005) chamou de *xenofobia genital*. O poluidor pênis estrangeiro é uma ameaça à honra nacional, simbolizada pela pureza das nossas mulheres.

Contribuindo ainda para a sensação de trivialidade, os *caça-gringas* armam-se com um discurso romântico que cativa as estrangeiras. Assim, apesar das estrangeiras acumularem capital financeiro e cultural, o poder também flutua entre os parceiros, pois os *caça-gringas* têm o poder simbólico do conhecimento local, facilitando a movimentação delas, além de possuir um amplo arsenal discursivo, que os permite persuadir suas parceiras e limitar seus relacionamentos com outras pessoas da comunidade receptora (cf. PISCITELLI, 2000).

Essa atmosfera de cortejo, às vezes é de tal modo hiperbolizada que pode causar desconfiança e rememorar artimanhas sacadas em outras paragens:

> Em espanhol há uma palavra que é *camelar*, significa que usa táticas mais carinhosas, adula, diz coisas bonitas para conseguir um objetivo. Eles [os *caça-gringas*] sabem disso. E cá, onde todas [nós] arrastamos uma desgraça do amor, é bom receber essas atenções, embora saibamos que é só bocas. Claro! E nós sabemos. Claro que quem não sabe é porque se auto-engana. Eu, quando sai de Pipa, chorei ao me despedir do Bento. Mas sabia tudo conscientemente. [... Era apenas atração física e sexo casual?] Era, embora ele me dissesse tudo de amor e não sei o quê. [...] Eu, outra, se calhar, acreditava ou até eu noutra altura da minha vida... [O que ele falava?] Dizia que era amor, que não podia beijar outros lá em Pipa. De facto na festa de máscaras, ficou zangado porque beijei outro. Eu sei que é mentira, mas faz-te sentir única [risos]. Embora seja tudo conversa (Marta).

Contudo, outras vezes esse capital discursivo pode funcionar e levar a um desdobramento mais duradouro do relacionamento[173], como aconteceu com Thomaz ao

[173] Piscitelli comentando sobre os relacionamentos entre *gringos* e *nativas* cearenses, deixa claro como as semelhanças desses esquemas de afetividade são grandes quando comparados aos de Pipa. Do mesmo modo que em Fortaleza, alguns relacionamentos prolongam-se para além do período de férias das turistas. *"Essa duração pode ampliar-se ainda mais, durante sucessivas viagens em relações alimentadas por envio de dinheiro e/ou presentes, trocas de telefonemas, cartas, mensagens via internet, promessas de viagens ao exterior, que muitas vezes se realizam e, inclusive, casamento."* (2001: 599).

conhecer Melina, uma argentina que passava férias em Pipa. Atualmente estão casados e morando em Buenos Aires. Melina comenta quão ficou surpresa com o precoce envolvimento de Thomaz:

> A mim, o que me chamou muita atenção, era que ele […] como ele me falava como que já nos conhecêssemos ou tivéssemos uma relação de muito mais tempo, e como pensava que tínhamos que casar em menos de três dias... Como que era muito rápido. Isto me pareceu muito rápido. [A paixão?] Dele, sim. Da parte dele, como que houvesse muito mais. Isso era o que ele falava, não sei. [Ele estava mais apaixonado que você?] Não que estivesse mais apaixonado, mas falava como quem estivesse mais apaixonado. Sim! (Melina).

Mesmo desconfiando, inicialmente, deste comportamento, Melina, a posteriori, deixou-se envolver por esse amor que mostrava-se extremamente voluntário e gratuito. Porém, Thomaz, depois de alguns meses na Argentina, retorna à Pipa para passar férias e, longe dos ouvidos de sua "amada", calculava quanto iria arrecadar com essa união. Perguntei, então, se ele estava casado no papel: *"No papel não Tiago, a gente fez um contrato. Porque essa galera é esperta agora, porque se eu casasse com ela eu teria direito a 50% do que ela tem, mas com esse contrato eu só tenho direito a 25%. Como ela tem cem mil, 25 é meu, né?!"* Então, quase que instantaneamente ele refez seu discurso (percebendo que não era condizente com representações hegemônicas do ser homem) e frisou não estar interessado no dinheiro dela, como a família de Melina tem suspeitado.

Não obstante, o que move essas relações binacionais, pelo menos por parte das *gringas* entrevistadas, é o fato de carregarem consigo certa desilusão - *"uma desgraça do amor"*, segundo Marta - quanto às possibilidades de empreender relacionamentos amorosos duradouros e satisfatórios em seus países de origem.

> Porque quando sentes que cá te falta alguma coisa, pensas que está fora e é engano, mas as mulheres viajam muito por isso, por exemplo, a Cuba, Jamaica, porque é sabido que é fácil lá engatar e sentir-se querida embora

> seja uma semana. [No Brasil também?] Também. É o auto-engano da mulher européia do século 21 (Marta)
>
> Si, es que en la verdad estava un poco emburrada con los hombres argentinos, para mi no tiene entre ellos por que todavía, non querían comprometerse, non querían algo serio, en el Brasil me parece que los jóvenes son mas cariñoso, me parece mas por lo menos, no? (Melina)

Apesar de em alguns casos esses relacionamentos afetivo-sexuais em contextos de viagem prologarem-se para além do período de estada da turista, a maioria deles tem curta duração. Os *caça-gringas*, indiferentemente, estão sempre acompanhados ou então em busca de companhia.

A atmosfera de romance é destacada pelas *gringas* exatamente devido à sua ausência nas esferas dos relacionamentos cotidianos, com destaque para as interações afetivas com os seus compatriotas. Assim, os relacionamentos afetivo-sexuais estabelecidos em contexto de viagens de turismo, na maioria das vezes, são vivenciados e dignificados em sua intensidade e fugacidade e não em seu caráter extensivo e duradouro, apesar das exceções. Isso lhes confere um caráter ambíguo, imbricando, nos termos de Anthony Giddens elementos do amor romântico e do amor confluente, sendo que o "*amor confluente é um amor ativo, contingente, e por isso entra em choque com as categorias 'para sempre' e 'único' da idéia do amor romântico.*" (1993: 72).

Como vimos, essas interações afetivo-sexuais binacionais são carregadas de ambigüidades, o que desemboca numa série de indefinições. É turismo sexual ou é turismo de romance? É prestação de serviços sexuais ou é um cortejo trivial? Há interesse econômico, mas não há mediação monetária direta? Os bens e serviços são simbolicamente valorizados e servem de estimulante para novas parcerias? Apesar de serem vazados por interesses extra-sexuais, esses relacionamentos não são emocionalmente neutros? Estimula-se a crença no

amor romântico a partir de encontros efêmeros e interessados[174]? Todas essas ambivalências embaralham e desestabilizam não apenas as percepções de quem está analisando este circuito de fora, mas também dos próprios parceiros das relações.

Entre os *caça-gringas* não é unânime, mesmo entre aqueles que afirmam que as estrangeiras viajam apenas em busca de sexo, considerá-las turistas sexuais. A raridade da mediação monetária direta poupa-as desse rótulo, como mostram algumas falas:

> [Você acha que isso é uma espécie de turismo sexual? Por quê?] Não, porque é normal. Se você viaja pra um outro canto é normal ficar com pessoas do canto da visita. Se tiver que pagar sim, mas se gostar não é turismo sexual (Sandro).
>
> Não turismo sexual, é uma coisa mais ou menos que acontece porque é normal acontecer. Mas turismo sexual não. Turismo sexual é aquele que a gente fala que aqueles que a mulher vem pra cá, mas vem realmente pra pagar pra ter sexo, né? Como rola em Ponta Negra[175], né? É mais isso aí. Mas aqui não tem isso, nem prostituição aqui não tem, pode até ter, mas é uma coisa escondida (Bento).

Entre as três estrangeiras entrevistadas surgiram diferentes opiniões sobre seus parceiros e interpretações sobre seus relacionamentos. Apenas Marta considerou seu companheiro pipense um profissional do sexo – *"Pois é, pra mim é mais natural, mas é prostituição. [Por quê?] Porque ele só me pediu isso [um presente, no caso um traje de*

[174] Apesar dos *caça-gringas*, durante as entrevistas, não destacarem temas vinculados ao romance, alguns deles confessaram que, quando eles começaram a se relacionar com turistas estrangeiras, era difícil lidar com a efemeridade das relações: *"Rapaz, a vida aqui se você quiser namorar você tem que ser forte, véio. Porque aqui, constantemente, aparece muitas mulheres. Muita, muita, muita que chega e vai embora, chega e vai embora, tá ligado? Então se você for um cara muito sensível a essas coisas de... fica uma semana com uma pessoa, de manhã, de noite, come, dorme, vai pra restaurante, vai pra praia. Mermão, quando a doida vai embora, você sente um vazio, véio, do cacete. No começo, quando eu cheguei aqui era assim, eu ficava: 'meu irmão que dor do caralho, véio.' Aí fui me acostumando, fui me acostumando. [Aí gelou mais o coração, né?] É, eu tô mais assim, mais maduro, tá ligado? Chega assim eu sei que já já vai embora. É eu sei que rola... vai e volta, eu não me jogo muito pra essa pessoa, não me dou muito, tá ligado? Na minha assim, vendo o que a pessoa quer."* (Gabriel).
"[...] às vezes a gente tem que ter coração de pedra, porque as mulheres que a gente fica, a gente tem que botar na cabeça uma coisa, que não é definitivo, que não é pra sempre." (Bento).

[175] Bento cita Ponta Negra, praia do litoral natalense, como sendo um local em que as mulheres, de fato, pagam para terem sexo, mas, a partir de observações e das falas das estrangeiras entrevistadas, isso não foi comprovado. Todavia, Ponta Negra se destaca na cartografia do mercado de sexo regional pelas numerosas parcerias afetivo-sexuais entre mulheres *nativas* (prostitutas, acompanhantes, *namoradas,* etc.) e *gringos*. Esses casais binacionais são facilmente encontrados no seu calçadão, orla, bares, restaurantes e boates.

banho], porque foi pra cama. Se não seria esmola.". Melina, ao contrário, não crê na existência de um mercado de sexo em Pipa, pois, segundo ela, os relacionamentos, dos quais tomou conhecimento, eram sempre consensuais[176]. Maria, por sua vez, diz conhecer vários homens que *"se prostituem por um jantar, por uns drinques na noite, por um tênis novo"*, mas os homens *nativos/locais* com quem esteve envolvida não tinham nenhum interesse extra-afetivo.

Entretanto, numa coisa elas partilham da mesma apreciação: nenhuma, inclusive Marta, aceita a pecha de turistas sexuais[177]. Apesar de afirmarem conhecer alguns casos de mulheres que viajam em busca de sexo, elas resignificam-na de uma maneira que reforça a relação determinista entre turismo sexual e masculinidade, distinguindo, então, suas próprias experiências frente à mescla entre sexo e turismo.

Apelando para essencialismos que engessam as mulheres como vítimas ou pessoas facilmente ludibriadas, por isso exploradas, pelos homens, e como agentes que empreendem relacionamentos sempre com base no romance e na contínua procura pelo "homem de suas vidas", essas interlocutoras, ao tentarem se desvencilhar de uma categoria negativamente valorada e amplamente reprovada (ninguém se assume como turista sexual, apesar de agir como tal, pois se trata de uma identidade assaz estigmatizante), acabam por reproduzir o atual regime de gênero. Contudo, dessa vez, utilizando e investindo, proposital e astuciosamente, nos princípios de agência vinculados aos discursos de gênero dominantes (MOORE, 2000), para evitar o julgamento social e sua provável reprovação.

---

[176] O consenso surge aqui como elemento distintivo frente às parcerias que se inserem na noção de sexo mercantil, porém no mercado de sexo, segundo as signatárias do *Sex Workers Manifesto* (2005), o consenso também é indispensável.

[177] Albuquerque categoriza as *turistas sexuais femininas* em quatro tipos: *"the 'first timers' or 'neophytes'; the situational sex tourists', who, according to O'Connell Davidson (1996), do not travel with the specific intention of buying sex but avail themselves of the opportunity when it arises; the 'veterans', who travel explicitily for anonymous sex and usually find multiple partners; and the 'returnee', who visits specifically to be with one man met on an earlier trip and with whom she has established some sort of ongoing relationship."* (1999: 95). Em Pipa, apesar da negação dos *caça-gringas*, pudemos visualizar todos esses tipos *turistas sexuais femininas*, sendo que a situacional era a mais comum, a exemplo de nossas interlocutoras.

Dessa forma, as *gringas*, na construção de seus discursos, apelam ainda para elementos que caracterizam o que o senso comum convencionou chamar de turismo sexual, valendo-se exatamente do fato de suas interações afetivo-sexuais em contexto de viagem dispensarem deles e argumentam que seus relacionamentos são orientados por outros fatores, enfatizando sua face afetiva:

> [Você se define como uma turista sexual?] Quê?! Então... espera... Não me defino, mas, como turista, gosto de ter também a experiência de estar com alguém do país. [Então como te defines?] Como mulher do século 21 à procura de alguma coisa para encher o dia a dia no meu país monótono, sabendo que a solução está aqui dentro não lá fora... [E para você o que é turismo sexual?] É combinar como fazem aqui para Natal: homens, um grupo, a um hotel bom e sair à noite e pagar dinheiro. Já com essa idéia e pedir contactos lá, onde conseguir mulheres, preços etc. Isso é. [Você acha que o sexo é natural ocorrer em momentos de viagens?] Depende da viagem, da pessoa e do país da viagem. Eu fui a Estocolmo e nem pensei nisso. É claro, falamos do Brasil e da idéia que Brasil quer dar ao estrangeiro, aí claro que sabemos que pode ser mais normal, mas não natural. O sexo está em todos os lados. [Então turismo sexual é quando há preço?] É tudo e quando o emissor tem claro o que é e sabe e é consciente e não quer um telefonema no dia a seguir... [Você acha que o homem quando viaja não espera uma paixão e sim sexo fácil?] Acho que não. Quer sexo e já e depois voltar e contar, se não for casado... [A mulher é diferente quando viaja?] É, é natureza, vem da essência mais atávica. [Busca um príncipe encantado que não está mais em seu país?] Homem que possa fazer sentir única, embora sejam 3 dias e depois chorar pelos cantos de saudade. [O que você vivenciou com Bento foi mais próximo de um turismo de romance ou de um turismo sexual?] Pra mim, até pra mim que já sabia muito do Brasil pelo meu trabalho e porque vivi em Portugal, até pra mim foi de romance, sabendo que não ia dar em nada (Marta).

Outro fator que demonstra como o regime de gênero se reproduz na mudança pode ser visto na fala de Maria, que explicitamente utiliza dois pesos e duas medidas para analisar situações análogas, onde o que cambia são apenas as posições e situações sociais dos sujeitos. Mais uma vez, o que surge implicitamente é a noção de que o homem, independente de outros marcadores sociais, sempre se dá bem, sempre está em vantagem, sempre é o beneficiado e o aproveitador, o esperto e o explorador, e a mulher, a desvalida, a lesada, a vítima, a inocente, a que precisa de proteção e conselho. Assim, num primeiro momento, Maria relata entre risos

o caso de um jovem local que está prestes a ir para Portugal com uma mulher, também bastante jovem, que conhecera há pouco tempo. Em seguida, mas agora com um tom grave e um tanto inconformado, ela descreve o caso de duas jovens autóctones que estão se envolvendo com *gringos*:

> Eu fui ter uma reunião com a gerente do Tibau Lagoa, em novembro, acho que foi mais ou menos por aí, e vi Pedalada lá. [Viu o quê?] Pedalada é o nome do menino [risos], na piscina com uma portuguesa. Uma menina também, 20 anos [...] sobrinha do dono do hotel. Mas Betânia que é gerente lá do...: 'Pedalada tá bem hein? Tá aqui na piscina, um menino daqui.' Não, beleza. 'Maria, não imaginas, tá a tratar de tudo pra levar ele pra Portugal. Tá cuidando de tudo.' Eu nunca mais vi ele, mas veja só. É um menino, que ele não faz nada [...] (risos).
>
> A gente teve um estresse na pizzaria aqui. Um estresse com duas meninas aí, porque... A gente estava numas mesas cá de fora, fui no banheiro e tinha dois gringos sentados na mesa, normal. Quando eu voltei do banheiro, [...] aí dois minutos depois os gringos já [estavam com as garotas]... filha de gente de família daqui, ignorante, humildes, sem muita formação a nenhum nível. Aí eu disse pro Augusto, irmão de Amanda: 'Olha pra lá!' Augusto disfarçou, levantou e disse: 'Olha, vocês vão simbora daqui agora e amanhã eu vou falar com sua mãe.' Antes disso eu fui falar com o garçom e disse: 'Isso é o que eu tô pensando? Isto que eu tô vendo aqui é o que eu tô pensando?' Ele disse: 'Maria, infelizmente é. Uma prima minha também tá nessa.' Assim, numa boa: 'Uma prima minha também tá nessa.' A troco de nada, de um jantar, de um... Horrível, né?

Assim, tendo que os parceiros dessas interações binacionais nunca se reconhecem como profissionais do sexo, no caso dos homens, e turistas sexuais, no caso das mulheres, e raramente são identificados por seus pares como tais, essas parcerias vagam nesse limiar, nessa imprecisão, camuflando-se de trivialidade, mesmo sendo motivado por inúmeros fatores não-sexuais, e repousando numa confortável indefinição.

A aparente contradição - que acomoda em seu interior uma sagaz coerência - entre prática e discurso de ambos os parceiros visa manter algumas concepções essencialistas do regime de gênero (pois lhes conferem vantagens), em que o homem está livre para múltiplas experiências sexuais, o que lhe protege de rotulações e estigmatizações quando desempenham o papel de servidores sexuais, seja no sexo mercantilizado ou no sexo transacional. E em que

a mulher, por seu turno, nunca interage sexualmente com alguém sem ser guiada por impulsos românticos, dessa forma lhe cai muito bem a cômoda idéia de que ela não pratica turismo sexual, mas turismo de romance, pois toda vida se está em busca de um príncipe encantado. Entretanto, percebe-se facilmente, com base nas falas dos interlocutores e nas observações, descrições e análises feitas sobre o fenômeno aqui estudado, como os agentes apropriam-se e manipulam as categorias culturais, seja para reproduzi-las ou alterá-las, deixando *"de ser escravos de seus conceitos para se tornarem seus senhores."* (SAHLINS, 2003: 11).

> [...] a questão maior [...] reside na existência e na interação dual entre a ordem cultural enquanto constituída na sociedade e enquanto vivenciada pelas pessoas: a estrutura na convenção e na ação, enquanto virtualidade e enquanto realidade. Os homens [e as mulheres] em seus projetos práticos e em seus arranjos sociais, informados por significados de coisas e de pessoas, submetem as categorias culturais a riscos empíricos. Na medida em que o simbólico é, deste modo, pragmático, o sistema é, no tempo, a síntese da reprodução e da variação (SAHLINS, 2003: 9).

Pelo exposto, nos encontros afetivo-sexuais em contexto de viagem, que se vêem em Pipa, baseados no sexo transacional – que prescinde da idéia de preço, mas não de valor, e acumula elementos de um sistema troca-dádiva e características da moedificação de uma mercadoria, mesclando fatores utilitários e simbólicos -, nenhum dos agentes neles envolvidos quer ser vanguarda, do mesmo modo não se pretende nem é interessante assumir mais outra identidade, afinal para que e a quem serviria (cf. HALL, 2007)? Prefere-se jogar com as que já estão culturalmente disponíveis e deixar as coisas infindavelmente ambíguas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos essas derradeiras considerações lembrando que a presente dissertação tem um alcance e um papel limitados. De forma alguma, ela pretende esgotar o tema e dar a última palavra em relação à discussão sobre mercado de sexo (transacional) e interações afetivo-sexuais em contextos de viagens. Como dito na introdução, trata-se de um recorte que é contextualizado, histórica e geograficamente, e está aberto a reanálise e a outras interpretações tão verossímeis quanto a que fizemos até aqui. Além disso, é de suma importância ressalvar que a diversidade dos próprios grupos estudados é maior que a abrangência desse trabalho.

A pertinência desta pesquisa, não obstante, se dá devido à sua contribuição para a renovação do debate a cerca da conformação do sexo mercantil e do turismo sexual, rompendo com a idéia de que se tratam de instituições nas quais os sujeitos possuem posições prescritas e estáticas, ou seja, a prestação de serviços sexuais cabendo às mulheres ou pessoas do gênero feminino e as viagens sexualmente motivadas sendo praticadas apenas por homens.

Há, então, necessidade de uma reanálise das teorias (principalmente as das correntes abolicionistas, presentes ainda hoje em parte do discurso feminista) relativas a essas instituições, que estiveram, e ainda estão, em voga, mostrando o quanto elas, por mais que dissessem ou quisessem transparecer o contrário, estavam cravadas por puritanismos e moralismos disfarçados por um discurso que se pretendia político e protecionista, assim como foram responsáveis pela manutenção do sexismo que intentavam denunciar, contribuindo também para o processo de estigmatização dos sujeitos envolvidos.

De fato, algumas alas do movimento feminista, como pudemos ver no primeiro capítulo, precipitaram-se ao tentar evidenciar a origem sócio-cultural das desigualdades de gênero, pois apregoara a idéia de que em todas as parte do mundo e em todos os períodos de nossa História as mulheres sofreram/sofrem com a dominação masculina. Essa construção analítica remete-nos novamente a essencialismos, pois, com tal tentativa de uniformização de

experiências, tinha-se que o homem era "naturalmente" mau e inquisidor, e a mulher, um ser, invariavelmente, desempoderado, sujeito a vários tipos de explorações e que, por estar demasiadamente envolta por uma lógica cerceadora e androcêntrica, não conseguia perceber o quanto era vilipendiada pela hierarquia de gênero. A opressão das mulheres seria ainda mais explícita no âmbito do mercado de sexo, devido à sua conversão em objeto de satisfação das "perversões" sexuais dos homens, o que influenciaria na disseminação dessa despersonificação para outros espaços de interação homem-mulher.

Contudo, há dois problemas nesta linha de pensamento: primeiro, o gênero era posto como o principal eixo de poder, sobressaindo frente aos outros, ou seja, não importava quão diferentes as mulheres eram entre si, o fato delas serem mulheres subsumia quaisquer possíveis diferenças. E, segundo, dava-se demasiado destaque à estrutura, desconsiderando o poder de agência, ao qual sabemos que todos os atores sociais têm acesso, estando disponível mesmo àqueles que se encontram em situações de estigmatização e vulnerabilização.

A realidade social, no entanto, é muito mais complexa, pois as diferenças de gênero se entrecruzam com outros marcadores, como: raça/cor, etnia/nacionalidade, sexualidade, idade, códigos corporais, etc. A análise interseccional, portanto, é a única forma deveras eficaz para a abordagem crítica de instituições sociais como o mercado de sexo e o turismo sexual. Tal constatação, vale ressaltar, toma por base as ponderações e críticas realizadas por algumas teóricas feministas, marcadamente pós-estruturalistas, fundamentais para a complexificação do debate, pois rejeitaram qualquer visgo moralista e apelo vitimário.

Essas interações mercadificadas, passíveis de serem empreendidas tanto por homens quanto por mulheres (na posição de turista ou autóctone, de turista sexual ou turista de romance, de profissional do sexo ou não), revelam-se, em parte, como responsáveis pela atualização de desigualdades e preconceitos, através do exotismo, e pela aquisição ou

ratificação de uma posição dominante seja de gênero, racial ou econômica, a exemplo das parcerias afetivo-sexuais entre turistas estrangeiras e os *caça-gringas*, na Praia da Pipa.

Ao longo deste trabalho, tentamos evidenciar que os sistemas de gênero hegemônicos buscam prescrever princípios oposicionais e excludentes, do masculino e do feminino, porém, além de não controlarem a emergência de discursos alternativos, as representações e práticas de gênero dos agentes não se limitam àquelas prescrições, sendo por eles mesmos continuamente reformuladas e resignificadas. Essa manufatura e hibridização dos discursos de gênero podem ser realizadas tanto por homens quanto por mulheres, pois a estrutura limita, mas não anula o poder de ação deles/as (MOORE, 2000).

Assim, apropriando-nos do conceito De Certeauniano de táticas de movimentação cotidiana, tornou-se mais fácil visualizar como os agentes de forma astuciosa se munem dos referentes culturalmente postos para obter vantagens individuais. Os sujeitos que se situam em posições adversas no interior dos eixos de poder não são desprovidos dessas artimanhas. Ao contrário, são eles, os "fracos", quem mais comumente fazem uso dessas manipulações subreptíceas, as quais escapam da percepção dos "fortes".

No caso das interações afetivo-sexuais em contexto de viagem, por exemplo, os (as) turistas, apesar de estarem, na maioria das vezes, alinhados (as) às posições dominantes desses eixos de poder devido principalmente ao acúmulo de capital financeiro e cultural, estão vulneráveis a temporárias inversões. Como pudemos mostrar, em determinadas conjunturas do contexto investigado, referenciais usualmente utilizados para guiar as interações perdem força e/ou são re-significados através dos mecanismos de reformulações simbólicas, de teor combinatório, alçados pela comunidade receptora. Novas formas de relações sociais são agenciadas e articuladas, visando privilegiar os "fracos" em detrimento dos "fortes" e também sendo capazes de transformar outros em Outros. Por exemplo, apesar das estrangeiras possuírem o capital necessário para ter acesso aos bens e serviços disponibilizados pelos

equipamentos turísticos, quem determina/escolhe onde e como ele será gasto é o *caça-gringa*, além disso, são eles que dominam o capital local, que conhecem os lugares e as pessoas, terminando por limitar a circulação social das turistas no destino de sua viagem. Todavia, ressaltamos que esse poder não é privilégio dos *caça-gringas*, devido ao fato de serem homens, ele também é exercido pelas mulheres profissionais do sexo que se envolvem com turistas.

Portanto, o poder não é privilégio apenas dos sujeitos que se situam nos pólos "normalizadores" dos sistemas de diferenciação, do mesmo modo que os processos de estereotipização, exotização e erotização - lembremos dos esquemas de hierarquização elaborados pelos *caça-gringas* para classificar o potencial erótico das turistas estrangeiras a partir de marcas corporais e referenciais nacionais.

Além do destaque dado ao caráter flutuante do poder e do reconhecimento da capacidade de escolha dos (as) agentes que se engajam nas transações sexuais ofertando sexo, propusemo-nos a tornar patente que a crença de que os sujeitos são constituídos por identidades fixas e internamente coerentes não passa de uma utopia da Era Moderna. O exemplo dos *caça-gringas* deixa claro que não estamos atrelados indefinidamente a certas identidades, mas, ao contrário, caminhamos entre as que são disponibilizadas por nossa cultura, nos servindo delas por conveniência, investindo simultaneamente em princípios de agência contraditórios e conflitantes, incorporando taticamente os discursos hegemônicos, hiperbolizando certos traços diacríticos ou marcas corporais, etc. Em suma, os indivíduos (sejam homens ou mulheres, ricos ou pobres, de peles claras ou de peles escuras, etc.) não são apenas escravos das identidades, na verdade, são, sobretudo, maestros que orquestram quando este ou aquele traço identitário deverá aflorar, sacando-o de acordo com o contexto e os demais sujeitos em interação.

Por isso não há uma correlação direta entre comportamentos e identidades, já que essas últimas só são assumidas pelos atores sociais, quando lhes convêm. Dessa forma, apesar das turistas estrangeiras, imersas nessas parcerias binacionais, subverterem o pressuposto da mulher como um ser passivo e sem desejo, cuja libido estava diretamente atrelada aos ideais do amor romântico, elas se valem desses clichês para evitarem a sua rotulação como turistas sexuais. Similarmente, os *caça-gringas* apropriam-se dos discursos que alocam o homem como sujeito ativo e libertino, que está constantemente disponível e disposto a empreender um intercurso sexual sem compromisso, para não serem tachados como gigolôs, garotos de programa ou profissionais do sexo. Ambos, em sua maioria, enfatizam a trivialidade desses relacionamentos afetivo-sexuais em contexto de viagem turística e minimizam a importância das motivações extra-amorosas, as quais, como vimos, estão presentes nos dois lados.

Aqui já podemos traçar, portanto, um paralelo entre os encontros binacionais forjados pelos pares *nativa-gringo* e *nativo-gringa*, pois ao cruzarmos os relatos percebemos as similaridades entre os argumentos alçados a partir dos contrastes, vislumbrados por meio das identidades nacionais e de gênero, para justificar suas preferências afetivo-sexuais. Tendo como base as falas dos informantes presentes nos textos de Adriana Piscitelli (2000; 2001; 2002) e dos interlocutores da nossa etnografia, percebemos que os homens (tanto *nativos* quanto *gringos*) ao falarem de suas conterrâneas destacam aspectos negativos de sua personalidade: elas são monótonas, interesseiras, recatadas, exigentes e limitadas sexualmente. Para as *gringas*, os homens de seus países são rudes, frios e *workahoolics*[178]. Para as *nativas*, por sua vez, os *nativos* são machistas, desocupados e mulherengos. Dessa maneira, quando nos voltamos para as representações das identidades nacionais, notamos que os(as) estrangeiros(as) destacam os aspectos positivos de seus(suas) parceiros(as) brasileiros(as): são carinhosos(as), sensuais, gentis, atraentes, românticos(as), sexualmente

[178] Neologismo de origem inglesa usado para descrever pessoas viciadas em trabalho.

criativos(as) e dispostos(as). E vice-versa: as mulheres brasileiras que se envolvem afetivo-sexualmente com *gringos* os descrevem, geralmente, como românticos, provedores, corteses e ingênuos; já os brasileiros vêem as *gringas* como inteligentes, liberais, solicitas e independentes. Obviamente, a esses fatores somam-se outros relacionados mais a questões de estética (códigos corporais).

Constatamos, então, um deslocamento das preferências afetivas, cujo caráter temporário não é unânime. O confronto com as diferenças pode levar ao despertar de sentimentalidades bem mais duradouras que o período da viagem, como comprova algumas parcerias que se iniciaram em Pipa, como "relacionamentos de verão", e se estenderam para outras estações[179]. O fato é que estas interações binacionais, mesmo quando passageiras e fugazes, parecem conferir contornos bem mais expressivos do que aquelas vivenciadas entre pessoas de mesma origem étnica/nacional, pois os elementos de virtude que uns vislumbram nos outros marcam contrastes com as representações conterrâneas do masculino e do feminino.

A evidência tomada, nos últimos anos, pelo chamado *turismo sexual feminino*, fez-nos perceber que o entrelaçamento entre sexo e turismo é mais amplo e comum do que comumente se divulga. As práticas sexuais em contexto de viagem vêm, crescentemente, se firmando como mais um dos vários elementos de fruição do turismo, envolvendo vários tipos de turistas, ou seja, não se limitando aos estereótipos forjados pela mídia. Dessa forma, ficará cada vez mais difícil combater o turismo sexual, já que ele vem adquirindo múltiplas faces e corpos, que não se adequam mais às imagens do *gringo* loiro, branco, de meia-idade.

Na realidade, as campanhas de combate ao sexo-turismo – que dificilmente algum dia vincularão a imagem de mulheres estrangeiras como desprezíveis turistas sexuais, haja vista

[179] A exemplo do grande número de casos de mulheres profissionais do sexo que se casaram com clientes ou como os casos que ocorrem em Pipa, nos quais os *caça-gringas* fazem companhia às turistas no momento de retorno ao seu país de origem.

que a razão das campanhas é proteger a honra nacional, simbolizada pela pureza de nossas mulheres - e ao mercado internacional de sexo devem ser embasadas pelos marcos legais. Expliquemos: não há nenhuma objeção em nossa legislação quanto ao consumo de serviços sexuais por indivíduos que se encontrem em contextos de viagem turística, quando ambos possuem mais de 18 anos (início da maioridade), ou seja, apenas o combate à exploração sexual infanto-juvenil pela atividade turística[180] (pessoas físicas e jurídicas) tem respaldo jurídico.

Quanto ao mercado de sexo, no Brasil, não há impedimentos legais, que proíbam sua atuação, quando os (as) servidores (as) sexuais possuem mais de 18 anos, o fazem autonomamente e consentem em dispor seu corpo à realização de fantasias eróticas de outrem, também "de maior".

Portanto, consideramos que qualquer ação de combate a atividades que respeitam esses marcadores legais, é representante de um discurso moralista, que busca instaurar um clima de pânico sexual na sociedade. Estamos cotidianamente vivenciando isto, basta atentarmos para o teor xenófobo e estigmatizante das campanhas contra o turismo sexual e que empurram, ainda mais, os (as) profissionais do sexo para situações de exclusão social.

Essas empreitadas fora-da-lei ignoram as diferenças entre prostituição adulta e infanto-juvenil, não conseguem perceber que as migrações por razões sexuais não são sinônimas de tráfico para prostituição forçada e que esses sujeitos são agentes ativos de suas opções e portadores de projetos de vida específicos (cf. JULIANO, 2005). Além de que a vitimização de quem atua no mercado de sexo apenas contribui para sua marginalização.

[180] Uma iniciativa coerente e legítima é realizada pela Organização Não-Governamental Resposta (Responsabilidade Posta em Prática) que combate, desde 2003, a exploração sexual infanto-juvenil no turismo, como afirma Liliane, 29, coordenadora de setor de estudos da Resposta, e que condena iniciativas, como as da Prefeitura Municipal do Natal, que desvirtuam o foco do combate, pois desejam, ilegalmente, barrar e intimidar a vinda de quaisquer turistas que viajam motivados por expectativas de estabelecer interações sexuais com a população local, sendo dada grande ênfase aos homens estrangeiros. Para informações sobre como a Resposta atua e quais suas diferenças frente às campanhas da Prefeitura do Natal, acessar: http://www.resposta.org.br.

Não obstante, quando olhamos em retrospecto o presente trabalho e recordamos as formas que tomam as interações afetivo-sexuais em contexto de viagem, que ocorrem em Pipa, reforçamos a impressão de que não se trata somente de consumo de serviços sexuais, mas de uma transação mais *orgiástica/dionisíaca* e menos comercial, onde as contra-dádivas em bens e status são elementos que incrementam a excitação. A categoria "consumo" não descreve satisfatoriamente nem abarca as nuanças do que se passa entre os *caça-gringas* e as *gringas*, pois, para além do fato das relações econômicas que atravessam as relações de gênero estarem "fora do lugar", este mercado de sexo não é regido pela lógica da compra-venda, marcada pela fria e objetiva mediação monetária. Ele é constituído por transações informais, sutis, teoricamente despretensiosas e mimetizadas em trivialidades, respondendo ao nexo do dar-receber-retribuir, que parece conceder mais tempero e sabor a essas parcerias.

Cremos que tal característica não é particular ao fenômeno pipense, mas, geralmente, é desconsiderada pela maioria dos (as) autores (as) que se dedicam à análise do mercado de sexo (PERLONGHER, 1987; ARAÚJO, 2006). A transacionalidade, a ausência de marcadores mercantis e a ocorrência da paixão estão também presentes em outros arranjos. Dessa forma, entendemos que a categoria "consumo" tem que ser contrabalanceada por outra, que dê mais ênfase ao simbolismo dos prazeres e dos desejos, fugindo desse viés mercadológico. A noção de transações *orgiásticas/dionisíacas* poderia, portanto, dar conta também da vivência das interações afetivo-sexuais entre *gringos* e *nativas*, pelo menos daquelas em que as mulheres não se engajam declaradamente como profissionais do sexo. No nosso caso, o realce dado pelos *caça-gringas* - para não perderem o status de "verdadeiros" homens - passa justamente pela ênfase na fruição e nos prazeres, consequentemente, os interesses extra-sexuais são negados.

De modo similar, acreditamos na pertinência de uma reformulação conceitual do que se entende por *turismo sexual* ou até mesmo o abandono da terminologia, já que ela confunde

mais do que esclarece. No entanto, defendemos, por hora, uma noção ampliada do fenômeno, que abarque toda e qualquer experiência afetivo-sexual em contexto de viagem, para, dessa forma, desestabilizar as bases pelas quais as campanhas de combate ao *turismo sexual* se assentam. Noutras palavras, se desejarem realmente punir qualquer espécie de *turismo sexual*, como os porta-vozes da moral andam alardeando, eles estarão decretando o fim de boa parte do fluxo turístico de seus locais de atuação, pois, pelo que parece, o sexo é um elemento constituinte desta atividade. Assim, um destino sem *turismo sexual* seria um destino sem turistas.

Por fim, faz-se mister acabarmos com certas vinculações deterministas que ligam masculinidade à potência, agressividade e escolha, feminilidade à fragilidade, passividade e dependência, turismo sexual à exploração e crime, prostituição à vitimização, impassionalidade e motivações materiais, entre outros. É preciso, enfim: a) reconhecer o caráter múltiplo do mercado de sexo e do turismo sexualmente motivado; b) comparar os discursos de homens e mulheres, clientes e profissionais - bem como dos/as que não se reconhecem nem como clientes e tão pouco como profissionais -, que evidenciam as representações que uns fazem sobre os outros; e c) desenvolver a análise de gênero levando em conta seu caráter relacional e sua interseccionalidade com outros eixos de poder, sem esquecermos também da influência dos desejos.

Se quisermos uma sociedade mais democrática, devemos antes deixar de enxergar certos indivíduos como mais manipuláveis e carentes de agência do que outros, ou como sendo guiados por um natural impulso de dominação. No caso das interações afetivo-sexuais em contextos de viagem turística, que se dão em Pipa, a impertinência dessas considerações talvez fique mais evidente pelo fato dos agentes ocuparem posições "invertidas", no entanto, tal percepção só é realmente alcançada, quando garantimos-lhes o direito de poderem se expressar por si próprios.

Dessa forma, dando voz aos parceiros desses intercâmbios binacionais, pôde-se constatar como os *caça-gringas* incorporam, taticamente, os estereótipos da brasilidade, concedendo às turistas estrangeiras "fantasias de poder", e utilizam-se de essencializações estratégicas, mesclando virilidade e calidez, para facilitar suas conquistas. A partir do imbricamento entre princípios de agência do masculino e do feminino, lançamos a noção de que os *caça-gringas* manufaturam uma masculinidade híbrida, revelando o quanto as identidades de gênero são maleáveis e processuais, e o quanto os agentes performatizam suas representações de gênero com base nas posições de sujeito culturalmente disponíveis.

Toda essa análise teve como objetivo implícito pôr em cheque os discursos vitimários que apontam as mulheres profissionais do sexo como sujeitos desprovidos de agência, e demonstrar que elas, tal como os *caça-gringas* de Pipa, são agentes portadores de projetos de vida específicos e que o mercado de sexo – o qual pode prescindir da intermediação monetária - é também um espaço para a subversão do regime de gênero, estando ainda aberto a manifestações de romance.

REFERÊNCIAS

Bibliografia:

AGUSTÍN, Laura Maria. *La Industria del Sexo, los Migrantes e la Familia Europea.* In: **Cadernos Pagu: Mercado de Sexo**. Nº. 25. Campinas: Unicamp, 2005, p. 107 – 128.

_____. **Sex at the Margins, Migration, Labor Markets and the Rescue Industry.** London: Zed Books, 2007.

ALBUQUERQUE, Klaus de. *Sex, Beach Boys, and Female Tourists in the Caribbean.* In: DANK, Barry M.; REFINETTI, Roberto (Orgs.). **Sex Work & Sex Workers: sexuality & culture. Arqueologia da Violência – pesquisas de antropologia política.** V. 2. London: Transaction Publishers, 1999, p. 87-111.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nordestino: uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)**. Maceió: Edições Catavento, 2003.

ALFONSO, Louise Prado. **EMBRATUR: formadora de imagens da nação brasileira.** Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 2006.

ALMEIDA, Miguel Vale de. *Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal.* In: **Anuário Antropológico/ 95.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

ALTMANN, Dennis. **Global sex**. Chicago: The University of Chicago Press, 2001. p. 1-52.

APPADURAI, Ajurn. *Disjunção e diferença na economia cultural global.* In: Featherstone, Mike (Org.). **Cultura Global.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.

ARAÚJO, Rogério. **Prostituição: artes e manhas do ofício.** Goiânia: Cânone Editorial, Ed. UCG, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BEAUVOIR, Simone de. **The second sex**. New York: Vintage Books, 1974.

BEM, Arim Soares do. **A Dialética do Turismo Sexual**. Campinas: Papirus, 2005.

BENEDICT, Ruth. **O Crisântemo e a Espada.** São Paulo: Perspectiva, 1988.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: SENAC, 1998.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BLACKWELL, Maylei ; NABER, Nadine. Interseccionalidade em uma era de globalização: as implicações da conferência mundial contra o racismo para práticas feministas transnacionais. In: **Revistas Estudos Feministas.** Santa Catarina: UFSC, 2002, p. 189-198.

BORBA, Carla. **Turismo em Resorts.** Caxias do Sul: Educs, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Marco zero, 1983.

_____. **Sociologia.** São Paulo: Editora Ática, 1994.

_____.**A dominação masculina**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRAH, Avtar; PHOENIX, Ann. *Ain't I a Woman? Revisiting Intersectionality***.** In: **Journal of International Women's Studies.** V. 5, N.º 3. Massachusetts: BSC, 2004, p. 75-86.
CAMPOS, André. No Brasil, turismo é ponte para exploração sexual de crianças. **In: Repórter Brasil. Matéria do dia 11/04/2007.** Disponível em: <http://www.reporterbrasil.com.br/exibe.php?id=985> Acesso em: 23/10/2008.

CHAPKIS, Wendy. **Live sex acts: women performing erotic labour**. London: Cassell, 1997.

CHINCHILLA, Norma Stoltz. *Ideologías del feminismo: liberal, radical y marxista.* In: LEON, Magdalena (Org.). **Sociedad, subordinacion y feminismo: debate sobre la mujer en America Latina y el Caribe – Discussion acerca de la unidad producción – reproducción.** v. 3. Bogotá: ACEP, 1982, p. 215-238.

CLASTRES, Pierre. *O Atrativo do Cruzeiro.* In: **Arqueologia da Violência – pesquisas de antropologia política.** São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

CLIFFORD, James. *Sobre a autoridade etnográfica.* In: **A experiência etnográfica.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

CORRÊA, Mariza. *Sobre a Invenção da Mulata***.** In: KOFES, Suely (Org.). **Cadernos Pagu: Raça e Gênero.** V. 6/7. Campinas: Unicamp, 1996, p. 35-50.

CORRÊA, Regina Helena M. A. **Gilberto Freyre e a Tradução do Brasil.** Disponível em: <http://sitemason.vanderbilt.edu/files/imxgRi/Correa%20Regina.doc> Acesso em: 21/03/2009.

COSTA, Cristina. **Sociologia: introdução à ciência da sociedade.** 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2005.

COSTA, Sérgio. *A mestiçagem e seus contrários: etnicidade e nacionalidade no Brasil contemporâneo*. In: **Tempo Social – revista de sociologia da USP.** V. 13, Nº. 1. São Paulo: Edusp, 2001.

CRENSHAW, Kimberlé. *Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero.* In: **Revistas Estudos Feministas.** Santa Catarina: UFSC, 2002, p. 171- 188.

DAMATTA, Roberto. **O que faz do brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____. **Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997

_____. **A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

DAVIDSON, Julia O'connell; TAYLOR, Jacqueline Sanchez. *Exploring the demand for sex tourism.* In: KEMPADOO, Kamala (Org.). **Sun, sex and gold: Tourism and sex work in the Caribbean.** Lanham: Rowman and Littlefield, 1999. p. 37-55.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer.** 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo: ensaio sobre as noções de poluição e tabu.** Rio de Janeiro: Edições 70, 2006.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva S.A., 1976.

DURKHEIM, Émile. **Fato Social e Divisão do Trabalho.** São Paulo: Editora Ática, 2001.

ENLOE, Cynthia. **Bananas, beaches and bases: making feminist sense of international politics.** Califórnia: University of California Press, 2000.

ERIKSEN, Thomas Hylland; NIELSEN, Finn Sivert. *História* **da** *antropologia*. Petrópolis: Vozes, 2007.

FARIAS, Patrícias. *Corpo e classificação de cor numa praia carioca.* In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). **Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca.** Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 263-302.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de Consumo e Pós-Modernismo.** São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FEIJÓ, Fernando Carrazedo e CALAZANS, Flávio Mário de Alcântara. **A imagem internacional do turismo sexual no Brasil: o "prostiturismo" no marketing turístico.** Centro de Paula Souza. São Paulo: UNESP/Cásper-Líbero, 2002.

FIGUEIREDO, Adrianna. **Se pudessse ressurgir, eu viria como o vento: Das narrativas da dor, corporalidades e emoções na experiência da travestilidade.** Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

FIRESTONE, Shulamith. **A dialética do sexo: um manifesto da revolução feminista.** Editorial Labor do Brasil, 1976.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber.** 18ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

FOUGERAY, Sylvie. *Do corpo na Antropologia à Antropologia do Corpo.* In.: **Antropologia: Memória, Tradição e Perspectivas.** Recife: V Encontro de Antropólogos do Norte-Nordeste, 1997, 289-296.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal.** 51ª. ed. São Paulo: Global, 2006.

FRIEDMAN, David M. **Uma Mente Própria: a história cultural do pênis.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 1983.

GAGNON, John H. **Uma Interpretação do Desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade.** Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GEERTZ, Clifford. *Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da Cultura.* In: **Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas.** São Paulo: Editora Unesp, 1993.

_____. **Central Problems in Social Theory.** Berkeley: University of California Press, 1979.

GODELIER, Maurice. *"Moeda de sal" e Circulação de Mercadorias entre os Baruya da Nova Guiné.* In: CARVALHO, E. A. (Org.). **Antropologia: grandes cientistas sociais.** n. 21. São Paulo: Ática, 1981. p. 124 -148.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis: Vozes, 1985.

GOLDENBERG, Mirian; RAMOS, Marcelo Silva. *A civilização das formas: o corpo como valor.* In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). **Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca.** Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 19-40.

GOLDMAN, Emma. **Trafico de mujeres y otros ensayos sobre feminismo.** Barcelona: Anagrama, 1977.

GONTIJO, Fabiano. *Carioquice ou carioquidade? Ensaio etnográfico das imagens identitárias cariocas.*. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). **Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca.** Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 41-77.

GOTMAN, Anne. **A enquête e seus métodos: a entrevista.** Paris: Éditions Nathan, 1992.

GRABURN, Nelson H. H. *Tourism: a sacred journey.* In: SMITH, Valene L. (Org.). **Hosts and Guests: the anthropology of tourism.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989.

GRUPO DA VIDA. *Prostitutas, "Traficadas" e Pânicos Morais: uma análise da produção de fatos em pesquisas sobre o "tráfico de seres humanos"*. In: PISCITELLI, Adriana (Org.). ***Cadernos Pagu*: Mercado do sexo.** n. 25. Campinas: UNICAMP, 2005. p. 153-184.

GUTIERREZ, Luis Gustavo. **Lazer e Prazer: Questões metodológicas e alternativas políticas.** Campinas: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2001.

HALL, Stuart. *Quem precisa da identidade?* In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 103-133.

JULIANO, Dolores. *El trabajo sexual en la mira: polémicas y estereotipos.* In: PISCITELLI, Adriana (Org.). **Cadernos Pagu: Mercado do sexo.** n. 25 Campinas: UNICAMP, 2005. p. 79-106.

KAPLAN, Caren. **Questions of Travel: postmodern discourses of displacement.** Durham: Duke University Press, 1996. p. 27-65.

KEMPADOO Kamala. **Sexing the Caribbean: Gender, race and sexual labor.** NewYork: Routledge, 2004.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo: Para uma nova Compreensão do lazer e das viagens.** Rio de Janeiro: Ed. Civilização brasileira S.A, 1989.

LAFARGUE, Paul. **O Direito à Preguiça.** São Paulo: Unesp, 1999.

LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando o Sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud.** Rio de Janeiro: Dumará, 2001.

LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo.** 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

LEACH, Edmund. **A diversidade da antropologia.** Lisboa: Edições 70, 1982.

LEHMANN- CARPAZOV, Ana Rosa. **Turismo e Identidade: Construção de identidades sociais no contexto de turismo sexual entre alemães e brasileiras na cidade de Recife.** Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, 1994.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As Estruturas Elementares do Parentesco.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1982.

LOCHE, Adriana *et alii.* **Sociologia Jurídica.** Porto Alegre: Síntese, 1999.

MACCANNELL, D. *Staged authenticity: arrangements of social space in tourist settings.* In: **American Sociological Review**. Washington: ASA, 1973.

MACKINNON, Catharine. *Not a moral issue.* In: CORNELL, Drucilla (Org.). **Feminism and pornography.** Oxford: Oxford University Press, 1984. p. 169-197.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os argonautas do Pacífico Ocidental**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Ed. Abril, 1978.

MARINHO, Francisco Fernandes. **Literatura da Praia de Pipa**. Natal: 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O Manifesto Comunista.** 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia.** São Paulo: Cosac&Naify, 2003.

MCCKLINTOCK, Anne. **Sex Work and Sex Workers: introduction.** *Social Text,* n. 37. Winter, 1993, p. 1-10.

MOORE, Henrietta L. *Fantasias de Poder e Fantasias de Identidade: gênero, raça e violência.* In: CASTRO, Mary Garcia (Org.). **Cadernos Pagu: corporificando gênero.** v. 14. Campinas: Unicamp, 2000. p. 13-44.

MOTTA, Nelson. **Nacionalismo Genital.** Disponível em: <http://titaferreira.multiply.com/calendar/item/110> Acesso em: 05-02-2009.

MOUTINHO, Laura. **Razão, "***cor" e desejo*. São Paulo: Editora Unesp, ***2004.***

NASH, Dennison. **Antropology of Tourism**. New York: Pergamon, 1996.

NOLASCO, Sócrates. **A Desconstrução do Masculino.** Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A Construção Social da Masculinidade.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

OMT. **Turismo internacional: uma perspectiva global**. 2ª ed. Porto Alegre: Bookmann, 2003.

ORTNER, Sherry B. *Entonces, es la Mujer al Hombre lo que la Naturaleza a la Cultura?* In: **Revista de Antropologia Iberoamericana**. v. 1, n. 1. Madrid: Ed. Electrónica, 2006. Disponível em: <http://www.aibr.org/antropologia/01v01> Acesso em: 17/11/2007.

_____. *Poder e projetos: reflexões sobre a agência*. In: GROSSI, Miriam P.; Eckert, Cornelia; FRY, Peter H. (Orgs.). **Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas – 25ª Reunião Brasileira de Antropologia – Goiânia, 2006**. Blumenau: Nova letra, 2007.

OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom (Orgs.). **Dicionário do Pensamento Social do Século XX.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

OVERING, Joanna. *Men Control Women? The catch 22 in gender analysis***.** In: **International Journal of Moral and Social Studies.** v. 1. Oxford, 1986. p. 135-156.

PARKER, Richard. *Cultura, economia política e construção social da sexualidade.* In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 125-150.

_____. **Corpos, Prazeres e Paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo.** 3ª ed. São Paulo: Editora Best Seller, 2000.

PATRÍCIO, Maria Cecília. **Travestismo: mobilidade e construção de identidade em Campina Grande.** Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, 2002.

PEIRANO, Mariza G. S. **A favor da etnografia.** Série Antropológica. Brasília: 1992.

PEREIRA, Monsenhor Francisco de Assis. **Protomártires do Brasil.** Aparecida: Editora Santuário, 2000.

PERLOGHER, Nestor. O. **O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

PISCITELLI, Adriana. **Trechos de um Diário de Campo: mundos contemporâneos, gênero, desigualdades.** In: *Seminário A questão social em 500 anos*. Mesa-Redonda: Desigualdade de gênero (na história, no trabalho e nas lutas sociais). Rio de Janeiro: Escola de Serviço Social da UFRJ, 2000.

_____. *Gringos nos Trópicos: gênero e nacionalidade no marco do turismo sexual em Fortaleza.* In: CASTRO, Mary Garcia. (Org.). **Migrações Internacionais, contribuições para políticas.** Brasília: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento, v. 1, 2001. p. 589-613.

_____. *Exotismo e Autenticidade: relatos de viajantes à procura de sexo.* In: CASTRO, Mary Garcia (Org.). **Cadernos Pagu: Crônicas Profanas.** V. 19. Campinas: Unicamp, 2002, p. 195 – 231.

_____. *Re-criando a Categoria Mulher.* In: ALGRANTI, L. M. (Org.). **A Prática Feminista e o Conceito de Gênero.** Textos Didáticos, N.º 48. Campinas: Unicamp, 2002, p. 07-42.

_____. Viagens e sexo on-line: a Internet na geografia do turismo sexual. In: **Cadernos Pagu: Mercado de Sexo**. V. 25. Campinas: Unicamp, 2005, p. 281 – 326.

_____. *Interseccionalidades, Categorias de Articulação e Experiências de Migrantes Brasileiras.* In: **Sociedade e Cultura**. V. 11, N.º 2. Goiânia: UFG, 2008, p. 263-274.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RIBEIRO, Fernando Bessa. *Proibições, Abolições e a Imaginação de Políticas Inclusivas para o Turismo Sexual.* In: **Bagoas: estudos gays – gêneros e sexualidades.** V.2, N.2. Natal: EDUFRN, 2008.

RIBEIRO, Fernando Bessa; SACRAMENTO, Octávio. *Sexo, amor e interesse entre gringos e garotas em Natal.* In: ***Cronos*: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN.** v. 7, n. 1, Natal: EDUFRN, 2006.

RIOS, Luís Felipe. *Corpos e Prazeres nos Circuitos de Homossexualidade Masculina do Centro do Rio de Janeiro.* In: **Ciência & Saúde Coletiva.** V. 13, N.º 2. Rio de Janeiro: Abrasco, 2008, p. 235-246.

RODRIGES, Adyr Balastreri. **Turismo e Espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar.** 2ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.

ROSALDO, Michelle. *O uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento cultural.* In: **Horizontes Antropológicos.** v. 1, n. 1. 1995. p. 11-37.

ROSSIAUD, Jacques. **A Prostituição na Idade Média**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RUBIN, Gayle. *O Tráfico de Mulheres: notas sobre a "economia política" do sexo.* In: DABAT, C.; ROCHA, E. (Trad.). **SOS Corpo.** Recife, 1993.

_____. *Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade.* In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; BELELI, Iara (Orgs.). **Cadernos Pagu: Olhares Alternativos.** V. 21. Campinas: Unicamp, 2003, p. 1 – 88.

SADE, Marquês de. **A Filosofia na Alcova.** São Paulo: Iluminuras, 1999.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **Sociedades Tribais.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.

SANTOS FILHO, João dos. **Ontologia do Turismo:** Estudos de suas causas primeiras. Caxias do Sul: Educs, 2005.

_____. *Por que a ação da Embratur se torna preocupante para a formulação de políticas públicas internas em turismo?* In: **Revista Espaço Acadêmico**. N.º 48. 2005. Disponível em: <www.espacoacademico.com.br/048/48jsf.> Acesso em: 06/10/2007.

SCOTT, Russel Parry. **Turismo, Poder e Comunidades Locais: Fluxos, organização e significados entre Brasil, Europa e os Estados Unidos.** 2007.

SEIDLER, Victor J. **Rediscovering Masculinity: reason, language and sexuality.** London: Routledge, 1989.

SEP. **Feminist Perspective on Sex Markets.** Standford University, 2004. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/> Acesso em: 22/08/2008.

Sex Workers in Europe Manifesto. Disponível em <www.salli.org/info/lib/brussels2005**manifesto**.pdf.> Acesso em 25/06/2008.

SILVA, Yuno (*blogger*). **Matéria DN 03/11 – Campanha Contra Sexo Turismo.** Disponível em: <http://sospontanegra.blogspot.com/2006_11_10_archive.html.> Acesso em: 20/08/2007.

SILVA, Hélio R. S. **Travesti: a invenção do feminino.** Relume-Dumará: Rio de Janeiro, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e Diferença.** Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2000.

SILVEIRA, Emerson Sena. **Por uma Sociologia do Turismo**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

SIMMEL, Georg. **Filosofia do amor.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SIMMONS, Melanie. *Theorizing Prostitution: the questiono f agency.* In: DANK, Barry M.; REFINETTI, Roberto (Orgs.). **Sex Work & Sex Workers: sexuality & culture. Arqueologia da Violência – pesquisas de antropologia política.** V. 2. London: Transaction Publishers, 1999, p. 125-148.

SIQUEIRA, Deis. **História Social do Turismo**. Rio de Janeiro: Garamound; Brasília, DF: Ed. Vieira, 2005.

TURNER, Victor. **O Processo Ritual.** Petrópolis: Vozes, 1974.

URRY, John. **O Olhar do Turista: Lazer e Viagens nas Sociedades Contemporâneas.** 3ª ed.São Paulo: Studio Nobel- SESC, 2001.

VANCE, Carole. *A Antropologia Redescobre a Sexualidade: um comentário teórico.* In: **Ciência & Saúde Coletiva.** V. 5, N.º 1. Rio de Janeiro: Abrasco, 1995, p. 07-31.

WACQUANT, Loic. *Putas, escravos e garanhões: linguagens de exploração e de acomodação entre boxeadores profissionais.* In: **Revista Mana**. V. 6, p. 127-146, 2000.

WEEKS, Jeffrey. *O corpo e a sexualidade.* In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001, 35-82.

WOORTMANN, Ellen. *Cambios de Tiempo y Espacio/ Cambios Sociales, bajo el Impacto de la Modernización*. In: **Revista Estudos Feministas**. V.15, Nº. 2. Santa Catarina: UFSC, 2007, p.476-484.

Sites Consultados:

www.institucional.turismo.gov.br.

http://www.mma.gov.br/port/conama/legiano1.cfm?codlegitipo=1&ano=todos.

http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/Decreto-Lei/Del2848.htm+penal+brasileiro.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.

http://www.brasil-natal.com.br/setur_estatisticas.

http://www.tibaudosul.com.br/conteudo/informativo/conheca.html.

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007 .

http://www.nominuto.com/vida/cultura/nação-potiguar-lanca-relato-sobre-coco-de-zambe/8854/ .

http://www.gabinetecivil.rn.gov.br/acess/pdf/dec19.341.pdf.

http://tribunadonorte.com.br/noticias/102325.html.

http://turismo.natal.rn.gov.br/atracoes/ctd-18.html.

http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/carta.html.

www.ibge.gov.br/censo.

http://www.resposta.org.br.

Filme Consultado:

Em Direção ao Sul (Vers Le Sud). Direção: Laurent Cantet. Roteiro: Laurent Cantet e Robin Campillo. França/Canadá, 2005.

APÊNDICES

Apêndice I – Quadro Sócio-Econômico

Caça-Gringas									
Nome	**Idade**	**Profissão**	**Cidade Natal**	**Religião**	**Cor**	**Formação Educacional**	**Renda**	**Estilo**	**Observações**
Thomaz	29	Caseiro/ASG/ Barman/Garçom	Santa Rita – PB, morou em Pipa por 9 anos.	Católica	Negra	Ensino Fundamental Incompleto	R$ 900,00	Veste-se como um jogador de futebol: camiseta, calça jeans, tênis e boné, tudo com marcas do tipo Soccer e Nike.	Desde a segunda metade de 2007 moram na Argentina, em Buenos Aires.
Bento	24	Fotógrafo	Rio de Janeiro – RJ, mora em Pipa há 12 anos.	Não tem	Parda	Ensino Médio Incompleto	R$ 4.500,00 (pensão que recebe do pai)	Incorpora o estilo *latin-lover*: sempre está sem camisa, para mostrar o físico e as tatuagens.	Diz ter um filho de seis anos na Itália. Os caça-gringas o chamam de *Forrest Gump*, devido às estórias que conta.
Pessoa	31	Pintor	Rio de Janeiro – RJ, mora em Pipa há 13 anos.	Não tem	Parda	Ensino Fundamental Incompleto	Não tem renda fixa	Estilo *hippie*, costuma estar sem camisa, possui tatuagens e às vezes tem um aspecto de falta de higiene.	Já morou em Buenos Aires por 4 meses, com sua ex-mulher. Tem uma filha de 6 anos na Suécia, ele não a conhece.
Sandro	26	Professor de surf e professor de jiu-jitsu	Pipa	Não tem	Parda pelo bronzeado	Ensino Médio Incompleto	Entre R$ 800,00 a 1.800,00	Veste-se de acordo com o estilo sufista: bermuda de praia, camiseta regata e chinelos.	Passou dois meses em Portugal com sua namorada sueca, em 2007.

Jorge	24	Instrutor de surf	Pipa	Católica	Parda pelo bronzeado	Ensino Médio Incompleto	Cerca de R$ 1.000,00	Adota o estilo *surf wear*, costuma estar sem camisa, exibindo o dorso musculoso. Geralmente está de boné.	Foi deportado em Portugal, quando tentava chegar à Espanha, por falta de dinheiro. Sua passagem havia sido comprada por sua ex-namorada.
Vagner	26	Vendedor, recepcionista	João Pessoa – PB, mora em Pipa há 10 meses.	Católica	Negra	Ensino Médio Completo	R$ 120,00 fixo, mais alguns *bicos.*	Tem um estilo bem despojado (*hippie*), anda sem camisa, descalço, cabelos grandes e desgrenhados. Às vezes aparenta pouca higiene.	
Nilson	27	Bugueiro/ barman. Seu buggy tinha um adesivo que dizia: "Amor de Pipa é amor que fica!"	Pipa	Não tem	Negra	Ensino Médio Completo	Entre R$ 1.500,00 a 1.600,00.	Adota o estilo *playboy*, cabelo sempre no gel, grosso cordão de prata no pescoço, camisa regata, bermuda e sandália. É muito musculoso.	Passa seis meses em Portugal, onde vive sua esposa, e seis meses no Brasil, faz 4 anos. Diz já ter acompanhado 4 gerações de *caça-gringas.*
Renato	22	Instrutor de Surf	Jaboatão dos Guararapes – PE, mora em Pipa há 5 anos	Não tem	Negra	Ensino Fundamental Completo	Entre R$ 800,00 e 1.000,00	Estilo surfista: camisa regata, bermuda de praia e chinelos. Cabelo parafinado.	
Gabriel	24	Escultor e professor de capoeira	Jaboatão dos Guararapes – PE, mora em Pipa há 5 anos	Não tem	Negra	Ensino Médio Incompleto	R$ 500,00 a 600,00.	Costuma ser mais recatado, mas anda geralmente com bermuda e camisa regata.	Irmão de Renato.

Renan	25	Recepcionista	Pipa	Católica	Negra	Ensino Médio Completo	R$ 600,00	Faz o estilo *latin lover*: gel no cabelo, pêlos do peito raspados, físico *sarado*. Geralmente se camisa, costuma vestir bermuda e tênis.	Morou seis meses em São Paulo, com a gerente do hotel em que trabalhava.
Gringas									
Melina	32	Visitadora Médica	Buenos Aires - Argentina	Católica	Pele clara, mas não branca.	Ensino Superior Completo	$ 2.100,00 pesos argentinos	Tímida. Um pouco gorda e não à vontade com o ambiente de praia.	Casou-se com Thomaz, em 2007, após tê-lo conhecido cerca de um ano antes.
Maria	42	Gerente	Estoril - Portugal	Católica	Pele clara, mas não branca.	Ensino Superior Completo	R$ 3.000,00	Aparenta ser uma veterana de praia. Pele avermelhada pelo sol e rosto cheio de sardinhas. Corpo em forma.	Atualmente vive com uma recifense em Tibau do Sul.
Marta	31	Professora de português	Valência - Espanha	Católica	Parda	Doutoranda em letras	$ 1.200,00 euros	Descolada e falante. Costumava freqüentar a praia de dia e as festas à noite. Quanto ao vestuário, fazia algumas combinações extravagantes. Corpo em forma.	Relacionou-se com Bento em 2006.

Apêndice II -Roteiro de Entrevista Semi-Estruturado – Modelo usado com os *caça-gringas*

Dados Pessoais

Nome:
Idade:
Cidade natal:
Profissão:
Religião:
Renda:
Cor:
Formação Educacional:

VIDA SOCIAL

- Desde quando mora em Pipa?

- Por que escolheu viver nessa praia?

- Como é seu dia-a-dia?

- Pratica algum esporte?

- Trabalha? Desde quando?

- Com o que já trabalhou em Pipa? Tem trabalho no momento? Ganha bem?

- No seu trabalho você tem\tinha muito contato com turistas? E com estrangeiros?

- É fácil fazer amizade com eles? São simpáticos ou fechados?

- Costuma sair com eles(as) pra balada ou fazer passeios? Quem faz o convite?

- Tem muitos amigos nativos? O que eles fazem?

- Você sai com freqüência com a galera local?

- Rola muita azaração na *nigth*?

FEMINILIDADES E RELACIONAMENTOS AFETIVO-SEXUAIS

- Costuma namorar ou acha melhor 'ficar'?

- Já namorou ou namora com alguma garota da Pipa? O namoro mais longo durou quanto tempo? Quantas namoradas daqui você já teve?

- E quanto a turistas? Já se relacionou ou se relaciona com alguma? Estrangeira ou brasileira? Quantas?

- Você consegue sentir diferença entre a mulher da Pipa, a brasileira de outro local e a estrangeira? (baseando-se nos relacionamentos que já teve)

- Qual prefere? Por quê?

- Entre as estrangeiras dá pra sentir diferença, quando você se relaciona com elas? Se você pudesse optar, que estrangeira escolheria (de que país)?

- Há diferença no sexo? Descreva.

ESTRATÉGIAS E TÁTICAS

- Como você geralmente faz para abordar (paquerar) uma mulher? Você muda de tática ou de estilo dependendo de onde essa mulher é?

- É importante ter um bom papo ou é mais importante ter um corpo sarado?

- Como você faz para se comunicar com as estrangeiras? Sabe falar outra língua? Qual?

- Elas também te abordam? Quem geralmente toma a iniciativa no flerte?

- Você geralmente as conhece na balada ou ainda de dia, na praia?

- Você conversa muito antes de fazer uma investida mais direta?

PERFIL DOS GAROTOS DA PIPA

- Conhece algum amigo ou algum outro ‘cara’ daqui que também se relaciona com turistas (não precisa dizer nomes)? São muitos?

- Sabe de alguma história de algum desses ‘caras’ que se envolveram tanto que chegaram a se casar com essas mulheres ou, pelo menos, ir morar no país de origem delas?

- A maioria ainda está lá (onde?) ou voltaram depois de um tempo?

- Se estão lá, sabe o que eles fazem? Se não, por que voltaram?

- Relate algum caso que você conhece.

- Como é, em geral, o comportamento desses homens quando eles tentam ficar com uma gringa? Quem toma a iniciativa na paquera?

- Eles são conhecidos por algum nome? Você já ouviu falar em caça-gringa?

AS GRINGAS

- Você acha que elas viajam buscando mesmo se envolver, transar, namorar ou isso é uma conseqüência da viagem e do lugar?

- Qual a idade que elas geralmente têm? E a cor?

- Em sua opinião, por que essas mulheres transam com os brasileiros?

- Você acha que elas preferem homens mais negros e fortes ou o que importa pra elas é se o 'cara' é brasileiro apenas?

- O que elas costumam falar quando estão com você? Te elogiam, falam muito sobre a vida delas, se declaram, fazem propostas ou convites para morar no estrangeiro?

- Elas elogiam a forma como você transa? Elas fazem comparações com os homens do país delas?

- Você acha que elas se apaixonam de verdade ou estão em busca apenas de sexo? Você acha que isso é uma espécie de turismo sexual? Por quê?

- Você costuma sair com elas ou o relacionamento é só de uma noite?

-Quem convida? Para onde costumam ir? Você é quem escolhe?

- Elas costumam pagar pelo que vocês consomem?

- Alguma delas já pagou algo pra você ou te deu algum presente? O quê?

- Mas isso aconteceu espontaneamente ou você pediu/insinuou?

- Você acha que isso é uma forma dela manter você com ela ou alguma forma de retribuição por sua companhia?

TURISMO, SEXO E AMOR

- Quanto tempo elas costumam passar aqui?

- Você já foi convidado por alguma turista com quem ficou para ir morar no país dela? Você aceitou? Por que não está lá?

- Como foi que as coisas se deram? Como num tempo tão curto de relacionamento é tomada uma decisão tão difícil?

- Vocês realmente se apaixonaram?

- Você pode relatar uma experiência em que isso ocorreu (com ou sem paixão)?

- E, caso acontecesse novamente, você toparia?

- Como você define um caça-gringa? Você acha que isso é ruim para o 'cara'? Cria uma fama negativa?

- Frente a isso, como você se define? Você se considera um caça-gringa?

Apêndice III - Roteiro de Entrevista Semi-Estruturado – Modelo usado com as turistas estrangeiras

Dados Pessoais

Nome:
Idade:
País de Origem:
Profissão:
Religião:
Renda:
Formação Educacional:

Último lugar que viajou:
Próximo lugar que está indo:

VIDA SOCIAL

- Como é sua vida no seu lugar de origem?

- Você gosta do que faz (no trabalho)?

- O que costuma fazer em seus momentos de folga? O que lhe diverte?

- Qual é o clima de lá?

- Como são as pessoas no seu país ou cidade?

- São alegres, divertidas ou muito sérias e voltadas para o trabalho, do tipo workaholic?

- Você gosta de namorar? É fácil conseguir um namorado?Qual o tipo de homem que te atrai?

- Você tem ou já teve um relacionamento sério? Esses relacionamentos foram longos? Quanto tempo?

- Qual foi o mais recente?

- Seus relacionamentos têm acabado por motivos semelhantes? Quais são? Quem os termina?

- O que você faz para esquecê-los?

- Viajar ajuda?

VIDA DE VIAJANTE

- Você viaja muito?

- Quais lugares você costuma visitar?

- O que lhe atrai nesses lugares?

- Você geralmente viaja via agência de viagens ou independentemente?

-Já havia estado no Brasil?

PIPA, POPULAÇÃO LOCAL E RELACIONAMENTOS AFETIVO-SEXUAIS

- Como você descobriu Pipa? Alguém (amiga, por exemplo) indicou esta praia pra você ou você escolheu por acaso?

- Qual foi a propaganda que lhe fizeram da praia?

- Alguma delas falava sobre as pessoas do local?

- Você ouviu algo sobre os homens dessa praia?

- Enfim, quais os motivos de você estar visitando Pipa?

- Você alguma vez já se envolveu (afetivo-sexualmente) com alguém durante uma viagem?

- Era uma pessoa da excursão ou do local?

- Isso foi uma exceção ou ocorre na maioria de suas viagens?

- Aconteceu aqui em Pipa também?

TIPOS DE MASCULINIDADE

- Você consegue apontar as diferenças dos homens brasileiros para os homens de seu país? Quais são?

- Que tipo de homem você prefere? (cor, idade, nacionalidade)

- Há diferença no sexo?

- Você toma a iniciativa na paquera ou apenas faz insinuações?

- Nesses relacionamentos, você se envolve realmente ou é apenas uma coisa de uma noite?

- Costuma sair com esses homens? Quem convida?

- Quem escolhe o local?

- Quem paga as contas?

- Você sente-se à vontade quando tem de pagá-las?

- Costuma dar presentes? Eles chegam a pedir algo?

PROSTITUIÇÃO(?), SEXO E AMOR

- Em sua opinião, esses rapazes estão, de alguma forma, se prostituindo? Por quê?

- Você já se apaixonou por uma pessoa que conheceu numa viagem?

- Relate sua experiência.

- Conhece alguém com quem aconteceu algo semelhante?

- Conhece alguma amiga que se encontrou com um homem durante uma viagem, se apaixonou e convidou-o para viver com ela?

- Isso já aconteceu com você?

- Acha que há alguma possibilidade disso ocorrer?

- A viagem torna as pessoas mais abertas à paixão?

- Ou você crê que, assim como os homens, as mulheres também têm viajado em busca de novas experiências sexuais?

- O sexo é uma conseqüência natural das viagens?

- Há alguma relação da crescente ocorrência desses encontros afetivo-sexuais com os relacionamentos que se dão nos países de origem dessas mulheres? Explique.

- Para você o que é turismo sexual?

- Dessa forma, como você se define? Você se acha uma turista sexual?

Apêndice IV – Roteiro de Entrevista Semi-Estruturado – Modelo usado com os antigos moradores

Dados Pessoais

Nome:
Idade:
Cidade natal:
Profissão:
Renda:
Religião:

- Vive desde quando em Pipa?

- Poderia falar um pouco de como era a praia antigamente?

- Quais eram os pontos de referência da Pipa?

- Tinha muito terreno desocupado ou sempre morou muita gente?

- Quando foi colocada água encanada?

- A energia foi chegar quando?

- De onde era tirado o sustento da família? Quem era o responsável por manter a família?

- Todos trabalhavam?

- Quais eram as funções dos homens e as das mulheres?

- As pessoas eram religiosas?

- E as crianças, do que costumavam brincar?

- Como eram os namoros antigamente? Aqui tinha a tradição de prometer a filha ao filho de um amigo?

- Os(as) nativos(as) se casavam com pessoas de outras cidades? Esses casamentos eram vistos como preferenciais (melhores)?

- Pipa sempre recebia gente de fora? Vinham a trabalho ou a passeio?

- Quando é que começou a receber visitantes em maior quantidade? De onde eles eram? Eram hippies? Onde ficavam?

- E quando é que começaram a aparecer os gringos? Eles viajavam geralmente sozinhos? Nesse tempo já existia pousada?

- Você se lembra dos primeiros turistas (brasileiros ou estrangeiros) que decidiram morar na Pipa?

- Quando é que os turistas começaram a chegar em grandes quantidades aqui na praia?

- Você acha que o turismo foi bom pra Pipa?

- Quais as mudanças que ele trouxe? (trabalho, lazer, religião, saúde, educação, etc)

- Os relacionamentos mudaram? As pessoas costumam namorar com turistas?

- O que você acha?

- Você percebe que esses namoros têm aumentado? Acontecem casamentos entre nativos e turistas?

- Esses casamentos são aprovados pelas famílias, são preferenciais? Por quê?
(traz status perante a comunidade?)

- Seria problema se algum parente casasse com um turista? E se fosse estrangeiro?

- Acha que eles ocorrem por algum interesse que os nativos vêem nos turistas (material ou simbólico)? Qual sua opinião?

- O que você acha de mulheres (turistas) pagarem coisas para os homens (locais), como jantares, roupas, bebidas, etc.?

- Essa é mais uma mudança trazida pelo turismo (homens sustentados por mulheres)?

Apêndice V- Roteiro de Entrevista Semi-Estruturado – Modelo usado com jovens fora das redes de interação afetivo-sexual com turistas estrangeiros (as)

Dados Pessoais

Nome:
Idade:
Cidade natal:
Profissão:
Religião:
Renda:
Formação Educacional:
Cor:

VIDA SOCIAL

- Desde quando mora em Pipa?

- Por que escolheu viver nessa praia? Mora com sua família?

- Como é seu dia-a-dia?

- Pratica algum esporte?

- Trabalha? Desde quando?

- Com o que já trabalhou em Pipa? Tem trabalho no momento? Ganha bem?

- No seu trabalho você tem\tinha muito contato com turistas? E com estrangeiros?

- É fácil fazer amizade com eles? São simpáticos ou fechados?

- Costuma sair com eles(as) pra balada ou fazer passeios? Quem faz o convite?

- Tem muitos amigos nativos? O que eles fazem?

- Você sai com freqüência com a galera local?

- Rola muita azaração na *nigth*?

PERFIL DOS GAROTOS DA PIPA

- Conhece algum amigo ou algum outro 'cara' daqui que também se relaciona com turistas (não precisa dizer nomes)? São muitos?

- Sabe de alguma história de algum desses 'caras' que se envolveram tanto que chegaram a se casar com essas mulheres ou, pelo menos, ir morar no país de origem delas?

- A maioria ainda está lá (onde?) ou voltaram depois de um tempo?

- Se estão lá, sabe o que eles fazem? Se não, por que voltaram?

- Relate algum caso que você conhece.

- Como é, em geral, o comportamento desses homens quando eles tentam ficar com uma gringa? Quem toma a iniciativa na paquera?

- Eles são conhecidos por algum nome? Você já ouviu falar em caça-gringa? Defina!

- Você acha que isso é algum tipo de prostituição?

AS GRINGAS

- Você acha que elas viajam buscando mesmo se envolver, transar, namorar ou isso é uma conseqüência da viagem e do lugar?

- Qual a idade que elas geralmente têm? E a cor?

- Em sua opinião, por que essas mulheres transam com os brasileiros?

- Você acha que elas preferem homens mais negros e fortes ou o que importa pra elas é se o 'cara' é brasileiro apenas?

- Você acha que elas se apaixonam de verdade ou estão em busca apenas de sexo? Você acha que isso é uma espécie de turismo sexual? Por quê?

- Elas costumam pagar pelo que eles consomem ou dão presentes?

- Você acha que isso é algum tipo de turismo sexual?

AMOR LOCAL

- Frente a tudo isso, por que decidiu manter um relacionamento com uma garota local?

- Qual a sua opinião quanto a esses relacionamentos?

- Você acha que os nativos estão se aproveitando das gringas?

- Você acredita que possa haver amor nesses relacionamentos?

- Eles ganham status fazendo isso?

- Você crê que a relação que você tem com sua namorada é melhor que esses outros? Por quê?

- Saber que amigos seus estão morando no exterior é pra você tentador?

- Enfim, já pensou em fazer parte do circuito?

Apêndice VI

	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO CENTRO DE FILOSOFI A E CIÊNCIAS HUMANAS DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

AUTORIZAÇÂO

Eu, _____, estou ciente que as informações aqui cedidas serviram como dados para a pesquisa de Tiago Cantalice da Silva Trindade, aluno do mestrado de antropologia da UFPE, que sofreram análise e poderão ser usadas seu trabalho.

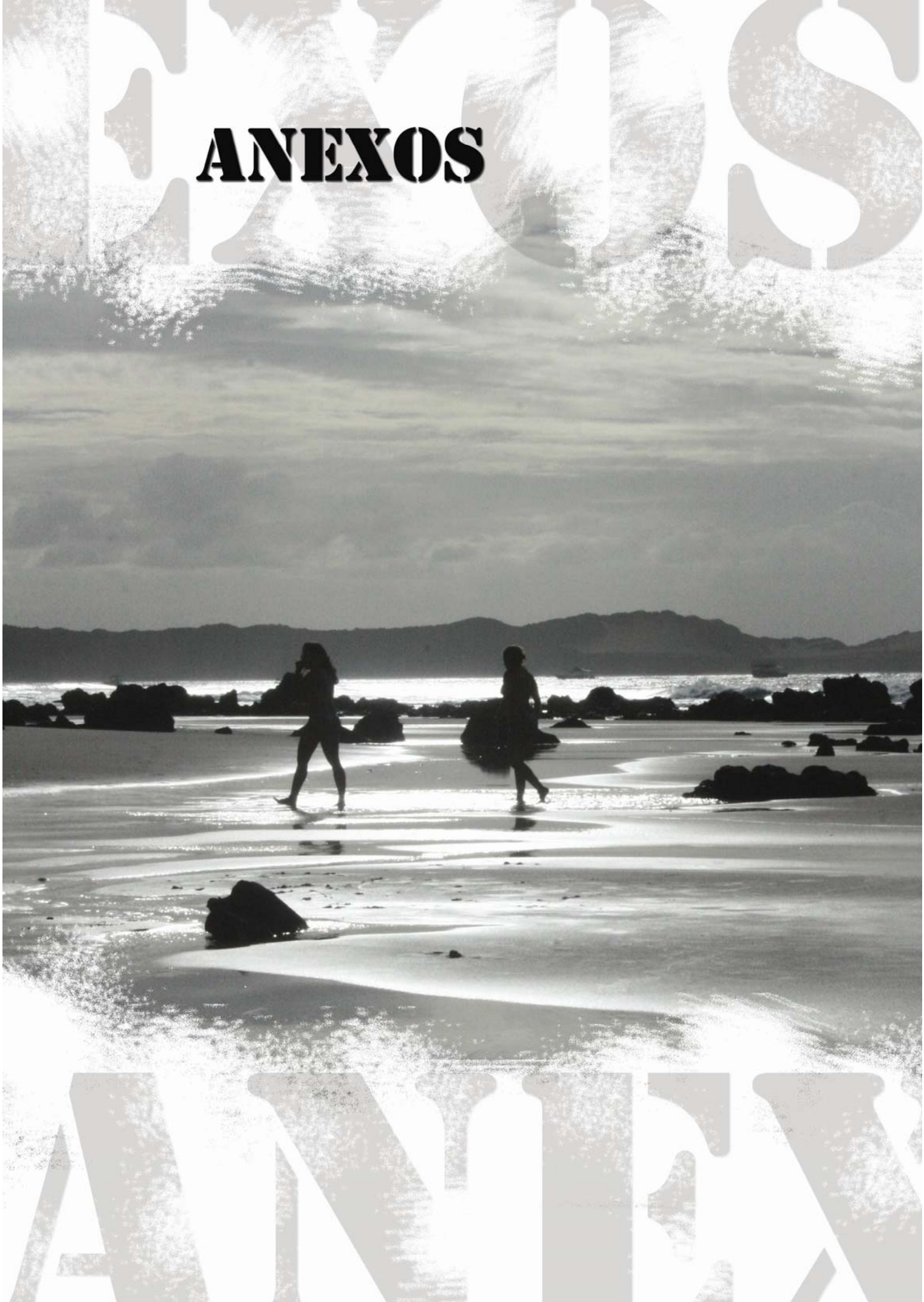
- Autorizo o uso do meu nome verdadeiro;
- Autorizo apenas as informações cedidas por mim e a utilização de um nome fictício.

___,___,_____

_____

Assinatura

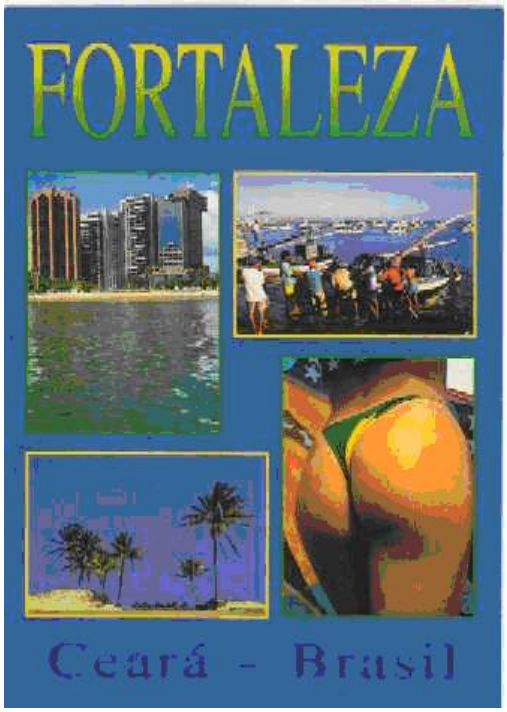
ANEXOS



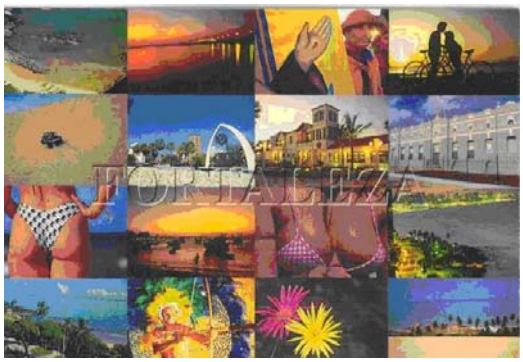
Anexo I – O uso do corpo feminino como atrativo pelo marketing turístico brasileiro

Fonte:
www.partes.com.br/.../santosfilho/embratur.asp

Fonte:
http://brasil.indymedia.org/images/2002/05/226375.jpg/natal/jenipabu

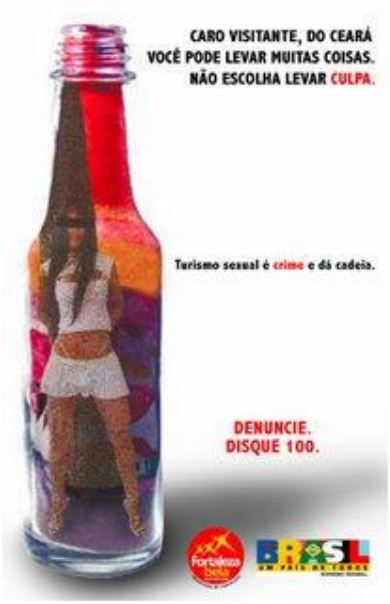


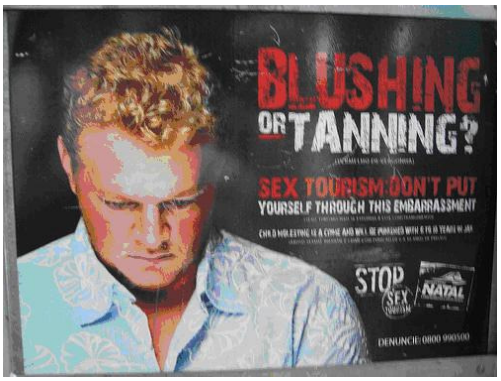
Fonte:
http://brasil.indymedia.org/images/2002/05/226373.jpg



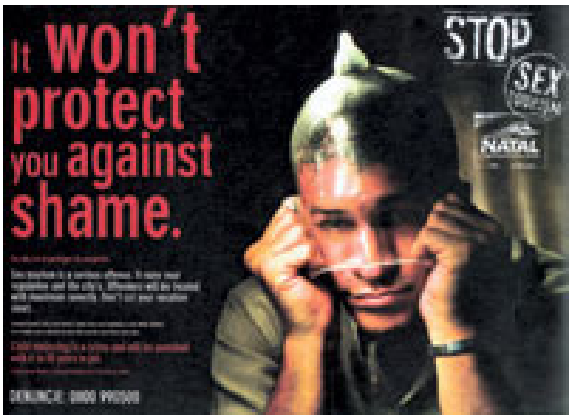
Fonte:
http://brasil.indymedia.org/images/2002/05/226376.jpg.

Anexo II – Campanhas de combate ao Turismo Sexual e ao Tráfico de Pessoas (Campanhas Nacionais e Locais)





"Ruborizado ou bronzeado? Turismo sexual: não coloque você mesmo em embaraço."



"Ela não te protegerá contra a vergonha."

Pipa - 2008
Foto: Adrianna Figueiredo

"Se você esta aqui por causa da bela paisagem, seja bem-vindo. Se você está aqui para turismo sexual, pegue suas malas e volte para casa."
Fonte: Prefeitura Municipal do Natal.

Planfleto da campanha contra turismo sexual desenvolvido pela ONG Resposta
Fonte:OngResposta.

Anexo III – Mapas e Fotos da Praia da Pipa - RN

Estrada de acesso à Pipa

Mapa das praias do distrito da Pipa e a sede do município de Tibau do Sul (à direita)

Mapa do distrito da Praia da Pipa

Centro de Pipa e Praia da Frente vistos do Morro dos Amores
Foto: Tiago Cantalice

Praia dos Afogados ou Praia do Amor, por trás o Chapadão.
Foto: Tiago Cantalice

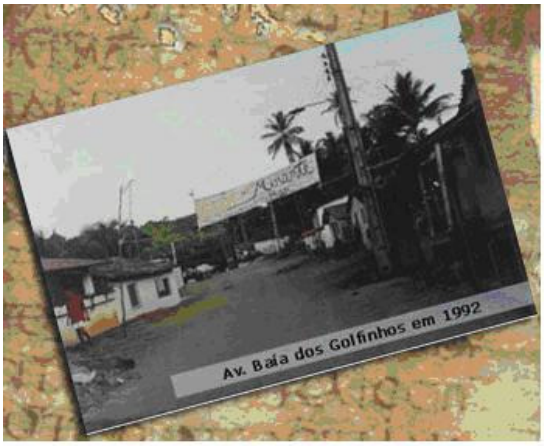
Barracas da Praia dos Afogados
Foto: Tiago Cantalice

Praia da Frente ou Praia do Centro
Foto: Tiago Cantalice

Escola de Surf.
Foto: Adrianna Figueiredo

Praia do Madeiro
Foto: Tiago Cantalice

Praia da Frente
Foto: Tiago Cantalice



Rua Central da Praia da Pipa
Fonte: www.**pipa**.com.br/conteudo/galerias/galeria_historica.html

Av. Baía dos Golfinhos (Rua central) - 2008

Fonte: http://www.brasil-natal.com.br/destinos_polos_costadasdunas_pipa.php